Da autora de *Como eu era antes de você* e *Depois de você*

JOJO MOYES



Baía da Esperança

intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Baía da Esperança

JOJO MOYES

Tradução de Vera Ribeiro



Copyright © Jojo Moyes, 2007

TÍTULO ORIGINAL
Silver Bay

REVISÃO
Luiz Felipe Fonseca
Breno Barreto

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© Sarah Gibb

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE EPUB
Juliana Pitanga

E-ISBN
978-85-8057-857-7

Edição digital: 2016

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Para Lockie, por tudo que ele é e por tudo que será

PRÓLOGO

Kathleen

Meu nome é Kathleen Whittier Mostyn e, aos dezessete anos, fiquei famosa por pescar o maior tubarão já visto em Nova Gales do Sul: um tubarão-cinza de olhar tão malvado que, dias depois de ser colocado em exposição, ainda passava a impressão de querer me rasgar ao meio. Isso foi na época em que Silver Bay era totalmente dedicada à pesca esportiva, então, durante três semanas inteiras, não se falou de outra coisa além daquele tubarão. Um repórter veio de Newcastle e tirou uma foto minha, em pé ao lado do bicho (sou a que está de maiô). Na fotografia, o tubarão é muito mais alto que eu, e olhe que o fotógrafo me obrigara a colocar salto alto.

O que se vê é uma garota alta, bastante sisuda, mais bonita do que era de se supor, de ombros muito largos, para desespero de sua mãe, e com uma cintura tão fina que nunca precisou de espartilho, de tanto enrolar molinete e curvar o corpo com a vara de pescar. Ali estou eu, sem conseguir disfarçar meu orgulho, ainda sem saber que ficaria vinculada àquele animal pelo resto dos meus dias, como se fôssemos casados. Não dá para ver que ele estava suspenso por dois cabos que meu pai e seu sócio, o Sr. Brent Newhaven, seguravam. Puxá-lo para a terra havia distendido vários tendões do meu ombro direito, e, quando o fotógrafo chegou, eu sequer seria capaz de levantar uma xícara de chá, muito menos um tubarão.

Mesmo assim, aquilo bastou para consolidar minha reputação. Fiquei conhecida durante anos como a Garota do Tubarão, mesmo quando deixei de ser jovem. Minha irmã Norah sempre brincava dizendo que, considerando minha aparência naquele dia, deviam ter me chamado de Ouriço-do-mar. Mas meu pai sempre disse que foi o meu sucesso que

salvou o Hotel Baía da Esperança. Dois dias depois de publicada aquela foto no jornal, estávamos com todos os quartos ocupados, e assim continuamos até a ala oeste do hotel pegar fogo, em 1962. Os homens vinham porque queriam bater meu recorde. Ou por presumirem que, se uma *garota* podia fisgar um animal daqueles, ora essa, o que um pescador *de verdade* não seria capaz de conseguir? Alguns apareciam para me pedir em casamento, mas meu pai sempre disse que era capaz de farejar esses caras antes que chegassem a Port Stephens e os despachava de volta. As mulheres surgiam porque, até então, nunca haviam pensado que pudessem capturar alguma coisa na pesca esportiva, muito menos competir com os homens. E as famílias vinham porque Silver Bay, com sua baía protegida, suas dunas intermináveis e suas águas claras, era um ótimo lugar para visitar.

Às pressas, construíram dois novos cais para dar conta do tráfego adicional de barcos, e todos os dias o ar era tomado pelo som de remos batendo e motores de popa, enquanto a baía e o mar à sua volta eram praticamente esvaziados de vida marinha. A noite ficava agitada com o ronco dos motores de automóveis, músicas relaxantes e o tilintar de copos. Houve uma época, na década de 1950, em que não era muito fantasioso afirmar que éramos *o* local da moda para se frequentar.

Hoje em dia, ainda temos nossos barcos e cais, embora usemos apenas um, e as pessoas procuram algo bem diferente. Faz quase vinte anos que não seguro um anzol. Já não me interesso muito por matar nada. O lugar aqui é bastante sossegado, mesmo no verão. Quase todo o trânsito das férias segue para as boates e os arranha-céus do setor hoteleiro, para os prazeres mais óbvios de Coffs Harbour e Byron Bay, e, verdade seja dita, para a maioria de nós está ótimo assim.

O recorde ainda é meu. Está registrado num daqueles livros enormes que vendem aos milhões, mesmo que nunca tenhamos conhecido alguém que os compre. Os editores fazem a gentileza de me ligar, de vez em quando, para me informar que meu nome será incluído por mais um ano. Ocasionalmente, as crianças das escolas locais passam aqui para me dizer que viram meu nome em um livro na biblioteca, e sempre finjo surpresa, só para deixá-las felizes.

Mas o recorde ainda é meu. Não digo isto para me gabar, ou porque, para uma mulher de setenta e seis anos, é boa a sensação de um dia ter feito algo notável, mas porque, quando alguém está cercado por tantos segredos como eu, é bom dizer as coisas abertamente, algumas vezes.

UM

Hannah

Se alguém enfiasse a mão inteira, até o pulso, provavelmente encontraria pelo menos três tipos diferentes de biscoito no pote do *Moby I*. Yoshi dizia que as tripulações dos outros barcos sempre economizavam nos biscoitos, comprando os de araruta, que eram mais baratos, vendidos em embalagens econômicas no supermercado. Mas ela achava que, se a pessoa pagava quase cento e cinquenta dólares para ir atrás de golfinhos, o mínimo que podia esperar era um biscoito decente. Por isso ela comprava os amanteigados Anzac — grossos, com muita aveia e duas camadas de chocolate —, Scotch Finger e Mint Slice — com recheio de hortelã, embrulhados em papel prateado — e, vez ou outra, quando conseguia, arranjava alguns caseiros. Lance, o comandante, dizia que Yoshi comprava biscoitos decentes porque isso era praticamente a única coisa que ela comia. Ele contava também que, se um dia o patrão a flagrasse gastando tanto dinheiro com aquilo, iria parti-la ao meio, como uma bolacha. Fiquei olhando para os biscoitos quando o *Moby I* zarpou para Silver Bay, segurando a bandeja enquanto Yoshi oferecia chá e café aos passageiros. Minha esperança era que eles não comessem todos os amanteigados Anzac antes que eu tivesse a chance de pegar um. Eu saíra sorrateiramente de casa sem tomar café da manhã e sabia que Yoshi só me deixaria pôr a mão no pote quando fôssemos para a cabine de comando.

— *Moby I* para *Suzanne*, quantas cervejas você tomou ontem à noite? Está pilotando feito um bêbado perneta — falou Lance pelo rádio.

Ao entrarmos na cabine, fui logo enfiando a mão no pote de biscoitos e peguei o último Anzac. O rádio chiou e uma voz resmungou alguma coisa que não consegui entender. Lance tentou de novo:

— *Moby I* para *Doce Suzanne*. Olhe, é melhor você endireitar o rumo, parceiro… Tem quatro passageiros debruçados na sua amurada, lá na frente. Toda vez que você dá uma guinada, eles batem nas janelas de estibordo.

A voz de Lance MacGregor dava a impressão de ter sido esfregada com palha de aço, como os costados do barco. Ele afastou uma das mãos do leme, e Yoshi lhe entregou uma caneca de café. Eu me escondi atrás dela. Os borrifos de água na parte de trás do uniforme azul-marinho que ela usava cintilavam feito lantejoulas.

— Você viu Greg? — perguntou Lance.

Ela assentiu.

— Dei uma conferida nele antes de zarparmos.

— Está tão mal que não consegue navegar em linha reta — comentou Lance, apontando pela janela cheia de gotas d'água para o barco menor. — Escute o que estou dizendo, Yoshi, os passageiros dele vão pedir reembolso. O de chapéu verde não levanta a cabeça desde que passamos pela Ilha do Nariz Quebrado.

Yoshi Takomura tinha o cabelo mais bonito que já vi. Parecia uma nuvem negra emoldurando seu rosto e nunca ficava embaraçado, apesar dos efeitos do vento e da água salgada. Enrolei nos dedos uma das minhas mechas castanho-claras, que tinha ressecado, apesar de só fazer meia hora que eu estava no mar. Minha amiga Lara me disse que a mãe ia deixá-la fazer luzes dali a quatro anos, quando completasse quinze anos. Nesse instante, Lance me viu. Acho que eu sabia que ele notaria minha presença.

— O que está fazendo aqui, Tampinha? Sua mãe vai me esfolar vivo. Você não tem aula, não?

— Férias — respondi, voltando para trás de Yoshi, um pouco sem jeito.

Lance sempre falava comigo como se eu tivesse cinco anos a menos.

— Ela não vai atrapalhar — disse Yoshi. — Só queria ver os golfinhos.

Olhei para ele, puxando minhas mangas para cobrir as mãos. Ele retribuiu o olhar, depois deu de ombros.

— Você vai usar o colete salva-vidas?

Assenti.

— E não vai me atrapalhar?

Inclinei a cabeça. Até parece que eu teria coragem, dizia meu olhar.

— Seja legal com ela — falou Yoshi. — Já vomitou duas vezes.

— É o nervosismo — expliquei. — Minha barriga sempre faz isso.

— Ah… Merda. Olhe aqui, só trate de dizer à sua mãe que eu não tive nada a ver com isso, está bem? E escute, Tampinha, da próxima vez, vá para o *Moby II*… Ou, melhor, vá para o barco de outra pessoa.

— Faça de conta que você nem a viu — sugeriu Yoshi. — Mudando de assunto, as manobras do Greg nem são metade da história. — Sorriu. — Espere até ele girar o barco e você ver o que esse cara fez no costado da proa.

Como disse Yoshi ao sairmos da cabine, aquele era um bom dia para navegar. Apesar do mar agitado, os ventos eram fracos e o ar estava tão límpido que dava para ver a espuma a quilômetros de distância, parecendo cavalos brancos montados nas ondinhas. Segui Yoshi até o convés do restaurante principal, minhas pernas assimilando sem esforço o balanço do catamarã. Eu me sentia um pouco menos constrangida, pois o comandante descobrira que eu estava a bordo.

Yoshi dissera que essa seria a parte mais atarefada do passeio para observar golfinhos: o trecho entre a partida e nossa chegada às águas protegidas em torno da baía, onde os golfinhos-nariz-de-garrafa costumavam se reunir. Enquanto os passageiros ficavam sentados no convés superior, enrolados em seus cachecóis de lã e apreciando o dia frio com céu limpo de maio, Yoshi, a comissária, arrumava a mesa do bufê, oferecia bebidas e, se o mar ficava agitado, o que acontecia quase todos os dias, pois o inverno estava se aproximando, preparava o desinfetante e o balde para lidar com os enjoos. Olhando para os asiáticos bem-vestidos que compunham a maioria da clientela matinal, ela reclamou que, por mais que se falasse com os passageiros, eles *sempre* ficavam no convés inferior, *sempre* comiam e bebiam depressa demais e *sempre* vomitavam nos banheiros minúsculos, em vez de se debruçarem sobre a amurada, deixando os banheiros inutilizáveis. E, com um toque maldoso de prazer, contou ainda que os japoneses passam o resto da viagem num frenesi silencioso de humilhação, escondidos atrás dos óculos escuros e das golas levantadas, direcionando resolutamente os rostos pálidos para o mar.

— Chá? Café? Biscoitos? Chá? Café? Biscoitos?

Segui-a até a proa, erguendo a gola do meu casaco impermeável para proteger o pescoço. O vento havia amainado um pouco, mas eu ainda sentia a friagem, que pinicava meu nariz e a extremidade das orelhas. A maioria dos passageiros não quis nada, pois estava conversando em voz alta para ser ouvida acima do barulho dos motores, olhando para o horizonte distante e tirando fotos uns dos outros. De vez em quando, eu enfiava a mão no pote de biscoitos para pegar o que achava que eles iam escolher.

O *Moby I* era o maior catamarã de Silver Bay. Em geral, a embarcação contava com duas comissárias, mas a presença dos turistas se tornou cada vez mais rara com a queda da temperatura e, por isso, agora apenas Yoshi embarcaria, até os negócios voltarem a melhorar. Eu não me importava, afinal era mais fácil convencê-la a me deixar subir a bordo. Ajudei-a a repor os bules de chá e café nos suportes e fui novamente com ela até o estreito convés lateral, onde nos encostamos nas janelas e ficamos observando o mar, e o barco menor continuava cortando as ondas no seu rumo irregular. Mesmo a essa distância, dava para ver que havia mais pessoas debruçadas nas amuradas do *Suzanne*, com a cabeça encolhida sob os ombros, ignorando a tinta vermelha abaixo deles.

— Agora podemos tirar dez minutos de folga. Tome — disse Yoshi, abrindo e me entregando uma lata de refrigerante. — Já ouviu falar na teoria do caos?

— Hum — respondi, dando a entender que talvez tivesse ouvido.

— Ah, se aquelas pessoas soubessem — comentou, apontando para elas, enquanto sentíamos os motores reduzirem a velocidade — que seu tão esperado passeio para ver golfinhos na natureza foi destruído por uma ex-namorada que nunca vão conhecer e por um homem que está morando com ela a mais de duzentos e cinquenta quilômetros daqui, em Sydney, e que acha que bermuda de ciclismo roxa é uma roupa aceitável para se usar durante o dia…

Tomei um gole do refrigerante. O gás fez meus olhos lacrimejarem e engoli com esforço.

— Você quer dizer que o enjoo dos turistas no barco do Greg é por causa da teoria do caos?

Eu achava que era por ele ter ficado bêbado de novo na noite passada.

Yoshi sorriu e disse:

— É mais ou menos isso.

Os motores foram desligados, o *Moby I* parou e o mar silenciou à nossa volta, a não ser pela conversa dos turistas e pelas ondas que lambiam os costados. Eu adorava estar do lado de fora, adorava ver minha casa virar um pontinho branco na faixa estreita de praia e depois desaparecer atrás das enseadas intermináveis. Talvez eu sentisse um prazer ainda maior por saber que estava contrariando as regras ao fazer aquilo. Eu não era uma rebelde de verdade, mas acho que gostava dessa ideia.

Lara tinha um bote e permissão para sair sozinha com ele, desde que ficasse entre as boias que demarcavam os antigos viveiros de ostras, e eu sentia inveja dela. Minha mãe não me deixava circular pela baía, apesar de eu ter quase onze anos. "Tudo tem seu tempo", murmurava. Não adiantava discutir essas coisas com ela.

Lance apareceu ao nosso lado. Ele havia acabado de tirar uma foto com duas adolescentes que davam vários risinhos. Era comum as garotas lhe pedirem para posar com elas, e, pelo que sabíamos, até então ele nunca tinha recusado. Era por isso que gostava de usar seu quepe de comandante, dizia Yoshi, mesmo quando o sol estava quente a ponto de derreter sua cabeça.

— O que ele escreveu no costado do barco? — perguntou Lance, semicerrando os olhos para a embarcação de Greg, ao longe.

Parecia ter me perdoado por eu estar a bordo.

— Eu lhe digo quando voltarmos ao cais.

Notei que ela arqueou a sobrancelha para mim.

— Eu *sei* ler o que está escrito lá, sabiam? — protestei.

O outro barco, que até o dia anterior tinha o nome de *Doce Suzanne*, estava sugerindo, em tinta vermelha, que "Suzanne" fizesse algo que Yoshi argumentava ser uma impossibilidade biológica. Ela se virou para Lance, baixando a voz ao máximo, como se achasse que eu não conseguia ouvir:

— A mulher afinal admitiu que tinha outro.

Lance assobiou demoradamente.

— Era o que ele dizia. E ela negava.

— Era difícil admitir, sabendo como Greg reagiria. E ele estava longe de ser inocente… — Yoshi me olhou de relance. — Enfim, ela foi morar em Sydney e falou que quer metade do barco.

— E ele, o que foi que disse?

— Acho provável que o texto do barco fale por si só.

— Nem acredito que ele saiu com turistas com a embarcação daquele jeito — comentou Lance, erguendo os binóculos para examinar melhor as letras rabiscadas em vermelho.

Yoshi fez um gesto para que ele lhe entregasse os binóculos.

— Ele estava tão mal hoje de manhã que acho que nem se lembra do que fez.

Fomos interrompidos pelos gritos animados dos turistas no convés superior, que se acotovelavam para chegar à plataforma alta da proa.

— Lá vamos nós — resmungou Lance, empertigando-se e sorrindo para mim. — Aí estão nossos trocados, Tampinha. Hora de voltar ao trabalho.

Yoshi me contou que às vezes eles percorriam a baía inteira sem que os golfinhos dessem o ar da graça, e um barco cheio de observadores insatisfeitos era um barco cheio de segundas viagens gratuitas e reembolsos de cinquenta por cento, duas coisas que com certeza enlouqueceriam o patrão.

Na proa, um grupo de turistas se espremia, as câmeras zumbindo, tentando captar as formas reluzentes e cinzentas que nadavam sobre as ondas. Olhei para a água, querendo saber quem tinha aparecido para brincar. No convés inferior, Yoshi enchera uma parede com fotos das nadadeiras dos golfinhos da área. E dera nomes a todos: Zigue-zague, Cortado, Flautista… Os outros membros da tripulação tinham dado risada dela, mas agora todos reconheciam as diferentes nadadeiras. Era a segunda vez que viam a Faca Cega naquela semana, murmuravam. Eu sabia de cor o nome de cada um.

— Parece que são o Polo e a Sombrinha — disse Yoshi, inclinando-se sobre a amurada.

— Aquele é o filhote da Sombrinha?

Os golfinhos, cinzentos e silenciosos, descreviam arcos pela água, circundando o barco como se eles mesmos fossem os turistas. Toda vez que um rompia a superfície, só se ouvia o som das máquinas fotográficas disparando. O que os golfinhos pensariam de nós, observando-os de boca aberta? Eu sabia que eram tão inteligentes quanto os humanos. Imaginava que os golfinhos depois se reuniam, perto das pedras, para rir de nós na sua língua, comentando sobre "aquele com o chapéu azul" ou "o dos óculos engraçados".

A voz de Lance ressoou nos alto-falantes:

— Senhoras e senhores, por favor, não corram para o mesmo lado para ver os golfinhos. Vamos girar o barco devagar, para que todos possam ter uma boa visão. Se todo mundo correr para um lado só, o barco pode virar. E golfinhos não gostam de barcos que viram.

Olhando para cima, notei dois albatrozes, que pararam no ar, recolheram as asas e mergulharam, levantando um borrifo mínimo de água. Um deles tornou a alçar voo, descrevendo círculos à procura de uma presa invisível. O outro se juntou a ele e os dois planaram alto sobre a pequena baía e desapareceram. Fiquei observando as aves se afastarem. Depois, enquanto o *Moby I* mudava de posição, me debrucei lentamente sobre a amurada e encaixei os pés sob a madeira inferior, para ver meus tênis novos. Yoshi tinha prometido que me deixaria sentar nas redes de portaló quando estivesse mais quente, para que eu pudesse tocar nos golfinhos e até, quem sabe, nadar com eles. Mas só se minha mãe deixasse. E todos sabíamos o que isso significava.

Tropecei quando o barco fez um movimento inesperado. Levei um segundo para perceber que os motores tinham sido ligados de novo. No susto, me agarrei ao corrimão da amurada. Eu tinha crescido em Silver Bay e sabia que havia um jeito de agir perto dos golfinhos: desligar os motores, quando a gente queria que eles brincassem; se continuassem a se mover, era só manter um curso paralelo e permitir que guiassem o barco. Os golfinhos deixavam tudo muito claro: quando gostavam da gente, aproximavam-se ou mantinham uma distância regular, mas quando não nos queriam por perto, nadavam para longe. Yoshi me olhou com o cenho

franzido e, após um solavanco do catamarã, agarramos as cordas salva-vidas. Minha confusão espelhou-se no rosto dela.

Uma aceleração repentina fez o barco disparar para a frente e, lá em cima, os turistas desabaram aos gritos nas cadeiras. Estávamos voando.

Lance falava pelo rádio. Quando subimos aos tropeços para a cabine e paramos atrás dele, vimos o *Doce Suzanne* navegando a certa distância, quicando sobre as ondas, parecendo não se importar com o número cada vez maior de pobres infelizes que se debruçavam sobre as amuradas.

— Lance! O que está fazendo? — questionou Yoshi, agarrando um corrimão.

— Vejo você lá, parceiro… Senhoras e senhores. — Fez uma careta e apertou o botão dos alto-falantes. *Preciso de tradução*, murmurou, só mexendo os lábios. — Esta manhã temos algo especial para oferecer. Os senhores já desfrutaram da visão mágica dos nossos golfinhos de Silver Bay, mas, se conseguirem se segurar bem, gostaríamos de levá-los a algo *realmente* especial. Foram avistadas as primeiras baleias da temporada, um pouco mais além. São as jubartes que passam todo ano por nossas águas, durante sua longa migração do Antártico para o norte. Juro que é algo que os senhores nunca mais vão esquecer. Agora, por favor, sentem-se, ou segurem-se bem. As coisas podem ficar meio agitadas porque as ondas do sul são um pouco maiores, mas quero garantir que conseguirei levar vocês até lá a tempo de verem as baleias. Se alguém quiser ficar na proa, sugiro que pegue emprestado um casaco impermeável. Há vários aqui dentro, na popa.

Ele girou o leme e fez sinal para Yoshi, que segurou o microfone. Ela repetiu em japonês o que Lance dissera e, para completar, também deu a informação em coreano. Depois comentou que era perfeitamente possível que houvesse apenas recitado o cardápio do almoço do dia anterior, pois não conseguia se concentrar desde que Lance fizera o anúncio. Uma palavra não saía da sua cabeça, nem da minha: *baleia*!

— A que distância? — perguntou Yoshi, com o corpo rígido, vasculhando as águas cintilantes.

O clima tranquilo de antes havia desaparecido por completo. Meu estômago ficou embrulhado.

— Quatro, cinco milhas… Não sei. O helicóptero de turismo sobrevoou a área e disse ter visto o que pareciam ser duas baleias, a cerca de duas milhas de Torn Point. Ainda é um pouco cedo para a temporada, mas…

— No ano passado, foi no dia 14 de junho. Não é tão cedo assim — disse Yoshi. — Caramba! Olhe só o Greg! Ele vai perder passageiros se continuar nessa velocidade. O barco dele não é grande o bastante para enfrentar essas ondas.

— Ele não quer que a gente chegue na frente. — Lance balançou a cabeça e verificou o velocímetro. — Força total. Vamos garantir que *Moby I* seja o primeiro este ano. Pelo menos uma vez.

Alguns tripulantes trabalhavam nesses barcos para acumular horas de navegação, tendo navios maiores e empregos melhores em vista. Outros, como Yoshi, haviam começado a trabalhar com isso como parte da sua formação universitária e simplesmente se esqueceram de voltar para casa. Mas, qualquer que fosse a razão deles para estar ali, fazia muito tempo que eu percebera que havia certa magia na primeira visão das baleias na temporada de migração. Era como se, até que uma criatura fosse vista, fosse impossível acreditar que voltariam.

Ser o primeiro a vê-las não significava grande coisa, pois assim que soubessem que havia baleias lá, todos os cinco barcos que operavam a partir do Cais das Baleias trocariam de atividade, passando da observação de golfinhos para a de baleias. Mas era algo importante para as tripulações. E, como toda grande paixão, essa os deixava loucos. Nossa, eles ficavam mesmo enlouquecidos!

— Olhe só para aquele grande idiota. É engraçado como está conseguindo manter o rumo agora — esbravejou Lance.

Greg estava a bombordo de nós, mas parecia ganhar velocidade.

— Ele não suporta a ideia de chegarmos lá primeiro — comentou Yoshi, que pegou um casaco impermeável e jogou para mim. — Tome! É só para o caso de irmos para a proa. Vai ficar bem molhado.

— Porra, não acredito! — Lance tinha avistado outro barco no horizonte. Devia ter esquecido que eu estava ali, para soltar um palavrão. — Lá vai o Mitchell! Aposto que passou a tarde toda sentado perto do

rádio e agora surge, todo metido a importante, com o barco provavelmente cheio de passageiros. Um dia desses ainda meto a porrada naquele cara.

Estavam sempre reclamando de Mitchell Dray. Ele nunca se dava o trabalho de procurar os golfinhos, como os outros faziam. Ficava só esperando, até ouvir pelo rádio que um grupo tinha sido avistado, e ia para o mesmo lugar que todo mundo.

— Vou mesmo ver uma baleia? — perguntei.

Sob nossos pés, o casco batia ruidosamente nas ondas, portanto eu era obrigada a me segurar com força. Pela janela aberta, ouvia as vozes animadas dos turistas e as risadas dos que eram atingidos pelas ondas mais fortes.

— Cruze os dedos — respondeu Yoshi, com os olhos fixos no horizonte.

Uma baleia de verdade. Eu só tinha visto uma baleia uma vez, com minha tia Kathleen. Em geral, não me deixavam ir para alto-mar.

— Ali… Ali! Não, é só espuma. — Yoshi tinha erguido os binóculos. — Você não pode mudar o curso? A água está refletindo muito.

— Não se você quiser que eu seja o primeiro a chegar — disse Lance.

Ele virou o barco para estibordo, tentando alterar o ângulo da luz do sol nas ondas.

— Devíamos falar com a terra pelo rádio. Descobrir exatamente onde o helicóptero viu as baleias.

— Não adianta — discordou Lance. — De lá para cá, podem ter se deslocado duas milhas. E Mitchell está à escuta. Não vou dar mais nenhuma informação para aquele cretino. Ele passou o verão todo nos roubando passageiros.

— Só preste atenção ao esguicho.

— É. E à bandeirinha que diz “Baleia”.

— Só estou querendo ajudar, Lance.

— Ali! — gritou ele. Mal consegui discernir a forma, que mais parecia uma pedra preta distante afundando na água. — Nor-nordeste. Indo para trás da Ilha do Nariz Quebrado. Acabou de mergulhar.

Achei que ia passar mal de tanta empolgação. Ouvi Lance começar a contar, atrás de mim:

— Um… dois… três… quatro… *baleia*!

Um inconfundível esguicho de água se ergueu alegremente acima da linha do horizonte. Yoshi deu um grito estridente. Lance olhou para Greg, que, seguindo seu rumo, não notou a baleia.

— Pegamos ela! — sibilou Lance.

Para ele, todas as baleias eram "ela", assim como todas as crianças eram "tampinha".

Baleia. Senti a palavra na boca, saboreando-a. Meus olhos não desgrudaram da água. O *Moby I*, aquele catamarã enorme, mudou de curso e foi batendo com força em cada onda. Atrás da ilha, imaginei a baleia saltando, exibindo ao mundo sua barriga branca, numa demonstração de contentamento nunca visto.

— Baleia — sussurrei.

— Seremos os primeiros — murmurou Yoshi, empolgada. — Pelo menos uma vez, vamos chegar primeiro.

Vi Lance girar o leme, contando aos sussurros para controlar o número de vezes que a baleia esguichava. Com mais de trinta segundos de intervalo entre os esguichos, era provável que ela estivesse mergulhando para o fundo. Se esse fosse o caso, a teríamos perdido. Intervalos mais curtos significavam que ela já havia mergulhado antes e teríamos a chance de segui-la.

— Sete… oito… Ela subiu. *Isso aí!!* — Lance bateu a palma da mão no leme e pegou o microfone. — Senhoras e senhores, se olharem à sua direita, poderão ver a baleia, que está seguindo para trás daquela ilha.

— Greg percebeu para onde estamos indo. — Yoshi sorriu. — Agora não nos alcança nunca mais. O motor dele não tem potência suficiente.

— *Moby I* para *Horizonte Azul*. Mitchell — gritou Lance pelo rádio —, se quiser ver esta belezura, vai ter que sair da minha esteira.

A voz de Mitchell soou no rádio:

— *Horizonte Azul* para *Moby I*. Só estou aqui para garantir que tenha alguém para recolher os passageiros que Greg jogar para fora do barco.

— Ah, não tem nada a ver com o peixão? — retrucou Lance, em um tom incisivo.

— *Horizonte Azul* para *Moby I*. O mar é grande, Lance. Tem espaço para todo mundo.

Enquanto observava a ilhota mirrada crescer no horizonte, segurei com tanta força a borda de madeira da mesa das cartas marítimas que fiquei com os nós dos dedos brancos. Imaginei se a baleia nadaria mais devagar por lá, se nos deixaria chegar mais perto. Talvez levantasse a cabeça e nos olhasse. Talvez nadasse até o costado do barco e mostrasse seu filhote.

— Dois minutos — informou Lance. — Vamos contornar a ilha em dois minutos. Tomara que a gente chegue perto dela.

— Vamos lá, menina. Dê o seu show — disse Yoshi para si mesma, com os binóculos ainda erguidos.

Baleia, pedi em silêncio, *espere pela gente, baleia*. Eu me perguntei se ela repararia em mim. Se perceberia que eu, de todas aquelas pessoas no barco, era a que tinha uma ligação especial com os animais marinhos. Eu tinha certeza de que sim.

— Cacete! Eu… não… acredito! — Lance havia tirado o quepe e olhava pela janela, de cara amarrada.

— O que foi? — perguntou Yoshi, inclinando-se para ele.

— *Olhe*.

Segui o olhar dos dois. Quando o *Moby I* contornou a ilha, todos nós ficamos em silêncio. A uma pequena distância da ilhota coberta de vegetação rasteira, a meia milha nas águas azul-turquesa, o *Ishmael* estava parado, com seu costado recém-pintado reluzindo ao sol do meio-dia.

Minha mãe estava no leme, debruçada sobre a grade da amurada, o cabelo esvoaçando em torno do rosto, por baixo do boné desbotado que ela insistia em usar quando navegava. Apoiava o peso do corpo numa perna, e Milly, nossa cadela, parecia dormir embaixo do leme. Mamãe dava a impressão de estar lá há anos, à espera daquela baleia.

— Como é que ela fez isso, porra? — Lance captou o olhar furioso de advertência de Yoshi e se virou para mim, dando de ombros como se pedisse desculpas. — Não é nada pessoal, mas caramba…

— Ela sempre chega primeiro — reagiu Yoshi, achando graça e, ao mesmo tempo, um pouco resignada. — Todos os anos, desde que cheguei aqui, ela é sempre a primeira.

— Perdi para uma maldita inglesa. Vamos tão mal quanto no críquete. — Lance acendeu um cigarro e jogou o fósforo longe, revoltado.

Saí para o convés.

Nesse momento, a baleia emergiu. Enquanto prendíamos a respiração, surpresos, ela levantou a cauda, espirrando um borrifo enorme de água na direção do *Ishmael*. Os turistas no convés superior do *Moby I* comemoraram e aplaudiram. O bicho era enorme e estava tão perto que dava para ver a protuberância das cracas que cobriam seu corpo e sua barriga branca e ondulada; tão perto que pude encará-lo por um breve instante. Mas tudo ocorreu numa rapidez absurda. Apesar de algo daquele tamanho não ter o direito de ser tão ágil.

Fiquei sem ar. Com uma das mãos agarrada às cordas de salvamento, usei a outra para levantar os binóculos, mas não olhei para a baleia, e sim para minha mãe, mal ouvindo as exclamações sobre o tamanho do animal e sobre a onda que ele fez surgir perto do barco menor, e por um instante esqueci que não devia deixar que ela me visse. Mesmo àquela distância, pude perceber que Linda McCullen sorria, os cantos dos olhos franzidos e curvados para cima. Era uma expressão que raras vezes, ou até mesmo nunca, ela exibia em terra firme.

* * *

Tia Kathleen foi até a extremidade da varanda, onde colocou uma grande travessa de camarões e uns pedaços de limão na mesa de madeira desbotada, ao lado de uma enorme cesta de pão. Na verdade, ela é minha tia-avó, mas diz que isso a faz se sentir uma verdadeira antiguidade, então a chamo quase sempre de tia K. Atrás dela, as tábuas brancas que revestem a fachada do hotel ganharam um leve brilho com o sol do entardecer: um tom de pêssego tão vermelho quanto o fogo que ia descendo pelas oito vidraças das janelas. O vento estava um pouco mais forte, e o letreiro do hotel rangia ao balançar para a frente e para trás.

— Isso é para o quê? — perguntou Greg, que ergueu a cabeça, afastando-a da garrafa de cerveja que segurava.

Ele tinha finalmente tirado os óculos escuros, e as olheiras fundas deixavam transparecer os acontecimentos da noite anterior.

— Ouvi dizer que você precisava forrar o estômago — disse tia K, abrindo um guardanapo diante de Greg.

— Ele te contou que quatro passageiros pediram o dinheiro de volta, quando viram o casco do *Suzanne*? — Lance riu. — Desculpe, Greg, mas foi uma idiotice sua fazer aquilo! Com tanta coisa para escrever!

— Você é muito gentil, Kathleen — disse Greg, ignorando Lance e pegando o pão.

Minha tia lhe lançou um de seus olhares:

— E serei outra coisa, completamente diferente, se você voltar a escrever aquelas palavras num lugar em que minha pequena Hannah consiga vê-las.

— A Dama dos Tubarões ainda tem dentes — disse Lance, imitando uma mordida para Greg.

Tia Kathleen o ignorou e chamou:

— Hannah, venha comer. Aposto que não almoçou. Vou buscar a salada.

— Ela comeu biscoitos — avisou Yoshi, descascando habilmente um camarão.

— Biscoitos — bufou tia Kathleen.

Estávamos reunidos, como acontecia quase toda noite com as tripulações do Cais das Baleias, do lado de fora da cozinha do hotel. Poucos eram os dias em que os tripulantes não bebiam uma ou duas cervejas antes de irem para casa. Alguns membros mais jovens, como minha tia sempre dizia, bebiam tantas que mal conseguiam chegar em casa.

Enquanto mordia um suculento camarão, notei que os aquecedores estavam do lado de fora. Poucos hóspedes do Hotel Baía da Esperança gostavam de se sentar na área externa em junho, mas, no inverno, as tripulações de observadores de baleias se reuniam ali para conversar sobre os acontecimentos no mar, independentemente do clima. Seus membros mudavam de um ano para outro, conforme as pessoas trocavam de emprego ou iam para a universidade, mas Lance, Greg, Yoshi e os outros eram uma constante na minha vida desde que eu tinha ido morar lá. Em

geral, tia Kathleen ligava os aquecedores no começo do mês, e os aparelhos permaneciam ligados quase toda noite, até setembro.

— Vocês levaram muita gente no barco? — perguntou ela, voltando com a salada. Misturou-a com dedos hábeis e rápidos e colocou uma porção no meu prato antes que eu pudesse protestar. — Não recebi ninguém no museu.

— O *Moby I* estava bem cheio. Vários coreanos. — Yoshi deu de ombros. — Greg quase jogou metade dos dele pela amurada.

— Eles deram uma boa olhada na baleia. — Greg pegou mais um pedaço de pão. — Nenhuma reclamação. Sem necessidade de reembolsos. Tem mais cerveja, Sra. Mostyn?

— Sabe onde fica o bar. Você a viu, Hannah?

— Era enorme. Deu para enxergar até as cracas dela.

Por alguma razão, eu esperara que a baleia fosse lisa, mas sua pele era enrugada, sulcada, cravejada de outros animais marinhos, como se o animal fosse uma ilha viva.

— Estava bem perto — disse Yoshi. — Expliquei à Hannah que, em geral, não nos aproximamos tanto assim.

Greg semicerrou os olhos.

— Se ela estivesse no barco da mãe, podia ter escovado os dentes da baleia.

— É, bem, quanto menos se falar sobre isso… — Tia Kathleen balançou a cabeça. — Nem uma palavra — acrescentou baixinho, virando-se para mim. — Foi só esta vez.

Assenti, obediente. Era o terceiro "só esta vez" naquele mês.

— O tal do Mitchell apareceu? É bom vocês ficarem de olho nele. Soube que está se juntando àquela turma de Sydney que tem os barcos grandes.

Todos ergueram os olhos.

— Pensei que o Serviço de Parques Nacionais e Proteção da Fauna Silvestre os tivesse afastado daqui — disse Lance.

— Quando fui ao mercado de peixes — comentou tia Kathleen —, me contaram que viram um deles lá fora, perto dos pontais. Tinha música alta e gente dançando nos conveses. Parecia uma discoteca. E arruinou a pesca

noturna. Mas, quando o pessoal dos Parques e da Fauna Silvestre chegou, eles já tinham ido embora fazia tempo. Impossível provar qualquer coisa.

Silver Bay tinha um equilíbrio delicado: com poucos turistas para observar as baleias, era impossível sustentar o negócio, mas turistas em excesso perturbavam as criaturas que essa atividade pretendia exibir.

Lance e Greg já haviam encontrado os catamarãs de três andares vindos de fora da baía, quase sempre tocando música alta, com os conveses lotados de passageiros, e dividiam a mesma opinião.

— Eles vão acabar com a gente — disse Lance. — São irresponsáveis. Doidos por dinheiro. Têm tudo a ver com Mitchell.

Eu não tinha percebido como estava faminta. Comi seis camarões enormes, um atrás do outro, perseguindo os dedos de Greg em volta da travessa vazia. Ele riu e balançou uma cabeça de camarão para mim. Mostrei-lhe a língua. Acho que tenho uma paixãozinha pelo Greg, não que pretenda contar isso a alguém.

— Sim, senhor, aí está ela. A Princesa das Baleias.

— Muito engraçado. — Minha mãe jogou as chaves na mesa e fez sinal para Yoshi chegar um pouco para o lado, para que ela pudesse se espremer junto a mim. Deu um beijo na minha cabeça. — Teve um bom dia, amorzinho? — perguntou.

Ela cheirava a protetor solar e maresia.

Dei uma olhadela na minha tia e respondi:

— Ótimo.

Eu me curvei para acariciar as orelhas da Milly, agradecida por mamãe não ter reparado no meu rosto corado de sol. Minha cabeça ainda rodava com a visão daquela baleia. Eu devia estar irradiando essa sensação, mas mamãe pegou um copo e começou a se servir de água.

— O que andou fazendo? — perguntou ela.

— É, o que andou fazendo, Hannah? — repetiu Greg, dando uma piscadela.

— Ela me ajudou a arrumar as camas hoje de manhã. — Tia Kathleen lançou um olhar furioso para ele. — Eu soube que *você* teve uma ótima tarde.

— Não foi ruim — disse mamãe, bebendo a água. — Nossa, que sede! Você bebeu bastante água hoje, Hannah? Ela bebeu, Kathleen?

Seu sotaque britânico continuava presente, mesmo depois de tantos anos na Austrália.

— Bebeu o bastante, sim. Quantas você viu?

— Ela nunca bebe água suficiente. Só uma. Grandona. Levantou a cauda e deu um banho na minha bolsa. Olhe. — Ergueu o talão de cheques, com as bordas franzidas e tortas.

— Bem, isso é erro de amador — opinou tia Kathleen, com um suspiro de cansaço. — Não levou ninguém com você?

Mamãe negou com a cabeça e disse:

— Eu queria testar o leme novo, ver se funcionava bem num mar mais agitado. O pessoal do estaleiro tinha avisado que podia emperrar.

— E só por acaso você esbarrou com uma baleia — disse Lance.

Ela bebeu outro gole d'água.

— Mais ou menos.

Sua expressão se fechou. *Ela* se fechou. Como se o episódio da baleia nunca houvesse acontecido.

Ficamos comendo em silêncio durante alguns minutos, enquanto o sol descia devagar para o horizonte. Dois pescadores passaram e levantaram o braço para nos cumprimentar. Um deles era o pai da Lara, mas não tenho certeza se ele me reconheceu.

Mamãe comeu um pedaço de pão e uma porção minúscula de salada, menos até do que eu, que não gosto de salada. Depois, ergueu os olhos para Greg e disse:

— Eu soube do *Suzanne*.

— Metade de Port Stephens soube do *Suzanne.* — Greg tinha os olhos cansados e parecia não se barbear há uma semana.

— Sim. Bem. Lamento muito.

— Lamenta o bastante para sair comigo sexta-feira?

— Não. — Ela ficou de pé, consultou o relógio, enfiou de volta na bolsa o talão de cheques empapado, seguindo para a porta da cozinha. — Aquele leme ainda não está bom. Tenho que ligar para o estaleiro antes que o

pessoal da manutenção vá embora. Não fique aqui fora sem casaco, Hannah. O vento está mais forte.

Vi mamãe se afastar, a cachorra indo atrás.

Ficamos calados até ouvir a porta de tela bater. Então Lance recostou-se na cadeira e contemplou a baía escurecida, onde mal se discernia um navio de cruzeiro no horizonte distante.

— Nossa primeira baleia e o primeiro fora que Greg leva na temporada. Há uma sincronia bonita nisso, não acham?

Lance se abaixou quando um pedaço de pão quicou na cadeira atrás dele.

DOIS

Kathleen

O Museu dos Navios-baleeiros tinha sido montado na antiga fábrica de beneficiamento, a algumas centenas de metros do Hotel Baía da Esperança, na época em que a pesca comercial de baleias fora abandonada em Port Stephens no começo da década de 1960. Não tinha muitas qualidades que o recomendassem como moderna atração turística: a construção parecia um grande celeiro, o piso tinha um tom suspeito de castanho-avermelhado, as paredes ainda exsudavam o sal que fora usado na caça. Havia um banheiro no galpão dos fundos e uma jarra fresca de limonada, feita todos os dias para quem tivesse sede. Comida, como informava uma placa, estava à disposição no hotel. Eu diria que as "instalações", tal como são hoje conhecidas, provavelmente duplicaram desde que meu pai era vivo.

Nossa principal atração era uma parte do casco do *Maui II*, um baleeiro comercial: um navio de caça que havia se partido ao meio em 1935, quando uma baleia-anã se irritou debaixo da embarcação e levantou-a com a cauda até virá-la, partindo-a ao meio. Por sorte, uma traineira de pesca estava por perto e salvou a tripulação, além de ter confirmado a história. Durante anos, a população local fora ver a prova do que a natureza era capaz de fazer com o ser humano, quando achava que ele já a havia explorado demais.

Mantive o museu aberto desde a morte do meu pai, em 1970, e sempre deixei os visitantes subirem nos restos do casco e passarem os dedos pela madeira lascada, o rosto deles iluminando-se ao imaginarem como deve ter sido cavalgar a cauda de uma baleia. Muito tempo atrás, eu posava para fotos, quando as pessoas mais atentas me reconheciam das reportagens

emolduradas de jornal como a Garota do Tubarão, e conversava com elas, guiando-as pelos peixes empalhados que enfeitavam as vitrines.

Mas hoje em dia já não havia muita gente interessada. Alguns turistas que se hospedavam no hotel até passavam uns quinze minutos percorrendo o interior poeirento do museu, como mandava a boa educação, gastavam alguns centavos em cartões-postais de baleias, e talvez assinassem alguma petição contra a retomada da atividade baleeira comercial. Mas, em geral, era por estarem esperando um táxi, ou por estar chovendo ou ventando muito e não poderem fazer nada no mar.

Naquele dia, atrás do balcão, percebi que talvez não pudesse culpá-los. O *Maui II* estava cada dia mais parecido com uma pilha de madeira trazida pela maré, e havia um limite para o número de vezes que as pessoas podiam manipular um osso ou uma parte da barbatana — aquele filtro estranho, meio parecido com plástico, que tem na boca das jubartes — antes de os prazeres do minigolfe ou das máquinas de jogos eletrônicos do clube de surfe se tornarem mais convidativos. Fazia anos que me diziam para modernizar o museu, mas eu não lhes dava muita atenção. De que adiantaria? Metade das pessoas que circulavam por ali parecia um pouco constrangida por estar celebrando algo que atualmente é ilegal. Havia momentos em que nem eu sabia por que mantinha o museu aberto, a não ser pelo fato de a atividade baleeira fazer parte da história de Silver Bay, e de a história ser o que é, mesmo impalatável.

Ajeitei nos ganchos da parede o velho arpão do *Maui II*, conhecido como Velho Harry, não lembro mais por qual razão. Depois, peguei um caniço abaixo dele, passei o espanador ao longo do comprimento e girei o molinete, para confirmar que continuava funcionando. Não que isso ainda tivesse alguma importância, mas eu gostava de saber que as coisas estavam em perfeitas condições. Hesitei. Em seguida, talvez seduzida pela conhecida sensação dele na minha mão, inclinei o caniço para trás, como se fosse jogar a linha.

— Não vai pescar muita coisa aqui.

Girei o corpo, levando uma das mãos ao peito.

— Nino Gaines! Você quase me fez largar o caniço.

— Duvido. — Ele tirou o chapéu e foi até o meio do galpão. — Nunca a vi perder um peixe até hoje. — Sorriu, revelando vários dentes tortos. — Estou com duas caixas de vinho na caminhonete. Achei que você gostaria de abrir uma garrafa comigo no almoço. Adoraria ouvir sua opinião.

— A entrega da minha encomenda só está marcada para a semana que vem, se bem me lembro.

Direcionei a vara de pescar para a parede e limpei as mãos na frente da calça de fustão. Sou velha o bastante para não ter essas preocupações, mas fiquei chateada por Nino ter me visto com a calça de trabalho e o cabelo todo desarrumado.

— Como eu disse, é uma boa safra. Queria saber sua opinião.

Nino sorriu. As rugas de seu rosto refletiam os anos passados em seus vinhedos, e um toque rosado em volta do nariz sugeria as noites que viriam em seguida.

— Tenho que arrumar um quarto para um hóspede que chega amanhã.

— De quanto tempo você precisa para esticar um lençol, mulher?

— Não há muitos visitantes no auge do inverno. Não gosto de parecer mal-agradecida… — Percebi o desapontamento no rosto dele e cedi. — Acho que tenho alguns minutos, desde que você não espere grande coisa em matéria de comida para acompanhar o vinho. Estou aguardando a entrega da mercearia. Aquele garoto danado se atrasa toda semana.

— Pensei nisso. — Nino ergueu um saco de papel. — Trouxe duas tortas salgadas e uns tamarilhos para depois. Sei como vocês, moças dedicadas à carreira, são. É só trabalho, trabalho, trabalho… Alguém tem que cuidar da sua energia.

Não pude deixar de rir. Nino Gaines sempre causou esse efeito em mim, desde os tempos da guerra, quando apareceu pela primeira vez e anunciou sua intenção de se estabelecer aqui. Depois, a baía inteira foi tomada por militares australianos e americanos, e meu pai tinha que comentar sobre sua precisão com a espingarda quando os rapazes assobiavam para mim atrás do balcão do bar. Nino era mais cavalheiresco: sempre tirava o quepe enquanto esperava para ser servido e nunca deixou de chamar minha mãe de “senhora”. “Mesmo assim, não confio nele”, resmungava meu pai, e, no geral, eu achava provável que tivesse razão.

O mar estava luminoso e calmo, um bom dia para a observação de baleias, e, ao nos sentarmos, observei o *Moby I* e o *Moby II* irem para a entrada da baía. Minha vista já não era tão boa quanto antes, mas dali me pareceu que os dois estavam com um bom número de passageiros. Liza havia zarpado mais cedo, levando de graça um grupo de reservistas do exército, como fazia todo mês, apesar de eu lhe dizer que ela era uma boba.

— Você vai fechar o hotel durante o inverno?

Neguei com a cabeça e comi uma garfada de torta.

— Não. Os *Mobys* vão tentar fechar um negócio comigo: cama, mesa e um passeio para observação de baleias por um valor fixo, mais uma entrada para o museu. Mais ou menos como faço com Liza. Eles mandaram imprimir alguns folhetos e vão divulgar num site de turismo de Nova Gales do Sul. Dizem que dá para fazer grandes negócios assim.

Pensei que Nino fosse resmungar alguma coisa sobre estar por fora da tecnologia, mas ele disse:

— Boa ideia. Hoje em dia devo vender mais ou menos quarenta caixas por mês on-line.

— Você está na internet? — Olhei-o por cima dos óculos.

Nino ergueu a taça, sem conseguir esconder a satisfação por ter me surpreendido.

— Há muitas coisas que você não sabe sobre mim, Srta. Kathleen Whittier Mostyn, por mais que pense o contrário. Faz um ano e meio que navego no espaço cibernético. Frank criou a página para mim. Para falar a verdade, até que gosto de acessar um pouco. Já comprei várias coisas. — Apontou para minha taça, querendo que eu provasse o vinho. — É útil à beça para ver o que os grandes vinicultores do Hunter Valley também estão oferecendo.

Tentei me concentrar na minha bebida, incapaz de admitir como estava pasma com a aparente intimidade de Nino Gaines com a tecnologia. Eu me senti constrangida, como sempre ficava quando conversava com algum jovem, como se houvessem me transmitido um novo conhecimento vital enquanto eu estava distraída. Senti o cheiro do vinho, sorvi um gole e

deixei o sabor inundar minha boca. Tinha um tom esverdeado, mas não perdia nada por isso.

— É muito bom, Nino. Tem um toque de framboesa.

Ao menos de vinho eu ainda entendo.

Ele balançou a cabeça, satisfeito, e disse:

— Achei que você perceberia. E sabia que há uma menção a você?

— Menção?

— À Garota do Tubarão. Frank digitou seu nome num site de busca, e lá estava você, com foto e tudo. De arquivos de jornais.

— Há uma foto minha na internet?

— De maiô. Você sempre ficou bonita nele. Também há uns dois textos a seu respeito. Uma universitária de Victoria usou você de exemplo na tese dela sobre o papel das mulheres e da caça, ou qualquer coisa assim. Um texto bem impressionante, cheio de simbolismo, referências clássicas e sabe-se lá mais o quê. Pedi ao Frank para imprimi-lo, mas me esqueci de buscar. Achei que você poderia colocá-lo no museu.

Nesse instante me senti realmente perturbada. Deixei a taça na mesa.

— Há uma foto minha de maiô na internet?

Nino Gaines riu.

— Calma, Kate, está longe de ser uma *Playboy*. Passe lá em casa amanhã que lhe mostro.

— Não sei bem se gosto disso. Eu exposta lá, para qualquer um ver.

— É a mesma fotografia que você tem aqui — disse ele, apontando para o museu. — Você não se incomoda que as pessoas fiquem boquiabertas diante dessa.

— Mas isso… isso é diferente.

No momento em que falei, percebi que não fazia muito sentido. Mas o museu era meu domínio. Eu podia controlar quem entrava ali, quem via o quê. Imaginar pessoas que eu não conhecia esmiuçando minha vida, minha história, com a mesma displicência de quem passa os olhos pelas páginas de apostas…

— Você devia pôr uma foto da Liza com o barco. Poderia atrair mais alguns visitantes. Esqueça a propaganda do hotel com os *Mobys*. Uma garota bonita como aquela seria um belo atrativo.

— Ah, você conhece Liza. Ela gosta de escolher quem leva no barco.

— Não é assim que se administra um negócio. Por que você não se concentra no seu próprio barco? Cama, mesa e um passeio no *Ishmael* com Liza. Haveria pedidos do mundo inteiro.

— Não. — Comecei a arrumar as coisas. — Acho que não. É muita gentileza sua, Nino, mas isso não serve mesmo para nós.

— Nunca se sabe, talvez ela encontrasse um rapaz. Já está na hora de namorar.

Ele levou cerca de dois minutos para perceber que o clima havia mudado. Na metade da torta, notou alguma coisa na minha expressão que o fez parar para pensar. Desconcertado, ficou tentando descobrir o que dissera de tão errado.

— Não foi minha intenção ofendê-la, Kate.

— Não ofendeu.

— Bem, há alguma coisa errada. Você está toda nervosa.

— Não fiquei toda nervosa.

— Aí! Olhe só para você. — Apontou para minha mão, que se agitava, irrequieta, sobre a madeira clara.

— Desde quando tamborilar é crime?

Apoiei a mão com firmeza no colo.

— O que houve?

— Nino Gaines, tenho um quarto para arrumar. Agora, se me dá licença, já desperdicei metade do dia.

— Você não vai entrar, vai? Ora, Kate. Nem terminou de almoçar. Qual é o problema? Foi o que eu disse sobre sua foto?

Ninguém me chama de Kate, a não ser Nino Gaines. Por alguma razão, essa intimidade praticamente encerrou o assunto para mim.

— Tenho coisas para fazer. Quer parar de insistir?

— Posso mandar um e-mail para eles e pedir para tirarem a foto. Talvez a gente possa dizer que é protegida por direitos autorais.

— Ah, quer parar com essa besteirada sobre a droga da foto? Vou entrar. Tenho mesmo que terminar de arrumar o quarto. Até. — Tirei migalhas imaginárias da minha calça. — Obrigada pelo almoço.

Nino ficou observando enquanto eu — a mulher que ele amava e que o deixava perplexo fazia mais de meio século — me levantava, com menos esforço do que a idade deveria permitir, e fui depressa para a cozinha, deixando-o com duas tortas pela metade e uma taça quase intacta de vinho da sua melhor safra. Senti seus olhos fixos nas minhas costas durante todo o caminho para dentro de casa.

Imaginei que, pelo menos dessa vez, talvez ele tivesse sentido um pingo de frustração com a injustiça, a arbitrariedade com que, novamente, parecia ter sido julgado. Porque o ouvi levantar-se e escutei sua voz na brisa leve. Pelo menos dessa vez, ele não conseguiu se conter:

— Kathleen Whittier Mostyn, você é a mulher mais difícil que já conheci — gritou para as minhas costas.

— Ninguém lhe pediu para vir aqui — retruquei.

Para minha vergonha, nem me dei o trabalho de virar a cabeça.

* * *

Muito tempo atrás, na época em que meus pais morreram e fiquei encarregada do Hotel Baía da Esperança, muita gente me disse que eu devia aproveitar a oportunidade para modernizar o lugar, instalar quartos com banheiro e televisão por satélite, como tinham feito em Port Stephens e Byron Bay, e que devia fazer mais publicidade, para divulgar a beleza da nossa pequena faixa de orla. Prestei atenção por não mais de dois minutos, pois fazia muito tempo que nossa falta de clientes havia deixado de me preocupar, assim como à maioria dos moradores de Silver Bay, desconfio. De um lado a outro da costa, tínhamos visto nossos vizinhos aumentarem seus lucros, mas terem que conviver com os resultados inesperados do sucesso: trânsito caótico, veranistas bêbados e rodadas intermináveis de reformas e instalações. Fim da paz.

Eu gostava de pensar que tínhamos mais ou menos o equilíbrio certo em Silver Bay, com visitantes suficientes para nos garantir o sustento, mas não tantos a ponto de alguém começar a ter outras ideias. Fazia anos que eu via a população da cidade crescer e duplicar no auge do verão, depois diminuir nos meses de inverno. O aumento do interesse na observação de

baleias havia provocado um ou outro pico, de vez em quando, mas, em geral, era um negócio estável, que não ia nos enriquecer nem causar grandes transtornos. Éramos só nós, os golfinhos e as baleias. E isso convinha muito bem à maioria de nós.

Silver Bay nunca foi um lugar particularmente hospitaleiro para estranhos. Quando os primeiros europeus chegaram, no fim do século XVIII, o vilarejo foi inicialmente descartado como inabitável, pois as elevações rochosas, a savana e as dunas móveis eram áridos demais para abrigar a vida humana. (Acho que, na época, os aborígines não eram considerados suficientemente humanos.) As águas rasas e os bancos de areia costeiros acabavam com o interesse, por fazerem os navios em visita encalharem e serem destroçados, até que os primeiros faróis foram erguidos. E então, como sempre, a ganância fez o que a curiosidade não conseguira: a descoberta de lucrativas florestas de madeira nas encostas de nossos morros vulcânicos, bem como dos vastos bancos de ostras logo abaixo, acabou com a solidão da baía.

Cortaram as árvores até as encostas ficarem praticamente desérticas. As ostras foram colhidas por causa do óxido de cálcio e, mais tarde, como alimento, até a exploração ser proibida, antes que elas se esgotassem. Para ser sincera, quando meu pai desembarcou aqui pela primeira vez, ele também não tinha as melhores intenções: via o mar cheio de animais para pesca recreativa — marlins e atuns, tubarões e peixes-agulha — e enxergava lucro no que a natureza tinha a oferecer. Era um conjunto interminável de preciosidades à sua porta. E assim, nesta última elevação rochosa de Silver Bay, nosso hotel foi construído, usando até o último centavo das economias dele e do Sr. Newhaven.

Naquele tempo, minha família morava em cômodos completamente separados do restante do Hotel Baía da Esperança. Mamãe não queria ser vista pelos hóspedes no que chamava de “versão doméstica” — acho que isso significava “sem ter arrumado o cabelo” — e meu pai gostava de saber que havia limites ao acesso que minha irmã e eu tínhamos ao mundo externo (não que isso tenha impedido Norah: ela partiu para a Inglaterra antes de completar vinte e um anos). Sempre suspeitei de que eles queriam discutir privadamente.

Desde que a ala oeste pegou fogo, nós — ou eu, na maior parte do tempo — passamos a morar no que restou, como se o hotel fosse uma casa particular, e nossos hóspedes, inquilinos. Eles dormiam nos quartos do corredor principal, enquanto os nossos ficavam do outro lado da escada, e todos podiam usar o saguão. Somente a cozinha era sagrada. Essa foi uma regra que criamos quando as meninas vieram morar comigo, já se vão alguns anos. Elas eram extremos opostos. Quando Liza não estava no mar com a tripulação, passava o tempo todo na cozinha. Não gostava de conversa fiada e evitava o saguão e a sala de jantar. Preferia ter uma porta fechada entre ela e o inesperado. Hannah, com a sociabilidade da juventude, passava a maior parte do tempo deitada no sofá do saguão, com Milly a seus pés, vendo televisão, lendo ou, o que passou a fazer com mais frequência, conversando com as amigas pelo telefone. Só Deus sabe o que tanto havia para falar, depois de já terem passado seis horas juntas na escola.

— Mamãe, você já foi à Nova Zelândia? — perguntou ela, certo dia.

Quando entrou na cozinha, notei em sua bochecha a marca funda deixada pela costura do sofá, onde ela devia ter apoiado o rosto.

Liza estendeu a mão para tentar acariciá-la, distraída.

— Não, benzinho.

— Eu fui — respondi. Estava remendando um par de meias velhas, o que Liza disse ser um desperdício da minha energia, pois no supermercado vendiam pacotes por poucos dólares. Mas não sou o tipo de pessoa que fica sentada sem fazer nada. — Fui ao lago Taupo, alguns anos atrás, para uma pescaria.

— Não me lembro disso — comentou Hannah.

Fiz as contas.

— Bem… Acho que faz cerca de vinte anos, o que daria quatorze antes de você nascer.

Hannah me olhou com aquela incompreensão de criança que não consegue imaginar nada que tenha existido antes do seu nascimento, muito menos uma época mais remota. Eu não podia censurá-la. Ainda me lembro de quando tinha essa idade, da época em que uma noite sem as amigas

parecia durar o tempo de uma sentença de prisão. Atualmente, anos inteiros passam num piscar de olhos.

— Você já foi a Wellington? — perguntou Hannah e então sentou-se à mesa.

— Já. Havia várias casas construídas nos morros em volta do porto. Na última vez que estive lá, não consegui entender como se mantinham em pé lá em cima.

— Eram casas sobre palafitas?

— Mais ou menos isso. Uma loucura, mas eu soube que a cidade inteira tinha sido erguida sobre uma falha geológica. Eu não gostaria de estar numa palafita quando a terra se mexesse.

Hannah passou um instante assimilando a ideia.

— Por que está perguntando isso, benzinho? — interviu Liza e depois deu um tapinha nas próprias pernas para que a cadela subisse. Nunca foi preciso chamar Milly duas vezes.

Hannah torceu uma mecha do cabelo entre os dedos.

— Tem uma viagem da escola. Depois do Natal. Queria saber se eu podia ir. — Seu olhar ia de mim para a mãe, como se adivinhasse o que diríamos. — Não é muito caro. Vamos ficar em albergues. E vocês sabem como são as professoras. Nunca deixariam a gente ir a nenhum lugar sem elas. — A voz de Hannah ficou um pouco mais acelerada: — E vai ser bastante educativo. Vamos estudar a cultura dos maoris e os vulcões…

É terrível observar o rosto de uma criança que tem noção de que está pedindo o impossível.

— Posso ajudar com minhas economias, se for muito caro.

— Acho que não vai ser possível — disse Liza, estendendo uma das mãos. — Sinto muito mesmo, amorzinho.

— Todo mundo vai.

Ela era uma criança boa demais para ficar com raiva. Aquilo foi mais um apelo que um protesto. Às vezes eu preferiria que ela ficasse zangada.

— *Por favor*.

— Não temos dinheiro.

— Mas tenho quase trezentos dólares guardados… e ainda faltam séculos para a gente ir. Todas nós podíamos economizar.

Liza me olhou e dei de ombros.

— Vamos ver — disse ela à filha, num tom que até para mim deixou claro que ela não pensaria no assunto.

— Posso fazer um trato com você, Hannah. — Deixei minha costura de lado. Meu trabalho estava ficando horroroso, de qualquer maneira. — Tenho alguns investimentos que vão vencer mais ou menos na primavera do ano que vem. Pensei em pagar para todas nós uma viagem ao Território do Norte. Sempre quis conhecer o Parque Nacional Kakadu, talvez enfrentar os crocodilos. O que você acha?

Vi pelo seu rosto a opinião dela: não queria viajar pela Austrália com a mãe e uma velha, preferia ir a um país estrangeiro, andar de avião com as amigas, dando risadas, indo dormir tarde e mandando cartões-postais saudosos. Mas essa era a única coisa que não podíamos lhe dar.

Eu tentei, Deus sabe que tentei.

— Poderíamos levar Milly. E, se a gente tiver dinheiro suficiente, quem sabe até possa perguntar à mãe da Lara se ela gostaria de ir também.

Hannah olhava fixo para a mesa.

— Seria legal — disse, por fim, e em seguida, com um sorriso pouco alegre, acrescentou: — Vou para a sala aqui do lado. Meu programa começa em um minuto.

Liza olhou para mim. Seus olhos disseram tudo que nós duas já sabíamos: Silver Bay era uma cidadezinha linda, mas até um pedaço de paraíso fica feio quando não se tem permissão para deixá-lo.

— Não adianta se culpar — falei para Liza, quando tive certeza de que Hannah não conseguia ouvir. — Não há nada que você possa fazer. Pelo menos não por enquanto.

Nos últimos anos, muitas vezes vi a dúvida lhe perpassar rapidamente pelo rosto.

— Ela vai superar — tranquilizei-a.

Apoiei a mão sobre a dela, e Liza apertou a minha, agradecida.

Não sei direito se alguma de nós ficou convencida.

TRÊS

Mike

Tina Kennedy estava usando um sutiã violeta com detalhe em renda, e havia uns quatro ou cinco botõezinhos cor de malva na parte de cima de cada bojo. Eu não costumava observar essas coisas num dia de trabalho. A lingerie de Tina Kennedy não era algo em que eu quisesse pensar… pelo menos não naquele momento. Mas, quando me aproximei do meu chefe para entregar o documento que ele havia pedido, a moça inclinou bastante o corpo e olhou direto para mim, de um jeito que depois eu só poderia descrever como desafiador.

O sutiã violeta estava me mandando um recado. Essa peça, assim como sua pele hidratada e levemente bronzeada, era uma lembrança da noite de duas semanas e meia atrás, quando fui promovido.

Não me assusto com facilidade, mas aquela foi a coisa mais apavorante que já vi.

Num gesto involuntário, apalpei o bolso à procura do celular. Vanessa, minha noiva, tinha me mandado três mensagens na última meia hora, apesar de eu ter dito que a reunião seria muito importante e não poderia ser interrompida. Eu tinha lido a primeira mensagem e tentado ignorar a vibração insistente das que vieram em seguida.

"ñ esqueça de comprar o terno da p46 da Vogue. Vc ficaria lindo com o preto. Bjs."

"Benzinho, pfv ligue, precisamos falar da escolha dos lugares."

"Ligue antes de 14h pq tenho q responder ao Gav sobre sapatos. Estou esperando, bjs."

Suspirei, sentindo aquela mistura peculiar de ansiedade e inércia que duas horas numa sala de reunião abafada, cercado por outros homens de terno, são capazes de causar.

— O fundamental, como acontece em todos esses empreendimentos de risco, é a capacidade de unidade. Acho que elaboramos um projeto de construção que nos dará o potencial de crescimento do mercado de hospedagem de luxo a longo prazo, junto dos benefícios de um mercado mais fluido de curto prazo, os dois concebidos para maximizar os fluxos de receita, não só nos meses de verão, como durante o ano inteiro.

O celular vibrou na minha coxa e me perguntei, distraído, se daria para escutar o barulho acima da voz de Dennis Beaker. Era preciso admitir uma coisa sobre Nessa: ela não desistia. Parecia nem ter me escutado de manhã, quando expliquei que sair do trabalho no meio da tarde, ou até mesmo ligar para ela, seria difícil. Mas, por outro lado, ultimamente ela não parecia ouvir muita coisa, a não ser "casamento". Ou talvez "bebê".

Lá embaixo, a faixa cinza-chumbo que consistia na Liverpool Street estendia-se em direção ao centro financeiro de Londres. Se eu inclinasse a cabeça, conseguia ver as pessoinhas na calçada: homens e mulheres vestindo azul, preto ou cinza, andando com elegância abaixo das construções cobertas de fuligem para comprar o almoço em embalagens de plástico, para depois engolirem a comida sentados a suas mesas. Tinha gente que considerava aquilo uma briga de foice, mas nunca tive essa sensação. Sempre me senti reconfortado pela uniformidade, pela ideia de ter um objetivo comum. Mesmo que esse objetivo fosse o dinheiro. Nos dias calmos, Dennis apontava pela janela e perguntava: "Quanto você acha que aquele cara ganha, hein? E aquela mulher?" E nós os avaliávamos, dependendo de variáveis como o corte do paletó, o tipo de sapato e a postura que tinham ao andar. Em duas ocasiões, Dennis mandara um assistente descer correndo para verificar se ele havia acertado o palpite e, nas duas vezes, para minha surpresa, estava correto.

Dennis Beaker diz que todo mundo neste mundinho de Deus tem seu preço. Depois de quatro anos trabalhando com ele, tendo a concordar.

Na mesa caprichosamente polida à minha frente estava a proposta encadernada, cujas páginas de papel cuchê atestavam as semanas que Dennis, os outros sócios e eu havíamos passado salvando esse projeto do desastre, com enorme esforço. Nessa havia reclamado, na noite anterior, enquanto eu conferia mais uma vez o texto à procura de erros, que eu

vinha dedicando muito mais energia a esse documento do que ao que ela julgava serem nossas preocupações mais urgentes. Eu tinha protestado, mas sem grande entusiasmo. No que dizia respeito àquelas páginas, eu sabia onde estava pisando. Ficava muito mais à vontade com fluxos de receita e projeções de renda do que com os desejos da minha noiva, indefinidos e sempre mutáveis, sobre arranjos de flores ou sobre as cores que combinavam. Não podia dizer que preferia deixar a cerimônia de casamento a cargo dela. Nas poucas ocasiões em que me envolvera como convinha, do jeito que havia me pedido, ela dera ataques histéricos por coisas que, pelo visto, eu tinha entendido errado. Eu não conseguia evitar: era como se falássemos línguas diferentes.

— Por isso, gostaria de pedir agora para meu colega fazer uma breve apresentação. Só para dar um gostinho do que consideramos uma oportunidade muito animadora.

Tina seguira para o outro lado da sala de reunião. Estava parada perto da mesa de centro, numa pose enganosamente relaxada. Ainda dava para ver a alça violeta do seu sutiã. Fechei os olhos, tentando afastar a lembrança repentina dos seios dela encostados em mim no toalete masculino do Bar Brazilia, e da desenvoltura com que ela havia tirado a blusa.

— Mike?

Tina voltou a me encarar. Ergui os olhos e desviei o rosto, sem querer incentivá-la.

— Mike? Está prestando atenção?

Havia uma rispidez muito discreta na voz de Dennis. Eu me levantei da cadeira, ajeitando minhas anotações.

— Estou — respondi. E, com mais firmeza: — Estou. — Sorri para os investidores da Vallance Equity, aqueles homens de olhar penetrante ao redor da mesa, e procurei transmitir um pouco da confiança e simpatia de Dennis. — Só para… hum… tecer algumas considerações sobre pontos que os senhores levantaram. — Respirei fundo e apontei para o lado oposto da sala. — Tina? A luz?

Peguei o controle remoto do projetor para começar a apresentação e, quando o celular vibrou novamente no bolso da minha calça, desejei ter

tido a ideia de tirá-lo dali. Mexi no bolso, tentando desligá-lo. Infelizmente, ao olhar de relance para Tina sob a luz fraca, percebi que havia pensado que meu gesto tinha sido para ela. E reagiu com um sorriso sensual, baixando os olhos para minha virilha.

— Certo — recomecei, soltando o ar e me recusando terminantemente a olhar para ela. — Eu gostaria de mostrar, caros felizardos, algumas imagens do que, modéstia à parte, consideramos a oportunidade de investimento da década.

Houve um murmúrio de contentamento. Eles gostaram de mim. Ali estavam, preparados pelo entusiasmo bruto de Dennis e prontos para minha sonora lista de dados e cifras. Receptivos, atentos, à espera de garantias tranquilizadoras. Meu pai costumava dizer que eu tinha o perfil ideal para o mundo dos negócios. Ele se referia a negócios no sentido dos executivos de ternos cinza, não no sentido hipersensual dos meganegócios. É que, embora de algum modo eu tivesse ido parar no segundo tipo, precisava admitir que não tinha talento para correr riscos. Eu era o rei da investigação e do planejamento diligentes, criterioso e atento ao deliberar, um cara que pesquisava tudo não só até o enésimo grau, mas muitos graus além.

Quando garoto, antes de gastar meus trocados cuidadosamente economizados, eu passava horas nas lojas, comparando as vantagens do boneco do Comandos em Ação com as de seus compatriotas, com medo da esmagadora decepção de quando fazíamos a escolha errada. Se me ofereciam sobremesa, eu comparava a potencial infrequência da torta de limão com a familiaridade sólida do bolo de chocolate, e conferia de novo para ver se a gelatina de framboesa não constava entre as opções.

Nada disso significava que eu não tinha ambição. Sabia exatamente aonde queria chegar e o que havia aprendido. Fazia muito tempo que seguir o caminho tranquilo era a chave do meu sucesso. Enquanto as carreiras mais incendiárias de outros colegas desabavam e viravam pó, eu tinha conquistado a segurança financeira, graças ao meu monitoramento rigoroso das taxas de juros e dos investimentos. Seis anos depois de ter sido efetivado na Beaker Holdings, minha promoção a sócio minoritário, aparentemente não tendo a ver com meu noivado com a filha do chefe, me

fazia ser valorizado como alguém que sabia avaliar com exatidão os benefícios de qualquer escolha — geográficas, sociais ou econômicas — antes de agir. Com mais dois grandes negócios, eu me tornaria sócio sênior. Mais sete anos, até Dennis se aposentar, e eu estaria pronto para ocupar o lugar dele. Tinha tudo planejado.

E era por isso que meu comportamento naquela noite tinha sido tão atípico.

— Acho que você está passando por uma versão tardia da rebeldia adolescente — observara minha irmã, Monica, dois dias antes.

Eu a levara para almoçar no restaurante mais chique que conhecia, como presente de aniversário. Ela trabalhava num jornal de circulação nacional, mas ganhava menos por mês do que eu gastava com minhas despesas.

— Nem gosto da garota — comentei.

— E desde quando sexo tem alguma coisa a ver com gostar? — Monica torceu o nariz. — Acho que vou comer duas sobremesas. Não consigo escolher entre o chocolate e o *crème brûlée*. — Ela ignorou meu olhar. — Essa é uma reação contra o casamento. Inconscientemente, você está tentando engravidar outra mulher.

— Não seja ridícula. — Quase me encolhi de medo. — Deus do céu! Só de pensar nisso…

— Tudo bem. Mas é óbvio que você está se opondo a alguma coisa. *Opondo*! — Monica sorriu. Minha irmã é assim. — Você devia dizer à Vanessa que não está pronto.

— Mas ela tem razão. Nunca estarei pronto. Não sou esse tipo de cara.

— Então, prefere que ela tome as decisões?

— Na nossa vida pessoal, sim. Para nós dois, funciona desse jeito.

— E funciona tão bem que você sentiu necessidade de transar com outra mulher?

— Fale baixo.

— Sabe de uma coisa? Vou comer só o chocolate. Mas, se você pedir o *crème brûlée*, vou provar.

— E se ela contar alguma coisa ao Dennis?

— Nesse caso, você vai ter um problemão. Mas já devia saber disso quando transou com a secretária dele. Ah, fala sério, Mike, você tem trinta e quatro anos, está longe de ser inocente.

Apoiei a cabeça nas mãos.

— Não sei o que eu estava fazendo.

Monica se animou de repente.

— Nossa, que bom ouvir você dizer isso. Não tem ideia de como me anima saber que *você* pode ferrar sua vida, igualzinho a todo mundo. Posso contar à mamãe e ao papai?

Na sala de reunião, hipnotizado pela súbita imagem vitoriosa da minha irmã, esqueci o que estava falando e tive que dar uma olhada nas minhas anotações. Respirei devagar e ergui os olhos outra vez para os rostos cheios de expectativa ao meu redor. Um calor incômodo parecia ter tomado conta da sala. Olhei demoradamente para a equipe deles, mas não havia ninguém nem um pouco incomodado com a temperatura elevada. Meu chefe sempre dizia que corria gelo nas veias dos investidores. Talvez tivesse razão.

— Como Dennis explicou — prossegui —, a ênfase deste projeto recai no alto padrão do mercado. Os consumidores que visamos com esta obra têm sede de experiências. São pessoas que passaram a última década adquirindo bens materiais que não as deixaram felizes. São ricas de posses, mas carentes de tempo, e estão procurando outras formas para gastar seu dinheiro. E a verdadeira área de crescimento, de acordo com nossa pesquisa, é a sensação de bem-estar. Para atingir esta finalidade — continuei —, este projeto não só oferecerá acomodações de uma qualidade que garantirá um lugar no mercado de altíssimo padrão, como também uma variedade de oportunidades de lazer adequadas ao meio ambiente.

Com um clique no controle remoto, exibi as imagens que o artista gráfico só havia entregado naquela manhã, o que fizera disparar o pouco que a pressão de Dennis ainda aguentava subir.

— O hotel terá um spa de última geração — acrescentei —, com seis piscinas, equipe de terapeutas em horário integral e vários dos mais novos tratamentos holísticos. Se os senhores olharem a página treze, poderão ver o espaço propriamente dito com mais detalhes, além de uma lista do que

terá a oferecer. E, para aqueles que preferirem conquistar o bem-estar com coisas um pouco mais ativas… o que, cá entre nós, costuma ser a preferência dos homens… — Nesse instante, fiz uma pausa para que assentissem em reconhecimento. — Temos a *pièce de résistance* de todo o complexo: um centro integrado, inteiramente dedicado a esportes aquáticos. Incluirá jet ski*s*, pranchas de surfe, lanchas de corrida e esqui aquático. Haverá pesca esportiva e também instrutores de mergulho profissionais, para acompanhar os clientes nas saídas em alto-mar. Acreditamos que uma combinação de equipamentos top de linha com uma equipe altamente qualificada possibilitará uma viagem inesquecível e oferecerá aos clientes a oportunidade de aprenderem novas habilidades.

— E tudo isso, hospedados num resort que será um modelo de serviços e de luxo — interrompeu Dennis. — Mike, pegue as fotos do arquiteto. Como os senhores podem ver, há três níveis de acomodações adequados aos ricos, tanto aos solteiros quanto às famílias, e terá uma cobertura especial para os VIPs. Os senhores podem notar que evitamos a opção econômica. Já despertamos interesse por parte d…

— Soube que vocês perderam o terreno — disse uma voz vinda do fundo.

A sala ficou em silêncio. Ai, meu Deus, pensei.

— Tina, aumente as luzes — pediu Dennis, e me perguntei se ele iria responder, mas apenas olhou para mim.

Mantive minha expressão inalterada. Sou bom nisso.

— Desculpe, Neville, não entendi. Você quer fazer uma pergunta? — indaguei.

— Fiquei sabendo que essa obra tinha sido planejada para a África do Sul, mas vocês perderam a área de construção. Esse documento não diz qual será o local agora. Vocês não podem esperar que a gente invista num resort de férias que ainda precisa encontrar uma área para se instalar.

O leve tremor no queixo de Dennis deixou transparecer sua surpresa. Como eles haviam descoberto sobre a África do Sul, cacete?

Minha voz saiu antes mesmo que eu soubesse o que estava dizendo:

— Não sei bem de onde veio sua informação, mas a África do Sul nunca foi nada mais que uma opção para nós. Depois de examinar mais

atentamente a localização em potencial de lá, concluímos que não poderia oferecer a nossos clientes o tipo de férias que tínhamos em mente. Estamos considerando um mercado muito especializado e…

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que a África do Sul não era adequada? Pelo que sei, o país é um dos destinos de férias que mais têm crescido no mundo.

Minha camisa Turnbull & Asser estava colada nas costas. Hesitei, me perguntando se Neville estava sabendo alguma coisa sobre o fracasso da nossa negociação anterior para obter financiamento.

— Política — interpôs Dennis.

— Política?

— Haveria um traslado de uma hora e meia entre o aeroporto e o resort. E qualquer caminho nos faria passar por algumas das áreas… digamos… menos *abastadas* da cidade. Nossas pesquisas nos dizem que, quando os clientes pagam um ágio para aproveitar férias de luxo, não querem se confrontar com a pobreza abjeta. Isso os deixa… — Por favor, implorei em silêncio, não dê um sorriso simpático para a secretária deles. Tarde demais. O sorriso de Dennis foi tão meloso quanto inoportuno. — Incomodados. E essa é a última sensação que queremos que nossos clientes tenham no resort. Alegria, sim. Animação, também. Satisfação, com certeza. Mas culpa ou constrangimento diante das dificuldades de seus… primos negros, não.

Fechei os olhos. Senti, mais do que vi, a secretária negra fazer o mesmo.

— Não, Neville, política e férias luxuosas simplesmente não combinam. — Dennis balançou a cabeça com ar sábio, como se proferisse um oráculo. — E este é o tipo de pesquisa detalhada da qual nos orgulhamos na Beaker Holdings, antes de embarcarmos num grande projeto.

— Então vocês têm um local alternativo em mente?

— Não só em mente, como fechado e assinado — respondi. — Fica um pouco longe, mas evita todos os campos minados potenciais da África do Sul e de outras partes do Terceiro Mundo. É repleto de falantes de inglês,

tem um clima excelente e, posso dizer com toda sinceridade, é um dos lugares mais lindos que já vi. E nesta linha de trabalho, Neville, você sabe tão bem quanto eu que há alguns destinos realmente belíssimos.

A RJW Land havia roubado o terreno que queríamos, bem embaixo do nosso nariz. Alguém de lá devia ter vazado a informação para a Vallance. Minha cabeça ficou a mil: se a RJW estava tentando desenvolver um projeto semelhante, será que seu pessoal também teria procurado a Vallance para um financiamento? Será que estavam tentando sabotar nosso negócio?

— Não posso dar mais detalhes — declarei com serenidade —, mas vou confessar outras coisas ainda sobre o terreno sul-africano que nos indicaram um rendimento futuro muito menor. E, como os senhores sabem, nosso propósito aqui é maximizar o lucro.

Na verdade, eu não sabia quase nada sobre o novo local. Por desespero, havíamos usado um representante local, um velho amigo de Dennis, e fazia apenas dois dias que o negócio tinha sido fechado. Eu detestava a sensação de não saber onde estava pisando.

— Tim — sorri —, você sabe que sou extremamente chato com pesquisas; não há nada que eu goste mais para ler na hora de dormir do que uma pilha de análises. Acredite, se eu achasse que o terreno sul-africano funcionaria melhor a longo prazo, não teria ficado tão satisfeito ao desistir dele. Mas gosto de me aprofundar mais…

— Sua leitura antes de dormir é muito interessante, Mike, mas seria útil se…

— …e tudo o que importa, na verdade, é a margem de lucro. Essa é a parte fundamental.

— Ninguém liga mais para a margem de lucro do que nós, mas…

Dennis ergueu sua mão gorducha e interrompeu:

— Tim. Não. Não diga mais nenhuma palavra. Tem outra coisa que eu gostaria de mostrar, antes de continuarmos. Na verdade, senhores, se quiserem me acompanhar até a sala ao lado, preparamos uma pequena diversão antes de contarmos exatamente qual é o local.

Enquanto os acompanhávamos, pensei que os investidores não pareciam ter a diversão como prioridade em sua agenda. Alguns ficaram

decididamente aborrecidos por serem retirados de sua zona de conforto, que consistia na área entre a mesa de reunião e a poltrona estofada de couro, e resmungaram entre si, constrangidos. Por outro lado, como eu chegara meia hora atrasado, não sabia muito bem o que Dennis estava pensando. Por favor, não deixe que ele tenha pedido a Tina para aparecer de biquíni, rezei. Eu ainda era assombrado por lembranças da Proposta Havaiana de Hula-hula.

Mas o que Dennis havia planejado era bem diferente. A mesa, as cadeiras e a tela de projeção tinham sido retiradas da Sala de Reunião II. Não tinha equipamento de teleconferência nem carrinho de chá no canto. No centro da sala havia uma grande máquina — enorme, baixa e intimidante — cercada por tubos azuis infláveis, que tinha como destaque principal uma prancha de surfe amarela e florida.

Atônitos, todos ficamos imóveis por estarmos vendo algo tão improvável.

— Senhores, tirem os sapatos e se preparem para surfar! — Dennis apontou para o aparelho. — É um simulador — anunciou, quando ninguém disse nada. — Todo mundo pode testar.

Fez-se silêncio na sala, exceto pelo zumbido baixo do simulador de surfe. O objeto mais parecia uma criatura alienígena num mar de tons cinzentos, com os botões faiscantes anunciando alegremente que, caso quisessem, a experiência do surfe poderia ser acompanhada por uma música dos Beach Boys.

Registrei as expressões dos outros e concluí que distraí-los seria a melhor maneira de salvar a situação.

— Talvez queiram comer alguma coisa, primeiro. Uma bebida, talvez? Tina, pode fazer a gentileza?

— Claro, Mike — respondeu ela, me olhando de forma sensual.

Eu seria capaz de jurar que ela rebolava ao andar, mas Dennis não reparou nisso.

— Só quero dar uma ideia de como nossa proposta é irrecusável. Experimentei mais cedo — disse, enquanto tirava os sapatos. — É mesmo muito divertido. Se ninguém mais tiver coragem, vou mostrar como funciona. A pessoa fica em pé aqui e… — Ele havia tirado o paletó e o

volume mal contido de sua barriga pendia sobre o cós da calça. Eu me senti grato, e não foi a primeira vez, por Vanessa ter herdado os genes da mãe. — Vou começar com algumas ondinhas. Estão vendo? É fácil.

Ao som de "I Get Around", meu chefe, que nos últimos três anos supervisionou investimentos imobiliários de setenta milhões de libras e que tem em sua mesa fotos em que troca apertos de mão com Henry Kissinger e Alan Greenspan, subiu na prancha de surfe. Levantou os braços, numa paródia de atletismo que revelou duas manchas escuras de suor. Sua aparência meio cômica era famosa por mascarar um tino comercial afiado como uma lâmina. Se bem que, vez por outra, eu tivesse lá minhas dúvidas.

— Ligue aí, Mike.

Olhei para os homens atrás de mim, tentando sorrir. Eu não tinha certeza se aquela era uma boa ideia. Não era a imagem que eu achava que devíamos exibir.

— É só ligar na tomada, Mike, e eu faço o resto. Vamos lá, Tom, Neville, não finjam que não querem surfar um pouquinho.

Com um barulho grave, a prancha foi ganhando vida aos poucos. Dennis dobrou os joelhos e estendeu uma das mãos para a frente, remexendo os dedos, depois acrescentou:

— O que… eu… não… disse… senhores, é que os simuladores também estarão… opa! — Ele tentou manter o equilíbrio. — Lá vamos nós… Haverá simuladores no local para os clientes aprenderem antes de irem para a água. É o pacote… completo.

Ofegando com o esforço físico, ele contou que até quem nunca estivera na água teria a chance de fazer um treino particular, antes de se expor aos olhares dos colegas de férias. Não sei se foi a improbabilidade bizarra de que aquele aparelho fizesse parte da proposta, ou se foi o evidente prazer de Dennis, mas o fato é que, em poucos minutos, até eu tive de admitir que ele estava convencendo os investidores. Notei Tim e Neville chegando mais perto da máquina, enquanto bebericavam o champanhe que Tina lhes entregara.

O homem das finanças da Vallance, um grandalhão corado que se chamava Simons, já havia tirado os sapatos, revelando meias

surpreendentemente puídas. Os dois assistentes juniores da equipe deles citavam um para o outro gírias de surfe que liam nas páginas preparadas por Tina.

Era preciso reconhecer que Dennis era criativo.

— O que acontece se aumentarmos a velocidade, Dennis? — Neville estava sorrindo, e eu me perguntei se isso era um bom sinal.

— Tina lhes deu… uma lista — disse ele, sem fôlego. — Acho… que vou… opa! "pegar uma onda gigante".

Neville tinha se aproximado. Tirou o paletó, entregou a taça para a secretária e perguntou:

— Até que nível você vai, Dennis?

Ele era um competidor nato, como eu imaginara.

Mas Dennis também era.

— Até o que você quiser, Nev. Pode aumentar — gritou, com o rosto pingando de suor. — Vamos ver quem pega a maior onda, hein?

— Vamos lá, Mike — incentivou Neville.

Sorri. Todos estavam se divertindo. Como Dennis adivinhara, o simulador acabou desviando a atenção deles dos rumores sobre a África do Sul.

— Sempre gostei de surfe — comentou Tim, também tirando o paletó. Diante deles, o simulador rangia e trepidava sob o peso de Dennis. — Em que nível você está aí, parceiro?

— Três — falei, dando uma olhada no mostrador. — Mas não acho que…

— Ah, fala sério, podemos fazer mais do que isso. Aumente aí, Mike. Vamos ver quem consegue ficar mais tempo na prancha.

— É, aumente aí — entoaram os executivos de terno cinza da Vallance Equity, o comedimento sendo substituído pela diversão.

Olhei para Dennis, que balançou a cabeça e indicou o mostrador.

— Vamos lá, Mike, mande ver nas ondas.

— Você está amarradão, Dennis! — disse Tim, verificando a terminologia do surfe. — O mar está muito gordo, mas você está amarradão!

Apesar da aparente alegria, Dennis transpirava demais. Tentou sorrir, mas notei um indício de desespero em seus olhos enquanto tentava se manter de pé na prancha, que ondulava depressa.

— Quer que eu diminua um pouco, Dennis? — sugeri.

— Não! Não! Estou… achando maneiríssimo! Há quanto tempo estou no nível quatro, galera?

— Passe para o cinco! — gritou Neville, dando um passo à frente e segurando o botão de controle. — Vamos ver como ele surfa as… ah, os capotes!

— Eu, não… — comecei.

Mais tarde, ninguém soube ao certo como foi que aconteceu. Dennis era uma das poucas pessoas na sala que não haviam bebido champanhe. Mas, de algum modo, o simulador foi regulado no nível mais alto no instante em que ele perdeu o equilíbrio. Com um grito terrível, ele foi ejetado das almofadas infláveis que o cercavam e lançado do outro lado da sala de reunião, mais depressa do que se esperaria para uma pessoa do seu tamanho, e desabou com força sobre o quadril.

Que quebrou, é claro. Quem não havia imaginado que o impacto surtiria esse efeito ouviu o estalo abominável. Acho que nunca vou esquecer aquele som. Para mim, eliminou até o mais ínfimo desejo que eu pudesse ter de testar o aparelho. Como já disse, não tenho talento para correr riscos.

Houve um pandemônio. Todos se juntaram em volta dele. Em meio às exclamações de apreensão e gritos de "Chamem uma ambulância!", a prancha continuou girando, e os Beach Boys, cantando.

— Austrália, hein? — disse Neville, enquanto Dennis era levado de maca para o elevador. — Apresentação inesquecível. Com certeza temos interesse. Quando você sair do hospital, conversaremos mais sobre o terreno.

— Mike vai mandar uma cópia do relatório sobre a localização, não é, Mike? — falou Dennis entre os dentes, com o rosto pálido de dor.

— É claro. — Tentei parecer tão confiante quanto ele.

Ao ser colocado na ambulância, Dennis fez sinal para que eu me aproximasse.

— Sei o que está pensando — gemeu. — Você vai ter que preparar esse relatório.

— Mas agora… o casamento…

— Acerto isto com Vanessa. É melhor mesmo você não atrapalhar o planejamento. Reserve uma passagem de avião para hoje à tarde. E, pelo amor de Deus, Mike, volte com um projeto que faça esse local funcionar.

— Mas nós nem…

— Vou postergando com eles pelo tempo que for necessário para você preparar tudo. Mas este é o maior projeto que já fizemos. Vamos ver se eu estava certo ao promovê-lo, quero saber se você consegue ganhar este contrato.

Não passou pela cabeça dele que eu poderia recusar. Que poderia colocar minha vida pessoal acima das necessidades da empresa. Mas, por outro lado, era provável que ele tivesse razão. Sou do tipo que veste a camisa da empresa. Funcionário de confiança. Então reservei lugar num voo para aquela mesma tarde. A classe executiva num dos aviões asiáticos era mais barata do que a econômica nas minhas duas escolhas iniciais.

QUATRO

Greg

Que hora do dia é considerada razoável para começar a beber cerveja? De acordo com meu velho, é qualquer hora depois do meio-dia. Ele virava garrafas como minha mãe virava xícaras de chá, e abria uma a cada duas horas, mais ou menos, quando fazia uma pausa na construção da casa em que estivesse trabalhando.

Ele era um cara grande, e ninguém desconfiava que bebia tanto. Mamãe achava que era por ele estar sempre bêbado: alegre à tarde, efervescente na hora do chá e um pouco grogue de manhã, por causa da noite anterior. Nunca tivemos a infelicidade de lidar com ele completamente sóbrio.

Acho que a hora certa é por volta das duas da tarde, a menos que eu esteja trabalhando, porque, nesse caso, é qualquer horário em que eu volte com o *Doce Suzanne*. Ninguém nunca vai me ver embriagado no leme. Sejam quais forem meus defeitos, eu jamais colocaria meu barco nem meus passageiros em perigo. Mas uma cerveja gelada no bar da Kathleen, com o sol alto no céu e batatas fritas na mesa, para mim já basta. Não vejo como alguém pode não concordar. A não ser minha ex.

Para Suzanne, nunca é uma boa hora para tomar cerveja.

Ela dizia que eu, quando bêbado, era cruel, ruim, e que bebia com muita frequência para compensar isso. Falava que era por esse motivo que não suportava mais olhar para a minha cara. Que era por isso que eu estava ficando fora de forma. Dizia que era por essa razão que não tínhamos filhos, embora se recusasse categoricamente quando eu sugeria que fôssemos ao médico ver se ele podia resolver o problema. E eu disse a ela — posso não ser um anjo e sou o primeiro a admitir que não sou o sujeito mais fácil do mundo para ser o marido de alguém — que não havia muitos

homens da Austrália dispostos a deixar que alguém, ainda mais outro cara, mexesse no equipamento deles.

Mas isso era por causa da minha grande vontade de ter filhos. E foi por esse motivo que, quando saí do escritório da minha advogada, às onze e vinte e cinco da manhã — é incrível como a gente não perde a noção do tempo quando está pagando por hora, e com honorários de fim de semana —, resolvi que, até onde eu sabia, esse era o horário perfeito para abrir uma cerveja gelada, apesar de estar frio o bastante para usar suéter e ventando tanto a ponto de não dar para se sentar do lado de fora sem ficar roxo.

Acho que aquela cerveja, mais do que qualquer outra coisa, foi como mostrar o dedo médio para minha ex. Para ela, o desgraçado do professor de ginástica, a metade de tudo que pegou de mim e suas exigências estúpidas. Porque, para ser sincero, o gosto não estava bom. Eu ia beber no pub, mas, sei lá, quando pensei nisso, achei que sentar sozinho num bar às onze e vinte e cinco da manhã era meio… triste. Mesmo num sábado.

Por isso, me sentei na minha caminhonete, tomando a cerveja um pouco mais devagar do que poderia, esperando o momento que parasse de parecer um esforço e começasse a facilitar a passagem das horas para mim. Eu não tinha clientes nesse dia. Fui obrigado a admitir que minha clientela havia diminuído muito desde que pichei o barco. Liza me ajudou a pintar o casco no fim de semana, e disse em tom meio brusco que, se eu ficasse de boca calada, todo mundo esqueceria o ocorrido em uma ou duas semanas. E foi o que eu fiz, porque teria que trabalhar feito um desgraçado para pagar o tal acordo que minha ex estava pedindo.

"Um rompimento completo", era assim que diziam, para começar uma vida nova. A mesma expressão que os médicos usavam ao se referir a membros quebrados. E era assim que eu me sentia, posso garantir. Doía tanto que, quando eu pensava demais no assunto, minha sensação era de estar fisicamente doente.

Mas fiquei no estacionamento, sentado na caminhonete, pensando nas turistas que eu tinha visto cambaleando de salto alto pelo Cais das Baleias, agarradas a suas câmeras e a seus CDs de cantos de baleia, e olhando

desconfiado para o *Suzanne*, como se o barco fosse pular da água e revelar mais alguma blasfêmia.

Se eu não tivesse outros planos naquele dia, teria saído sozinho no barco. Mesmo depois de uma cerveja. Eu havia descoberto que, às vezes, só ficar sentado na baía, olhando para os golfinhos, já me fazia sentir melhor. Eles colocavam a cabeça para fora da água com aquele sorriso idiota, como se brincassem com a gente, e às vezes era impossível não rir, mesmo nos dias em que nos dava vontade de cortar os pulsos. Acho que todos nós, que trabalhávamos nos barcos, éramos um pouco assim. Sabíamos que era a melhor parte: só nós e aquelas criaturas, no silêncio do mar.

"Pelo menos vocês não tiveram filhos", comentara a advogada, ao verificar a conta conjunta. Ela não fazia ideia do que tinha dito.

Eu já havia terminado a segunda cerveja quando o vi. Amassara a lata na mão e estava prestes a jogar a dita cuja no piso do banco do carona quando saquei o sujeito. Era impossível não ver. Estava lá parado, com seu terno azul-marinho de homem de negócios, ladeado por duas malas enormes que combinavam, olhando para a avenida principal. Encarei o cara até que ele me notasse, e aí enfiei a cabeça para fora da janela.

— Tudo bem aí, parceiro?

Ele hesitou, pegou as malas e se aproximou. Os sapatos pretos tinham sido exaustivamente engraxados e polidos. Não era o tipo de cara com quem eu, em geral, puxasse papo, mas parecia arrasado de tanto cansaço, e acho que fiquei com pena. Tipo assim, de um arrasado para outro.

Quando chegou à minha janela, ele largou as malas e tirou do bolso um pedaço de papel.

— Acho que meu táxi me deixou no lugar errado. Sabe me dizer se tem um hotel aqui perto?

Um inglesinho. Eu devia ter sacado. Semicerrei os olhos para ele.

— Há alguns, parceiro. Qual parte de Silver Bay você está procurando?

Ele voltou a olhar para o papel.

— Aqui só diz o… hum… Hotel Baía da Esperança.

— O de Kathleen? Não é bem um hotel. Não mais.

— É muito longe para ir a pé?

Acho que a curiosidade me venceu. Não é comum ver um sujeito todo arrumadinho nas bandas de cá.

— Fica logo ali. Entre. Tenho mesmo umas coisas para resolver por lá. Pode colocar suas malas aqui atrás.

Vi a dúvida passar pelo rosto dele, como se uma oferta de carona fosse motivo de suspeita. Ou talvez o homem não quisesse que suas malas chiques encostassem no meu equipamento cheio de algas lá atrás. Isso me deixou um pouco chateado, e quase mudei de ideia. Mas ele deu a volta, arrastando as malas até a traseira, e suspendeu a bagagem pela lateral. Depois abriu a porta e entrou, atrapalhando-se quando os pés encostaram na pilha de latas vazias.

— Cuidado com os sapatos — aconselhei, enquanto arrancava com o carro. — A cerveja deve ter acabado faz tempo, mas não tenho como garantir.

Como nome, Silver Bay engana um pouco. Na verdade, não se trata de uma baía, e sim de duas, separadas pelo Cais das Baleias, que se projeta da ponta de terra que divide as duas partes. De cima, eu costumava dizer, o mar parece uma gigantesca bunda azul. (Suzanne certamente arquearia as sobrancelhas se ouvisse isto, mas, fala sério, ela arqueava as sobrancelhas para quase tudo que eu dizia.)

O hotel de Kathleen ficava numa das baías, a mais distante, bem no fim, perto do pontal que levava para o mar aberto. Na verdade, tudo que restava por lá eram a antiga casa dos Bullen, o museu e as dunas de areia. Do outro lado do Cais das Baleias ficavam o MacIver Bar e Restaurante de Frutos do Mar, o mercado de peixes e, no local mais distante de Kathleen, a área em expansão da cidade.

O homem me disse que se chamava Mike, mas esqueci seu sobrenome. Não falou muito mais que isso. Perguntei se tinha vindo a negócios, e ele respondeu:

— Lazer, principalmente.

Lembro-me de ter pensado: que tipo de cara se veste desse jeito nas férias? Disse que tinha desembarcado do avião de manhã e que devia ter um carro de aluguel esperando por ele, mas a empresa tinha feito tudo

errado e avisado que entregaria um carro no dia seguinte, vindo de Newcastle.

— Voo longo… — comentei.

Ele assentiu.

— Já esteve aqui?

— Em Sydney. Uma vez. Não fiquei muito tempo.

Calculei que ele tinha uns trinta e poucos anos. Para quem não estava trabalhando, olhava muito para o relógio. Perguntei como é que havia feito reserva no hotel de Kathleen.

— Não é o mais movimentado — comentei, dando uma olhadela em seu terno caro. — Eu achava que alguém como você ia querer ficar num lugar… sabe como é… mais chique.

Ele olhou fixo para a frente, como se estivesse pensando numa resposta.

— Fiquei sabendo que esta era uma região bonita — disse. — Foi o único hotel que encontrei.

— Você tinha que ficar no Blue Shoals, lá naquele trecho da orla. Aquele lugar é muito bom. Quarto com banheiro, piscina olímpica, todas essas coisas. De segunda a quinta tem um bufê livre muito bom, com preço fixo. Quinze dólares por pessoa, acho. Às sextas, o preço sobe um pouco. — Dei uma guinada para desviar de um cachorro que atravessou a rua trotando. — E tem o Admiral, na Baía de Nelson. Televisão por satélite em todos os quartos, com canais que prestam, nada daquelas porcarias. Você consegue descolar um bom preço nesta época do ano. Por acaso, estou sabendo que não tem quase ninguém lá.

— Obrigado — disse ele, por fim. — Se eu decidir me mudar, essa informação pode ser útil.

Depois disso, não havia muito mais para falarmos um ao outro. Dirigi meio irritado com o fato de o cara não ter se esforçado. Eu tinha oferecido carona, levado o sujeito até onde ele queria — uma corrida de táxi custaria uns dez paus, pelo menos —, dado as dicas sobre a região, e ele nem se esforçava para conversar comigo.

Eu estava pensando em dizer alguma coisa — acho que a cerveja tinha me deixado meio irritadiço — quando me dei conta de que ele havia dormido. Estava apagadão. Nem mesmo um executivo de terno bacana tem

cara de vencedor enquanto baba no próprio ombro. Por algum motivo, aquilo me fez sentir melhor e percebi que fui assobiando durante o resto do caminho pela avenida costeira até o Baía da Esperança.

* * *

Kathleen tinha arrumado uma mesa muito bonita. Notei a toalha e os balões muito antes de enxergar qualquer outra coisa, o adamascado branco inflando ao vento forte, os balões subindo e descendo, tentando se soltar e ir para o céu.

A faixa decorativa feita em casa dizia "Feliz Aniversário, Hannah". Abaixo dela, a aniversariante e um bando de amigas davam gritinhos diante de um cara com uma cobra enrolada no braço.

Por um minuto, esqueci o visitante na minha caminhonete. Saltei e segui a pé pela entrada de carros, e me lembrei, com um sobressalto, que a festa havia começado fazia uma hora.

— Greg. — Kathleen tinha um jeito de olhar a pessoa de cima a baixo que dizia que ela sabia de onde você tinha vindo. — Que bom que conseguiu chegar.

— Quem é aquele? — perguntei, indicando com a cabeça o cara da cobra.

— O Professor dos Bichos, acho que é assim que ele se chama. Tem todo bicho rastejante ou repulsivo que você consiga imaginar. Baratas gigantes, cobras, tarântulas… Ele deixa as crianças segurarem, se divertirem, esse tipo de coisa. Foi o que Hannah pediu — acrescentou, estremecendo. — Não consigo pensar em nada mais nojento.

— No meu tempo, a gente esmagava esses bichos com o pé — concordei —, usando aquelas botas Blundstone.

Havia oito crianças e alguns adultos, principalmente outros tripulantes. Isso não me surpreendeu. Hannah era uma garota engraçada, madura para a idade dela, e todo mundo estava acostumado a tê-la por perto. Ela vivia atrás de nós desde pequena.

Era bom vê-la com algumas crianças da mesma idade. Com exceção daquela menina, Lara, eu quase nunca a via com a garotada. Metade do

tempo, a gente chegava a esquecer como era nova. Liza dizia que ela era assim mesmo, um pouco solitária. Às vezes eu me perguntava se estava falando de Hannah ou de si própria.

Kathleen me entregou uma xícara de chá e a peguei, torcendo para que ela não sentisse o cheiro de cerveja no meu hálito. Por algum motivo, isso não parecia certo numa festa infantil. E eu gostava muito daquela menina.

— Seu barco está mais bonitinho agora. — Kathleen riu.

— Acho que você sabe que Liza me ajudou a repintar o nome.

— Esse seu gênio ainda vai te arranjar problema — disse ela, e estalou a língua. — Você já está com idade para ter mais juízo, eu diria.

— Está me dando bronca, Kathleen?

— Se reparou, então, não está tão bêbado assim.

— Bebi uma — protestei. — Só uma. Tudo bem, talvez duas.

Ela deu uma olhada no relógio:

— E passa pouco do meio-dia. Bom, meus parabéns.

Uma coisa a gente tem que reconhecer na Dama dos Tubarões: ela diz o que pensa. Sempre disse e sempre dirá. Não é como Liza, que olha para a gente como se houvesse uma conversa completamente diferente acontecendo na sua cabeça e, quando a gente pergunta no que ela está pensando (como faria uma mulher, porque é a isso que ela nos reduz!), dá de ombros, como se nada estivesse acontecendo.

— Oi, Greg.

Hannah passou correndo, toda risonha. Eu me lembro dessa sensação, de quando você é criança, é seu aniversário e, durante um dia inteiro, todos o fazem se sentir a pessoa mais especial do mundo. Ela parou só a tempo de reparar no embrulhinho embaixo do meu braço. Essa menina é um anjo, mas não é boba.

— Ah, isto aqui é para sua tia Kathleen — expliquei.

Parou bem na minha frente, com um olhar maroto.

— Então por que está com papel de presente de criança? — perguntou.

— Está?

— É para mim — arriscou ela.

— Você está dizendo que tia Kathleen é velha demais para um papel como este? — Fiz cara de inocente.

Isso também nunca havia funcionado com Suzanne. Hannah olhou para o embrulho, tentando adivinhar o que seria. Não é do tipo de criança que pega e sai correndo. É cautelosa, pensa antes de agir. Não aguentei fazê-la esperar mais e lhe entreguei o pacote. Preciso admitir que eu mesmo estava muito ansioso.

Ela rasgou o papel, cercada de amigas. Notei que todas estavam crescendo, perdendo as perninhas finas e as bochechas gorduchas. Em duas garotas era possível visualizar as mulheres que se tornariam. Tive que lutar contra minha tristeza ao pensar que algumas terminariam como Suzanne. Insatisfeitas, resmungonas… infiéis.

— É uma chave — disse Hannah, intrigada, levantando-a. — Não entendi.

— Uma chave? — repeti, parecendo confuso. — Tem certeza?

— Greg…

— Tem certeza de que não reconhece?

Ela fez que não com a cabeça.

— É a chave do meu galpão.

Ela franziu a testa, ainda sem entender.

— O que fica perto do cais. Droga, devo ter deixado seu presente lá. Será que você e suas amigas não querem correr até lá para ver?

Elas se mandaram antes que eu pudesse dizer mais uma palavra, os pés levantando areia, só dando para ver os tênis e ouvir os gritinhos. Kathleen me olhou com ar intrigado, mas não falei nada. Às vezes a gente só quer curtir o momento, e, nos últimos tempos, eu tinha pouquíssimos para curtir.

Minutos depois, elas voltaram correndo pela trilha.

— É o barco? É o barquinho?

Hannah estava com o rosto vermelho e o cabelo bagunçado. Fiquei sem fôlego. Ela era muito parecida com a mãe.

— Você viu o nome? — perguntei.

— *Glória de Hannah* — disse ela à tia, arfando. — É um bote azul e se chama *Glória de Hannah*. É mesmo para mim?

— Claro que sim, princesa — respondi.

Aquele sorriso salvou minha manhã. Ela jogou os bracinhos em volta de mim e retribuí o abraço no mesmo instante, sem conseguir parar de sorrir.

— Podemos sair com ele? Posso sair com ele, tia K?

— Agora não, meu bem. Você tem que cortar o bolo. Mas tenho certeza de que pode se sentar dentro dele no galpão.

Ouvi a conversa animada dela durante todo o trajeto pela trilha.

— Um barco? — Kathleen se virou para mim, arqueando uma sobrancelha, quando Hannah já não conseguia mais ouvir. — Você falou com Liza sobre isso?

— Ahn… ainda não. — As meninas estavam voltando aos pulos para o galpão. — Mas acho que logo mais vou ter uma chance.

Ela vinha na minha direção, segurando um prato com o bolo de aniversário e com a cadelinha nos calcanhares. Era linda. Como sempre, passou a impressão de que queria ir para outro lugar, mas, no último minuto, resolveu dar uma parada por perto, como se fizesse um favor, sabe.

— Oi. Eu estava pendurando a barbatana na parede do quarto dela, acima da cama, porque é o que ela quer — disse, me cumprimentando com um aceno de cabeça. — O cheiro é um horror. Ela tem quatro livros sobre golfinhos, dois sobre baleias e um vídeo. Desse jeito, vai abrir o próprio museu. Nunca vi um quarto tão cheio de tralhas sobre golfinhos. — Empertigou-se. — Para onde as crianças foram?

— É bom você conversar com Greg sobre isso — disse Kathleen.

E saiu, com uma das mãos erguida, como se não quisesse estar por perto para o que estava por vir.

— Elas foram… hum… olhar o presente que eu dei.

Liza colocou o prato na mesa.

— Ah, é? O que você deu?

Começou a tirar o papel-filme que cobria os sanduíches.

— O velho Carter estava vendendo. É um barquinho a remo. Lixei e passei uma camada de tinta. Está em perfeitas condições.

Liza levou um minuto para assimilar o que eu tinha dito. Fitou a mesa por um instante, depois olhou para mim.

— Você deu a ela o quê?

— Um barquinho. Só para ela. Acho que, depois de algumas aulas, ela pode sair para ver os golfinhos com as amigas. — Fiquei um pouco nervoso com a expressão dela, por isso acrescentei: — Um dia ela teria que ter um.

Liza levou as mãos à boca, como se estivesse rezando. Não pareceu muito agradecida.

— Greg?

— Hã?

— Você ficou maluco, foi?

— O quê?

— Comprou um barco para minha filha? Minha filha, que não tem permissão para entrar no mar? Que merda você achou que estava fazendo? — A voz dela fervia.

Encarei-a, sem conseguir acreditar que pudesse ficar tão zangada.

— Era um presente de aniversário para a menina.

— Não cabe a você dar presentes de aniversário para minha filha.

— Ela mora no mar. Todas as amigas têm barquinhos. Por que ela não pode ter um?

— Porque eu disse que não pode.

— Por quê? Que mal pode fazer? Ela tem que aprender, não é?

— Vai aprender quando eu estiver pronta para que aprenda.

— Ela tem onze anos! Por que está com tanta raiva? Que diabo é isso? — Como não respondeu, apontei para Hannah, que estava parada à porta do galpão. — Olhe lá para ela: está toda contente. Eu a ouvi dizer às amiguinhas que foi o melhor presente de aniversário que já ganhou na vida.

Liza não queria ouvir, apenas ficou diante de mim, aos berros:

— Pois é! E agora tenho que ser a bruxa malvada que vai dizer que ela não pode aceitar! Obrigadão, Greg.

— Pois então, não diga. Deixe a menina ficar com o barco. Nós vamos ficar de olho nela.

— Nós?

Foi nessa hora que Mike apareceu. Eu tinha esquecido que ele estava dormindo na caminhonete já fazia algum tempo. Mas agora estava parado ali, meio sem jeito, com as malas na mão e o rosto ainda amarrotado de sono. Eu teria lhe dito com prazer para cair fora.

Não que Liza tenha notado. Ela continuava esbravejando:

— Você devia ter me perguntando antes de se meter a tentar comprar o amor de uma garotinha com a porcaria de um barco, que é a única coisa que venho dizendo a ela, nos últimos cinco anos, que não pode ter!

— É só um barquinho a remo. Está longe de ser a porra de uma lancha de corrida de duzentos cavalos.

Ela estava me deixando com raiva. Era como se me acusasse de tentar fazer mal à menina.

— Com licença… Será que posso…?

Liza ergueu a mão, ainda me encarando.

— Não se meta na minha vida, entendeu? Eu já te disse mil vezes que não quero ter nada com você, e ficar puxando o saco da minha filha não vai mudar isso.

Ficamos calados enquanto as palavras se assentavam à nossa volta. Caramba, ela sabia que aquilo ia doer.

— Puxando o saco? — Mal consegui repetir as palavras. — Puxando o saco? Que droga de homem você acha que eu sou?

— Vá embora, Greg…

— Realmente sinto muito interromper, mas…

— Mamãe?

Hannah estava parada ao lado do inglês, e seu sorriso de aniversário tinha sumido de vez. Olhou de mim para a mãe e de novo para mim.

— Por que você está gritando com Greg? — perguntou em voz baixa, com cuidado, os olhos arregalados, como se a houvéssemos assustado.

Liza respirou fundo.

— Eu… Hum… Será que alguém pode me informar onde fica a recepção? — perguntou Mike.

Parecia querer estar ali ainda menos do que eu.

De repente, Liza reparou no nosso convidado extra. Virou-se para ele, com o rosto ainda vermelho de raiva, e respondeu:

— Recepção? Você tem que falar com Kathleen. Ali. Aquela senhora de blusa azul.

Ele tentou sorrir, fez algum comentário sobre o sotaque inglês e, depois de uma breve pausa, desapareceu.

Hannah continuou parada ao meu lado. Sua vozinha triste, quando saiu, me deu vontade de dar um tapa na mãe dela.

— Acho que isso quer dizer que não posso ficar com o barco.

Quando Liza se virou para mim, a força plena de todos os maus pensamentos que ela já tivera me atingiu em cheio. Não foi agradável.

— Depois conversamos sobre isto, meu amor — disse ela à filha.

— Liza — falei, procurando manter um tom agradável, pelo bem da menina —, nunca foi minha intenção…

— Não me interessa — cortou ela. — Hannah, diga às suas amigas que está na hora do bolo.

Como Hannah não se mexeu, ela balançou um braço e repetiu:

— Vá logo. E vou ver se conseguimos acender umas velas. Não vai ser fácil, com este vento.

Coloquei a mão no ombro de Hannah.

— Seu barco vai ficar à sua espera no galpão, quando você estiver pronta — falei, ouvindo o tom desafiador na minha voz.

E então me afastei, tenso, resmungando entre os dentes palavras das quais não me orgulho.

Yoshi me encontrou na caminhonete.

— Não vá embora, Greg — pediu. — Você sabe como ela fica nervosa com certas coisas. Não estrague o dia da Hannah.

Ela segurava uma sacolinha de presente. Tinha saído correndo da cozinha para me deter.

Tive vontade de dizer que não era eu quem estava estragando tudo. Não era eu quem estava decidido a impedir que minha filhinha fizesse o que ela mais queria no mundo. Não era eu que agia como se a infância da menina fosse normal, mas nunca citava outra pessoa da família além de Kathleen. Não era eu que, três ou quatro vezes por ano, ficava mais agarrada em mim que brotoeja, e no dia seguinte agia como se eu fosse

uma sujeira que ela precisasse desgrudar da sola do sapato. Sei quando sou culpado, mas também sei que, às vezes, a culpa não é minha.

— Diga a ela que preciso sair com o barco — retruquei, num tom mais amargo do que pretendia.

Depois me senti mal. Afinal, aquilo não tinha nada a ver com Yoshi.

Mas eu não ia para o mar. Ia direto para o bar mais próximo beber até alguém ter a gentileza de me dizer que o dia seguinte tinha chegado.

CINCO

Kathleen

Hoje em dia é difícil acreditar, considerando o tamanho do nosso país, mas houve época em que a pesca de baleias era uma das principais atividades industriais da Austrália. Desde o século XIX, navios baleeiros chegavam da Grã-Bretanha, deixavam alguns prisioneiros, eram carregados com algumas das nossas baleias e depois as vendiam para nós mesmos nos nossos portos. Um comércio e tanto, como dizia Nino. No fim, os australianos ficaram espertos e trataram de pescar as próprias baleias. Afinal, podiam ser usadas para quase tudo: o óleo, para fazer combustível de lampiões, velas e sabão; as barbatanas, para fazer espartilhos, móveis, guarda-chuvas e chicotes. Acho que havia uma procura muito maior por chicotes na época. Os baleeiros, naquele tempo, caçavam principalmente a baleia-franca-austral. Chamavam-na de "franca" por ser muito fácil de capturar. Essa pobre criatura era talvez a coisa mais lenta do hemisfério sul e, depois de morta, boiava, portanto tinha como ser rebocada para a terra. Acho que ela só poderia ter facilitado mais as coisas para aqueles caçadores se fisgasse a si mesma e nadasse até uma fábrica de beneficiamento.

Agora elas são protegidas… O que restou delas, é claro. Mas me lembro, quando menina, de ter visto uma sendo rebocada até a baía por dois barquinhos. Já nesse dia aquilo me pareceu errado, quando vi a barriga enorme e inchada do animal ser içada sem qualquer elegância na praia, aquele olho vazio fitando terrivelmente o céu, como se perdesse a esperança diante da desumanidade dos homens. Eu pescava praticamente qualquer coisa — desde pequena, gabava-se meu pai, eu sabia fisgar, puxar e estripar com uma eficiência que poderia ser considerada insensível —, mas ver aquela baleia-franca me fez chorar.

Aqui na costa leste não houve o desvario de caça às baleias de que ouvimos falar no oeste. Aqui, menos baleias foram pescadas antes do fim da guerra… a não ser no nosso canto. Talvez pelo fato de as baleias chegarem tão perto a ponto de ser possível avistá-las da terra firme, esta baía se tornou uma base para navios-baleeiros. (Nossas tripulações de observadores de baleias herdaram deles o apelido de baleeiros.) Quando eu era criança, os pescadores usavam barcos pequenos para irem matá-las. Parecia uma luta justa, que mantinha baixo o número de animais caçados. Mas, depois, os homens ficaram gananciosos.

Entre 1950 e 1962, cerca de doze mil e quinhentas jubartes foram mortas e industrializadas em estações como a da ilha Norfolk e a da ilha Moreton. O óleo e a carne enriqueciam as pessoas, e os caçadores passaram a usar armas cada vez mais sofisticadas para aumentar o volume pescado. Os navios ficaram maiores e mais velozes, e o arrastão virou uma colheita abundante e macabra. Quando a caça às jubartes foi proibida nas águas australianas, os navios usavam sonares, armas de fogo e arpões disparados por canhões. Eram armas de guerra, dizia meu pai, enojado.

E, é claro, mataram demais. Varreram aqueles mares até não restar praticamente nenhuma jubarte e, durante o processo, levaram a si mesmos à falência. Uma a uma, as empresas de caça à baleia foram fechando e as fábricas de beneficiamento pararam de funcionar, ou viraram indústrias de pescado e frutos do mar. Aos poucos, a região foi voltando à sua modesta solidão, e a maioria de nós ficou aliviada. Meu pai, que havia amado o romantismo dos primórdios da caça às baleias, na época em que isso significava homem *versus* baleia, e não baleia *versus* granadas carregadas de pentrita, comprou a fábrica de beneficiamento de baleias de Silver Bay e a transformou no museu. Hoje em dia, os cientistas calculam que talvez haja menos de duas mil jubartes passando por aqui durante sua migração anual, e há quem diga que o número nunca mais será recuperado.

Conto ocasionalmente esta história aos tripulantes dos barcos quando falam em arranjar uma frota maior ou aumentar o número de passageiros, pois a observação de baleias é considerada a atração turística do futuro, a maneira de rejuvenescer Silver Bay.

Há nisso uma lição para todos nós. Mas duvido muito que tenha alguém escutando.

* * *

— Boa tarde.

— Tarde?

Michael Dormer parou junto à porta, exibindo a expressão aturdida de alguém cujo relógio biológico insistia em que ele estava no hemisfério errado.

— Bati lá mais cedo e deixei uma xícara de café na porta do seu quarto, mas, quando a encontrei completamente fria, uma hora depois, imaginei que fosse melhor deixar você dormir.

Ele pareceu não entender sobre o que eu estava falando. Esperei um minuto e fiz sinal para que se sentasse à mesa da cozinha. Normalmente, não deixo as pessoas ficarem ali, mas eu havia acabado de arrumar a sala de jantar para aquela noite. Coloquei um prato e uma faca diante dele.

— Dizem que costuma demorar uma semana até que seja possível dormir uma noite inteira direito. Acordou muitas vezes? — perguntei.

Ele coçou a cabeça. Estava com a barba por fazer e usava camisa e calça informais, ainda assim mais chiques do que o que estávamos habituados a ver em Silver Bay, mas já um bom avanço em relação ao traje formal com que havia chegado.

— Só uma — ele sorriu, meio tristonho —, mas durou cerca de três horas.

Eu ri e servi um cafezinho para ele. Tinha uma cara boa, esse Sr. Michael Dormer, do tipo que sugeria um pouco de autoconhecimento, atributo que parecia faltar em vários hóspedes meus.

— Quer que eu prepare um café da manhã? Será um prazer.

— Às quinze para uma? — exclamou ele, consultando o relógio.

— Podemos chamar de almoço. Será um segredo nosso.

Eu ainda tinha um pouco de massa para panqueca na geladeira. Podia servi-las com mirtilos, acompanhadas de bacon com ovos.

Mike passou um tempo olhando para o café, abafando um bocejo. Eu não disse nada, mas empurrei o jornal até ele, reconhecendo que sua desorientação diminuiria após alguns goles de cafeína. Trabalhei em silêncio, com metade da atenção no rádio e calculando vagamente a quantidade de comida que precisaria preparar para o jantar daquela noite. Hannah iria para a casa de uma amiga depois da escola, e Liza não comia o suficiente nem para alimentar uma mosca, portanto eu só precisava me preocupar com os hóspedes.

As panquecas ficaram prontas. O Sr. Dormer se animou um pouco quando coloquei um prato à sua frente.

— Uau! — disse, olhando para a pilha. — Obrigado.

Eu poderia apostar que ele não costumava consumir muita comida caseira. Essas pessoas são sempre as mais agradecidas.

Mas ele comeu como a maioria dos homens, com entusiasmo e uma concentração exclusiva que não vejo com frequência nas mulheres. Minha mãe sempre disse que eu comia feito um homem, mas acho que não era um elogio. Enquanto ele mantinha a cabeça baixa, tive a oportunidade de observá-lo. Não recebemos muitos homens da idade dele sozinhos. Em geral, vêm com a esposa ou a namorada. Os solteiros preferem os resorts mais movimentados. Fico um pouco sem jeito ao admitir que o olhei como sempre olho para quem poderia ser adequado para Liza. Por mais que ela proteste, ainda não perdi a esperança de lhe arranjar um par. "As baleias não ficam juntas a vida inteira", zombava ela, "e, como você sempre diz, Kathleen, devemos aprender com as criaturas à nossa volta".

Liza tinha resposta para tudo. Na única vez que comentei que para Hannah seria bom ter uma figura paterna, ela me olhou com tanta angústia e censura que fiquei envergonhada no mesmo instante. Nunca mais toquei no assunto.

Mas isso não significava que eu não pudesse ter esperança.

— Estava uma delícia. De verdade.

— Foi um prazer, Sr. Dormer.

Ele sorriu e disse:

— Mike. Por favor.

Então ele não era tão formal quanto parecia.

Eu me sentei em frente a ele, me proporcionando um intervalo para o café, enquanto voltava a encher sua xícara.

— Já tem planos para hoje? — indaguei.

Eu ia apontar os folhetos no saguão de entrada, mas não tinha certeza de que ele fosse do tipo que gostava de passeios e excursões diurnas a plantações de chá.

Mike baixou o olhar para o café.

— Na verdade, pensei apenas em conhecer o local. O carro que aluguei deve chegar mais tarde, então não posso fazer muita coisa até lá.

— Ah, você poderá visitar vários lugares quando estiver de carro. Mas tem razão. O ônibus que vai para Port Stephens parte desta rua, mais adiante, mas, com exceção disso, você ficaria bem preso. Disse que está aqui em férias?

Ele enrubesceu um pouco, o que foi curioso.

— Mais ou menos — disse.

Deixei como estava. Consigo não ser insistente com quem não quer falar. Talvez ele tivesse suas razões para estar aqui: o término de um relacionamento, uma ambição pessoal, uma escolha a ser feita na solidão. Não suporto gente que fala sem parar, que fica fazendo perguntas. Mike Dormer pagara uma semana antecipadamente e me agradeceu com educação pelo café da manhã; apenas essas duas coisas já lhe davam direito a minha cortesia profissional.

— Eu… hum… vou deixá-la à vontade, então — disse ele, arrumando com cuidado o garfo e a faca no prato e se levantando da mesa. — Muito obrigado, Srta. Mostyn.

— Kathleen.

— Kathleen.

Fui tirar a louça da mesa sem pensar mais no assunto.

* * *

Eu tinha outros hóspedes com que me preocupar naquela semana, a saber, um casal de meia-idade que viera comemorar as bodas de prata. Eles teriam sido nossa primeira reserva por meio do novo anúncio na internet

se os *Mobys* já não estivessem com a lotação esgotada, o que obrigou Liza a levá-los para um passeio marítimo. Só isso já a deixaria de mau humor — ela fizera questão de dizer que não teria nenhuma participação nos negócios da internet —, mas o homem reclamava de tudo. O quarto não era grande o bastante, a mobília era ordinária, o banheiro cheirava a mofo. Durante as duas primeiras manhãs que passou aqui, ele acabou com a caixa de cereais, e, quando servi uma nova no dia seguinte, reclamou de não ter opções. Para completar, queixou-se de que Liza havia saído tarde para a observação de baleias, embora o casal houvesse chegado atrasado ao cais, porque o marido tinha feito questão de visitar o Museu dos Navios-baleeiros e me forçara a abri-lo só para isso. A visita estava incluída no preço, entende?

A esposa dele, uma mulher elegante e imaculadamente arrumada, de um jeito que me faz pensar no tempo e no esforço que as pessoas se dispõem a dedicar a essas coisas, seguia o marido, pedindo desculpas em voz baixa a todas as pessoas que ele ofendia ou irritava. A facilidade ofegante e conspiratória com que fazia isso sugeria que essa não era uma experiência nova para ela. A viagem tinha sido seu "presente" de aniversário, me contou a mulher em tom de desculpa, olhando de esguelha para onde o marido estava, a cabeça afundada entre os ombros. Eu me perguntei quantos anos as rugas profundas de sua testa teriam demorado para aparecer.

— Ele gostou muito mais desta viagem do que da do ano passado — contou ela, e coloquei a mão no seu braço em sinal de solidariedade.

— Ele é um grosseirão — disse Liza, ao chegar. — Se não fosse a mulher, eu não teria levado esse casal.

Nós nos entreolhamos e falei:

— Mas aposto que você a fez ganhar o dia.

— Na verdade, não. Não havia baleia nenhuma em lugar nenhum. Dei a eles mais uma hora, mas foi como se o mar estivesse vazio.

— Talvez as baleias soubessem.

— Mandei um aviso por sonar, dizendo para elas sumirem por hoje.

Às vezes vejo na Liza a mãe dela, minha irmã caçula. Ela aparece no jeito de Liza inclinar a cabeça quando está pensando, nos seus dedos finos

e fortes, no seu sorriso, quando olha para a filha. É nessas horas que sei que a presença da minha sobrinha aqui e de Hannah é uma bênção. Que há um prazer primitivo em ver a continuação de uma linhagem familiar, uma alegria que nós, os que não temos filhos, de outro modo não experimentaríamos. É aquele sobressalto de reconhecimento quando, de repente, você vê não apenas a mãe dela, como também seu tio-avô Evan, sua avó e, talvez, até você mesma. Sou grata por este conhecimento, nos últimos cinco anos. Estes vislumbres de uma fronte, de um cenho franzido ou de um riso familiares têm compensado um tantinho a perda da minha irmã.

Mas Liza tem outras características — a vigilância, a tristeza constante, a cicatriz de um tom branco desbotado onde a bochecha se encontra com a orelha esquerda — que são só dela.

* * *

Imagino que não devesse me causar grande surpresa o fato de Nino Gaines não ter aparecido por alguns dias, não depois de como eu o despachara na sua última visita. Mas sua demonstração inusitada de autossuficiência me afetou. Eu não chegaria a dizer que estava com saudade, mas não gostei da ideia de que ele pudesse estar sentado em Barra Creek pensando mal de mim. Mais do que qualquer pessoa, eu sabia que a vida era curta demais para ressentimentos.

Depois do almoço, cobri uma torta de limão com papel-manteiga, coloquei-a no banco do carona do carro e fui à casa dele. Fazia um dia lindo, de ar tão límpido que era possível ver as montanhas ao longe e identificar cada agulha de pinheiro que ladeava as ruas. O verão tinha sido especialmente seco e, ao dirigir para longe da costa, vi a terra avermelhada e os cavalos ossudos, sem grama para pastar: passavam o tempo abanando a cauda para afastar a infinidade de moscas. Ali o ar era diferente: o pólen e as partículas de poeira ficavam em suspensão, estáticos, numa atmosfera não filtrada e sombria. Não entendo como as pessoas podem morar no interior. Acho deprimente aquele tom marrom interminável, e o contorno extremamente sólido e imutável de morros e vales. A gente se acostuma

aos caprichos do mar… como aos de um cônjuge, suponho. Ao longo de alguns anos, talvez nem sempre gostemos deles, mas é o que conhecemos.

Nino estava entrando em casa quando parei o carro. Virou-se ao ouvir o som do motor, enxugando as mãos enormes na parte de trás das calças, e, ao perceber quem era, tocou com uma delas a aba do chapéu. Usava um colete acolchoado matelassê que posso jurar que já era seu desde a década de 1970, quando seus dois filhos nasceram.

Hesitei para sair do carro. Era raro nos desentendermos, e eu não sabia ao certo qual recepção que teria. Ficamos nos encarando, e me lembro de ter pensado em como éramos ridículos: dois esqueletos velhos e quebradiços se encarando feito adolescentes.

— Boa tarde — falei.

— Veio buscar sua encomenda? — perguntou Nino, mas o brilho nos seus olhos me fez relaxar.

Um brilho que, para ser sincera, eu não merecia.

— Trouxe uma torta — respondi, me virando para o carro para pegá-la.

— Espero que seja de limão.

— Por quê? Vai devolvê-la, se não for?

— Talvez.

— Eu não me lembrava de você ser exigente, Nino Gaines. Birrento, guloso e rude, sim. Exigente, não.

— Você está usando batom.

— E abusado também.

Ele sorriu para mim, e não consegui tirar o sorriso do rosto. Isto é o que não nos dizem sobre a velhice: não faz a gente parar de agir como uma jovem boba.

— Vamos entrar, Kathleen. Vou ver se convenço a segunda geração do Birrento, Guloso e Abusado a nos preparar uma xícara de chá. Você está muito bonita, aliás.

Na primeira vez que Nino Gaines me pediu em casamento, eu tinha dezenove anos. Na segunda, tinha dezenove anos e duas semanas. A terceira foi quarenta e dois anos depois. Não foi culpa de um lapso de memória ou de atenção por parte dele, mas porque, no meio-tempo, depois de desistir de mim, ele se casou com Jean. Conheceu-a dois meses depois

que o recusei pela segunda vez, quando ela desembarcou de um navio de noivas em Woolloomoolloo, por ter mudado de ideia sobre o soldado com quem ia se casar. Nino estava esperando um velho amigo no cais e teve seu olhar atraído pela cinturinha de pilão e as meias de náilon da moça. Como verdadeira força da natureza que era, ela o fisgou e ganhou uma aliança antes de se passarem dois meses. Muita gente achou que os dois formavam um casal estranho — brigavam feito cão e gato —, mas Nino a levou consigo para seu vinhedo recém-comprado em Barra Creek, onde ficaram juntos até ela morrer de câncer aos cinquenta e sete anos. Qualquer tolo era capaz de ver que, apesar de todas as brigas, era uma combinação que funcionava.

Não a censuro pela determinação que demonstrou. Nino Gaines, como era amplamente reconhecido na época, era um dos homens mais bonitos de Silver Bay, até de maiô feminino, que vestia todo ano, quando os militares organizavam um espetáculo para as crianças dali. Para mim, causou certo constrangimento que, da primeira vez, tivessem pedido emprestado logo o meu maiô. Nos anos da guerra, eu era uma garota alta e forte, de ombros largos, e não sou muito menor agora. Enquanto outras mulheres encolheram, encurvando as costas feito pontos de interrogação, com artrite nas articulações e osteoporose, eu continuo bem ereta e com membros fortes. Costumo dizer que isto vem do esforço de cuidar do velho hotel, com seus oito quartos e ajuda apenas esporádica. (Os barqueiros dizem que hoje a cartilagem de tubarão é famosa por suas qualidades conservantes. Essa é a piada que eles contam.)

Na primeira vez que coloquei os olhos nele, eu estava trabalhando no bar do hotel. Ele entrou com seu uniforme azul da aeronáutica, me avaliou a ponto de me fazer corar, viu o retrato do jornal emoldurado ao lado das prateleiras e perguntou:

— Você morde?

Não foram essas palavras que fizeram meu pai se empertigar, e sim a piscadela que veio em seguida. Eu era tão ingênua que aquilo tudo me passou despercebido, com a mesma velocidade dos aviões de guerra que se acumulavam no Pontal de Tomaree.

— Não — disse meu pai de trás do jornal em suas mãos, junto à caixa registradora. — Mas o pai dela morde.

— Nesse é melhor você ficar de olho — falou ele mais tarde à minha mãe. — Tem a língua afiada. — E, para mim: — Trate de ficar longe dele, está me ouvindo?

Naquele tempo, eu achava que a palavra do meu pai era como a escritura sagrada. Reduzi ao mínimo minhas conversas com Nino Gaines, tentava não enrubescer demais quando ele elogiava meus vestidos e continha o riso quando ele me contava piadas escondido do outro lado do balcão do bar. Procurava não notar que ele ia lá durante todas as noites que tinha de licença, embora fosse consenso geral que a melhor vida noturna ficava a uns bons vinte minutos de carro dali, subindo a estrada da orla. Minha irmã Norah tinha apenas quatro anos na ocasião (posso dizer que sua chegada fora de certa forma uma surpresa para meus pais) e costumava olhar para Nino como se ele fosse um deus, principalmente porque ele a enchia de chocolate e chiclete.

E então, Nino me pediu em casamento. Sabendo das opiniões severas do meu pai sobre os militares, tive que recusar. E às vezes acho que poderia ter ficado tudo bem se, na segunda vez que pediu, ele não o tivesse feito na frente do meu pai.

Quando Jean morreu, já se vão quase quinze anos, achei que Nino Gaines ia desmoronar e desaparecer. Já tinha visto isso acontecer com homens da sua idade: a roupa fica um pouco mais mal-ajambrada, eles se esquecem de fazer a barba, começam a viver de comida congelada. Parecem meio perdidos, como que à espera de que alguém intervenha e cuide deles. Era assim que aquela geração de homens tinha sido criada, entende? Não aprenderam a fazer nada sozinhos. Mas Frank e John John mantiveram o pai ocupado, certificaram-se de que ele não ficasse sozinho e criaram novos projetos com uma uva aqui, um novo vinho de corte ali. Frank continuou morando em casa com o pai, e a esposa de John John ia lá cozinhar duas vezes por semana. Sim, Nino Gaines se saiu melhor do que qualquer um de nós havia esperado. Após cerca de um ano, pouca coisa nele sugeria que tivesse sofrido tamanho golpe. E então, certa noite, saboreando um belo tinto de uvas merlot e shiraz, ele me confidenciou

que, duas semanas antes de morrer, Jean dissera que lhe daria uns bofetões celestiais se ele ficasse vagando sozinho pelos cantos depois que ela se fosse.

Houve uma longa pausa após Nino dizer isso. Quando ergui os olhos da minha taça, ele estava me encarando. Até hoje aquele silêncio me deixa exasperada quando penso muito nele.

— Ela tinha razão — retruquei, evitando seu olhar. — Seria uma tolice você ficar pelos cantos. Trate de sair e dar uma volta. Vá visitar uns amigos no norte. É o melhor para você.

Ele ainda disse outras coisas, mas sobre essas nós não voltamos a falar. Já fazia muitos anos que Nino aceitara a ideia de que ele e eu nunca seríamos mais do que bons amigos. Eu prezava muito a sua amizade — talvez mais do que ele imaginasse —, e era raro um de nós ser convidado para algum evento sem o outro. Estávamos acomodados numa intimidade brincalhona, uma dança verbal que executávamos em parte por ambos gostarmos de uma disputa, em parte por nenhum de nós saber de que outra maneira esconder o leve constrangimento que existia entre nós. Mas fazia alguns anos que ele não conversava comigo com nenhuma intimidade, o que nos convinha perfeitamente.

— Ontem Frank esteve no centro da cidade e esbarrou com Cherry Dawson — comentou Nino.

Eu estava observando seus jogos americanos, decorados com paisagens aquareladas de grandes marcos londrinos, que ele ainda colocava na mesa em todas as refeições, como Jean teria pedido. Dava para sentir a presença dela na casa inteira, mesmo passado tanto tempo desde sua morte. Ela dera preferência a móveis e acessórios pesados e cheios de ornamentos, que não combinavam com a personalidade de Nino. Para mim era uma surpresa que a casa não o deprimisse: parecia uma funerária. Não havia uma vez que eu visitasse aquela sala de estar, com o jogo estofado de três peças e os paninhos bordados no espaldar e nos braços, sem ter vontade de rasgar aquilo tudo e dar umas demãos de tinta branca por lá.

— Ela ainda trabalha no Conselho Municipal?

— Com certeza. Ela me contou que os Bullen venderam a antiga ostreira. Há um monte de mexericos misteriosos na câmara sobre o que

vão fazer por lá.

Bebi um gole de chá. Eu também detestava aquelas xícaras florais sofisticadas. Sempre quis dizer a ele que ficaria mais contente com uma caneca, mas, de algum modo, isso pareceria uma crítica à Jean.

— As terras também?

— Uma boa faixa da orla, incluindo a antiga incubadora. Mas é o banco de ostras que desperta minha curiosidade.

— O que eles podem fazer com uma faixa subaquática como aquela?

— Por isso estou curioso.

Antes de entrar na vinicultura, Nino pensou em fundar sua fazenda de ostras. Cogitou comprar a ostreira dos Bullen, numa fase em que eles andavam enfrentando as importações japonesas. Foi pedir orientação a meu pai, que zombou dele e disse que um homem que entendia tão pouco de mar quanto Nino Gaines devia deixar aquilo para lá. Acho que talvez papai tenha mudado um pouco de ideia quando os vinhedos de Nino ganharam um prêmio, e também quando seu faturamento chegou pela primeira vez a cifras de seis algarismos, mas meu pai não era o tipo de homem que admitisse essas coisas.

— Você ainda tem interesse nele?

— Não. É provável que seu velho tivesse razão.

Ele tomou o último gole de chá e consultou o relógio. Todo fim de tarde, Nino montava no seu quadriciclo e circulava pela propriedade, inspecionando o sistema de irrigação, verificando as vinhas à procura de parasitas e fungos, ainda tendo prazer em saber que era dono de todas as terras que sua vista alcançava.

— A baía não presta para muita coisa. Só poderia mesmo ser outra fazenda de ostras.

— Acho que não — discordou Nino, balançando a cabeça.

Tive a sensação de que ele sabia mais do que revelava.

— Bem — comentei, ao perceber que ele não ia esclarecer nada —, vão ter que manter aberto o canal de águas profundas, para os barcos entrarem e saírem, então não vejo como isso pode fazer muita diferença para as tripulações, seja qual for a decisão deles sobre a ostreira. Isso me lembra: já contei que Hannah viu uma baleia pela primeira vez?

— Liza finalmente a levou para um passeio, foi?

Fiz uma careta.

— Não, logo, trate de ficar calado. Ela saiu no *Moby I* com Yoshi e Lance. Estava tão feliz à noite que me surpreendi por Liza não ter desconfiado. Passei pela porta dela às dez e meia e ouvi a menina cantando ao som de uma fita de canto de baleias.

— Liza vai acabar tendo que relaxar um pouco — disse Nino. — Hannah está chegando aos anos difíceis. Se tentar mantê-la com a rédea muito curta, a menina vai puxar direto na direção oposta. — Então imitou os movimentos da linha no molinete. — Mas não preciso dizer isto a você.

Olhei para o relógio no console da lareira e me levantei. Nem tinha notado como estava tarde. Minha intenção tinha sido apenas levar uma torta para ele.

— Foi um prazer vê-la, Kate — disse Nino.

Quando eu estava prestes a sair, ele se inclinou para me dar um beijo na bochecha e segurei seu braço, o que poderia ser um sinal de afeto ou um modo de mantê-lo a distância.

Meu pai achava que ele era igual aos outros, entende? Jurava que só estavam atrás da minha fama e do hotel. Só agora fico intrigada com um homem que foi incapaz de deixar sua filha acreditar que ela era boa o bastante para ser amada por ser quem ela é.

Quando cheguei ao hotel, eles já estavam acomodados às mesas do lado de fora. Liza devia ter servido todos eles, e se sentaram no banco, com suas cervejas e sacos de batata frita. Yoshi e Lance jogavam cartas e todos se enroscavam em casacos e enfiavam gorros, agasalhados contra o frio vento meridional. Aparentemente, ninguém havia pensado em ligar os aquecedores.

— Chegou a entrega do açougue — anunciou Liza, erguendo uma das mãos. Estava conferindo o jornal local. — Eu não sabia direito o que você queria deixar de fora, por isso enfiei tudo na geladeira.

— É melhor que eu vá conferir se ele trouxe o pedido certo. Da última vez, mandou tudo errado — comentei. — Boa tarde, gente. Voltaram cedo.

— Só tinha um grupo de golfinhos, longe demais para a turistada achar grande coisa. Foi visitar seu bonitão, Srta. Mostyn?

Greg deu uma espiada na minha sobrinha ao falar, mas Liza o vinha ignorando deliberadamente. Imaginei que era provável que ainda não tivesse voltado a falar com ele e quase senti pena. Greg tivera boa intenção, mas às vezes ele mesmo era seu pior inimigo.

Ao chegar à porta, encontrei Mike Dormer no saguão, folheando o jornal que costumo deixar para os hóspedes. Ergueu os olhos quando entrei e balançou a cabeça.

— Recebeu o carro? — perguntei.

Já ia tirando o casaco, mas me dei conta de que acabaria voltando para o lado de fora.

— Sim. É um… — pegou a chave no bolso — Holden.

— Vai servir. Está se sentindo mais humano?

Ele ainda parecia cansado. A diferença de fuso horário, lembrei, costumava atingir a pessoa em cheio.

— Vou chegar lá. Andei pensando… Seria possível eu jantar aqui hoje?

— Jante agora mesmo, se quiser. Vou servir uma sopa lá fora para os barqueiros. Pegue seu casaco e venha.

Percebi sua hesitação. Não sei o que me levou a insistir. Talvez porque eu mesma de repente me senti cansada, sem suportar a ideia de preparar uma refeição completa para um único hóspede. Ou então eu quisesse que Liza visse um rosto masculino que não fosse o de Greg…

— Este é Mike — apresentei-o. — Hoje ele vai jantar com a gente.

Todos murmuraram um oi. O olhar de Greg foi um pouco mais avaliador que o dos outros, sua voz elevou-se um pouco mais depois que Mike se sentou, e suas piadas ficaram ainda mais pesadas.

Enquanto mexia a sopa, ouvi-o pela janela da cozinha e quase ri da sua transparência.

Levei a comida para fora em duas bandejas. (Não ofereço nenhuma opção aos barqueiros… ou passaria a noite inteira cozinhando para eles.) Cada homem estendeu a mão para pegar uma tigela e um pedaço de pão, praticamente sem erguer os olhos ao me agradecer. Mas Mike se levantou e saiu do banco.

— Deixe-me ajudá-la — ofereceu-se, pegando a segunda bandeja.

— Xi! — exclamou Lance, com um sorriso. — Logo se vê que você não é daqui.

— Muito obrigada, Sr. Dormer — falei, me sentando a seu lado.

— Mike. É muita bondade sua.

— Ei, não comece a dar ideias à Kathleen — disse Greg.

Liza ergueu a cabeça nesse instante, e reparei quando o olhou de relance.

Mike parecia constrangido com toda aquela atenção. Sentou-se, um pouco deslocado com sua camisa bem passada. Não devia ser mais novo do que Greg, mas, na comparação, curiosamente sua pele não tinha rugas. Passa o tempo todo enfurnado num escritório, pensei.

— Não está com frio, só de camisa? — perguntou Yoshi, inclinando-se para a frente. — Já é *quase agosto*.

— Para mim parece bem quente — disse Mike, olhando em volta, como se contemplasse a atmosfera.

— Você era assim quando chegou aqui, Liza — comentou Lance, apontando um dedo para ela.

— Agora ela usa casaco para pegar sol.

— Você é de onde? — perguntou Mike, mas Liza não pareceu ter escutado.

— O que *você* faz, Mike? — indaguei.

— Trabalho na área de finanças — veio a resposta.

— Finanças — repeti, um pouco mais alto, pois queria que Liza ouvisse.

Eu tivera a intuição de que não havia nada com que me preocupar.

— Um campeiro aprendiz chega cavalgando a um bar — disse Greg, elevando a voz. — Ao desmontar, ele contorna o cavalo, levanta o rabo do bicho e lhe dá um beijo na bunda.

— Greg — adverti.

— Quando ele vai entrando no bar, outro vaqueiro o para e diz: "Licença aí, parceiro, mas realmente vi você beijar a bunda daquele cavalo?"

— *Greg* — repeti, exasperada.

— “Viu, sim”, diz o campeiro. “Posso perguntar por quê?”, quer saber o outro. “Claro”, ele responde. “É que estou com o lábio todo rachado.”

Greg olhou em volta, para ter certeza de contar com a atenção de toda a mesa:

— “E com isso ele fica bom?”, pergunta o vaqueiro. “Não”, diz o outro, “mas assim eu não passo mais a língua”.

Deu um tapa na mesa, soltando uma gargalhada. Enquanto Hannah ria, levantei os olhos para o céu.

— Essa foi horrível — disse Yoshi. — E você já tinha contado, duas semanas atrás.

— E não foi mais engraçada naquela ocasião — completou Lance.

Notei que as pernas dos dois se entrelaçavam embaixo da mesa. Eles ainda achavam que ninguém sabia.

— Sabe o que é um campeiro, amigo? — perguntou Greg, debruçando-se na mesa.

— Posso imaginar. A sopa está uma delícia — disse Mike, virando-se para mim. — Foi a senhora mesma que a fez?

— É provável que ela a tenha pescado — afirmou Greg.

— O que está achando de Silver Bay? — perguntou Yoshi e sorriu, dirigindo-se a Mike. — Já foi a algum lugar hoje?

Ele pensou um pouco, enquanto terminava de mastigar um pedaço de pão.

— Não fui muito além da cozinha da Srta. Mostyn… da Kathleen. O que vi me pareceu muito… agradável. E então… Hum… Vocês todos trabalham em barcos de passeio?

— Baleeiros — disse Greg. — Nesta época do ano, saímos atrás de gordura ambulante. Do tipo não humano.

— Mas Greg não é de fazer muitas exigências.

— Vocês caçam baleias? — A colher de Mike ficou parada no ar. — Eu achava que isso era ilegal.

— Observação de baleias — corrigi. — Eles levam os turistas para vê-las. Entre agora e setembro, as jubartes estão seguindo para águas mais quentes, no norte, e passam não muito longe daqui. E depois na volta passam de novo, daqui a uns dois meses.

— Somos baleeiros modernos — comentou Lance.

Mike parecia surpreso.

— Detesto essa palavra — disse Yoshi, enfática. — Ela nos faz parecer… cruéis. Não perseguimos baleias. Nós as observamos de uma distância segura. Essa palavra passa a impressão errada.

— Se dependesse de você, Yoshi, todos seríamos "observadores marinhos licenciados de cetáceos sei lá do quê".

— *Megaptera novaeangliae*.

— Nunca pensei nisso — disse Lance. — É como sempre fomos chamados por aqui.

— Pensei que tivesse se hospedado aqui por esse motivo — comentei com Mike. — A maioria das pessoas só passa aqui para observar baleias.

Ele baixou os olhos para sua tigela.

— Bem… Com certeza, eu vou… Parece uma coisa legal de fazer.

— Mas tome cuidado se sair com Greg — avisou Yoshi, passando o pão pela borda de sua tigela. — Ele às vezes perde um ou outro passageiro. Sem querer, é claro.

— Aquela garota pulou. Maluca desgraçada — objetou Greg. — Tive que jogar uma boia salva-vidas pela amurada.

— Ah. Mas por que ela pulou? — perguntou Lance. — Ficou com medo de estar prestes a ser… hum… arpoada pelo Greg.

Yoshi riu. Greg olhou para Liza.

— Não é verdade.

— Então, como é que o vi pegando o telefone dela, mais tarde?

— Dei o meu número — disse Greg, devagar — porque ela disse que podia querer que eu levasse um grupo no barco, numa festa particular.

Todos na mesa caíram numa sonora gargalhada. Liza não levantou a cabeça.

— Aaaah! — exclamou Lance. — Uma festa particular. Como a que você ofereceu àquelas duas aeromoças em abril?

Mike estava olhando para minha sobrinha. Ela vinha falando pouco, o que era comum, mas seu silêncio lhe dava um destaque que era exatamente o oposto do que ela pretendia. Tentei enxergá-la pelos olhos dele: uma mulher ainda bonita, ao mesmo tempo mais velha e mais jovem

do que seus trinta e dois anos, com o cabelo puxado para trás como se tivesse parado de se importar com sua aparência fazia muito tempo.

— E você? — perguntou ele em voz baixa, inclinando-se para Liza do outro lado da mesa. — Também persegue baleias?

— Não persigo nada — respondeu ela, com uma expressão que nem eu consegui decifrar. — Vou para onde elas possam estar e mantenho distância. Acho que, no geral, este é o modo mais sensato de agir.

Quando os olhares dos dois se encontraram, me dei conta de que Greg estava observando. Seus olhos a seguiram quando Liza se levantou da mesa, dizendo que precisava buscar Hannah. Logo depois, ele se virou para Mike, e torci para que só eu tivesse reparado na frieza glacial do seu sorriso.

— É. Em geral, essa é a melhor forma de agir, quando se trata de Liza — disse Greg, com um sorriso largo e amistoso como o de um tubarão. — Manter distância.

SEIS

Mike

A baía se estende por uma área de seis quilômetros e meio entre o Pontal de Taree e a Ilha do Nariz Quebrado, e fica a uma pequena distância de carro de Port Stephens, uma grande cidade portuária conhecida pela oferta de atividades recreativas. As águas são cristalinas e protegidas, perfeitas para os esportes aquáticos e, nos meses mais quentes, para a natação. Não há muita coisa em matéria de sistema de marés, o que a torna segura para os banhos de mar, e existe uma indústria local de observação de cetáceos, que é próspera, mas de pequeno porte.

Silver Bay fica a três ou quatro horas de carro de Sydney, acessível em sua maior parte por uma grande rodovia. A orla marítima é composta por duas meias baías. Em uma delas, na parte mais ao norte, não houve qualquer desenvolvimento urbano, e a outra, que abriga a cidade de Silver Bay propriamente dita, fica a uma pequena distância de carro, ou talvez a dez minutos de caminhada. Esta sustenta algumas pequenas unidades hoteleiras e o comércio varejista, cujos negócios vêm principalmente dos residentes de Sydney e Newcastle. Há uma… Fiz uma pausa, olhando para a tela.

...uma operação já existente, pronta para uma reforma, e numerosas construções de baixo valor econômico. É bastante provável que seus proprietários considerem um acordo financeiro justo como vantajoso para eles próprios e para a economia local.

No que diz respeito à concorrência, não há hotéis locais de tamanho ou desenvolvimento relevantes. O único instalado na baía tem metade das suas dimensões originais, por ter sofrido um incêndio há várias décadas. É administrado como uma pousada. Não

há instalações recreativas, e seria improvável que significasse um problema em termos de concorrência, caso a proprietária não se dispusesse a vendê-lo.

Eu não poderia apresentar isto a ninguém, pensei. Era completamente desorganizado e incoerente. E, por maior que fosse a quantidade de dados que eu houvesse reunido na Secretaria de Planejamento e na Câmara de Comércio locais, eu continuava com a impressão de estar escrevendo sobre algo de que não tinha o menor conhecimento.

Quase assim que cheguei, descobri que aquele não era um local simples. Eu estava acostumado à metragem quadrada do centro financeiro londrino: apart-hotéis para executivos, demolição de quarteirões de prédios da década de 1970 à espera de novas cadeias de academias de ginástica, ou novas sedes empresariais de prestígio. Nesses casos, eu podia ir lá, dar uma olhada em volta sem ser notado, comparar o lucro do investimento em aluguéis com os preços dos imóveis, verificar a renda disponível dos vizinhos e ir embora no fim do dia.

Mas aquele lugar ali, como eu soubera desde que entrara na caminhonete de Greg, cheio de latas de cerveja, seria diferente.

Em Silver Bay, eu tinha grande consciência da minha visibilidade. Mesmo de camiseta e calça jeans, era como se a falta de sal no corpo deixasse minhas intenções transparecer. E, considerando o quanto a área era deserta, de algum modo parecia habitada demais, muito influenciada por sua população. Era uma nova experiência para mim, mas, por algum motivo, eu não conseguia enxergar com clareza.

Suspirei, abri um documento novo e comecei a digitar títulos: Geografia, Panorama Econômico, Indústria Local, Concorrência. Com certo ressentimento, pensei no meu novo carro esporte, que eu havia prometido a mim mesmo ao final dessa negociação, que estava me esperando, já pago e polido, no pátio da revendedora. Consultei o relógio. Fazia quase duas horas que eu estava ali sentado e havia conseguido escrever três parágrafos. Estava na hora de fazer mais um intervalo.

Kathleen Mostyn me oferecera o que tinha descrito como seu quarto "bom", recém-liberado por outros hóspedes, e me levara, na noite anterior, uma bandeja com uma máquina para que eu pudesse fazer chá e café. Ela não teria fornecido isso aos ocupantes anteriores, resmungou, porque eles "com certeza reclamariam que a água não fervia com a rapidez necessária". Era o tipo de mulher que, na Inglaterra, administraria uma escola ou, quem sabe, uma mansão imponente. O tipo que nos faz pensar que "a idade não a abaterá": alerta, ferrenhamente atarefada, com o brilho da inteligência intacto. Gostei dela. Acho que gosto de mulheres fortes. É mais fácil não ter que pensar por dois. Minha irmã teria outras teorias, sem dúvida.

Coloquei a água para ferver e fiquei à janela, preparando uma xícara. Apesar de não ser luxuoso, o quarto era curiosamente confortável e o oposto da maioria dos quartos de hotel de classe executiva em que eu me havia hospedado. Paredes pintadas de branco, uma cama de casal de madeira, lençóis brancos e uma colcha listrada de azul e branco. Havia uma velha poltrona de couro e um tapete persa que um dia devia ter sido valioso. Eu trabalhava numa pequena escrivaninha de pinho, usando uma cadeira da cozinha. Ao circular pelo Hotel Baía da Esperança, ficava com a sensação de que Kathleen Mostyn havia decidido, fazia muito tempo, que decorar os cômodos para os hóspedes exigia demais da imaginação e optara, em vez disso, por caiar tudo. "Fácil de limpar, fácil de repintar", eu a imaginava dizendo.

Logo percebi que eu era seu único hóspede de longa temporada. O hotel dava a impressão de ter sido muito elegante um dia, mas de ter decidido, já fazia tempo, pelo pragmatismo e depois concluído que, de qualquer maneira, não queria muitos hóspedes mesmo. A maioria dos móveis fora escolhida por sua natureza prática, e não por uma estética excepcional. Os quadros reduziam-se basicamente a antigas fotos em tom sépia, nas quais o hotel era retratado em sua antiga glória, ou a aquarelas de paisagens marinhas genéricas. Os consoles de lareira e as estantes, eu havia descoberto, quase sempre continham coleções inusitadas de seixos ou pedaços de madeira flutuante, um toque que talvez significasse pretensões

estilísticas em outros hotéis, mas que ali eram, mais provavelmente, apenas peças achadas naquele dia que precisavam de um lar.

Meu quarto dava diretamente para a baía, sem uma rua sequer entre a construção e a praia. Na noite anterior eu havia dormido de janela aberta, com o som das ondas me embalando em minha primeira noite decente de sono em meses, e tivera vaga consciência, ao amanhecer, das caminhonetes dos baleeiros, cujos pneus assobiavam na areia úmida, e dos pescadores que circulavam de um lado para outro no cascalho, a caminho do cais.

Quando comentei sobre a paisagem com Nessa, ela falou que eu era muito sortudo e contou que dissera poucas e boas para o pai por ter me mandado para longe.

— Você nem imagina a quantidade de coisas que tenho que organizar — disse em tom meio acusatório, como se minha presença em Londres pudesse ser de alguma utilidade.

— Sabe, poderíamos fazer isto de outra maneira — arrisquei, quando as reclamações acabaram. — Podíamos ir para algum lugar e nos casar numa praia.

O silêncio que se seguiu foi longo o bastante para eu me perguntar qual seria seu preço.

— Depois disso tudo? — veio sua voz incrédula. — Depois de todo o planejamento que fiz, você quer simplesmente pegar um avião para algum lugar? Desde quando começou a ter opiniões?

— Esqueça o que eu disse.

— Você tem ideia de como está sendo difícil? Estou me esforçando para fazer tudo isso, e metade da droga dos convidados sequer respondeu ao convite. É muita grosseria. Terei que ir atrás de todos eles, pessoalmente.

— Olhe, desculpe. Você sabe que não pedi para vir para cá. Estou trabalhando o máximo que posso nesta negociação e vou voltar logo.

Ela finalmente ficou mais mansa. Pareceu se animar quando lembrei que era inverno aqui. Além disso, sabe que não sou um grande fã de férias. Até hoje nunca consegui ficar deitado numa praia por nem uma semana.

Em poucos dias já estou explorando o lugar e examinando o jornal à procura de oportunidades de negócio.

— Amo você — disse ela, antes de desligar. — Trabalhe muito, para poder voltar logo.

Mas era difícil trabalhar num ambiente que conspirava para dizer até mesmo para mim que fizesse o contrário. A internet, via linha telefônica, era lenta e temperamental. Os jornais com as notícias da cidade só chegavam quase ao meio-dia. Enquanto isso, a praia, com sua curva elegante e sua areia branca, pedia para ser percorrida. O cais de madeira me convidava a sentar e balançar as pernas na água. A mesa comprida à qual relaxavam as tripulações dos baleeiros, quando voltavam do mar, sugeria cerveja gelada e batata frita. Nem vestir a camisa de trabalho nessa manhã tinha me motivado.

Abri um e-mail e comecei a digitar:

"Dennis. Espero que esteja se sentindo bem. Fui ontem à Secretaria de Planejamento e me encontrei com o Sr. Reilly, como você sugeriu. Ele pareceu gostar das plantas e disse que os únicos problemas possíveis eram..."

Sobressaltei-me ao ouvir uma batida na porta e fechei o laptop rapidamente.

— Posso entrar?

Abri a porta e me deparei com Hannah, filha de Liza McCullen. A menina me estendeu um prato com um sanduíche.

— Tia K achou que você podia estar com fome. Ela não sabia se você queria descer.

Peguei o sanduíche. Como era possível que já estivesse na hora do almoço?

— Muito gentil. Agradeça a ela por mim.

Hannah espiou pela porta e viu meu computador.

— O que você está fazendo?

— Mandando e-mails.

— Isso está ligado na internet?

— Mais ou menos.

— Estou doida por um computador. Várias amigas minhas da escola já têm. — Ela apoiou o corpo numa das pernas. — Sabia que minha tia está na internet? Ouvi quando ela contou para minha mãe.

— Acho que há muitos hotéis na internet — retruquei.

— Não. *Ela* está na internet. Ela mesma. Não gosta de falar sobre isso, mas já foi famosa por aqui, por pescar tubarões.

Tentei imaginar aquela senhora lutando com uma criatura como a do filme *Tubarão*. Estranhamente, não foi tão difícil quanto eu achava que seria.

A garotinha ficou rondando a porta, claramente sem pressa de ir embora. Tinha aquele jeito tranquilo e desengonçado que as meninas exibem pouco antes de irromper na idade adulta, aquela qualidade opaca que faz com que, por alguns meses, ou até anos, seja impossível dizer se elas serão grandes beldades, ou se os hormônios e a genética conspirarão para esticar um pouco demais o nariz, ou deixar o queixo meio papudo. No caso dela, desconfiei da primeira alternativa.

Baixei os olhos, para o caso de ela achar que eu a estava encarando. Hannah era muito parecida com a mãe.

— Sr. Dormer.

— Mike.

— Mike. Quando você não estiver muito ocupado… Se não estiver muito ocupado, um dia, será que posso usar seu computador? Eu queria muito mesmo ver a foto da minha tia.

O sol havia espalhado um brilho esplendoroso por toda a baía, com as sombras encolhendo e as calçadas e a areia refletindo a luminosidade no ar. Desde que eu chegara ao Kingsford Smith, o aeroporto de Sydney, me sentia um peixe fora d'água. Era bom ter alguém me pedindo para fazer algo familiar.

— Sabe de uma coisa? Podemos ver isso agora — propus.

Passamos quase uma hora sentados ali e, nesse tempo, concluí que Hannah era um doce de criança. Era um pouco ingênua para sua idade, em certos aspectos — estava menos interessada na aparência do que as crianças de Londres que eu conhecia, ou em cultura pop, em música, essas

coisas —, mas exibia um ar melancólico e maduro que não combinava com alguém tão jovem. Em geral, não levo muito jeito com crianças — é difícil saber sobre o que conversar com elas —, mas percebi que estava gostando da companhia de Hannah McCullen.

Ela me perguntou sobre Londres, sobre minha casa, se eu tinha animais de estimação. Logo descobriu que eu estava prestes a me casar e fixou seus olhos grandes, escuros e sérios em mim, ao perguntar, com seriedade:

— Tem certeza de que ela é a pessoa certa?

Fiquei meio desconcertado, mas achei que ela merecia uma resposta tão séria quanto:

— Acho que sim. Estamos juntos há muito tempo. Conhecemos os pontos fortes e fracos um do outro.

— Você é legal com ela?

Pensei por um minuto.

— Espero que eu seja legal com todo mundo.

Ela deu outro sorriso, esse um pouco mais infantil.

— Você *parece* ser muito legal — admitiu.

Em seguida, voltamos para a questão importante do computador. Localizamos — e imprimimos — duas fotografias da moça de maiô com o tubarão e mais alguns textos sobre ela, escritos por pessoas que obviamente nunca a haviam conhecido. Entramos no site de uma banda famosa, um portal de turismo sobre a Nova Zelândia e, em seguida, lemos uma série de fatos e números sobre as jubartes, que Hannah disse já saber de cor. Aprendi que os pulmões da baleia são do tamanho de um carro pequeno, que seu filhote recém-nascido pode pesar até uma tonelada e meia e que o leite desse animal tem a mesma consistência do queijo cottage. Preciso admitir que poderia muito bem ficar sem essa última informação.

— Você sai muito com sua mãe para ver as baleias?

— Não posso — respondeu Hannah. Ouvi o som nasalado de seu sotaque australiano e notei que sua frase se elevava em alguns tons no final. — Minha mãe não me deixa sair para o mar.

De repente, me lembrei do diálogo enfurecido entre Liza McCullen e Greg, assim que chegara. Faço o possível para não me meter nos assuntos

dos outros, mas havia uma vaga recordação de que aquilo tinha alguma coisa a ver com Hannah e um barco.

A menina deu de ombros, como se tentasse se convencer de que não se importava.

— Ela está tentando garantir minha segurança. Nós… — Hannah me olhou como quem se pergunta se deve ou não dizer certa coisa, depois pareceu mudar de ideia. — Podemos procurar fotos da Inglaterra no seu computador? Eu me lembro um pouco de lá, mas não muito.

— É claro. O que você gostaria de ver? — perguntei, começando a digitar as palavras.

Liza McCullen apareceu.

— Estava me perguntando por onde você andava — disse, parada à porta aberta.

Seu olhar ia de mim para Hannah, e o modo que fez isso me trouxe uma vaga sensação de culpa, como se eu tivesse sido flagrado fazendo algo errado. Um segundo depois, fiquei realmente irritado.

— Hannah me trouxe um sanduíche — esclareci, num tom severo. — Depois, perguntou se podia ver meu computador.

— Tem vinte e três mil e cem páginas sobre as jubartes na internet — disse Hannah, triunfante.

Liza amaciou.

— E imagino que ela quis verificar todas. — Havia um indício de pedido de desculpas em sua voz. — Hannah, meu amor, venha, vamos deixar o Sr. Dormer em paz.

Ela usava a mesma roupa das últimas duas vezes que eu a vira: calça jeans verde-escuro, casaco de fleece e jaqueta impermeável amarela. O cabelo, como antes, estava puxado para trás e preso num rabo de cavalo, e as pontas eram de um branco descolorido, embora a cor natural fosse muito mais escura. Pensei em Vanessa, que, no primeiro ano do nosso relacionamento, costumava levantar meia hora mais cedo para pentear o cabelo e se maquiar antes que eu a visse. Levei quase seis meses para descobrir como é que ela podia ter dormido com brilho labial sem espalhar tudo nos travesseiros.

— Desculpe se ela te incomodou — disse-me, sem propriamente olhar para mim.

— Ela não me incomodou de forma alguma. Foi um prazer. Se quiser, Hannah, levo o computador lá para baixo e o deixo instalado, para você usar quando eu estiver fora.

Os olhos da menina se arregalaram.

— Verdade? Sozinha? Mamãe! Eu podia fazer aquele negócio todo do meu projeto!

Não olhei para a mãe dela. Havia imaginado qual seria a resposta, e, se nosso olhar não se cruzasse, eu não poderia demonstrar que havia entendido. Não era nada de mais, afinal. Tirei o computador da tomada, depois de fechar todos os meus arquivos protegidos por senhas.

— Você vai sair agora?

Eu tivera uma ideia, com relação a uma coisa que Kathleen havia mencionado de manhã.

— Vou — respondi, colocando o laptop nos braços de Hannah. — Se sua mãe me levar.

* * *

Considerando que a magra economia de Silver Bay dependia quase inteiramente do turismo, e que, de acordo com os números do governo local, o salário mensal médio equivalia a menos de mil libras esterlinas, seria de imaginar que Liza McCullen ficasse contente por ter um cliente particular para levar num passeio. Seria de se supor que uma mulher cujo barco acabara de custar quase duzentos dólares de conserto, que não tinha nenhuma saída marcada até segunda-feira e que, como várias vezes afirmara sua tia, ficava muito mais feliz na água do que em terra, agarrasse num piscar de olhos a oportunidade de fazer um passeio comercial. Especialmente quando me ofereci para pagar o equivalente ao preço de quatro pessoas, que era o mínimo de que os barcos precisavam, ao que se dizia, para tornar a saída economicamente viável.

— Não vou sair hoje à tarde — afirmou ela, com as mãos no fundo dos bolsos.

— Por quê? Estou te oferecendo quase cento e oitenta dólares. Isto tem que valer a pena para você.

— Não vou sair hoje à tarde.

— Vem alguma tempestade?

— Tia K disse que a previsão era de tempo firme — falou Hannah.

— Recebeu alguma informação especial sobre as baleias? — perguntei. — Elas foram passar o dia em outro lugar? Não vou pedir meu dinheiro de volta se não aparecerem, Sra. McCullen. Só quero fazer um passeio.

— Vai, mamãe. Assim posso usar o computador do Mike.

Não consegui conter o sorriso. Liza continuava sem olhar para mim.

— Não vou levá-lo. Arranje outra pessoa.

— Os outros barcos são grandes, não são? Cheios de turistas. Não fazem meu estilo.

— Eu ligo para Greg. Posso ver se vai sair hoje.

— Não é ele que deixa as pessoas caírem?

A essa altura, Kathleen havia chegado e estava parada no corredor, assistindo à cena no meu quarto, numa perplexidade silenciosa.

— Eu te dou uma passagem para segunda-feira — disse Liza, por fim. — Tenho outras três pessoas para levar nesse dia. Você vai se divertir mais.

Por alguma razão, eu tinha começado a me divertir.

— Não, não vou. Sou antissocial. E quero sair hoje.

Liza enfim me encarou e balançou a cabeça negativamente, de um jeito meio desafiador.

— Não — disse ela.

Percebi que alguma coisa nessa cena havia impressionado Kathleen. Ela estava parada atrás de Liza, sem dizer nada, mas observando com atenção.

— Está bem… Trezentos dólares — ofereci, tirando o dinheiro da carteira. — Equivale a um barco cheio, não é? Pago trezentos dólares e você pode me contar tudo que há para saber sobre as baleias.

Ouvi Hannah prender a respiração.

Liza olhou para a tia, que ergueu as sobrancelhas. Percebi que a atmosfera do quarto tinha se tornado um vácuo.

— Trezentos e cinquenta — propus.

Hannah riu.

Eu não estava disposto a desistir. Não sei direito o que tinha dado em mim naquele momento. Talvez fosse tédio. Ou a reticência dela. Ou quem sabe fosse por Greg ter tentado me avisar para ficar longe, o que me deixara curioso. Mas eu ia sair naquele barco, nem que fosse a última coisa que faria na vida.

— Quinhentos dólares. Tome, é seu.

Peguei as outras notas. Não as sacudi para Liza, apenas as estendi na mão fechada.

Ela me encarou.

— Mas espero que você me ofereça muito café com biscoitos.

Kathleen bufou.

— Se é isso mesmo que você quer… — disse Liza, por fim. — Vai precisar de sapatos de sola macia e de um casaco quente, não dessa roupinha de cidade grande que está usando. E vou sair em quinze minutos.

Pegou o dinheiro da minha mão e o enfiou no bolso da calça. A olhadela de esguelha que me deu deixou claro que me achava maluco.

Mas eu sabia o que estava fazendo. Como Dennis sempre diz, todos têm seu preço.

* * *

O barco de Liza era o único no cais. Ela estava uns dois passos à minha frente, sem se entregar a qualquer papo furado e conversando apenas com a cadelinha, por isso tive uma chance de olhar em volta ao nos aproximarmos da embarcação. Havia poucas coisas em Silver Bay, mesmo nas imediações do cais: um café, uma loja de lembrancinhas, cujo faturamento era obviamente baixo — os produtos da vitrine estavam empoeirados —, e um mercado de frutos do mar, situado na direção do centro da cidade e instalado na construção mais moderna da baía. Tinha estacionamento próprio e ficava a poucos passos do cais, o que significava que os clientes que paravam para comprar peixe fresco provavelmente não caminhariam de volta para frequentar outros estabelecimentos: uma

decisão mal pensada. Eu teria insistido em que ele passasse para o lado oposto, em frente ao cais.

Embora fosse sábado, havia poucas pessoas circulando. Os turistas, se é que tinha algum, deviam estar no mar, nos outros barcos de observação de baleias. Os poucos hotéis que vi, pontilhando a principal estrada que saía da cidade, anunciavam com desânimo seus quartos disponíveis com café da manhã incluso, mas a baía passava a impressão de ser um lugar sem grandes expectativas para aquela temporada. Considerando isto, também não parecia muito incomodada. A cidade não tinha aquele aspecto singularmente lúgubre e abandonado das cidades praianas inglesas no inverno, pois o sol luminoso conferia um ar jovial e seus habitantes pareciam tão bem-humorados que chegava a ser incomum.

Exceto Liza.

Ela me mandou embarcar e me fez ficar parado assistindo à sua enunciação em tom monocórdio da lista de verificação de itens de segurança. Depois, com bastante má vontade, pensei, me perguntou se eu queria que ligasse a cafeteira.

— É só me mostrar onde fica que faço o café — respondi.

— Flexione um pouco os joelhos ao caminhar pelo barco e faça o mesmo quando subir — instruiu, me dando as costas. — Não alimente as gaivotas. Isso as incentiva a ir para cima dos passageiros, e elas sujam tudo.

Depois disso, subindo a escada rapidamente, ela sumiu.

O convés inferior tinha duas mesas com cadeiras, alguns bancos cobertos de plástico e um mostruário de acrílico, no qual estavam à venda barras de chocolate, vídeos e fitas sobre baleias, e também remédios para enjoo. Uma placa escrita à mão avisava aos passageiros que não convinha esquentar muito as bebidas, porque era comum os líquidos derramarem. Encontrei a área das bebidas e preparei dois cafés, notando as bordas levantadas do aparador e os suportes que prendiam os bules de chá e café, provavelmente para impedir que virassem em alto-mar. Não me agradou pensar muito nas ondas que fariam aqueles bules quentes demais voarem pelo ar — suponho que era por causa desse tipo de onda que Hannah era mantida em terra firme —, mas nesse momento os motores foram ligados,

e precisei me segurar na amurada para manter o equilíbrio. Partimos para o mar numa velocidade considerável.

Subi meio trôpego o lance de escada que levava à popa do barco. Liza estava de pé junto ao leme, e a cachorrinha, enroscada na torre atrás do timão, que era obviamente seu local favorito. Entreguei uma caneca de café a Liza e senti o vento bater no rosto, provando o vago sabor de sal nos lábios.

Isso é só parte do trabalho, pensei, tentando justificar o que havia feito. Mas seria uma parte interessante para incluir no relatório de despesas.

Liza olhava fixamente para o mar, e me perguntei por que estava tão decidida a não me levar para sair. Eu não achava que a tivesse ofendido de alguma forma. Por outro lado, ela parecia ser o tipo de mulher que se rebelava instintivamente ao ser encurralada. E eu fora bastante resoluto.

— Há quanto tempo você faz isto? — Tive de gritar para me fazer ouvir acima do motor.

— Cinco anos. Quase seis.

— É um bom negócio?

— Funciona para a gente.

— Este barco é seu?

— Era de Kathleen, mas ela me deu.

— Generoso da parte dela — comentei.

Eu podia contar nos dedos de uma das mãos quantas vezes estivera num barco, por isso me interessava por tudo. Perguntei os nomes de algumas partes, o que eram bombordo e estibordo (sempre confundi os dois) e como eram chamados os diversos instrumentos. Continuei:

— E quanto vale um barco deste tamanho?

— Depende.

— Quanto vale este aqui?

— Tudo tem a ver com dinheiro para você?

A frase não foi dita em tom hostil, mas me fez parar para pensar. Bebi um gole de café e tentei de novo:

— Você veio da Inglaterra.

— Foi o que Hannah te disse?

— Não, foi o que os… hum, o pessoal dos barcos disse. Naquela noite, à mesa. E eu, bem… acabei ouvindo.

Ela pensou um instante.

— Sim. A gente veio da Inglaterra.

— Sente saudade de lá?

— Não.

— Você veio para cá por algum motivo especial?

— Motivo especial?

— Para observar as baleias?

— Na verdade, não.

Será que ela era assim com todos os clientes? Divórcio difícil, especulei. Talvez ela apenas não gostasse de homens.

— Você vê muitas baleias?

— Quando vou aos lugares certos.

— É um bom jeito de viver?

Ela afastou a mão da roda do leme e me encarou, desconfiada.

— Você faz muitas perguntas.

Eu estava decidido a não rebater. Tive uma intuição de que ela não era antipática por natureza.

— Você é uma raridade. Imagino que não haja muitas comandantes inglesas por aí.

— Como é que você sabe? Pode ser que tenha milhares de nós. — Ela se permitiu um pequeno sorriso. — Aliás, Port Stephens é famosa por elas.

Isso, imaginei, era o mais engraçada que ela conseguiria ser.

— Muito bem, uma pergunta para você — disse Liza. — Por que gastou tanto dinheiro só para passear de barco?

Porque era a única maneira de convencê-la a me levar. Mas não falei isso em voz alta.

— Você teria saído por menos? — perguntei, mudando de tática.

Ela sorriu.

— Claro.

Depois disso, alguma coisa mudou. Liza McCullen relaxou, ou talvez tenha decidido que eu não era tão desagradável nem tão ameaçador quanto

ela concluíra, a princípio, e a frieza que havia pairado sobre nosso passeio pela baía se dissipou.

Não falamos muito. Eu me sentei no banco de madeira atrás dela e contemplei o mar, desfrutando em silêncio da competência de outra pessoa numa habilidade que eu nem de longe dominava. Ela girava a roda do leme, conferia os mostradores, falava pelo rádio com um dos outros barcos e dava à Milly as sobras do biscoito. De vez em quando, apontava para uma faixa de terra ou para algum animal interessante e se estendia um pouco nas explicações. Eu não saberia mais dizer sobre o que ela comentou. É que, embora não fosse a mulher mais linda que eu já tinha visto e parecesse prestar tão pouca atenção à sua aparência quanto a seu jeito de falar, e embora tivesse passado metade do tempo de costas ou amarrando a cara para mim, Liza McCullen me pareceu estranhamente atraente. Se eu já não tivesse entendido que isso a deixaria melindrada, não teria parado de encará-la. E isso não é do meu feitio.

Vanessa acha que psicologia não é meu forte. Não me interesso muito pelo que move as pessoas, se esse conhecimento não for necessário, mas nunca havia encontrado alguém tão decidido a revelar tão pouco. Cada palavra tinha que ser arrancada. Liza parecia fazer todas as admissões de cunho pessoal sob tortura. Perguntei como gostava do café, e ela franziu a testa como se eu quisesse saber sobre sua roupa íntima. Quando me disse "sem açúcar", pareceu que estava confessando algo. E tudo tinha um leve toque de… melancolia?

— Lance disse que eles viram uma fêmea a umas três milhas daqui — comentou, depois de termos passado cerca de meia hora no mar. — Quer continuar?

— Claro — respondi.

Eu havia esquecido que deveríamos estar procurando baleias. Quando uma pessoa não tem o costume de estar em alto-mar, a primeira coisa que a impressiona é sua pura e simples extensão. Forma uma paisagem própria. Quando a pessoa se afasta demais, três quartos da sua visão são compostos pelas águas intermináveis, e seu olhar se perde no vasto movimento delas, atraído por uma faixa iluminada em que o sol brilha através das nuvens, ou pela área distante em que a espuma brota nas ondas.

Não posso dizer que não fiquei nervoso — estou acostumado à terra firme —, mas, depois que superei a instabilidade, as batidas e os rangidos sob meus pés, gostei da solidão, da liberdade do movimento do barco, que não era atrapalhado por outras pessoas. Gostei de ver o rosto de Liza perder sua expressão de vigilância tensa e assumir a franqueza do mar e do céu.

— É para lá que estamos indo — avisou ela, girando o leme e levantando uma das mãos para se proteger da luz forte. Só consegui discernir as aves, que mergulhavam numa área onde era impossível enxergar alguma coisa. — Isso significa que tem peixes ali. E onde tem peixes, é comum haver baleias.

A essa altura, já tínhamos visto os outros. Liza apontou para o barco de Greg, que parecia ser mais ou menos do tamanho do dela, e, mais adiante, o que descreveu como *Moby II*.

— Lá! — exclamou. — Esguicho!

— Esguicho? — indaguei, e isso a fez rir.

— *Lá*.

Não consegui ver para onde ela estava apontando e semicerrei os olhos. Talvez inconscientemente, Liza segurou meu braço e o puxou na sua direção.

— Olhe! — disse, tentando orientar meu foco. — Vamos chegar um pouco mais perto.

Não consegui enxergar nada. Isso teria me deixado frustrado, mas minha atenção foi desviada para o prazer infantil no rosto dela. Essa era uma Liza McCullen que eu ainda não tinha visto, depois de seis dias naquele hotel. Com um sorriso largo e fácil, um ânimo na voz.

— Ah, que beleza. Aposto que tem também um filhote. Estou sentindo…

Era como se houvesse esquecido sua frieza anterior comigo. Ouvi-a no rádio:

— *Ishmael* para *Moby II*. Nossa menina está a bombordo de vocês, cerca de uma milha e meia à frente. Tenho um palpite de que deve haver um filhote com ela, então siga com cuidado, está bem?

— *Moby II* para *Ishmael*. Já a avistei, Liza. Estou dando uma ampla distância.

— Ficamos a pelo menos cem metros — explicou ela. — Aumentamos para trezentos quando há filhotes envolvidos. Tudo depende da mãe. Algumas são curiosas, trazem os bebês bem perto para nos verem, e é diferente. Mas sempre acho… Não gosto de incentivar essa aproximação. — Olhou bem nos meus olhos. — Não dá para garantir que o próximo barco que ela encontrar também será amistoso. Muito bem, aqui vamos nós!

Eu me segurei e, como que numa formação delicadamente coreografada, os três barcos se aproximaram mais, até ficarmos perto o bastante para discernir os passageiros que acenavam a bordo de cada um. As águas estavam calmas, os motores foram desligados, e parei ao lado de Liza enquanto esperávamos que a baleia voltasse a se exibir.

— É certo ela subir de novo?

Eu nem precisava ter perguntado. Quando aquela cabeçona saiu da água, a menos de cem metros de nós, deixei escapar um "uau" involuntário. Não que nunca tivesse visto a foto de uma baleia, ou não conseguisse imaginar como seria. É que se deparar com uma criatura tão imensa, tão improvável, no seu próprio hábitat, mexe com a gente de um jeito difícil de descrever.

— Olhe! — gritava Liza. — Ele está ali! Olhe para baixo!

E, quase indiscernível, com metade do corpo protegido embaixo da mãe, vi um lampejo de cinza ou azul que era o filhote. Mãe e filho passaram duas vezes pelo nosso barco, depois os gritos dos outros barcos nos disseram que ela também fora espiá-los.

Eu sorria feito um idiota. Quando Liza retribuiu meu sorriso, houve algo de triunfal nisso, como se ela dissesse "viu?", como se ela soubesse de algo. No momento que aquela nadadeira estranhamente comprida apareceu, ela riu.

— Está acenando — disse, rindo mais alto, quando me flagrei acenando de volta, hesitante. — Ela está com a barriga para cima, o que significa que se sente à vontade. Sabia que ela e o filhote usam essas nadadeiras peitorais para fazer carinho um no outro?

Ao nos sentarmos, Liza avistou mais duas ao longe. Tive vaga consciência da conversa entre os três barcos pelo rádio, das exclamações

de prazer diante daquele achado inesperado. Quando ela se voltou para mim, seu rosto estava iluminado.

— Quer ouvir uma coisa mágica? — perguntou, de repente.

Desceu depressa para a cozinha e emergiu com uma coisa de aparência estranha, presa a um cabo. Ligou uma ponta numa caixa na amurada e jogou a coisa na água.

— Escute — disse, acionando alguns interruptores. — Hidrofone. Talvez haja outras por perto, acompanhando.

Durante vários minutos, não houve nada. Fiquei olhando para o mar, tentando avistar a baleia, ouvindo apenas o som da água batendo no casco, das aves que voavam em círculos no alto e, de vez em quando, trazido pela brisa leve, o som dos passageiros dos outros barcos. Então veio um gemido grave, prolongado, quase sobrenatural. Um som diferente de tudo que eu já tinha escutado. E que me deu calafrios.

— Lindo, não é?

Olhei para Liza.

— Isso é uma baleia?

— Um macho. Todos eles cantam a mesma melodia, sabe? Isso já foi pesquisado: dura dezoito minutos e, ano após ano, todas as baleias do grupo cantam a mesma. Se aparece uma nova baleia, com outra música, eles passam a cantar essa. Você as consegue imaginar lá embaixo, ensinando umas às outras?

De repente, reconheci Hannah em Liza, com aquele rostinho iluminado de empolgação ante a perspectiva de usar meu computador. Eu estava errado quando disse que Liza McCullen não era linda: ela era deslumbrante ao sorrir.

O sorriso se evaporou.

— Mas, o que…

Era um som de batidas, regular, insistente. Por um instante, me perguntei se seria o motor de alguém, mas então o barulho aumentou, e eu soube que não tinha nada a ver com o microfone. Duas embarcações grandes contornaram o pontal, decoradas com faixas e abarrotadas de passageiros. Música alta saía de quatro enormes alto-falantes no convés

superior e, até de onde estávamos, o tilintar de copos e os risos histéricos dos bebuns eram audíveis.

— De novo, não — disse Liza. — O barulho acaba com elas. Ficam confusas… Especialmente os filhotes. E há muitos barcos. Ela vai se assustar. — Aproximou-se do rádio, mexendo nos controles. — *Ishmael* para *Barco Discoteca*, ou seja qual for seu nome. Baixe o volume da música. Seu som está alto demais. Está me ouvindo? Está alto demais.

Enquanto escutávamos a estática do rádio, fiquei olhando para a água. Nada rompeu a superfície. Não se ouvia som algum acima da batida seca e insistente, que se aproximava cada vez mais.

Franzindo a testa ao perceber com que velocidade o barco se aproximava, Liza disse:

— *Ishmael* para catamarã grande, não identificado, a leste-nordeste da Ilha do Nariz Quebrado. Desligue os motores e a música. Você está perto de uma baleia fêmea com o filhote, e é possível que também tenha um macho. Está avançando muito depressa, com risco de colisão, e é provável que seu barulho assuste as baleias. Está me ouvindo?

Fiquei ali parado, inútil, enquanto ela tentou estabelecer contato mais duas vezes. Era improvável, pensei, que conseguissem ouvir alguma coisa acima do barulho daquela batida.

— *Ishmael* para *Suzanne*. Greg, você pode ligar para a guarda costeira? A polícia? Veja se podem mandar uma lancha. Eles estão perto demais.

— Entendido, Liza. O *Moby II* está contornando o catamarã para ver se consegue desviá-lo do curso.

— *Moby II* para *Ishmael*. Não consigo ver nossas baleias, Liza. Espero que estejam seguindo para outra direção.

— O que posso fazer? — perguntei.

Eu não fazia ideia da importância do que ela estava dizendo, mas a ansiedade no ar era clara.

— Segure isto — disse ela, e me entregou a roda do leme. Ligou os motores. — Agora, siga para o *Discoteca* ali, e vou dizer quando virar. Quero ter certeza de que não vamos bater em nada no caminho.

Não me deu chance de negar. Desceu correndo e voltou com uma porção de coisas embaixo da jaqueta. Consegui discernir um megafone,

mas estava ocupado demais me concentrando no leme para notar muita coisa. O leme era um objeto desconhecido para minhas mãos, e era assustador avançar àquela velocidade, com as ondas batendo no casco. A cadelinha havia reparado na tensão e se levantou, ganindo.

Estávamos a uns trinta metros do navio quando Liza me instruiu a manter um curso paralelo ao dele. Correu então para a proa, gritando para eu ficar onde estava.

Inclinou-se sobre a amurada, com o megafone na mão.

— *Estrela da Noite II*, está com uma música alta demais e navegando muito depressa. Por favor, diminua o volume. Você está numa área habitada por baleias migratórias.

Só Deus sabe como eles podiam estar tão bêbados no meio da tarde. As pessoas que dançavam no convés superior me fizeram lembrar aquelas excursões de férias para jovens em que o objetivo dos passeios diurnos era deixá-los tão embriagados e impossibilitados quanto possível. Será que haveria um equivalente australiano?

— *Estrela da Noite II*, nós alertamos a guarda costeira e o Serviço de Parques Nacionais e Proteção da Fauna Silvestre. Baixe o volume da sua música e saia desta área imediatamente.

Se havia um comandante, ele não estava ouvindo. Um dos comissários, um cara jovem, de camisa polo vermelha, mostrou o dedo médio à Liza e desapareceu. Um instante depois, a música estava perceptivelmente mais alta. Ouviu-se o som vago de uma comemoração a bordo, e mais gente começou a dançar. Liza olhou para o barco e se abaixou. De onde estava, eu não conseguia mais ver o que ela ia fazer. Fiquei olhando para o nome na lateral do grande catamarã. E então tive um estalo.

Tirei meu celular do bolso, enquanto o rádio chiava e voltava à vida.

— Liza? Liza? É Greg. O pessoal dos Parques está a caminho. Ande, vamos voltar. Quanto menor o número de barcos por aqui, melhor será para as baleias.

Devolvi o celular ao bolso e olhei para o receptor do rádio por um instante. Peguei-o. Apertei o botão, hesitante.

— Alô?

— Alô?

— Do *Suzanne* para o *Ishmael*, está me ouvindo?

— Aqui é… hum… Mike Dormer.

Houve um breve silêncio e, em seguida, Greg perguntou:

— O que ela está fazendo lá na frente?

— Não sei — admiti.

Eu o ouvi resmungar alguma coisa, que talvez tenha sido um palavrão, e então veio o estouro. Saltei para a lateral do barco bem a tempo de ver um enorme foguete sinalizador subir num ângulo inclinado e passar por cima do barco-discoteca, a menos de cinco metros.

De pé na proa, Liza carregava uma coisa comprida e fina numa espécie de lançador.

— Você não vai atirar neles, caramba! — gritei.

Mas ela não pareceu me escutar. Com o coração disparado, vi as pessoas recuarem depressa do convés superior do outro barco, ouvi os gritos de apreensão e um homem que berrava xingamentos contra ela. A cachorrinha latia furiosamente. Então observei Liza carregar outro foguete sinalizador, apontá-lo bem para o alto e tropeçar para trás, quando, com um estrondo, o foguete subiu e passou não muito acima deles.

Enquanto meus ouvidos zumbiam e os motores do barco-discoteca finalmente giravam a embarcação e a impeliam na direção oposta, ouvi outra voz chegar pelo rádio: uma voz rouca, cheia de incredulidade e admiração:

— *Moby II* para *Ishmael*. *Moby II* para *Ishmael*. Pelo amor de Deus, Liza! Agora você exagerou.

SETE

Liza

Quando chegamos ao cais, Kathleen já estava gritando comigo, o corpo rígido, ereto, transbordando de indignação. Prendi as amarras do *Ishmael*, ajudei Milly a desembarcar e andei depressa até minha tia.

— Eu sei — disse.

Kathleen ergueu as mãos, num gesto exasperado.

— Tem noção do que fez? Você é maluca, menina?

Parei e afastei o cabelo do rosto.

— Eu não estava raciocinando.

A angústia no rosto dela espelhava a minha. Na verdade, eu estava fervendo de raiva de mim mesma. Não havia pensando em outra coisa durante os vinte minutos que levara para voltar à baía.

— Eles foram direto à polícia marítima, Liza. Pelo que sei, a polícia pode estar vindo para cá agora mesmo.

— Mas o que eles podem provar?

— Bem, digamos que você disparou o segundo quando eles estavam conectados pelo rádio.

Eu era uma idiota, sabia disso, e Kathleen também. Contrariando todas as regras de segurança, contrariando o bom senso, eu havia carregado aqueles dois foguetes sinalizadores nos lançadores e os posicionara perto o bastante para assustar os passageiros dos barcos. Os sinalizadores eram notoriamente imprevisíveis. Se um houvesse falhado… Se o Serviço de Busca e Salvamento tivesse avistado o outro… Mas, embora eu soubesse que aquilo era uma estupidez, de que outra maneira poderia ter feito aqueles barcos se afastarem? E como poderia dizer à minha tia que, se estivesse armada com um revólver, em vez de com um foguete sinalizador, eu teria atirado neles?

Fechei os olhos. Só quando voltei a abri-los foi que me lembrei de que não havia esperado Mike Dormer desembarcar. O estalar de seus sapatos no cascalho anunciou sua chegada. Ele estava com o cabelo castanho desgrenhado e úmido, por causa da velocidade da viagem de volta, e me pareceu um pouco abalado. A expressão de Kathleen se suavizou.

— Vamos entrar, Mike. Vou fazer um chá.

Ele começou a protestar.

— Por favor — disse ela, num tom frio como aço. — Eu e Liza precisamos de um tempo sozinhas.

Senti os olhos dele em mim. Depois, Mike se afastou com passos relutantes e fez carinho em Milly, como se não quisesse realmente ir embora.

— O que devo fazer? — murmurei.

— Não vamos exagerar na reação. Talvez eles só deem uma advertência.

— Mas vão querer anotar todos os meus dados. Talvez haja algum tipo de banco de informações…

Vi no rosto de Kathleen que ela já havia pensado nisso. E ainda não tinha conseguido encontrar uma resposta. Senti uma onda de pânico crescer no meu peito. Olhei de relance para trás, para onde o *Suzanne* e o *Moby II* estavam atracando.

— Eu podia simplesmente ir embora — sugeri.

Tive uma ideia maluca de repente de me enfiar na caminhonete com Hannah e Milly. Mas, nesse instante, o som de um tipo diferente de motor chamou minha atenção para a outra extremidade da baía. Aproximando-se pela estrada costeira, com as luzes e o logotipo característicos, vi a caminhonete branca da Polícia de Nova Gales do Sul.

— Ai, meu Deus — exclamei.

— Sorria — orientou Kathleen. — Pelo amor de Deus, sorria e diga que foi um acidente.

Havia dois policiais, que desceram do carro com aquele jeito descontraído que desmente suas sérias intenções, com as insígnias reluzindo ao sol do fim de tarde. Eu sempre tomara um cuidado excessivo para seguir a lei australiana, não tinha recebido nem mesmo uma multa

por estacionamento proibido, mas até eu sabia que disparar ilegalmente um foguete sinalizador, ainda por cima contra outra embarcação, não fora uma boa ideia.

— Boa tarde, senhoras — disse o mais alto, inclinando o quepe ao se aproximar. Olhou para nós, demorando-se na minha jaqueta impermeável e nas chaves que eu ainda segurava. — Olá, Greg — acrescentou.

— Policial Trent — disse minha tia, sorrindo. — Linda tarde.

— É mesmo — concordou ele. Os vincos nas mangas de sua camisa azul eram afiados como facas. Ele apontou para o cais, na direção do *Ishmael*. — Aquele é seu?

— Com certeza — respondeu Kathleen, antes que eu pudesse falar. — *Ishmael*. Registrado no meu nome, já se vão dezessete anos.

Ele olhou para ela e se voltou para mim.

— Recebi um chamado de outros dois barcos que disseram que alguém disparou foguetes sinalizadores contra eles hoje à tarde, e a descrição do barco combina com o seu. Sabe me dizer alguma coisa sobre isso?

Eu queria falar, mas a visão daquele uniforme azul tinha colado minha língua no céu da boca. Tive vaga consciência de que Mike Dormer nos observava de uma pequena distância e de que o policial tinha se postado bem diante de mim, aguardando minha resposta.

— Eu…

Greg foi para o meu lado.

— Sim, camarada — disse em tom firme, inclinando o quepe para trás. — A culpa foi minha. — O policial se virou para ele, e Greg continuou: — Saí com um grupo de observadores de baleias. Sabia que os garotos iam dar trabalho, mas não vigiei com a devida atenção. Enquanto eu estava de costas, procurando as baleias, os pestinhas dispararam dois foguetes.

— Garotos? — exclamou o policial, cético.

— Eu sabia que não devia ter deixado os guris embarcarem — explicou Greg, e parou para acender um cigarro. — Liza disse que eles iam dar problema. Mas a gente gosta de deixar a garotada ver as baleias e os golfinhos. É educativo, sabe.

Ele me olhou de relance, e o que vi em seus olhos me encheu de gratidão e de um pouco de vergonha.

— Por que você não notificou o Serviço de Salvamento Marítimo, para informar o que tinha acontecido? Sabe o que ocorreria se instaurássemos um trabalho de busca e salvamento?

— Desculpe, parceiro. Eu só queria voltar o mais depressa possível, para eles não poderem fazer mais nada. Eu tinha outros passageiros a bordo, sabe como é…

— Qual é mesmo seu barco, Greg?

Ele apontou em resposta. Nossos barcos eram de passeio, com quarenta e oito pés. Desde que eu ajudara Greg a cobrir com tinta sua pichação, os dois tinham uma faixa da mesma cor.

— Certo, e como se chamavam os garotos? — O policial pegou seu bloco de anotação.

Kathleen interrompeu:

— Nós não mantemos registros. Se fôssemos escrever os detalhes de todas as pessoas que saem nos nossos barcos, nunca entraríamos na água — disse, colocando a mão no braço do policial Trent. — Escute, policial, você sabe que temos uma reputação a zelar. Minha família está nesta baía há mais de setenta anos. Não vai nos punir por causa de uma dupla de idiotas, vai?

— Por que os foguetes não estavam em um lugar seguro, Greg? Deviam ficar trancados, ainda mais se você tinha garotos zanzando e mexendo nas coisas abaixo do convés.

Greg balançou a cabeça.

— Os pestinhas tiraram o chaveiro do meu bolso. Sempre levo um molho de chaves sobressalente, sabe? Só por precaução.

Tive certeza de que o policial não estava acreditando numa só palavra: franzia a testa para a gente, e me esforcei para parecer mais aborrecida que apavorada. Ele tornou a consultar o bloco e se virou para mim.

— A pessoa que ligou disse que havia uma mulher atirando.

— Cabeludos — falou Greg, mais que depressa. — Hoje em dia, não dá para saber a diferença. Malditos hippies. Escute, policial, a culpa foi minha. Eu estava no leme e era minha responsabilidade. Acho que me distraí. Mas não houve nenhum estrago, não é?

Eu me esforcei para manter a respiração regular e comecei a examinar um cortezinho na mão. Já era alguma coisa para fazer.

— Você sabe que usar um foguete sinalizador como arma é um crime previsto na Lei sobre Armas de Fogo e Armamentos Perigosos, passível de indiciamento por lesão corporal no Código Penal de Nova Gales do Sul?

— Foi o que eu disse a eles — retrucou Greg. — Aquilo foi um grande erro. E por isso os dois deram no pé assim que voltamos.

— Isso dá uma multa de dois mil dólares e/ou doze meses de prisão. E você poderia ser enquadrado nos termos da Lei de Serviços Marítimos, se quiséssemos ser rigorosos de verdade.

Greg fez cara de arrependido. Eu nunca o tinha visto ser tão conciliador com um policial.

— É melhor não ter havido álcool nessa história. Não me esqueci da sua advertência de junho — continuou o policial.

— Pode me submeter ao teste do bafômetro, se quiser. Não bebo uma gota no trabalho.

De repente, me condoí dele. Senti sua humilhação… e a responsável era eu.

Os dois policiais olharam para a caminhonete dele. O mais baixo afastou-se para receber uma mensagem pelo rádio.

— Tenho uma proposta — disse Kathleen. — Por que não preparo um chá, e, enquanto a água ferve, vocês decidem o que querem fazer? Açúcar, não é mesmo, policial Trent?

Nesse momento, Mike Dormer se aproximou. Senti meu coração ir parar na boca. Vá embora, pedi em pensamento. Ele não fazia ideia do que tínhamos dito aos policiais. Se abrisse a boca e contasse a verdade, estaríamos todos ferrados.

— Na verdade, posso dizer uma coisa? — interveio o inglês.

— Agora não, Mike — rebateu Kathleen, em tom brusco. — Estamos um pouco ocupados.

— Vamos lá, policial — disse Greg e, dando um passo à frente, colocou-se entre Mike e a polícia. — Faço o teste que você quiser: sangue, bafômetro, qualquer um.

— Eu só queria dizer uma coisa à polícia — insistiu Mike, falando mais alto.

Horrorizada, me dei conta de que não fazia ideia do que ele tinha pensado da minha conduta. Não havia trocado uma palavra com ele durante toda a viagem de volta, meu cérebro apenas zumbia com a realidade do que eu tinha feito, e eu só queria desembarcar o mais rápido possível.

A mesma ideia havia ocorrido a Kathleen, pelo que pude perceber. Mas já era tarde demais. Mike estava tirando uma coisa do bolso.

— Acho que este não é um assunto em que você possa ajudar, Mike — disse ela com firmeza. Mas o hóspede pareceu não ouvi-la.

— Mike… — chamei, sentindo meu estômago embrulhar.

— Quando estávamos no mar, um barco de festas se aproximou. Fazia um barulho e uma comoção suficientes para assustar as baleias. Acredito que existam normas sobre essas coisas.

O primeiro policial cruzou os braços e disse:

— Correto.

Mike permitiu-se um pequeno sorriso e ergueu o celular. Seu sotaque britânico lhe dava uma espécie de autoridade gentil.

— Bem, achei que vocês gostariam da prova. Filmei tudo pelo celular. Dá para ouvir o barulho.

Enquanto olhávamos, boquiabertos, o pequeno celular exibia um filme do *Estrela da Noite* que mostrava a velocidade a que ia o barco e revelava a silhueta dos passageiros festejando no convés. Era possível ouvir as batidas da música. Eu nunca tinha visto nada igual.

— As baleias pareceram ficar aflitas com isso. Não que eu seja perito no assunto — disse Mike.

— Olhem — indiquei, apontando para a imagem pequenina. — Dá para vê-las contornando o pontal. Tentamos falar pelo rádio com a guarda costeira, mas ela não chegou a tempo. — Minha voz saiu esganiçada de alívio.

— Posso mandar uma cópia — comentou Mike —, se quiserem usar para processar alguém.

Os policiais examinaram a imagem, confusos.

— Não sei direito para quem o senhor a mandaria — disse um dos dois —, mas passe o número do seu telefone que nós avisaremos. Quem é o senhor?

— Ah, sou apenas um hóspede — respondeu Mike. — Michael Dormer. Vim da Inglaterra passar férias aqui. Posso pegar meu passaporte, se quiserem — acrescentou, estendendo a mão.

Não tenho certeza de que muita gente se ofereça para apertar a mão de policiais por aqui. Os rostos perplexos que acompanharam os apertos de mão pareceram sugerir que não.

— Não será necessário por enquanto. Bem, já vamos indo. Mas tratem de guardar seus sinalizadores em um lugar seguro, turma, ou vão receber outra visita. Menos amistosa.

— Dois cadeados — informou Greg, balançando as chaves.

— Obrigada, policiais — disse Kathleen, saindo de trás deles. — Cuidem-se.

Não consegui falar. Enquanto eles entravam na caminhonete e saíam de marcha a ré, um suspiro profundo e trêmulo me escapou de algum lugar no alto do peito, e percebi que estava com as pernas bambas.

— Obrigada — disse para Greg sem emitir som, e acenei com a cabeça para Mike.

Depois, tive que disparar para os fundos da casa, porque havia ficado completamente sem palavras.

* * *

Há muitas coisas de que gosto na Austrália. Não vou sair contando a historinha do inglês que chegou aqui e nunca mais voltou para casa, porque não se trata do habitual — o clima, a luz, os amplos espaços ao ar livre —, embora sejam um bônus. Não são a comida e o vinho de boa qualidade, nem as paisagens ou o ritmo tranquilo de vida, embora tudo isso tenha transformado em mais que um prazer criar minha filha aqui. Para mim, a questão é que, num canto sossegado como Silver Bay, pode-se levar a vida sem que ninguém preste a menor atenção.

Apesar da nossa herança comum, os australianos, como eu descobrira rapidamente, são muito diferentes dos ingleses. Aceitam a pessoa de imediato, talvez por não haver essa história de classe, e por isso não há nenhuma análise criteriosa de onde alguém estaria em relação a outro sujeito. Em geral, se a pessoa for sincera com eles, a retribuição será a mesma. Praticamente desde o dia em que me instalei na casa de Kathleen, trazendo a reboque minha filha exausta, ela me apresentou como sua sobrinha, eu disse olá e todos responderam olá. Com um mínimo de explicações, fomos incorporadas a Silver Bay.

Para mim, foi bom fazer parte dessa comunidade marinha. Metade dos tripulantes dos barcos era transitória, gente acostumada a entrar e sair da vida das pessoas. Os outros talvez estivessem lá por razões próprias. Seja como for, ninguém fazia muitas perguntas. E, se você optasse por não responder às que eram feitas, bom, isso também parecia aceitável. Eu sabia que nem sempre era suficientemente cuidadosa ao esconder meus sentimentos, e me senti grata pelo fato de as tripulações baleeiras, com a intuição de todos os melhores caçadores, terem compreendido que havia certas coisas em que era melhor não insistir. Em cinco anos, só Greg tinha me atormentado com perguntas sobre por que eu saíra da Inglaterra. Mas eu estava sempre tão bêbada nas ocasiões em que tivemos qualquer conversa íntima que, para minha vergonha, não me lembro do que disse a ele.

Instintivamente, eu tinha adivinhado que Mike Dormer mudaria isso. Entrei em pânico ao ouvi-lo fazer diversas perguntas à Kathleen sobre quem trabalhava na baía, quantas horas as pessoas costumavam ficar por lá, e há quanto tempo morávamos ali. Ele dissera que estava passando férias, mas nunca vi um turista fazer tantas perguntas tão específicas assim.

Quando comentei com Kathleen, mais tarde, ela disse que eu estava sendo dramática. Todos os anos que passamos com ela a haviam induzido a acreditar que sempre nos deixariam em paz. A seu ver, tudo não passava de imaginação minha, e seu olhar revelou que compreendia minhas razões.

Mas desconfiei que Mike não respeitaria meus limites. Quando levo grupos a passeio no *Ishmael*, as pessoas ficam conversando. Quando sou só

eu e um turista, ele quer conversar comigo. Quer fazer perguntas, me considerar parte de sua experiência de navegação. É por isso que não costumo levar pessoas desacompanhadas.

E Greg sabia muito bem disso.

— E então, qual foi o motivo dessa sua viagenzinha a dois, hein? — perguntou ele.

Tinha que se meter e estragar tudo. Estávamos sentados no banco enquanto anoitecia, vendo Hannah incentivar Milly a correr na praia, de um lado para outro, atrás de algas marinhas. Mike Dormer estava no quarto dele, e Kathleen tinha ido buscar mais cerveja. Então Greg falou baixinho, para que Lance e Yoshi não pudessem ouvir:

— Dinheiro, principalmente.

Para ele, é óbvio, ter salvado minha pele lhe dava o direito de perguntar. Greg era muito transparente. Puxei o maço de notas do bolso da calça.

— Quinhentos dólares — expliquei. — Por uma viagem.

Ele olhou fixo para o dinheiro. Pensou no que ia dizer, o que era inusitado vindo dele.

— Por que ele pagaria tudo isso para sair com você?

Eu não precisava responder. Sabia que Greg teria feito a mesma coisa.

— E aí, sobre o que vocês conversaram? — perguntou.

— Ah, pelo amor de Deus!

— Só estou querendo saber — protestou ele. — O cara aparece aqui, com um jeitão meio cínico, sai distribuindo dinheiro… Qual será a dele?

Dei de ombros.

— Não sei e não me interessa. Deixe o homem em paz. Ele vai embora logo.

— É melhor que vá mesmo. Não gosto dele.

— Você não gosta de ninguém novo.

— Não gosto de ninguém bajulando você.

Hannah correu até nós, ofegante e rindo. Milly desabou a meus pés.

— Ela ficou rolando numa coisa nojenta — disse. — Está fedendo. Acho que pode ter sido um siri morto.

— Tem dever de casa para fazer?

Estendi a mão para afastar o cabelo do rosto dela. Agora, toda vez que a olhava, parecia ter crescido um pouco, o rosto adquirindo novos contornos. Isso me fez lembrar que um dia ela se afastaria de mim. Considerando os laços que nos uniam, eu ainda não sabia direito como isso ia funcionar.

— Só revisão. Tem prova de ciências na terça-feira.

— Então vá fazer agora. Depois você fica livre o resto da noite.

— O que vai cair na prova? — perguntou Yoshi. — Traga o dever para cá que ajudo, se você quiser.

Com o passar dos anos, eu tinha descoberto que as tripulações reuniam conhecimentos suficientes para oferecer à Hannah uma educação completa. Yoshi, por exemplo, era pós-graduada em biologia e ciências marinhas, enquanto Lance podia nos ensinar o que quiséssemos sobre climatologia. Alguns tripulantes tinham ensinado à Hannah habilidades que me impressionavam menos, como Scottie, que lhe ensinara a dizer palavrões e, num dia em que saí, sugerira que ela desse uma tragada no seu cigarro. Lance vira a cena e dera um soco nele. Minha filha tinha os próprios talentos. Talentos, eu desconfiava, que herdara de mim: como avaliar pessoas, como ficar longe delas até ter certeza de quem ou o que eram, como se tornar invisível num grupo grande. Como lidar com o luto.

Essa lição ela havia aprendido cedo demais.

Yoshi se sentou com ela e, enquanto a noite caía à nossa volta, as duas foram decifrando aos poucos algo que tinha a ver com a osmose. Yoshi explicava as coisas muito melhor do que eu. Mas minha formação também não era grande coisa, um erro que eu não permitiria que Hannah repetisse.

Greg pareceu reconhecer que eu ficara abalada com os acontecimentos daquele dia e tentou me fazer rir contando histórias do casal que tinha levado no barco, que não parava de brigar. Não mencionou a ex nem o destino do seu barco. Torci para que ela tivesse lhe dado um pouco de sossego. Mas meus olhos continuaram vagando pela estrada litorânea, à espera de que aquela caminhonete reaparecesse e os policiais de uniforme descessem do carro outra vez.

Greg inclinou-se na minha direção.

— Que tal ir lá em casa mais tarde? Comprei um monte de vídeos de um dos caras do estaleiro. Comédias novas. Pode ser que haja alguma de

que você goste. — Fez o convite parecer casual.

— Não — respondi —, mas obrigada.

— É só um filme.

— Nunca é só um filme, Greg.

— Um dia — disse ele, me olhando demoradamente.

— Um dia — admiti.

Mike Dormer saiu enquanto os últimos raios de luz iam desaparecendo. Os aquecedores estavam ligados, e Kathleen tinha preparado sanduíches de bacon com grossas fatias de pão de forma. Sem muito apetite, mordisquei um pedaço de bacon. Hannah espremia-se perto a mim, enrolada num cachecol para se proteger do frio, com o cabelo preto e liso preso num coque. Senti o cheiro do xampu ao aproximar minha cabeça da dela.

Kathleen entregou um prato a Mike, que contornou a lateral da mesa para ocupar o lugar vazio. Parecia ter tomado um banho e vestido uma camisa e um suéter diferentes dos que havia usado no barco. Suas roupas limpas e bem cortadas lhe deixavam em destaque. A maioria de nós era capaz de usar as mesmas roupas por dias a fio, se nossas jaquetas e casacos impermeáveis as escondessem. Ele olhou para mim e depois para os outros e murmurou:

— Boa noite.

O sotaque ainda me causava sobressaltos. Não recebíamos muitos ingleses em Silver Bay, e fazia anos que eu não ouvia o sotaque do meu país.

Hannah curvou-se para a frente.

— Viu o que escrevi?

Mike inclinou a cabeça.

— No seu computador. Deixei um bilhete. Fiquei brincando, mais cedo, e fiz aquilo que você falou para procurar pessoas.

Ele pegou um sanduíche.

— Procurei a tia K de novo. E depois fui atrás de você.

Mike levantou a cabeça.

— Tem uma foto sua. Do seu rosto. E da sua empresa.

Ele pareceu estranhamente desconfortável. Veja bem, eu me solidarizo com as pessoas que não gostam que a vida delas seja esmiuçada, e

repreendi Hannah por bisbilhotar.

— E então, parceiro, o que é? — perguntou Lance. — Drogas? Tráfico de escravas brancas? Podemos vender a Tampinha aqui por um bom preço. De quebra, leva a cachorra, se quiser.

Hannah socou o braço de Lance.

— Na verdade, parece meio chato — disse ela, rindo. — Acho que eu não gostaria de trabalhar numa cidade.

— Acho que aqui é melhor — afirmou Mike, recuperando-se um pouco.

— O que é mesmo que você faz? — perguntou Greg.

Seu tom agressivo me disse que Mike não fora perdoado pela temeridade do nosso passeio de barco, o que me fez sentir um pouco protetora em relação a ele.

Mike deu uma grande mordida no sanduíche.

— Pesquisa, principalmente. Informações de base para transações financeiras. — Sua voz saiu abafada.

— Ah — fez Greg, com ar de descaso. — Coisas chatas.

— A empresa é sua? — quis saber Hannah.

Mike negou com um gesto de cabeça, parecendo estar com a boca cheia demais para falar.

— Eles pagam bem? — perguntou Lance.

Mike terminou de mastigar.

— Vivo bem.

Esperei Hannah ir embora para tornar a falar com ele:

— Escute, me desculpe por antes. Quer dizer, se eu te assustei. É que não consegui pensar em outro jeito de despachar aqueles barcos. Mas foi uma estupidez. Agi… sem pensar. Especialmente com um passageiro a bordo.

Ele havia tomado duas cervejas e parecia tão relaxado quanto eu imaginava que Mike Dormer pudesse ficar: com o colarinho aberto acima da gola do suéter, as mangas arregaçadas. Recostado na cadeira, contemplava aquela escuridão onde devia estar o mar. As nuvens obscureceram a lua, e mal consegui distinguir seu sorriso à luz da varanda.

— Fiquei um pouco surpreso — disse ele. — Achei que você fosse jogar o arpão neles.

Aquele sorriso me fez pensar em como é que eu podia ter desconfiado que ele falaria de mim para a polícia. Mas é assim que eu sou: meu comportamento padrão, digamos, é a desconfiança.

— Dessa vez, não — retruquei, e ele riu.

Mike era gente boa. E fazia muito tempo que eu não pensava isso de um homem.

* * *

Meu quarto ficava nos fundos do hotel. Por isso eu estava no final do corredor, no ponto mais distante do prédio, sem nada além de vidro e madeira entre mim e o mar. O quarto de Hannah ficava ao lado, e, de madrugada, com mais frequência do que qualquer uma de nós gostava de admitir, ela ainda atravessava o corredor de mansinho e subia na minha cama, como costumava fazer quando pequena, e eu a abraçava e me sentia grata por sua presença e pelo doce perfume da sua pele morna. Eu só desfrutava de um sono profundo quando a sentia aninhada em mim. Nunca contaria isso para ela, mas minha filha tinha fardos suficientes para carregar sem que eu a tornasse responsável por minha única chance de dormir. Mas, pelo jeito que sempre mergulhava em sono profundo, quase antes de eu cobri-la com minhas cobertas, eu achava que talvez o mesmo acontecesse com ela.

Milly dormia entre mim e a janela, estendida no tapete, e, desde o dia da minha chegada, eu deixava janela aberta à noite, embalada pelo barulho do mar, reconfortada pelas estrelas infinitas do céu ininterrupto. Nunca houve noite demasiadamente fria para me fazer fechá-la por completo. Ali, dois andares acima, eu podia ficar em paz com meus pensamentos e, quando sozinha, chorar sem que ninguém ouvisse. Eram as únicas vezes em que fechava a janela, para que o ar não transportasse nenhum som até as tripulações dos barcos ou ouvintes ocasionais lá embaixo. Mas o inverso também ocorria: assim como o vento leste levava minhas lágrimas abafadas, a suave brisa do oeste trazia direto para mim suas palavras e seu riso. E foi assim que, ao tirar o casaco pela cabeça e parar ali, seminua,

ouvi a voz do Greg. Um pouco afogada na bebida, havia perdido seu tom caloroso.

— Você não vai chegar a lugar nenhum com ela — dizia ele, enfático. — Faz quatro anos que estou esperando e, pode crer, ninguém chegou mais perto que eu.

Vários segundos se passaram até eu perceber que era de mim que ele falava. E senti tanta raiva da sua arrogância, do seu atrevimento de presumir algum tipo de posse sobre mim, de ele dizer aquilo a um desconhecido, que tive de lutar contra a ânsia de me vestir de novo, descer e dizer tudo isto para ele.

Mas não foi o que eu fiz. Estava abalada demais pelos acontecimentos do dia para começar outra briga. Fiquei apenas deitada ali, insone, xinguei Greg Donohoe e tentei não pensar no que um sotaque inglês era capaz de despertar em mim outra vez.

Levei uma boa hora para me dar conta de que não tinha escutado a resposta de Mike Dormer.

OITO

Kathleen

Mike achava que eu não percebia. Não se dava conta de que aquilo brilhava nele como um farol, toda vez que a olhava. Eu poderia tê-lo avisado, ter dito que Greg em parte falara a verdade. Mas de que adiantaria? As pessoas ouvem o que querem. E eu ainda estava para conhecer um homem que não achasse que podia virar o mundo de cabeça para baixo, se quisesse demais alguma coisa.

Dito isto, a perspectiva do Sr. Michael Dormer, de Londres, dar em cima da minha sobrinha me levou a examiná-lo com um pouco mais de atenção. Eu me flagrei prestando atenção em conversas inocentes, em busca de sinais de caráter, tentando descobrir algo mais sobre sua história. Hannah dissera que ele trabalhava no centro financeiro de Londres, e o pouco mais que Mike me contara não sugeria nada de particularmente interessante nisso. Algumas pessoas talvez se impressionassem com o fato óbvio de ele ter dinheiro, mas isso nunca significou grande coisa por aqui, com certeza não para mim. Além do mais, administrando esse hotel, eu já vira o efeito do dinheiro no caráter, e raras vezes era agradável. Não, Mike Dormer parecia gentil, era educado, sempre tinha tempo para Hannah, por mais trivial que fosse a pergunta da menina, e todas essas coisas contavam a seu favor. Era bonito, pelo menos na minha opinião — não que isso significasse grande coisa, segundo Hannah — e, apesar do jeito tranquilo e descontraído, não era nenhum ingênuo, como eu tinha observado quando, numa noite recente, Greg tentara adverti-lo a se afastar de Liza. “Obrigado pelo conselho”, ele havia respondido. Eu ficara recuada no vão da porta, sem saber ao certo se devia me preparar para uma explosão. Mas ele continuara, com aquele sotaque britânico que pulava sílabas: “Espero que não se importe se eu o ignorar, porque minha vida particular não é da sua

conta.” E, para minha surpresa, Greg — talvez tão desconcertado quanto eu — havia recuado.

Ele ainda parecia um peixe fora d’água, mesmo depois de quase três semanas em Silver Bay. Havia afrouxado um pouco o colarinho e comprado um casaco impermeável. Mas, ao se sentar com os baleeiros, como fazia quase todas as noites, continuava tão pouco à vontade quanto eu ficaria na sala dos diretores de uma empresa no centro financeiro de Londres.

Ah, ele bem que tentava: reagia com bom humor às piadas, aceitava suas provocações de mau gosto, comprava mais bebidas do que consumia. E, quando achava que não havia ninguém reparando, olhava para minha sobrinha.

Mas alguma coisa em Mike me incomodava. Eu tinha a sensação de que ele não vinha sendo sincero com a gente. Algo em sua essência me deixava inquieta. Por que um homem solteiro estava passando tanto tempo num balneário pequeno e sossegado como o nosso? Por que nunca falava da família? Certa manhã ele me dissera que não era casado nem tinha filhos e em seguida mudara educadamente de assunto. Já constatei que quase todos os homens, sobretudo os bem-sucedidos, falam deles mesmos à menor oportunidade, mas Mike parecia não querer nos contar nada a seu respeito.

Houve também a tarde em que o vi nos escritórios do Conselho Municipal. Eu havia ido à cidade comprar um uniforme novo para Hannah, pois Liza tinha dois passeios marcados naquele dia e não poderia ir. Parada diante do banco, depois de ter sacado dinheiro para pagar a compra, eu o vira descer a escada de dois em dois degraus, com uma pasta grande embaixo do braço.

Esse não é um fato que me incomodaria. O serviço de turismo ficava no térreo, e vários hóspedes do hotel iam lá em algum momento, muitas vezes por insistência minha. Não sei explicar com clareza, mas Mike me pareceu mais empertigado e dinâmico do que quando estava no hotel. E sobre sua expressão ao me avistar: sei quando alguém sente que foi pego em flagrante, e isso transpareceu no susto estampado em seu rosto.

Mike se recuperou depressa, atravessou a rua a passos largos, puxou conversa comigo sobre o que tinha visto na cidade e me perguntou qual era

o melhor lugar para comprar cartões-postais. Aquilo me deixou um pouco abalada. Senti, de repente, que ele estava escondendo alguma coisa.

Nino me disse que eu estava exagerando. Ele conhecia um pouco a história de Liza — tanto quanto precisava saber — e me achava superprotetora.

— Ela já é crescidinha — disse —, com uma personalidade muito diferente da que tinha quando chegou aqui. Tem trinta e dois anos, pelo amor de Deus.

E tinha razão. Na verdade, eu podia traçar a veracidade das palavras de Nino nas fotos que Liza e minha irmã tinham me mandado, na história da sua vida naqueles últimos quinze anos.

Não é incomum contar uma vida com fotos, incomum era como a aparência de Liza refletia abertamente a situação que estava vivendo. Dava para notar isso nos seus olhos depois da morte da minha irmã, sua mãe, pois, após um ano, ela usava uma maquiagem pesada e extravagante, que provavelmente lhe proporcionava um anteparo atrás do qual se esconder e que a deixava parecendo uma desconhecida para mim. Era difícil acreditar que a menina que me escrevera cartas cheias de divagações sobre pôneis e as dificuldades da quarta série, a criança que tinha me visitado e feito acrobacias ao longo do cais, estava embaixo daquela camuflagem.

Depois, passados alguns anos, via-se outra coisa: a suavização e a vulnerabilidade que vêm com a maternidade. Lá estava Liza, orgulhosa, exausta, poucas horas depois de dar à luz, o cabelo colado em mechas suadas no rosto. Mais tarde, quando Hannah tinha cerca de um ano, ela apareceu beijando as bochechas rechonchudas da filha, numa foto feita em alguma cabine automática apertada, dessas de tirar fotografias para passaporte. Quando Liza conheceu Steven, as fotos pararam de chegar. Na única que tenho daquele período, que nunca quis expor, ele exibe um ar esnobe, o braço em volta dos ombros dela, aparentemente orgulhoso de ser pai. Também quanto a isso, Nino havia achado exagerada a minha reação. “Ela está linda”, dissera. “Bem-arrumada, com roupas caras.” Mas, para mim, os olhos de Liza pareciam velados, não diziam nada.

Não temos fotos da época em que elas chegaram aqui. Qual seria o sentido disso?

E agora, passados cinco anos, o que uma fotografia dela revelaria? Uma mulher mais sensata e forte. Alguém que talvez não tenha feito as pazes com o passado, mas cujo caráter traz uma determinação feroz de fugir dele.

Uma boa mãe. Uma pessoa amorosa, corajosa, porém mais triste e mais arisca do que eu gostaria que fosse. Isso é o que a foto revelaria. Se Liza nos deixasse tirar alguma.

* * *

Na manhã seguinte, quando ela e Hannah estavam sentadas à mesa da cozinha, tomando café, chegou um entregador que fez o caminhão — como acontece com todos os caminhões de entrega — derrapar até parar no cascalho do lado de fora. Mastigando chiclete, o homem me entregou uma caixa endereçada a Mike, pela qual assinei. Quando meu hóspede desceu — estava comendo com a gente na cozinha quase todos os dias —, encontrou Hannah morrendo de curiosidade.

— Você recebeu um pacote! — anunciou ela, ao vê-lo. — Chegou agora de manhã.

Mike pegou a caixa e se sentou. Usava um suéter que parecia muito macio. Lutei contra a vontade de perguntar se era de caxemira.

— Mais rápido do que eu havia imaginado — comentou, entregando-o a Liza. — Para você.

Receio que o olhar que ela lançou para ele tenha sido de profunda desconfiança.

— O quê?

— Para você — repetiu ele.

— O que é isso? — perguntou ela, olhando para o embrulho como se não quisesse tocá-lo.

Ainda não havia prendido o cabelo, que caía em volta do seu rosto, escondendo-o. Talvez essa fosse a intenção.

— Abra, mãe — pediu Hannah. — Se você quiser eu abro.

Estendeu a mão, e Liza deixou o embrulho deslizar dos dedos. Enquanto eu fatiava o pão, Hannah atacou o invólucro plástico de

segurança, abrindo as partes mais teimosas com a faca. Após algum tempo, rasgou o embrulho e deu uma olhada na caixa de papelão.

— É um celular! — anunciou.

— Com câmera — disse Mike, apontando para a imagem —, que nem o meu. Achei que você o poderia usar para filmar os barcos.

Liza fitou o aparelhinho prateado, que me pareceu tão primorosamente pequeno que não daria para digitar nem um só número sem usar a ponta de um lápis e um microscópio. Depois de muito tempo, ela perguntou:

— Quanto custou?

Mike estava passando manteiga numa torrada.

— Não se preocupe com isso.

— Não posso aceitar — disse ela. — Deve ter custado uma fortuna.

— Dá para fazer filmes com ele? — Hannah já estava remexendo na caixa, à procura do manual de instruções.

Mike sorriu.

— Na verdade, não custou nada. Fiz um negócio há algum tempo com o fabricante. Eles tiveram prazer em me enviar um. — Ele bateu de leve no bolso. — Foi assim que ganhei o meu.

Hannah ficou impressionada.

— Muita gente manda coisas de graça para você?

— Chamamos isso de fazer negócios — explicou ele.

— Você pode conseguir tudo o que quiser?

— Em geral, só quando as pessoas acham que um dia vão receber alguma coisa em troca — respondeu Mike, e logo acrescentou: — Em termos de negócios, quer dizer.

Pensei nessa frase quando coloquei o leite diante dele, com um pouco mais de força do que pretendera. Tentei não pensar no nosso encontro do dia anterior.

— Escute — disse ele, quando Liza continuou sem tocar no telefone —, considere um empréstimo, se quiser. Pegue e use o aparelho na temporada de migração das baleias. Não gostei do que vi no outro dia, e seria bom saber que você tem mais munição contra os bandidos.

Notei que esse tinha sido um argumento persuasivo para minha sobrinha. Suponho que Mike houvesse adivinhado que ela não poderia

comprar um equipamento como aquele, nem se fizesse dois passeios por dia com o barco cheio durante toda a temporada.

Por fim, hesitante, Liza pegou o telefone das mãos da filha.

— Eu poderia mandar fotos diretamente para o Serviço de Parques Nacionais — comentou, girando o aparelho na mão.

— Assim que vir alguém fazendo alguma coisa errada — concordou Mike. — Posso tomar mais um pouco de café, Kathleen?

— Não só fotos dos barcos-discoteca, como de várias coisas. Animais desesperados, presos em redes de pesca. Eu poderia emprestá-lo aos outros barcos, quando não estivesse usando.

— Eu poderia fazer um filme dos golfinhos na baía e mostrar na escola. Quer dizer, se você me levasse para ver os golfinhos. — Hannah se virou para a mãe, mas Liza continuava olhando fixamente para o pequeno aparelho.

— Não sei o que falar — confessou.

— Não foi nada — retrucou Mike com indiferença. — Sério. Não precisamos mais falar sobre o assunto. — E, como que para enfatizar o que dissera, pegou o jornal e começou a ler.

Mas, do mesmo jeito que percebi que ele não estava lendo nada, tive sobre aquele celular um pressentimento que se confirmou no dia em que, ao arrumar a cama de Mike, encontrei o recibo. Fora encomendado na Austrália, por um site, e havia custado mais do que o hotel cobrava por uma semana de hospedagem.

* * *

No dia em que Liza e Hannah chegaram aqui, dirigi por três horas até o aeroporto de Sydney para buscá-las, e quando chegamos ao hotel, minha sobrinha se deitou na minha cama e ficou nove dias sem se levantar.

No terceiro deles, eu estava tão assustada que chamei o médico. Era como se ela houvesse entrado num coma. Não comia, não dormia, só tomava um ou outro gole do chá adoçado que eu colocava na mesinha de cabeceira e se recusava a responder a qualquer pergunta que eu fazia. Passava quase todo o tempo deitada de lado, os olhos fixos na parede,

transpirando de leve ao calor do meio-dia, com o cabelo louro escorrido, um corte no rosto e um hematoma enorme descendo pela lateral do braço. O Dr. Armstrong falou com ela, declarou-a saudável e disse que talvez fosse alguma virose, ou uma possível neurose, e que era melhor deixá-la descansar.

Acho que fiquei aliviada por Liza não ter vindo aqui só para morrer, mas ela me trouxe uma grande carga para enfrentar. Hannah tinha apenas seis anos, era ansiosa e muito grudada com a mãe, propensa a explosões de choro, e eu a encontrava aos prantos pelos corredores frequentemente, durante a madrugada. Não era de admirar, considerando que passara um dia e duas noites viajando para um lugar desconhecido, para ser cuidada por uma senhora que ela nunca tinha visto. Estávamos em pleno verão, e a menina sofreu uma erupção de brotoejas por causa do calor, quase morreu com tantas picadas de mosquito e não conseguia entender por que eu não a deixava brincar fora de casa. Eu tinha medo do sol na sua pele clara, de deixá-la perto demais da água, de que ela não voltasse.

Quando eu não estava vigiando, quando me distraía com alguma tarefa doméstica, Hannah ia pé ante pé para o andar de cima e se agarrava à mãe feito um macaquinho, como se pudesse trazê-la de volta à vida com um abraço. O jeito que ela chorava à noite era de cortar o coração. Eu me lembro de ter rezado para minha irmã, perguntando o que diabo eu devia fazer com aquela filha dela.

Por volta do nono dia, dei um basta. Estava exausta de cuidar dos hóspedes e daquela criança chorona, que não conseguia dar uma explicação satisfatória sobre o que estava acontecendo, assim como eu, que também não sabia explicar nada a ela. Eu queria minha cama de volta e um momento de paz. Nunca tivera uma família própria, então não estava acostumada com o caos que filhos provocavam, com suas necessidades e exigências mutáveis, então fiquei irritada.

Àquela altura, eu desconfiava de que houvera um problema com drogas: Liza andava muito distante, pálida e desconectada. Podia ter sido qualquer coisa, concluí, com certo constrangimento, afinal, a gente manteve pouquíssimo contato nos anos anteriores. Muito bem, pensei, se

era isso que ela estava trazendo para dentro da minha casa, teria que lidar com essa questão. Ela teria que obedecer às minhas regras.

— Levante-se! — gritei, abrindo a janela e colocando uma caneca de chá ao seu lado. Como ela não respondeu, puxei as cobertas e tentei não estremecer à visão dolorosa da sua magreza. — Vamos, Liza, o dia está lindo e já está na hora de você se levantar. Sua filha precisa de você, e eu tenho que tocar minha vida.

Lembro bem que ela virou a cabeça, os olhos sombrios com a recordação dos horrores que viveu, e toda minha determinação desapareceu. Eu me sentei na cama e coloquei sua mão entre as minhas.

— O que foi, Liza? — perguntei em voz baixa. — O que está acontecendo?

E quando ela me contou, puxei-a para junto de mim e a abracei com força, os olhos fixos no horizonte, enquanto, finalmente, a dezessete mil quilômetros de distância e passadas centenas de horas, Liza chorava.

* * *

Eram mais de dez horas da noite quando soubemos que um filhote de baleia havia encalhado na praia. Yoshi me chamara pelo rádio à tarde, para dizer que tinham visto uma jubarte aflita, nadando de um lado para outro na entrada da baía. Ela e Lance haviam chegado bem perto, mas não conseguiram entender qual era o problema: a baleia não exibia sinais óbvios de doença nem arrastava redes soltas que pudessem tê-la cortado. Apenas nadava sem parar, seguindo um curso irregular e estranho. Era um comportamento anormal para uma baleia migratória. No final da tarde, ao saírem com um grupo para um passeio noturno — um barco lotado de funcionários de uma seguradora de Newcastle —, notaram que o filhote estava encalhado.

— É aquele que vimos antes — disse Liza, ao desligar o rádio. — Eu o conheço.

Estávamos sentadas na cozinha. Era uma noite fria, e Mike tinha se recolhido ao salão para ler o jornal diante da lareira.

— Posso ajudar? — perguntou ele, ao nos ver no corredor principal, vestindo os casacos impermeáveis e calçando as botas.

— Será que você pode ficar aqui, para Hannah não dormir sozinha? Se ela acordar, não conte o que houve.

Fiquei surpresa ao ver Liza fazer esse pedido — ela nunca havia nem contratado uma babá desde sua chegada —, mas tínhamos que sair o mais rápido possível, e suponho que, como eu, ela houvesse chegado a uma conclusão sobre o caráter de Mike.

— Talvez a gente demore um pouco — avisei, dando um tapinha no seu braço. — Não espere acordado. E faça o que quiser, mas não deixe Milly sair. A pobre da baleia já tem problemas demais sem uma cadela correndo ao redor dela.

Mike nos observou enquanto subíamos na caminhonete. Tive a sensação de que ele preferiria vir junto e ajudar. Pelo retrovisor, vi sua silhueta no vão da porta, ao longo de todo o percurso pela estrada litorânea.

* * *

Poucas visões são mais desoladoras que a de um filhote de baleia encalhado na praia. Graças a Deus, só vi isso duas vezes em todos os meus setenta e tantos anos. O filhote, talvez com uns dois metros de comprimento, jazia na areia, alheio e vulnerável, mas estranhamente familiar. O mar o puxava de leve, como se as ondas tentassem convencê-lo a voltar para casa. Devia ter apenas alguns meses de vida.

— Já chamei as autoridades — informou Greg, que já estava lá, tentando impedir que o animal encalhasse ainda mais na areia da praia.

A lei não permitia que alguém tentasse mover uma baleia sem ajuda oficial: se o animal estivesse doente, isso poderia fazer mais mal do que bem. E, caso as pessoas bem-intencionadas a virassem na direção do mar, isso poderia atrair um bando inteiro: no dia seguinte, as baleias encalhariam numa quantidade assustadora, como que por solidariedade.

— Pode ser que ele esteja doente. Está bem fraco mesmo — comentou Greg. Sua calça jeans estava molhada até a metade das pernas, por ter se

ajoelhado. — Ele ainda deve mamar, e não vai resistir muito sem leite. Acho que deve estar aqui há algumas horas.

Deitado de lado, com a cara apontada para a praia, o filhote tinha os olhos semicerrados, como se contemplasse a própria desgraça. Sua aparência dava pena, era um animal pouco desenvolvido para ficar sozinho naquele local.

— Ele não encalhou por estar doente. Foram aqueles malditos barcos — sibilou Liza, pegando o balde e indo enchê-lo de água. — A música alta desorienta as baleias. Os filhotes não têm qualquer chance.

Não havia iluminação artificial ao longo da estrada litorânea, e nós três trabalhamos praticamente em silêncio durante quase uma hora, esperando o pessoal do Serviço de Parques Nacionais ou os salva-vidas chegarem pela costa. A luz de nossas lanternas balançava de um lado para outro em nossas idas e vindas da água, na tentativa de manter o animal molhado. Fazíamos o máximo de silêncio possível. O tamanho das baleias dá uma impressão enganosa da sua resistência. Na realidade, a vida de uma dessas criaturas imensas é tão frágil quanto a de um peixinho de aquário em parques de diversões.

— Vamos, nenenzinho — sussurrava Liza, ajoelhando-se na areia de vez em quando para afagar a cabeça do animal. — Aguente firme aí, enquanto arranjamos uma maca para você. Sua mamãe está lá fora, à sua espera.

Desconfiávamos que fosse verdade. Mais ou menos a cada meia hora, ouvíamos um respingo distante na água, que ecoava pelas colinas cobertas de pinheiros atrás da faixa principal de areia. Talvez fosse o som da mãe perscrutando os mares, para avaliar quão perto poderia chegar. Era de partir o coração ouvir a angústia daquela mãe. Tentei tampar os ouvidos enquanto circulávamos. Eu tinha medo de que a mãe, desesperada, encalhasse na praia.

Greg ligou do celular três vezes, e numa delas percorri a estrada de carro, tentando recrutar os salva-vidas. Mas passava da meia-noite quando os guardas ambientais chegaram. Aparentemente, a comunicação havia caído e alguém tinha informado a localização errada, além da única

padiola existente ter sumido. Liza mal ouviu a explicação e foi logo dizendo:

— Escutem, precisamos levar o filhote para a água. Depressa. Sabemos que a mãe ainda está lá fora.

— Vamos tentar empurrá-lo — disseram os guardas, e rolaram o filhote para a maca dos golfinhos.

Depois, grunhindo com o esforço, levaram-no até a rebentação, aparentemente alheios ao frio implacável das ondas. Parada na praia, eu os vi discutirem se deviam tentar colocá-lo num dos barcos e transportá-lo até a mãe, mas o homem do Serviço de Parques Nacionais disse não ter certeza de que o filhote tivesse força suficiente para sobreviver a ser içado, menos ainda para nadar. E eles temiam que a mãe se sentisse ameaçada pelo barco e abandonasse a área.

— Se a gente conseguisse estabilizá-lo — murmurou alguém —, talvez pudesse levá-lo mais para dentro da baía…

Balançaram o filhote com delicadeza, ajudando-o a recuperar o equilíbrio aquático, que ele devia ter perdido durante o tempo passado na praia. Após cerca de uma hora, avançaram mais para o fundo. Liza e Greg, já então submersos até o peito, nenhum dos dois com roupa de mergulho, tremiam de frio enquanto incitavam o bichinho a nadar até a mãe. Liza batia o queixo, e eu também.

Mesmo assim, o filhote não se mexeu.

— Está bem, não vamos empurrá-lo — disse um dos homens, quando perderam a esperança de que o filhote nadasse. — Vamos só ficar aqui um pouco, para ele descobrir onde está enquanto o sustentamos. Talvez precise de um pouco mais de tempo para se orientar.

Mesmo boiando parcialmente na água, um filhote de baleia tem um peso assombroso. Da praia, com Yoshi a meu lado, eu observava os quatro lá em pé. Liza, firmando os ombros estreitos contra o peso, sussurrava palavras de incentivo ao filhote, tentando induzi-lo a nadar de volta para a mãe.

Já eram quase duas da manhã, e ficou óbvio para todos nós que o filhote estava mal. Parecia exausto, tinha a respiração irregular e fechava os olhos

de vez em quando. Talvez já estivesse doente antes, pensei. Pode ser que a mãe soubesse disso, mas, ainda assim, não conseguisse abandoná-lo.

Não sei quanto tempo eles ficaram lá. A noite assumiu um estranho caráter atemporal, as horas se arrastando num clima opressivo de frio, conversas murmuradas e desespero crescente. Dois carros passaram, atraídos pela visão da luz de lanternas na praia. Um deles estava cheio de jovens sorridentes, que saltaram e se ofereceram para ajudar. Agradecemos e os despachamos, pois a última coisa de que a pobre criatura precisava era de um bando de adolescentes embriagados, circulando por toda parte. A certa altura, Yoshi e eu preparamos café no *Moby I*, que estava ancorado, e depois ela e Lance entraram na água, para que cada ajudante pudesse fazer uma pausa de quinze minutos e se aquecer com uma bebida. Mas a noite se arrastava, e peguei emprestada uma jaqueta para vestir por cima da que já estava usando, porque, por algum motivo, o frio nos ossos dos velhos é muito mais forte.

E então o ouvimos: um ruído terrível e vago que vinha do alto-mar, um estranho lamento que subia e descia, o raro som do canto das baleias acima da água.

— É a mãe! — gritou Liza. — Está chamando o filhote.

Yoshi balançou a cabeça.

— As fêmeas não cantam — disse. — É mais provável que seja um macho.

— Quantas vezes você já ouviu canto de baleia fora da água? — perguntou Liza. — É a mãe, eu sei.

Yoshi não insistiu e acabou dizendo:

— Alguns estudos apontaram que há sempre um macho cantor acompanhando a mãe e o filhote a distância. Como uma escolta. Talvez esteja à procura deles.

— Não parece ter ajudado muito esse cara aqui — disse um dos homens do Serviço de Parques Nacionais, quando nos sentamos na areia molhada. — Ele não parece ter energia para lutar.

Junto a mim, Liza balançou a cabeça. Tinha os dedos roxos de frio.

— Precisa ter. Só está desorientado. Se dermos tempo suficiente, talvez descubra onde está a mãe. Poder ouvi-la deve servir para alguma coisa.

Mas nenhum de nós sabia ao certo quanto aquele filhotinho ainda escutava. Para mim, o pobrezinho parecia semimorto, e sua luta para respirar era visível. Eu já não sabia direito para quem eles o estavam segurando na água. Quanto a mim, eu mal conseguia me aguentar em pé. Apesar de ter um corpo robusto, sou velha demais para passar noites em claro, e descobri que, ao me sentar, como Yoshi insistia que eu fizesse, eu dava breves cochilos, dos quais era despertada pelas discussões urgentes a poucos metros de distância.

Porque isto é o que há de pior quando uma baleia encalha: é como se ela tivesse optado por morrer, e nós, humanos, sem compreender, apenas prolongássemos sua agonia, lutando contra a morte. Toda vez que uma delas é salva, toda vez que uma sai nadando mar adentro em triunfo, isso nos deixa mais seguros de nossas atitudes, mais seguros de que sempre devemos nos esforçar para salvá-las. Mas, e se, em algumas ocasiões, apenas as deixássemos em paz? E se o bebê precisasse partir? Caso o houvéssemos deixado sozinho, será que a própria mãe se aproximaria e o empurraria de volta para a água? Eu já ouvira falar de coisas assim. A ideia de que pudéssemos ter contribuído para o sofrimento dos animais era terrível demais para ser considerada, por isso a bloqueei da minha mente e tentei pensar, em vez disso, em questões domésticas: os tênis da Hannah, uma chaleira quebrada, a última vez que eu tinha feito minhas contas. De vez em quando, desconfio, eu pegava no sono.

Por fim, quando o sol raiou sobre o pontal, projetando uma pálida luz azul em nosso grupinho na areia, acordei de vez, sobressaltada, ao ouvir um dos homens do Serviço de Parques Nacionais anunciar que não havia esperança.

— Devíamos partir para a eutanásia — sugeriu, esfregando os olhos. — Se o deixarmos aqui por mais tempo, corremos o risco de que a mãe se aproxime e encalhe.

— Mas ele ainda está vivo — disse Liza. A luz clara a revelou emaciada e exausta. Continuava tremendo com suas roupas molhadas, mas se recusou a trocá-las pelas roupas secas que Yoshi lhe ofereceu, pois iriam ficar encharcadas de novo quando voltasse a entrar na água. — Com certeza, enquanto há vida…

Greg envolveu seus ombros e a abraçou com força. Tinha os olhos vermelhos e o rosto escurecido pela barba por fazer.

— Fizemos tudo que era possível, Liza. Não podemos colocar a mãe em perigo também.

— Mas ele não está doente! — gritou minha sobrinha. — São só aqueles barcos desgraçados. Se conseguirmos levá-lo até a mãe, vai ficar bom.

— Não, não vai. — O homem do Serviço de Parques Nacionais colocou a mão nas costas do filhote. — Faz oito horas que estamos aqui com ele, já o levamos para águas mais fundas e voltamos para o raso, e ele mal se mexeu. É pequeno demais para saltar e está muito frágil para voltar para o mar. Se o levarmos mais para o fundo, vai se afogar, e não estou disposto a ver isso. Desculpe, pessoal, mas ele não vai a lugar algum.

— Que situação terrível — comentou Lance.

Yoshi, encolhida sob um dos braços dele, havia começado a chorar. Eu também lutava contra as lágrimas.

— Mais meia hora — suplicou Liza, alisando a pele do filhote. — Só mais meia hora. Se ao menos pudermos levá-lo de volta para a mãe… Escute, ela saberia se ele não fosse sobreviver, não é? A esta altura, já o teria abandonado.

Tive que desviar os olhos. Não suportei o que ouvi na voz dela. O homem seguiu na direção da caminhonete.

— A mãe não vai ajudá-lo agora. Sinto muito.

— Então, deixe-o morrer perto dela — implorou Liza. — Não o deixe morrer sozinho. Podemos levá-lo até lá para ficar perto dela.

— Não posso fazer isso. Mesmo que a viagem não traumatizasse o filhote, não há garantia de que ela vá nos deixar chegar perto. Talvez a gente a aflija ainda mais.

Fui embora nesse momento, em parte para estar com Hannah quando ela acordasse para ir à escola, em parte para fugir de uma cena que eu considerava insuportável. Fico feliz por não ter visto as duas injeções serem aplicadas e a angústia do homem do Serviço de Parques Nacionais quando nenhuma das duas fez o filhote apagar. Precisaram de mais vinte minutos para encontrar uma arma, porém mais tarde Yoshi me contou que,

antes de encostarem o cano na cabeça, a pobre criaturinha suspirou baixo e morreu. Nessa hora, todos choraram, tremendo de frio sob a névoa matutina. Até o grandalhão do Serviço de Parques Nacionais, que disse ter sido sua segunda baleia encalhada em quinze dias, chorou.

Mas, de acordo com Yoshi, Liza se descontrolou. Soluçava tanto que quase hiperventilou, e Greg a segurou, por medo de que ela ficasse totalmente fora de si. Liza continuou na água, com os braços estendidos. Como se ela mesma tivesse cometido um erro, gritava pedidos de desculpas à baleia mãe. Chorou muito quando cobriram o cadáver com uma lona impermeável, para protegê-lo dos olhares curiosos dos passantes, que os homens do Serviço de Parques Nacionais perguntaram a Lance, em surdina, se ela era, sabe, uma pessoa normal.

Yoshi contou que foi nesse instante que Liza se acalmou um pouco. Greg lhe deu uma bela dose de conhaque (tinha uma garrafa no porta-luvas da caminhonete). Enquanto Lance e Yoshi tomavam um traguinho revigorante, ela virou várias doses. E então, depois de mais algumas, enquanto o sol nascia sobre Silver Bay, iluminando o cadáver na praia e a beleza inocente ao seu redor, enquanto os gritos que todos torcíamos para não terem sido da mãe do filhote iam se atenuando, Liza subiu cambaleante na caminhonete e seguiu para a casa de Greg.

NOVE

Mike

Maldito jet lag! Mal passava das seis da manhã, e eu estava incomodado por já ter acordado, pensando na conversa que acabara de ter com Dennis, na Inglaterra, tentando me convencer de que não estava sentindo as coisas que tinha certeza de que não devia sentir.

Não precisei adivinhar o que havia acontecido. Eu tinha acordado pouco depois das quatro e ficara desperto por algum tempo, minhas ideias zunindo maldosamente no escuro. Por fim, me levantei, descobri que o hotel continuava vazio, a não ser por mim e Hannah, e perambulei pelos cômodos vazios. Acabei, enfim, voltando ao meu quarto, com os binóculos de Kathleen, e ajustei o foco pela bay window. Mal consegui distinguir a luz bruxuleante das lanternas e a iluminação ocasional da cena na praia pelos faróis de um carro ou outro. Em repentinos clarões de luz, vi Greg e os outros baleeiros entrarem e saírem da água e, algum tempo depois, reconheci — pela cor da jaqueta — Liza, sentada na areia, e dois caras conversando ao lado do que parecia uma lona impermeável.

Xinguei o jet lag e disse a mim mesmo que era possível que o atordoamento retornasse, ainda que a pessoa tivesse dormido muito bem por mais de uma semana. Àquela altura, eu tinha aberto a cortina, feito café e contido minha ânsia de olhar de novo para a praia. Há algo de irresistível nos dramas de vida ou morte, mesmo quando envolvem animais. Para mim, no entanto, a compulsão de olhar sempre trazia consigo um leve mal-estar, como se todo o interesse fosse indicativo de alguma deficiência do meu caráter, de algo exploratório e frio.

Além disso, ser capaz de espiar outras pessoas sem ser visto me fazia pensar em segredos, em coisas que eu não tinha contado a Vanessa… Coisas que ainda ameaçavam ganhar grandes proporções e me engolir

como prova da minha falsidade. Em Silver Bay, na maior parte do tempo, eu havia conseguido esquecer meus próprios atos, perdê-los com a distância e as diferentes zonas de fuso horário, até porque agora eu passava metade do tempo com a sensação de estar levando a vida de outra pessoa. Mas, naquelas horas silenciosas antes do amanhecer, não havia distrações. Era pequena a chance de fugir da verdade a respeito de mim mesmo.

E então, antes que eu pudesse ponderar mais sobre essas e outras questões das primeiras horas do dia, Dennis ligou, aparentemente desinteressado na diferença de fuso horário, explosivo, com uma fúria mal contida, apesar do repouso absoluto que lhe impuseram, e insistiu em que eu detalhasse cada conversa que tivera, cada passo que tinha dado para o desenvolvimento do projeto. Já era difícil tranquilizar ele nas condições mais favoráveis, e se tornava quase impossível naquele estado de espírito. No escritório, quando ficava assim, desaparecíamos em reuniões imaginárias e disfarçávamos até que, como um furacão, ele perdesse o fôlego. Homem de extremos, em noventa por cento do tempo ele sabia ser o sujeito mais generoso e otimista imaginável, o tipo de pessoa que nos inspirava a ser uma versão melhor de nós mesmos, a ter um desempenho superior ao que acreditávamos estar ao nosso alcance. Essa fora uma das razões que me levara a querer trabalhar para e com ele. Mas, nos outros dez por cento do tempo, ele podia ser simplesmente um tirano.

— Já conseguiu a licença para as obras? — quis saber.

— Aqui as coisas não funcionam tão rápido assim. — Girei a caneta entre os dedos, me perguntando por que aquele homem, que supostamente não era muito mais que meu sócio, um igual, conseguia me fazer transpirar feito um adolescente, mesmo a mais de dezessete mil quilômetros. — Eu disse isso antes de vir para cá.

— Você sabe que não é o que quero ouvir. Preciso que o negócio seja fechado, Mike.

— Talvez haja alguns problemas com… o lado ecológico da coisa.

— O que você quer dizer com isso?

— Os esportes aquáticos poderiam… ser considerados causadores de um impacto negativo na vida marinha local.

— Isso é uma baía! — esbravejou ele. — Uma baía com navios, viveiros de ostras, lanchas, sabe-se lá o que mais. Tem sido assim há cem anos. Como é que podem achar que nossas diversões num trechinho minúsculo do litoral são capazes de afetar seja lá o que for?

— Talvez a gente encontre alguma resistência nos observadores de baleias.

— Observadores de baleias? Quem são eles: um bando de vegetarianos apaixonados pelo Greenpeace?

— São a atração turística mais importante da baía.

— E o que fazem todos os dias?

Olhei para o fone em minha mão.

— Hum, observam baleias?…

— É exatamente o que quero dizer. E em que eles observam as baleias?

— Em barcos.

— Iates? Barcos a remo?

— Barcos a motor.

Entendi aonde ele queria chegar. Quando tornei a olhar pela janela, todos haviam sumido, inclusive a baleia.

Por volta das seis horas, ouvi a porta de tela se abrir, desci ao pé da escada e encontrei Kathleen tirando o casaco molhado no corredor. Ao brilho claro da luz matinal, ela parecia arrasada, talvez mais velha e frágil que doze horas antes, com os movimentos atrapalhados por causa da exaustão. Liza não estava com ela.

— Deixe que eu tiro seu casaco — ofereci.

Ela recusou minha oferta.

— Não se incomode. — Pelo tom da resposta, presumi o destino do filhote de baleia. — Cadê Hannah?

— Ainda dormindo.

Era mais do que se poderia dizer da cadela de Liza, que havia arranhado a porta e ganido desde o instante em que elas saíram.

Kathleen balançou a cabeça.

— Obrigada — disse, encurvada. Foi a primeira vez que a vi como uma idosa. — Vou preparar um bule de chá. Você quer?

Concluí que a morte de um filhote de baleia devia ser suficientemente incomum para abalá-la, mas me surpreendeu que alguém famoso por matar um tubarão sentisse tamanha tristeza por outra criatura marinha. E, enquanto pensava nisso, sentado à mesa da cozinha, já que Kathleen tinha insistido em que ela mesma fizesse o chá, percebi que eu estava esperando o barulho da porta, do farfalhar da capa de chuva de Liza na parede, quando ela entrasse e largasse as chaves no pote da mesa do saguão.

— Coitada daquela criatura — disse Kathleen, quando se sentou, por fim. — Não tinha a menor chance. Devíamos ter dado o tiro de misericórdia logo no começo.

Tomei duas xícaras de chá antes de juntar coragem para perguntar alguma coisa. No fim das contas, tentei parecer desinteressado. Observei que, obviamente, Liza tinha resolvido sair cedo no *Ishmael*, e, quase antes que as palavras saíssem da minha boca, ela me lançou um olhar sugestivo de que não fazia sentido nenhum nós dois fingirmos.

— Ela está com Greg — disse.

As palavras pairaram no ar.

— Eu não tinha percebido que eles estavam juntos. — Minha voz saiu alta e falsa.

— Não estão — retrucou Kathleen, extenuada. E então, como que a troco de nada, comentou: —Liza encarou a morte do filhote como uma coisa muito pessoal.

Fez-se um silêncio demorado, durante o qual fixei o olhar na minha xícara vazia e tentei não deixar os pensamentos divagarem.

— Mas é claro que ela não podia ter feito mais nada — declarei.

Foi uma frase banal. Mas eu não conseguia entender por que uma baleia morta significava que ela teria que dormir com Greg.

— Escute, Mike, Liza perdeu uma criança há cinco anos, pouco antes de vir morar aqui. Essa é a maneira que ela tem de lidar com isso. — Kathleen baixou a voz, puxou a xícara mais para perto e tomou um gole de chá. Suas mãos eram grandes, notei, e lembravam as de um operário. Não eram macias e delicadas como as de minha mãe. — Infelizmente, isso significa que, uma ou duas vezes por ano, aquele pobre tolo acha que tem alguma chance.

Enquanto eu digeria a notícia, ela se levantou, usando as palmas das mãos para se apoiar, e anunciou, mal reprimindo um bocejo, que era melhor acordar Hannah. A brusca mudança de assunto me informou que ela não queria mais discutir essa questão. A luz que inundava a cozinha, entrando pela janela, fez sua pele parecer desbotada, muito diferente do seu habitual tom corado. Fiquei pensando no que ela teria passado lá na praia. Era fácil esquecer como era velha.

— Eu a levo à escola, se você quiser — ofereci. — Não tenho mais nada planejado. — De repente, percebi que precisava de uma tarefa para interromper meus pensamentos. Queria a conversa animada de Hannah sobre as paradas de sucesso, as aulas de tecnologia e os almoços da escola. Queria ir para algum lugar, sair daquela casa. — Kathleen, você me ouviu? Eu levo Hannah.

— Tem certeza?

Seu olhar de gratidão, quando fui pegar a chave, me mostrou como Kathleen Whittier Mostyn, a lendária pescadora e anfitriã aparentemente incansável, estava exausta.

* * *

É muito possível que, nas aparências, como diria minha irmã, eu pareça mais mulherengo do que sou. A verdade é que, nos quatro anos em que me relaciono com Vanessa, até aquela noite com Tina, eu nunca havia beijado outra garota. O que não quer dizer que não pensasse nisso… afinal, sou humano. Mas, até a noite de comemoração no escritório, a ideia de trair Vanessa parecia tão distante do possível, que dirá do provável, que, até quando segurei o corpo magro e firme de Tina junto ao meu, e ela enfiou avidamente as mãos dentro da minha calça, parte de mim teve vontade de rir da ideia ridícula de que aquilo estivesse acontecendo.

Conheci Vanessa Beaker na Beaker Holdings, na época em que ela ocupava um cargo temporário no departamento de marketing, e, embora muitas pessoas tenham suspeitado de outra coisa, fazia semanas que namorávamos quando descobri a importância do sobrenome dela. Ao saber quem ela era, pensei em terminar o relacionamento. Eu queria muito

aquele emprego e havia identificado o caminho por onde minha carreira poderia progredir na empresa. A possibilidade de arriscar isso por um relacionamento do qual eu não estava seguro não parecia valer a pena.

Mas eu não havia contado com a reação da minha namorada. Ela me disse para não ser ridículo, informou o pai sobre nosso relacionamento na minha frente, acrescentou que ficarmos juntos ou não era algo que não dizia respeito a ele e, depois disso, me informou que sabia que eu era o homem certo. Em seguida, me deu um daqueles sorrisos que diziam que a possibilidade de essa afirmação me assustar nem merecia ser considerada.

E acho que mal cheguei a considerá-la. Minha irmã, Monica, dizia que eu era preguiçoso nos relacionamentos, ficava feliz por ter mulheres atraentes atrás de mim e só precisara tomar a iniciativa de terminar um namoro uma única vez. Vanessa era bonita, às vezes quase linda, feliz, confiante e inteligente. Todo dia dizia que me amava. Se bem que, mesmo que não dissesse, eu acabaria sabendo, porque ela me paparicava em casa, tinha um apetite descomplicado por sexo e gastava um tempo e energia enormes preocupando-se com minha aparência e meu bem-estar. Eu não me incomodava, porque assim eu não precisava fazer isso. E confiava na opinião dela. Vanessa era inteligente, como eu já disse, e tinha o talento do pai para os negócios.

Eu não sabia por que precisava defender esse relacionamento para minha irmã, mas era o que eu fazia. Com frequência. Ela dizia que Vanessa era uma "patricinha deslumbrada". Que eu provavelmente me casaria com qualquer uma, qualquer uma mesmo, que fizesse os mesmos esforços que Vanessa, que facilitasse tanto a minha vida assim. Dizia que eu nunca havia amado de verdade, porque nunca acabara me magoando. Eu respondia que a versão dela dos relacionamentos mais me parecia masoquismo.

Fazia um ano e três meses que Monica não tinha nenhum relacionamento. Ela me disse que estava entrando na idade em que os bons partidos a consideravam "complicada demais".

— O que você quer? — perguntou, quando liguei para ela.

— Olá, irmã querida. Senti saudades de você — respondi. — Como anda a vida do outro lado do planeta? Como está se saindo no grande

negócio da sua carreira?

— Está me ligando para dizer que vai emigrar? Vai me pagar para visitá-lo? Se me comprar uma passagem na primeira classe, comunico à mamãe e ao papai por você.

Ouvi um cigarro se acender. Ao fundo, havia o barulho de uma televisão. Consultei meu relógio, calculando que horas da noite seriam em Londres.

— Pensei que você tivesse parado de fumar — observei.

— Parei — respondeu ela, soprando ruidosamente a fumaça. — Deve ser um ruído da linha telefônica. E então, o que você quer?

A verdade é que eu não sabia.

— Só conversar com alguém, acho.

Isso a deixou desconcertada. Eu nunca havia expressado uma necessidade afetiva à minha irmã.

— Tudo bem com você?

— Tudo ótimo. É só que… que tive uma noite estranha. Um filhote de baleia morreu aqui em frente ao hotel, e isso… me abalou um pouco.

— Nossa. Um filhote de baleia? Alguém o matou?

— Não exatamente. Ele encalhou na praia.

— Entendi. Já ouvi falar disso. Estranhíssimo. — Ouvi-a tragar. — Você tirou fotos? Talvez dê uma matéria interessante.

— Pare com essa mania de repórter, Monica.

— Não precisa se irritar. E aí, todos vocês tentaram colocá-lo de volta na água?

— Não eu.

— Não quis sujar a calça de marca, né?

De repente, fiquei irritado com a singular incapacidade que minha irmã tinha de ser gentil e sincera comigo, em vez de afiada e sarcástica. “Não temos mais quatorze anos, caso você não tenha notado”, senti vontade de falar. Mas disse apenas:

— Ah, deixe para lá. É melhor eu desligar.

— Ei… ei… Tudo bem, Mike, me desculpe.

— Escute, a gente se fala outra hora.

Eu devia ter ligado para Vanessa. Mas sabia por que não tinha feito isso.

— Mike, não fique zangado. Desculpe, está bem? O que… O que você queria dizer?

Mas a verdade era que eu não sabia. Fiquei ali sentado por quase cinco minutos, até me dar conta de que não sabia mesmo.

* * *

Eu a vi caminhando pela estrada litorânea, meia hora depois de ter deixado Hannah na escola, e a cadela latia de alegria com sua volta. Liza estava visivelmente exausta e muito pálida, com as pernas da calça molhadas e cheias de areia. Ao me ver sentado na extremidade do cais, não mudou de expressão, mas parou a poucos passos de mim na areia, a mão erguida protegendo-a do sol da manhã. Oscilava um pouco, e me perguntei se estaria meio bêbada. Agora eu a enxergava de outra maneira, depois de ficar sabendo daquilo. Era como se Liza McCullen houvesse adquirido outra dimensão.

— Quer ir ao mercado comigo?

Pela sua silhueta em contraste com o sol, eu mal conseguia ver seu rosto.

— Você vai dirigir?

— Achei que poderia me levar, se já tiver dominado as marchas daquele Holden. Hoje Kathleen está cansada demais para fazer compras, precisa dormir.

Imaginei que aquilo era o mais próximo de um convite que eu iria receber. Entrei no hotel para pegar a chave do carro.

Para um inglês, os supermercados australianos são estranhos, mas familiares, com uma abundância de frutas e legumes de cores brilhantes, pontuados por delícias estrangeiras, como as barras de chocolate Violet Crumbles e a massa semipronta de panquecas Green's. Em casa, eu não participava muito da compra de comida: ou Vanessa a organizava, ou, seguindo as instruções dela, eu digitava "Repetir lista de pedidos" no site de compras, e elas eram entregues cuidadosamente embaladas em sacos

codificados por cor e etiquetados “Congelador”, “Geladeira” e “Despensa”… como se alguém em Londres tivesse despensa. Mas, ao circularmos pelo cavernoso interior do supermercado australiano, gostei de examinar aqueles novos alimentos e fiquei convertendo seus valores em libras, como se tivesse alguma ideia de quanto custavam os equivalentes britânicos.

Liza andou para cima e para baixo pelos corredores, jogando produtos no enorme carrinho com a confiança de quem realizava regularmente essa tarefa. Pela destreza e rapidez de seus movimentos, ninguém diria que tinha passado a noite inteira em claro.

— Quer alguma coisa em especial? — perguntou, virando-se para trás. — Presumindo que você pretenda ficar mais um pouco por aqui — acrescentou.

Não houve em sua voz qualquer indício de que isso fizesse a mínima diferença para ela.

— É fácil me agradar — respondi, colocando um pacote de biscoito de volta na prateleira, e pensei na infinidade de formas em que esta afirmação era verdadeira.

Na hora de pagar, notei que Liza teve que revirar os bolsos à procura de dinheiro suficiente para completar o valor total, tirando notas amassadas e moedas de diversos valores. Passei a impressão de que ia interrompê-la, mas seu olhar de advertência manteve minha mão sobre a carteira no bolso. Fingi que estava procurando um lenço e assoei o nariz de forma tão ostensiva que a mulher atrás de mim se encolheu, horrorizada.

Enquanto observava, percebi que eu estava juntando as peças do quebra-cabeça, considerando o que agora fazia sentido. A impossibilidade de Liza deixar a filha sobrevivente ir para o mar. Sua melancolia. Talvez a criança tivesse se afogado. Talvez fosse um bebê. Quem sabe Liza houvesse perdido o marido na mesma ocasião. Percebi que havia feito poucas perguntas a ela. E, pensando bem, perguntava pouco a qualquer pessoa. Dennis Beaker podia muito bem ter uma segunda família. Tina Kennedy podia ter deixado um convento dois anos antes. Eu sempre havia aceitado as pessoas pela aparência. E nesse momento, de repente, fiquei pensando no que teria deixado escapar.

Liza McCullen perdera um filho. Era três anos mais nova que eu e, de repente, ali ao seu lado, me senti como se tivesse a experiência de vida e o autoconhecimento de uma ameba.

* * *

Já estávamos havia quase vinte minutos na estrada quando tornamos a nos falar.

Passamos pelos escritórios do Conselho Municipal, e pensei no projeto de construção e na conversa com Dennis. Lembrei-me de uma coisa que Kathleen me dissera dias antes: que a única razão de a área em torno de Silver Bay ter se desenvolvido era o fato de os soldados aliados terem construído uma base ali. Ela ainda se lembrava de uma época em que havia apenas seu hotel, algumas casas e um armazém. Disse isso com certa satisfação, como se preferisse daquele jeito. Eu sabia que deveria ter dito alguma coisa naquele momento. Não o fizera, em parte, imagino, por covardia: estava ciente de como Kathleen — como qualquer um deles — reagiria. Eu gostava daquelas pessoas. E a ideia de que não gostassem de mim… me afligia.

E a essa altura, depois da Liza, dos foguetes de sinalização e do filhote de baleia, eu já não estava convencido da correção do projeto, tal como o havíamos concebido. Devia existir um jeito, pensei, de associarmos os dois conjuntos de necessidades: as da nossa proposta de hotel e as dos observadores de baleias. Até descobri-lo, entretanto, eu não queria discutir o assunto com ninguém. Nem com Liza nem com Kathleen. Nem com Dennis, por mais que ele se irritasse com minha suposta incompreensão. Continuei sentado ao volante e tentei me concentrar na estrada, muito consciente da presença de Liza ao meu lado. Do seu jeito de enrolar o cabelo com a mão direita, quando o pensamento a levava para longe.

Fui pensando em coisas para dizer, mas não queria dar a ela a chance de se recolher a uma conversa educada. Intuía que havíamos ultrapassado esse estágio. Também sentia, estranhamente, que ela me devia uma explicação. E não parava de pensar em como Greg ia sorrir para mim à noite, deixando escapar referências mal disfarçadas à noite dos dois, como

que para provar que estivera certo ao me avisar para ficar longe dela. Conheci homens assim em todas as posições sociais e profissionais: carismáticos, espalhafatosos, infantis na determinação de serem o centro das atenções. Para mim, é incompreensível a atração invariável que exercem sobre as mulheres mais encantadoras, a quem em geral acabam destratando. Imaginei Greg sentado ao lado de Liza no banco, passando um braço possessivo em volta de seus ombros, acreditando, como dissera Kathleen, que tinha uma chance. Mas talvez ele tivesse uma chance maior do que ela imaginava. Quem pode saber o que há por trás das escolhas do coração? Afinal, Liza havia gostado do sujeito o bastante para dormir com ele. Mais de uma vez.

Mas por que ele? Por que aquele fracassado, bêbado e mulherengo, que vivia enchendo a cara de cerveja?

Estávamos na metade da estrada, com o hotel à vista, quando ela falou. Havia dois barcos atracados no Cais das Baleias: o *Moby I* e o *Ishmael*. Agora eu já os reconhecia de vista, o que me deixava com um estranho sentimento de satisfação. Alto no céu, o sol cintilava nas águas azuis atrás das embarcações, e os densos pinheiros que cobriam os morros exibiam um verde exuberante, quase artificial. Todas as vezes que tinha olhado para aquele cenário, eu o imaginara nas ilustrações impressas de um folheto.

— Acho que você sabe o que aconteceu ontem à noite — disse ela, sem me olhar.

— Não é da minha conta — respondi.

— Não, não é — concordou Liza.

Liguei a seta para a esquerda e subi devagar a trilha do hotel, de repente desejando que não estivéssemos tão perto de casa. O relógio do carro, por mais incrível que fosse, dizia ser hora do almoço. Eu me sentia como se já tivesse vivido um dia inteiro.

Quando Liza tornou a falar, foi comedida:

— Conheço Greg há muito tempo. Ele… Bem, eu o conheço o bastante para saber que isso não tem importância para ele. Que não precisa significar nada.

Estacionei. Ficamos sentados em silêncio, enquanto o motor esfriava e rangia até chegar à imobilidade, e refletimos sobre ela ter considerado necessário me dizer alguma coisa sobre a noite anterior.

— Sua tia me falou do seu filho. Sinto muito.

De forma brusca, Liza virou o rosto. Vi que estava com os olhos vermelhos. Talvez fosse falta de sono, ou então a consequência de lágrimas intermináveis.

— Ela não devia ter falado.

Eu não soube o que dizer.

Por isso, me inclinei para a frente, segurei entre as mãos o belo e exausto rosto de Liza McCullen e a beijei. Só Deus sabe por quê. Mas surpreendente mesmo foi o fato de que ela retribuiu o beijo.

DEZ

Hannah

Lara me levou para sair no seu barco, que se chamava *Bebê Sonhador*, tinha a proa achatada, um banco atravessado no meio e era mastreado como uma chalupa bermudense, com uma vela mestra e uma giba que pareciam dois triângulos, um menor que o outro, e tinha também uma bandeirinha — uma biruta — que mostrava em que direção o vento soprava.

Lara tinha me ensinado a virar de bordo e a cambar as velas, as duas coisas mais importantes para velejar, e para isso a gente precisava usar o leme, as velas e o peso da tripulação, tudo ao mesmo tempo. Lara e eu tínhamos que deslocar o peso de um lado do barco para outro, o que nos fazia rir, e às vezes ela fingia que estava caindo, mas não me assustei em nenhum momento, porque sabia que era brincadeira.

Não contei à mamãe. Mas a mãe de Lara sabia — ficou observando da casa delas —, e usei o colete salva-vidas extra. Minha mãe nunca conversa com as outras mães, por isso achei que estava bem segura.

Todo mundo na família de Lara veleja. Ela faz isso desde que era bebê, e na sala da sua casa tem uma foto sua ainda de fraldas, com as mãozinhas rechonchudas na cana do leme e outra pessoa segurando-a pela barriga. Ainda se lembra de quando dormia no iate, bem pequenininha, e a mãe dela disse que agora ela dorme muito mal porque se acostumou a adormecer com o balanço do barco na água.

Lara fez um curso na baía de Salamander e sabe marear, que é parar a embarcação em vários ângulos diferentes, para lidar com a direção do vento, inclusive com o contravento, que é capaz de arrastá-lo para trás, e com o vento de través, que ajuda a atingir a velocidade máxima. Ela disse que, quando mamãe me deixar usar o *Glória de Hannah*, podemos ir juntas

fazer o curso na baía de Salamander, onde aprendemos a velejar com uma vela só ou sem bolina. As aulas são durante as férias escolares, e é muito legal quando a pessoa leva o próprio barco, em vez de ter que revezar no da escola. Desde a minha festa, falei com mamãe uma vez sobre o bote do Greg, mas ela só me deu um não categórico, daquele jeito que quer dizer fim de papo. Mas tia K me falou para deixar com ela e que, se fôssemos espertas, mamãe ia acabar concordando. Disse que era como pescar: tem que aprender a ficar quieto e ter paciência para pegar o peixe que se quer.

Era um dia muito quente, até na água, e estávamos só de casaco de fleece. A mãe da Lara tinha nos obrigado a ficar o tempo todo de colete salva-vidas, por via das dúvidas, que esquentava bastante, por isso não precisávamos da jaqueta. O mar estava calmo, e tivemos permissão para velejar entre as duas boias mais próximas e deixar a costa, desde que não chegássemos às rotas de navegação. Lara sempre faz o que a mãe manda. Contou que seu pai conhecia alguém que tinha entrado naquele corredor de tráfego marítimo e quase fora sugado por um cargueiro transportador de aço, porque o pessoal não olhava para onde ia.

Os golfinhos apareceram para nos ver perto do pontal. Havíamos parado um instante para pegar nosso chocolate, reconheci a Sombrinha e o bebê pelas fotos do *Moby I* e mostrei à Lara a nadadeira dorsal, que tinha a forma exata da parte de baixo de um guarda-chuva. O filhote era tão lindo que Lara quase chorou. Tínhamos quase certeza de que eles sabiam que éramos nós. Nem sempre se aproximavam dos baleeiros, mas essa era a terceira vez que eu saía com Lara, e os golfinhos sempre vinham nos ver. Sempre pareciam sorrir. Passamos mais ou menos uma hora sentadas lá, perto do pontal, conversando com eles e vendo suas brincadeiras. O filhote da Sombrinha tinha crescido uns quinze centímetros desde a última vez que o víramos, e a mãe chegou tão perto do barco que acariciamos seu nariz, mesmo que ela provavelmente soubesse que não tínhamos nenhum peixe. Não resisti a tocá-la, apesar de Yoshi ter dito que nunca devemos incentivar os golfinhos a chegar muito perto, para eles não acharem que todos os seres humanos serão bonzinhos. Ela me contou que, no ano passado, sem motivo algum, alguém tinha matado um golfinho a facadas ali na costa. O cara simplesmente saiu no seu jet ski e esfaqueou o

bichinho. Chorei ao saber disso, porque fiquei pensando no pobre golfinho nadando até o jet ski, com sua linda cara risonha, achando que tinha feito um novo amigo. No fim, chorei tanto que Yoshi teve que buscar minha mãe para que ela me fizesse parar.

Os golfinhos eram os animais favoritos de Letty. Ela tinha na penteadeira quatro miniaturas deles em cristal de cores diferentes, presente do seu aniversário de cinco anos. Eu gostava de arrumá-los, e ela ficava zangada quando eu mexia nas suas coisas. A gente brigava muito, porque ela era só um ano e dois meses mais nova do que eu, e mamãe dizia que éramos farinha do mesmo saco. Às vezes ainda penso em quando a gente brigava e me sinto muito mal, porque, se soubesse o que ia acontecer com ela, eu teria tentado ser boazinha todo dia. Digo "tentado" porque é muito difícil ser bonzinho com alguém todo dia. Até mamãe me dá nos nervos, às vezes, mas sou sempre boazinha, porque sei que ela continua triste e que sou tudo o que lhe restou. Ainda tenho os golfinhos de cristal. Um deles se parece um pouco com Sombrinha, e transformei o menor no filhote dela, apesar de ele não ser do tamanho certo. Mas agora eu os guardo numa caixa, porque são preciosos. E tirá-los da caixa só traz tudo à tona outra vez.

Um dia Lara perguntou, pegando-os com todo cuidado.

— Você pensa muito na sua irmã?

Eu estava embaixo da cama, procurando uma coisa que queria lhe mostrar numa revista, por isso acho que ela não me viu assentir.

— Não falo de Letty porque mamãe fica muito chateada — respondi, saindo de debaixo da cama e tentando não bater a cabeça —, mas continuo sentindo falta dela.

Não consegui dizer mais do que isso. Ainda acho muito difícil.

— Detesto minha irmã — disse Lara. — Ela é uma bruxa. Eu adoraria ser filha única.

Eu não soube explicar direito, mas sempre terei uma irmã. O fato de Letty já não estar viva não me torna filha única, só me faz ser metade do que eu era.

Na quinta-feira, mamãe me pediu para levar café da manhã ao Mike pela terceira vez na semana.

— Você não pode levar? — perguntei. — Ainda não penteei meu cabelo.

Aquilo era muito chato, porque gosto de fazer tranças antes de ir para a escola, e se a gente perde o ritmo na hora que está penteando, elas embolam todas no meio. Tia K dizia que seus dedos velhos estavam muito duros para fazer tranças, e mamãe não dava a mínima para cabelo, por isso só eu é que podia cuidar disso.

— Não — respondeu ela.

Era isso, e pronto. E deixou a bandeja no degrau à porta do meu quarto.

Mamãe andava muito estranha. Eu não sabia se era por não gostar dele, mas agora ela não se sentava mais lá fora à noite e, nas poucas vezes em que ia, ignorava Mike, apesar de ele ficar a noite toda sentado do lado de fora, como que esperando por ela. Comentei com Lara que isso era mesmo uma criancice, como algumas meninas da nossa turma faziam: fingiam não nos ver, mesmo que a gente parasse bem na frente delas.

— Você está zangada com Mike? — acabei perguntando à mamãe.

Ela ficou um pouco chocada.

— Não… Por quê?

— Você *parece* zangada com ele.

Ela começou a mexer no cabelo.

— Não estou zangada, meu bem. Só não acho uma boa ideia ter intimidade demais com os hóspedes — respondeu.

Mais tarde, a ouvi conversando com tia K na cozinha, quando as duas acharam que eu estava vendo televisão. Os barqueiros estavam lá fora, e minha mãe se recusava a ir se sentar com eles, apesar de realmente precisarem decidir se deviam ou não aumentar o valor dos ingressos dos passeios. O preço do combustível havia subido de novo. Eles viviam falando sobre o preço do combustível.

— Não entendo por que você tem andado tão irritada com tudo — disse tia K.

— Quem falou que estou irritada?

— Que tal esta lasca tirada do meu prato do aparelho de jantar?

Ouvi o prato ser colocado na mesa e mamãe resmungar.

— Desculpe.

— Liza, querida, você não pode se esconder para sempre.

— Por quê? Estamos felizes, não é? Não estamos bem?

Tia Kathleen não falou nada.

— Não posso, está certo? — disse mamãe. — Não é uma boa ideia.

— É o Greg, é?

Greg não gosta do Mike. Outro dia o chamou de "filho da puta", quando conversava com tia Kathleen, e achou que não tinha ninguém ouvindo.

A voz de mamãe estava toda nervosa quando ela respondeu:

— Só acho melhor, em todos os sentidos, eu e Hannah evitarmos nos… envolver.

Depois disso, ela saiu. E minha tia meio que bufou.

Pesquisei "envolvido" no dicionário. Dizia: "que participa de um relacionamento romântico ou sexual; que é complicado ou difícil de compreender". Mostrei à tia K para saber qual dos dois era, mas ela pôs o dedo em ambos e disse que aquilo praticamente resumia tudo.

* * *

Na escola, andavam falando sobre a excursão. Às vezes parecia que não tinham outro assunto, mesmo ainda faltando muitos meses para a viagem, e havia momentos em que a professora dizia que, se não nos mexêssemos, ninguém iria. Estávamos todos do lado de fora, sentados no banco comprido do pátio, e Katie Taylor me perguntou se eu ia, e respondi que talvez não. Eu não queria falar nada, porque ela é dessas pessoas que distorcem tudo o que a gente diz, e aí, é claro, ela ficou lá na frente de todo mundo e perguntou:

— Por quê? Não tem dinheiro?

— Não é por causa de dinheiro — respondi, e fiquei vermelha, porque não podia dizer o que era.

— Então, por quê? Todo mundo da nossa série vai.

Como sempre, sua pele tinha duas faixas vermelhas perto das orelhas, porque a mãe prendia seu cabelo apertado demais. Lara achava que ela era sempre malvada por isso.

— Nem todos — disse Lara.

— Todo mundo, menos os esquisitos.

— Não vou porque vamos a outro lugar — rebati, sem pensar no que dizia. — Vamos fazer uma viagem.

Lara assentiu, como se soubesse disso havia séculos.

— Para a Inglaterra?

— Talvez. Ou para o Território do Norte.

— Então, você nem sabe para onde vai?

— Olhe, a mãe dela ainda não decidiu — revelou Lara, que sabe adotar um tom de voz tipo "não mexa comigo". — Não se meta, Katie. Não é da sua conta aonde elas vão.

Mais tarde, Lara entrelaçou o braço ao meu ao voltarmos a pé para a casa dela. Mamãe ia me buscar lá depois do chá, como fazia toda terça-feira, e Lara sempre dizia que era engraçado eu gostar mais da casa dela, assim como ela gostava mais da minha. Gosto do jeito da família dela, toda barulhenta e feliz, mesmo quando gritam uns com os outros, e gosto de como o pai dela vive implicando com a filha, esfregando as solas dos pés descalços da Lara na barba eriçada do seu queixo e chamando-a de "gatinha". Às vezes penso nele, quando Lance me chama de "tampinha", mas não é a mesma coisa. Nunca me aninhei em Lance do jeito que Lara faz com o pai. Uma vez, quando ele agarrou meus pés e os esfregou no queixo, fiquei sem graça, como se todo mundo fingisse me incluir porque eu não tinha pai. Lara dizia que gostava da minha casa porque lá ninguém entrava nos quartos e remexia nas coisas, e tia K nos dava a chave do Museu dos Baleeiros e nos deixava perambular lá dentro, sem vigiar o que a gente estava aprontando. Ela sabia que não íamos quebrar nada, porque éramos ótimas meninas, dizia. As melhores que ela conhecia. Não contei sobre a vez em que Lara filou um cigarro da mãe e nós o fumamos no canto atrás do *Maui II* até passarmos mal.

— Hannah — disse Lara, quando chegamos ao final da rua dela, e falou com um tom de voz muito amável, como se quisesse me mostrar o quanto continuava sendo minha amiga. — Tem mesmo a ver com dinheiro, a razão de você não poder ir para a Nova Zelândia?

Roí a unha.

— É meio complicado.

— Você é minha melhor amiga — insistiu ela. — Não vou contar a ninguém, seja o que for.

— Eu sei.

Apertei seu braço. Eu realmente gostaria de falar sobre isso com ela. Mas eu nem sempre tinha muita certeza. Só sabia o que mamãe havia me contado: que nunca poderíamos sair da Austrália e que eu não devia falar com ninguém sobre isso. Nem explicar por quê.

No dia seguinte, Katie Taylor voltou a me chatear. Disse que eu não podia ir porque o Hotel Baía da Esperança estava falido. Depois falou que achava que tia K é que tinha matado o filhote de baleia, assim como havia matado o tubarão, porque isso saíra no jornal na época e todo mundo sabia. Disse que, se eu tivesse pai, talvez pudesse participar de mais excursões escolares, e depois me perguntou como era o nome do meu pai, porque sabia que eu não podia dizer, e então riu daquele seu jeito malvado até Lara partir para cima dela e lhe dar um empurrão. Katie agarrou a mão da minha amiga, virou seus dedos para trás, e as duas brigaram para valer no pátio, até a Sra. Sherborne chegar e acabar com a confusão.

— Ela é uma vaca idiota — disse minha amiga, quando fomos para o vestiário. Cuspiu no chão, porque uns fios do cabelo de Katie grudaram na sua boca. — Não ligue para o que ela diz.

Mas aí é que estava: de repente, não senti raiva de Katie, nem de nenhuma das suas amigas idiotas, e sim da minha mãe. Porque tudo que eu queria era fazer o mesmo que todos os outros. Eu tirava boas notas e nunca falava do que não era para falar, e não mencionava Letty nem a metade das vezes que gostaria, porque não podia magoar ninguém. Logo, se tínhamos como arranjar dinheiro para uma viagem à Nova Zelândia, como disse tia K, e se todo mundo da minha turma ia — até David Dobbs, que todos sabiam que ainda fazia xixi na cama e que tinha uma mãe que pegava coisas das lojas sem pagar —, por que eu era sempre a excluída? Por que era sempre eu a que precisava dizer não?

Sem contar o lugar de onde viemos, sou a única pessoa de toda a sala que nunca foi além das Montanhas Azuis.

* * *

Eu ainda estava com raiva quando cheguei em casa. Mamãe foi me buscar e quase falei uma coisa, mas ela estava tão absorta nos próprios pensamentos que nem notou que eu estava quieta. E aí me lembrei da família horrível que continuava hospedada no hotel, com os dois meninos que me olhavam como se eu fosse burra. E isso também me deixou furiosa.

— Tem algum dever de casa? — perguntou mamãe, quando paramos diante do hotel.

Milly continuava mastigando a lanterna da minha mãe no banco de trás, como eu tinha percebido durante todo o trajeto da volta, mas não a interrompemos.

— Não — respondi, e desci do carro antes que ela pudesse conferir.

Eu sabia que mamãe estava me olhando, mas as palavras de Katie ainda ressoavam nos meus ouvidos, e eu queria passar um tempo sozinha no meu quarto.

Enquanto subia a escada, vi a porta de Mike aberta. Ele estava ao telefone, e eu me detive por um instante, sem saber se devia esperar que terminasse.

Acho que ele sentiu minha presença, porque se virou.

— Um S94. É, isso mesmo. Ele disse que isso deve melhorar cem por cento as nossas possibilidades. — Olhou para mim. — Certo… Não posso falar agora, Dennis. Depois ligo de volta.

Em seguida, pôs o fone no gancho e abriu um enorme sorriso para mim.

— E então? Como andam as coisas?

— Terríveis — respondi, largando a mochila no chão. — Odeio todo mundo.

Fiquei surpresa de dizer isso. Em geral, não falo esse tipo de coisa. Mas a frase me fez sentir melhor.

Mike não tentou me calar nem dizer que eu não devia estar sentindo aquilo de verdade, como minha tia costuma fazer, como se eu nem soubesse o que sinto. Ele só assentiu e disse:

— Também tenho dias assim.

— É hoje?

Ele franziu a testa.

— É hoje o quê?

— Um desses dias. Terríveis. Um dia terrível.

Mike pensou um instante e negou com a cabeça. Quando sorriu, o considerei quase tão bonito quanto Greg.

— Não — respondeu. — Quase todos os dias têm sido muito bons nos últimos tempos. Tome — disse, fazendo um sinal para que eu me sentasse —, será que um destes a animaria? Assumi a missão pessoal de experimentar todos os biscoitos australianos que existem.

Quando Mike abriu a gaveta, vi que tinha todos os meus favoritos, de todos os sabores e marcas: Iced VoVo, Anzac, Tim Tam e os Mint Slices da Arnott.

— Você vai engordar — avisei.

— Não. Tenho corrido quase todas as manhãs — explicou ele. — Meu metabolismo é bom. Além disso, as pessoas se preocupam demais com essas coisas.

Ele preparou um chá, se sentou na poltrona de couro e me deixou usar seu computador sentada à escrivaninha. Mostrou um programa que nos permitia alterar fotografias, e assim, só de brincadeira, pegamos outra imagem da tia K com o tubarão e desenhamos um sorrisão na cara do bicho. Depois fiz mais uma, e coloquei um bigode e dois pés enormes na minha tia, e aí fiz um cartaz onde escrevi: "Pasta de Dentes Dama dos Tubarões — Para um Sorriso Mais Brilhante."

Quando estava terminando, senti que ele me observava. Dá para fazer isso: levar uma pessoa a se virar, quando a gente fixa o olhar nela com muita intensidade. Senti que ele olhava para minha nuca, girei o corpo muito depressa, e confirmei meu pressentimento.

— Era um irmão ou uma irmã? — perguntou. — O que morreu, quer dizer.

Fiquei tão chocada ao ouvir alguém dizer isso em voz alta que quase cuspi o biscoito de chocolate. Nenhum adulto fala de Letty. Não daquele jeito direto. Tia K faz uma expressão de sofrimento sempre que digo o nome da minha irmã, como se fosse demais suportar, e mamãe fica tão triste que nem gosto de tocar no assunto.

— Irmã — respondi, depois de um minuto. — Ela se chamava Letty. — Então, quando ele não pareceu horrorizado nem me olhou como se eu devesse calar a boca, continuei: — Ela morreu com cinco anos, num acidente de carro.

Mike encolheu um pouco os ombros.

— Puxa, que barra. Sinto muito.

De repente, fiquei com vontade de chorar de verdade. Ninguém nunca tinha me dito isso. Ninguém nunca pensou em como tinha sido, para mim, perder minha irmã, nem me disse que devia ter sido horrível. Ninguém me pergunta se sinto saudade dela nem se alguma coisa me dá a impressão de que a culpa foi minha. É como se, por eu ser pequena, meus sentimentos não importassem. Ouvi as pessoas dizerem: "Criança se recupera logo. Ela vai ficar bem." Ou então: "Graças a Deus ela não consegue se lembrar de muita coisa." E dizem que "Perder um filho é a pior coisa que se pode imaginar". Mas nunca falam: "Coitada da Hannah, perder a pessoa mais querida do mundo inteiro." Nunca dizem: "Está bem, Hannah, vamos conversar sobre Letty. Vamos falar de todas as coisas que fazem você sentir saudade e de todas as que a deixam triste." Mas achei que não podia dizer nada disto a ele: são coisas trancafiadas muito no fundo, num lugar dentro de mim que aprendi que é melhor manter escondido. Assim, quando as lágrimas vieram, fingi estar aborrecida por causa da viagem da escola e contei da implicância de Katie Taylor, e também do dinheiro e de eu ser a única pessoa de toda a minha sala que não podia ir. Não demorou para isto dar tão certo que consegui tirar Letty da cabeça e apenas pensar na excursão e no horror que seria quando todo mundo fosse para a Nova Zelândia sem mim, e isso me fez chorar.

Mike me entregou seu lenço e fingiu se interessar por alguma coisa do lado de fora, enquanto eu me recompunha. Ficou sentado em silêncio até que eu parasse de fungar, depois se curvou para a frente, me olhou bem nos olhos e disse:

— Muito bem, Hannah McCullen. Vou te fazer uma proposta de trabalho.

Mike Dormer me pediu para tirar fotos dos arredores da baía. Foi à loja, comprou três câmeras descartáveis e disse que me pagaria um dólar por

cada bom instantâneo que eu conseguisse. Falou que, quando voltasse para casa, os amigos iam querer saber o que ele tinha feito, e ele não era muito bom fotógrafo, por isso eu devia tirar fotos de toda a área ao redor da baía, para que ele pudesse mostrar onde estivera, e de todos os lugares mais bonitos. Depois me pediu para fazer uma lista de tudo que havia de bom na minha escola e em Silver Bay, e de tudo que podia melhorar.

— Como o fato de nosso ônibus ter quebrado e não termos um novo? Ou de nossa biblioteca continuar sendo ambulante?

— Exatamente — respondeu ele, me entregando um bloco de papel. — Não é para dizer de quem você gosta na escola, nem para falar daquela menina idiota que implicou com você, mas para fazer um projeto. Uma pesquisa bem-feita.

Disse que me pagaria um bom salário, dependendo de como eu me saísse.

— Mas quero um trabalho profissional. Não uma matéria cheia de besteiras. Acha que está à altura da tarefa?

Confirmei com a cabeça, porque me empolguei com a ideia de ganhar dinheiro. Mike disse que, se eu me esforçasse, não haveria razão alguma para eu não conseguir pagar a viagem à Nova Zelândia com meus amigos.

— Mas quanto tempo você vai ficar? — perguntei.

Estava tentando calcular quanto tempo teria para ganhar o dinheiro e se, caso eu mostrasse à mamãe que tinha o suficiente, ela acharia que não podia dizer não. Mike respondeu que a data da sua partida era uma das questões imponderáveis da vida, e quase perguntei o que isso significava, mas não queria que ele me achasse burra, por isso apenas balancei mais uma vez a cabeça, como faço quando Yoshi começa a falar sobre o que não entendo.

Depois, quando mostrei à tia K as fotos dela e do tubarão que havíamos modificado, ela ergueu os olhos e disse que nem Deus no céu a deixaria se esquecer daquilo algum dia.

O estranho nessa noite foi que me senti feliz. Se tivesse ido direto para meu quarto, como havia planejado, sei que teria ficado triste a noite inteira, mas Mike e eu nos divertimos, quase como se estivéssemos numa festa.

Os hóspedes haviam saído naquela noite, por isso não precisei ver aqueles meninos sardentos e seus olhares idiotas fixos em mim toda vez que eu passava pelo salão. Lance tinha acertado uma aposta nas corridas de cavalos — que ele chamava de upa-upas — e comprado pizza para todo mundo, uma pilha enorme de caixas! Ele disse à tia Kathleen que, para variar, ela devia pôr os pés para cima, e que Mike até podia ser hóspede dela, mas agora já fazia parte dos móveis e utensílios, portanto ela não tinha que se preocupar com ele. Mike exibiu um sorrisinho de quem não queria que ninguém notasse, mas ficou satisfeito por fazer parte do mobiliário, e depois me deixou comer todo o salame da pizza dele, porque esse é meu sabor predileto.

Richard e Tom, do outro *Moby*, vieram se juntar a nós. Contaram ter visto um grupo de baleias perto da Ilha do Nariz Quebrado, naquela tarde. Estavam com um turista americano que ficou tão feliz por vê-las que dera uma gorjeta de cinquenta dólares para cada um. E aí apareceu o Sr. Gaines, com um vinho que tia Kathleen disse ser bom demais para gente como nós, mas abriu as duas garrafas assim mesmo, e os dois desataram a conversar sobre os velhos tempos, o assunto preferido deles quando estão juntos.

Greg não apareceu. Os outros disseram que ele não saía de barco fazia quatro dias. Tia Kathleen comentou que terminar com alguém podia ter esse efeito, e que algumas pessoas achavam mais difícil do que outras. Perguntei onde ele estava, e ela respondeu que, na certa, no fundo de uma garrafa em algum lugar. Na primeira vez que ela me dissera isso, eu havia achado muita graça, porque não existia em toda a Austrália uma garrafa grande o bastante para caber um homem adulto, principalmente Greg, que era muito alto.

A noite estava fria, mas todos os aquecedores tinham sido ligados e a gente se espremia no banco, menos Lance e Yoshi, sentados juntos na poltrona grande, e tia Kathleen e o Sr. Gaines, instalados nas duas cadeiras de vime com almofadas, porque tia K explicou que, na idade deles, os dois mereciam algum conforto. Mamãe estava sentada em frente a mim e, quando terminei meu refrigerante, falei da proposta de trabalho de Mike.

Ela ficou com aquela aparência de quando vai me impedir de fazer alguma coisa, e a pizza secou na minha boca.

— Pagar a ela? Você vai pagar para ela tirar fotos?

Mike tomou um gole de vinho.

— Acha que eu devia dar dinheiro por nada?

— Você é tão ruim quanto Greg — retrucou ela, de um jeito nada simpático.

— Não sou como Greg. E você sabe disso.

— Não use a menina, Mike — sussurrou mamãe, como se eu não pudesse ouvir. — Não use Hannah para tentar se aproximar de mim, porque não vai funcionar.

Mas ele não pareceu aborrecido.

— Não estou fazendo isso por você. Faço porque Hannah é uma menina sensacional e porque preciso que ela me ajude com alguns trabalhos. Se eu não pedisse a ela, só me restaria pedir a outra pessoa, e, para ser sincero, prefiro trabalhar com ela.

Cortou um pedação de pizza e, quando tornou a falar, estava com a boca cheia. Tentei não pensar sobre ser uma menina sensacional. Achei que talvez estivesse começando a sentir uma pequena paixonite por Mike.

— De qualquer forma — continuou ele, mastigando —, você é muito presunçosa. Quem disse que quero me aproximar de você?

Houve um breve silêncio, enquanto mamãe lhe lançava um olhar muito sério. Aí notei que ela estava com a boca trêmula, como se não quisesse sorrir, mas não conseguisse evitar, e então relaxei, porque, se ela quisesse me impedir de ganhar o dinheiro, teria dito ali mesmo, naquele instante.

Minha mãe não parava de olhar para os próprios dedos, como se pensasse em alguma coisa.

— Para que são essas fotografias? — perguntou.

Mike lambeu os dedos.

— Não posso dizer. Sigilo comercial. Hannah, nem uma palavra — recomendou, mas também estava sorrindo.

— Ela é uma boa fotógrafa — disse mamãe.

— Deve ser. Está me cobrando bem acima do valor de mercado.

— Quanto você vai pagar?

— Isto também é informação privilegiada. — Piscou para mim. — Se você está dizendo que gostaria de reduzir o salário da própria filha, terei prazer em ouvir o que pode oferecer.

Não entendi sobre o que eles estavam falando, mas os dois pareciam contentes, por isso parei de me preocupar. Eu tentava ver se conseguia roubar um pouco do vinho de Mike sem mamãe perceber.

— Então, por quanto tempo você pretende mesmo ficar?

Ele estava prestes a responder quando vimos surgirem faróis na estrada. Ficamos calados enquanto as luzes se aproximavam, tentando distinguir quem era. A caminhonete de Greg tinha faróis de neblina na frente, por isso sabíamos que não era ele.

— Devem ser os agentes de apostas — disse o Sr. Gaines, inclinando-se para Lance —, que vieram dizer que seu último cavalo acabou de ganhar a corrida.

E Lance, com a boca cheia, ergueu a garrafa de cerveja para ele numa saudação.

Mas era um táxi. Quando parou lá embaixo, tia Kathleen saiu de trás da mesa, resmungando que não havia paz para os ímpios.

— Não me sobrou nenhuma comida — disse. — Tomara que não queiram comer.

— E então? — insistiu minha mãe, virando-se para Mike. — Você não respondeu à minha pergunta.

Eu também estava esperando, porque queria saber. Mas tia Kathleen, que já voltava pela entrada de automóveis com a mala de alguém, me distraiu. Atrás dela vinha uma moça bem jovem, de cabelo louro muito liso e cardigã rosa-claro em volta dos ombros. Usava sapatos de salto alto bordados com lantejoulas, como se fosse a uma festa, e as luzes do hotel os faziam cintilar a cada passo. Tia K se aproximou de Mike, com as sobrancelhas erguidas, e largou a mala diante dele.

— É uma pessoa procurando você — informou.

— Papai me deu uma folga — disse a moça. Senti Mike se levantar ao meu lado e o ouvi respirar com força. — Vim te dar uma mãozinha. Achei que podíamos antecipar nossa lua de mel.

ONZE

Mike

Foi estranho. O sujeito pensa em todas as formas de cumprimentar a namorada após um longo tempo separados: um correndo na direção do outro em câmera lenta, beijos intermináveis, os abraços e carícias aflitos. É como se houvesse um protocolo aprovado para os grandes reencontros, algum tipo de transbordamento afetivo, uma afirmação do que um significa para o outro. Mas tudo que vivenciei ao ver Vanessa foi uma sensação esquisita que eu costumava ter na infância, tipo quando a gente está na casa de um amigo e a mãe chega para nos buscar antes de estarmos prontos.

Eu me senti culpado por não ter o que sabia que ela havia esperado de mim — o que eu mesmo teria esperado de mim —, e Vanessa percebeu no mesmo instante. Como já comentei, minha namorada não é idiota.

— Achei que você ia ficar contente — disse ela, quando nos deitamos lado a lado, mais tarde, naquela noite.

E essa foi outra coisa esquisita: não nos tocamos.

— Estou contente — respondi. — Só que tem sido difícil aqui… Ando tão preso no trabalho que decidi não pensar em nada relacionado a Londres.

— Deu para perceber — respondeu Vanessa, em tom seco.

Fechei os olhos no escuro.

— Nunca lidei muito bem com surpresas. Você sabe disso. Com certeza eu ia te decepcionar.

Seu silêncio me disse que ela concordava comigo, pelo menos nesse ponto.

Na verdade, talvez aqueles tivessem sido os vinte minutos mais constrangedores de todo o nosso relacionamento. Vanessa ficou lá de pé

diante dos baleeiros, vestida como alguém que acabou de sair de uma revista de moda, olhando de uma pessoa a outra, enquanto se dava conta da magnitude do seu erro, o sorriso cuidadosamente preparado se desfazendo. Kathleen entrou para buscar uma bebida para ela. Ao meu lado, Hannah se aproveitou da distração para surrupiar um gole da garrafa de cerveja de alguém. O Sr. Gaines ofereceu de forma espalhafatosa sua cadeira, limpando ostensivamente a almofada, como se Vanessa fosse algo mais exótico do que de fato já é. Durante todo esse tempo, Lance fez piada comigo por eu ser um azarão, e se demorou tanto na brincadeira que vi a confiança de Vanessa vacilar e a observei começar a calcular quão pequena tinha sido sua presença na minha vida enquanto eu estava na Austrália.

E Liza permaneceu sentada do meu outro lado. Seu rosto parecia uma máscara japonesa, registrando com olhar frio aquele elemento imprevisto. Eu queria falar com ela a sós, me explicar, mas foi impossível. Após uns dez minutos e uma apresentação fria, embora cordial, ela apertou a mão de Vanessa e pediu desculpas, pois precisava entrar com Hannah, afinal a filha tinha que se preparar para a escola no dia seguinte.

Senti a presença dela do outro lado daquele corredor como se fosse algo radioativo.

Assim, passadas várias horas, eu estava vagamente ressentido e com a impressão de ser culpado por tudo. Era estranho ter Vanessa naquele quarto: o cômodo se tornara tão completamente meu que ela era um lembrete de outra vida. Eu me acostumara àquela estética despojada e achava realmente libertadora a possibilidade de viver sem as bugigangas habituais. Ter Vanessa ali, com suas malas combinadas, seus incontáveis pares de sapatos e os inúmeros cremes e pomadas — a presença dela propriamente dita —, alterava o equilíbrio das coisas. Tudo aquilo me fazia lembrar da minha vida em Londres. E me fazia indagar se eu tinha sido tão feliz lá quanto havia acreditado.

Eu me senti mal até por pensar nisso. Eu me virei de lado e coloquei a mão na barriga dela, que estava coberta por uma coisa sedosa.

— Escute — disse, tentando tranquilizá-la —, é só que tem sido meio estranho, porque eles não sabem do projeto. Imagino que sua presença aqui complique um pouco mais as coisas.

— Você parece ter ficado muito… envolvido — comentou Vanessa.

Permaneci imóvel, tentando avaliar o que ela queria dizer. Então tornou a falar:

— Talvez seja um lugar tão pequeno que é impossível não se envolver. Digo, não passar a conhecer as pessoas.

— Não é… — hesitei — o tipo comum de hotel para executivos.

— Percebi isso.

— É uma coisa bem familiar.

— Eles parecem boa gente.

— São, sim. É muito diferente daquilo a que estou habituado… a que estamos habituados.

Fiquei contente por ela não poder ver meu rosto.

— Você parecia… à vontade. — Vanessa se mexeu ao meu lado e fez a cama ranger. — Foi uma sensação muito estranha, dar de cara com você no meio de toda aquela gente, de calça jeans e casaco de pescador, ou seja lá o que for aquilo. Eu me senti uma verdadeira intrusa. Inclusive com você.

Ela se sentou e ficou balançando as pernas na lateral da cama, de costas para mim. No escuro, tudo que eu via era sua silhueta e seu cabelo bagunçado de quem acabou de se levantar da cama, o que me fez sentir uma estranha ternura por ela. Eu não costumava ver Vanessa despenteada.

— Tem sido muito esquisito sem você — disse ela.

Deitei-me de costas nos travesseiros e retruquei:

— Eu não teria vindo para cá se seu pai não tivesse sofrido o acidente.

— Faz só três semanas e meia, mas parecem anos. — Eu a vi inclinar a cabeça. — Achei que você ia me ligar mais.

— É noite aqui quando é dia lá… Você sabe disso.

— Podia ter ligado a qualquer hora.

O perfume dela era forte. Até então, o quarto havia recendido a maresia.

— É o trabalho, Vanessa. Sabe como é. Você sabe como eu sou.

Ela desviou o rosto.

— Eu sei. Desculpe. Não sei o que há comigo. Só tenho me sentido meio…

— É o fuso horário — retruquei, um pouco abalado por sua atípica insegurança. Vanessa tinha certeza de tudo. Essa era uma das coisas de que eu mais gostava nela. — Passei dias me sentindo estranho depois de chegar.

A ideia de que eu a pudesse abalar era pior. Nunca me sentira responsável pela felicidade de Vanessa e não gostei da hipótese de que essa responsabilidade fosse maior do que eu supunha.

Estendi a mão para ela, com o intuito de convencê-la a se deitar, achando que talvez, se fizéssemos amor, nos sentiríamos um pouco menos como estranhos. Mas ela se esquivou e, com um movimento fluido, se levantou, contornou a cama e foi até a janela. Com a lua alta e a noite clara, era possível ver a baía inteira. O mar cintilava como se houvesse alguma magia ali, os barcos distantes eram pontos de luz nas ondas escuras e, ao redor da baía, os morros se ensombravam de segredos.

— É lindo — disse ela, em voz baixa. — Você disse que era.

— Você é linda — retruquei.

Vanessa parecia uma imagem de filme, a silhueta contornada pelo luar, as curvas do corpo vagamente visíveis através do tecido transparente.

Está tudo bem, falei a mim mesmo em silêncio. Se posso me sentir assim em relação a ela, está tudo bem. Aquela outra coisa foi uma aberração.

Vanessa se virou um pouco para mim. Essa é a mulher que vai ser minha esposa, falei a mim mesmo. Essa é a mulher que amarei até morrer. Quando ela me olhou, senti de repente que tudo ia dar certo.

— Então, em que pé está a licença do projeto? — perguntou.

* * *

Expliquei para Vanessa que tivemos algumas dificuldades com o projeto da obra. Na véspera, eu tinha passado horas na Secretaria de Planejamento do Conselho Municipal, examinando os diversos formulários que precisavam ser preenchidos e me reunindo com as autoridades responsáveis. Nas semanas anteriores, mantivera contato com o Sr. Reilly, do mais alto escalão da secretaria. Gostei dele, um homem alto e sardento

cuja expressão sugeria que ele já havia examinado toda sorte de formulários existentes. Eu tinha entrado com calma, deixando claro que teríamos prazer em considerar a modificação de nossos planos em qualquer aspecto que ele julgasse necessário. Apresentei-me de forma respeitosa, consciente de não querer que ele nos considerasse apenas uma empresa estrangeira, ansiosa para explorar a área. O que, suponho, éramos mesmo.

Em certa medida, minha abordagem tinha compensado. Em várias reuniões, ele dissera ter gostado do projeto, das oportunidades de emprego e do potencial de regeneração numa área que, tradicionalmente, não chegava a ter exuberância econômica. O Sr. Reilly havia apreciado as vantagens indiretas para as lojas e os comerciantes do lugar, e eu enfatizara o impacto positivo de avanços similares na economia local, usando exemplos que tinha colhido de outros resorts na costa leste australiana. A arquitetura se harmonizava com a área. Os materiais deveriam ser obtidos de fornecedores locais. A Secretaria de Turismo havia aprovado. Eu tinha começado a desenvolver um site sobre o projeto, que os habitantes poderiam consultar, caso tivessem alguma pergunta ou quisessem se candidatar a vagas de empregos, caso a obra se concretizasse. O Sr. Reilly ergueu ironicamente uma sobrancelha ao ouvir isso, como se eu estivesse abusando um pouco da sorte. Mas admitiu que eu tinha feito meu dever de casa.

O que não lhe agradou, como eu temia, foi o impacto potencial do hotel no meio ambiente. Não se tratava apenas do barulho e do transtorno das obras, sobretudo numa área tão próxima dos parques nacionais, explicou, mas de que as pessoas de Silver Bay tinham opiniões formadas e sólidas sobre as restrições impostas em suas águas. Segundo ele, uma tentativa anterior de introduzir um viveiro de pérolas numa baía vizinha havia enfrentado forte oposição, e o projeto acabara sendo cancelado.

— A diferença entre o nosso projeto e o deles — comecei a explicar — é que a geração de empregos e de outros benefícios é maior.

O Sr. Reilly não era bobo.

— Sim, até certo ponto, mas já vimos esse filme, e o senhor não pode dizer que sua empresa pretende transferir os lucros para a comunidade.

Isso é bancado por capital de risco, capital de risco de investidores ingleses. Eles vão querer ver o retorno, certo? Vocês estarão nas mãos dos acionistas. O que está me propondo não é um serviço comunitário.

Apontei para as plantas do projeto.

— Sr. Reilly, sabe tão bem quanto eu que não se pode deter o progresso. Esta é uma excelente área do litoral australiano, o ambiente perfeito para famílias que querem passar férias na praia, famílias australianas. Tudo o que queremos é facilitar isso.

Ele suspirou e apontou para o documento.

— Mike… Posso chamá-lo de Mike? Você precisa entender que tudo mudou por aqui nos últimos dois anos. Sim, o projeto de construção proposto enquadra-se no grupo do que se considera aceitável, mas há outras questões que temos de levar em conta agora. Por exemplo, como vocês vão minimizar o impacto ambiental? Ainda não me deu uma resposta tranquilizadora. Todos na região têm consciência da população de baleias e golfinhos existente, e as pessoas não querem fazer nada que os prejudique. No nível puramente econômico, os próprios animais são uma atração turística crescente.

— Não somos como os viveiros de ostras. Não isolaríamos áreas enormes da orla marítima — respondi.

— Mas, mesmo assim, tornariam parte dela inutilizável.

— Seriam apenas as mesmas atividades de que os turistas normalmente participam, nada em grande escala nem polêmico.

— Mas aí é que está. Não recebemos esses turistas por aqui, pelo menos não em Silver Bay. Eles podem nadar, remar num bote, mas as wetbikes, os jet skis ou o esqui aquático são muito mais barulhentos, muito mais intrusivos.

— Sr. Reilly, sabe tão bem quanto eu que, num lugar como este, o desenvolvimento é só uma questão de tempo. Se não formos nós, será outra empresa.

Ele largou a caneta e me olhou com uma mistura de beligerância e simpatia.

— Escute, amigo, aqui todos somos a favor do desenvolvimento, de qualquer coisa que ajude a comunidade local. Sabemos que precisamos

dos empregos e da infraestrutura. Mas nossos animais marinhos e nossa fauna silvestre não são uma consideração secundária. Não somos como as cidades europeias, que primeiro constroem e só depois se preocupam com o meio ambiente. Não separamos as coisas. E vocês não vão conquistar esta cidade até que consigam resolver a questão ambiental.

— Perfeito, Sr. Reilly — respondi, reunindo meus papéis. — Isso é muito admirável. Mas eu simpatizaria mais com sua argumentação se não tivesse visto nesta semana mesmo duas baleias serem intimidadas quase até a morte por turistas em barcos-discoteca, que não pareciam estar sendo policiados por ninguém da sua região. O senhor pode até me dizer que meu projeto terá um impacto negativo, mas a ameaça às baleias já está por aí, muito pior do que qualquer coisa que a gente esteja propondo. E, pelo que vejo, não há ninguém fazendo nada a esse respeito. O que sugerimos é um projeto de construção limitado. Estamos dispostos a ser tão compreensivos quanto possível com as preocupações ambientais, a aceitar conselhos de especialistas e a obter uma licença especial, se necessário. Mas não me diga que a sua região é um modelo de excelência ambiental, porque vi aquele filhote de baleia, vi o que provocou a morte dele. Saí para observar baleias, e, embora deteste dizer isso, essa prática é uma intrusão por si só.

— Você não sabe do que está falando.

— E o senhor não sabe se alguns esquiadores aquáticos vão mesmo afetar uma migração de baleias que vem ocorrendo há séculos. É preciso haver coerência.

— Vou discutir o assunto — disse ele. — Mas não se surpreenda caso se torne objeto de uma consulta pública. As pessoas andam por dentro desses projetos, e algumas já estão nervosas.

Cheguei ao hotel de péssimo humor e liguei para Dennis, numa alegria perversa depois de calcular o fuso horário e descobrir que ele devia estar dormindo. Resumidos os resultados da minha reunião, fiquei desconcertado ao constatar que o homem era capaz de despertar num salto de um sono profundo para a vida, praticamente sem nenhuma lentidão entre um e outro. Era como se houvesse elaborado tudo enquanto dormia.

— É complicado, Dennis. Não posso fingir que não é. Mas tive uma ideia radical. E se… eliminássemos a vertente dos esportes aquáticos e

transformássemos o projeto em alguma coisa com mais jeito de spa? Poderíamos ir fundo na ideia, fazer do hotel algo do gênero *Vogue*, um lugar frequentado pelas celebridades.

— Mas os esportes aquáticos são a porra do diferencial — rosnou Dennis. — É nele que os investidores estão interessados. *Precisa* ter a ver com o esporte, com ficar em forma. Trata-se de uma experiência corporal total, que tem como alvo tanto homens quanto mulheres. Uma experiência de lazer luxuoso. São os desgraçados dos fanáticos por baleia de novo? O que eles disseram?

— Não disseram nada. Ainda não sabem.

— Então, qual é a porra do seu problema?

— Quero que isto funcione em todos os níveis.

— Você não está falando coisa com coisa.

— Dennis, seria muito mais fácil para nós, na Secretaria de Planejamento, se não houvesse riscos para os animais marinhos.

— Seria muito mais fácil para nós, na Secretaria de Planejamento, se você fizesse seu trabalho direito e enfatizasse a oportunidade fantástica que isso representa para uma área enfraquecida, enfatizasse a quantidade de dinheiro que todos poderão ganhar.

— Não é só questão de dinheiro…

— É *sempre* questão de dinheiro.

— Tudo bem. Mas acontece que, quando a gente está aqui, também passa a ter uma ideia da… — passei a mão pelo cabelo — importância das baleias.

Fez-se uma pausa antes de ele tornar a falar:

— A. Importância. Das. Baleias.

Eu me preparei para o golpe.

— Mike, não é o que espero ouvir de você. Não foi para isso que o promovi. Não é o que *quero* ouvir quando estou com a bunda grudada numa cama na Inglaterra, à espera de notícias sobre o projeto de um hotel luxuoso de cento e trinta milhões de libras, para o qual você ainda não conseguiu a licença de construção, apesar de estar na Austrália há três semanas. Bom, nós precisamos garantir essas licenças e precisamos disso para ontem. Temos que começar a construção em alguns meses. Então,

trate de falar com a porra dos seus grosseirões fanáticos por baleias, vá lá entoar seu canto de baleia, molhe a mão do Sr. Reilly, ou mande tirar uma foto dele com uma stripper lituana fazendo uma dança erótica… Qualquer coisa!… Mas me procure nas próximas quarenta e oito horas com um plano concreto que eu possa apresentar à Vallance Equity quando os executivos dela aparecerem aqui na segunda-feira. Entendeu? Caso contrário, as baleias não serão as únicas em perigo de extinção.

Dennis respirou trêmula e profundamente. Fiquei feliz por estarmos separados por tantos milhares de quilômetros.

— Escute, você queria ser sócio, então prove que está à altura disso. Senão, embora eu o ame como a um filho, talvez você encontre impressa no seu traseiro a marca metafórica da minha bota esquerda. Junto das suas perspectivas de emprego. Sacou?

Sem dúvida, não havia por que ele explicitar a situação com mais clareza. Recostei-me na cadeira, fechei os olhos e pensei em tudo pelo qual havia trabalhado nos anos anteriores, em tudo que havia ansiado me tornar. Depois, pensei no que Hannah me dissera sobre o ônibus da escola. Sobre a falta de uma biblioteca.

— Tudo bem… — respondi, por fim. — Há um jeito de fazermos isso. Lembra que mencionei uma coisa chamada formulário S94?

Como me explicara o Sr. Reilly, funcionava assim: para cada projeto turístico na área de Silver Bay, o Conselho Municipal costumava esperar uma contribuição financeira de cinquenta por cento, feita pelos responsáveis pelo projeto, para compensar o esforço extra imposto aos serviços locais: rodovias, estacionamentos, instalações recreativas, serviços de combate a incêndio e de emergência, esse tipo de coisa. Não era algo com que eu não estivesse familiarizado: havíamos deparado com disposições semelhantes em outros projetos, e eu tinha descoberto que costumava haver uma cláusula, como no caso de Silver Bay, que permitia obter a licença, se considerassem que a obra traria benefício suficiente para a comunidade. Eu sempre dera um jeitinho de conseguir, com base nas minhas pesquisas. Dennis também a obtinha, mas geralmente molhando muitas mãos e garantindo contratos lucrativos para as

construtoras. “Há mais de uma forma de se chegar a um resultado”, ele gostava de dizer, esfregando as mãos. E todo mundo tinha seu preço.

O documento do Conselho Municipal era um trabalho de pesquisa completo, que detalhava não apenas a projeção da população para a área, mas também o custo de todas as instalações e serviços que deveriam ser necessários para atendê-la. Comecei a pesquisá-los, calculando o custo para nosso projeto e tentando destacar os que teriam maior impacto favorável junto ao público.

> *O desenvolvimento contínuo de novas Acomodações Turísticas, que vem ocorrendo em toda a área municipal, além da tradicional orla costeira, criará um aumento da demanda de instalações e serviços municipais (...). O nível de demanda de serviços varia conforme a categoria e o tempo de hospedagem na Acomodação Turística oferecida, mas há um aumento da demanda que é superior ao da população permanente (...).*

Tinha ficado sentado, pensando, com os olhos fixos no papel. Mas, ao estudar o documento S94, havia percebido que poderíamos virá-lo de cabeça para baixo: e se nossa empresa oferecesse muito mais do que o nível de contribuição e trouxesse, por exemplo, uma nova biblioteca para a escola de Silver Bay, ou um novo ônibus escolar, ou a restauração do Museu dos Navios-baleeiros?

Durante nossa reunião, o Sr. Reilly havia exibido a expressão de um homem que estava acostumado a ouvir aquilo tudo. Na certa, recebera várias dessas propostas ao longo dos anos e recusara tantas quantas tinha aprovado. Mas a Beaker Holdings, ao contrário da maioria das empreiteiras, não tentaria oferecer o mínimo de benefício público material para construir seu resort. Em vez disso, ia se mostrar um exemplo de desenvolvimento responsável. Proveria muito mais do que o necessário, seria generosa e criativa e, com sorte, poderíamos usar essa obra como modelo para a seguinte. É justo dizer que os gastos projetados por governos locais não costumam constituir a leitura mais empolgante do mundo, mas, naquela tarde, antes de Hannah subir e me distrair, eu tinha

ficado tão empolgado com um documento financeiro municipal quanto era humanamente possível.

* * *

Vanessa dormiu até depois das onze na manhã seguinte. Fiquei deitado ao seu lado por algum tempo depois do amanhecer, olhando seu rosto e observando seus movimentos inconscientes sob o lençol. Em determinado momento, quando meus pensamentos ficaram complicados demais, saí da cama sem acordá-la. Pouco depois das sete e meia, desci a escada na ponta dos pés, saí e corri oito quilômetros pela estrada litorânea, ida e volta, desfrutando a fria umidade do ar matinal, a sensação de tranquilidade e isolamento que só as corridas proporcionam.

Corri por mais tempo e mais depressa do que costumo, despindo camadas de roupa enquanto avançava, porém não me senti perceptivelmente mais cansado. Precisava do esforço físico, de tempo para pensar. Ao correr pela pista de terra que separava o calçamento da areia da praia, imaginei o novo hotel e, quem sabe, um conjunto habitacional de baixo custo para acomodar os funcionários. A Austrália, eu descobrira, tinha o mesmo problema que a Inglaterra no que dizia respeito à viabilização econômica da compra da casa própria. Talvez pudéssemos oferecer algumas lojas e cafés relacionados com esportes aquáticos. Talvez, se o retorno do capital fosse suficiente, pudéssemos construir um centro médico. Na volta, procurei não olhar para o Hotel Baía da Esperança. Se o projeto fosse adiante, o antigo estabelecimento, na melhor das hipóteses, seria ofuscado; na pior, acabaria demolido.

Em dois momentos, pessoas cujos rostos eu agora reconhecia — passeadores de cachorros, pescadores — ergueram a mão para me cumprimentar, e, ao retribuir o aceno, me perguntei o que achariam dos meus planos. Para eles, eu não era o inglês desconhecido, o peixe fora d'água, o noivo comprometido, o bisbilhoteiro, o ladrão de mulher alheia. Enquanto repassava mentalmente uma lista de telefonemas urgentes que precisava dar — para Dennis, para o departamento financeiro, para o Sr.

Reilly, a fim de marcar outra reunião —, voltei a pensar naquelas pessoas acenando e me perguntei: para *quem* elas faziam isso?

Em algum ponto da estrada litorânea de Silver Bay, tive uma revelação. Eu havia passado meses obcecado por esse projeto, pensando nele apenas em termos do que significava para minha carreira e minha empresa. Agora me confrontava com o custo potencial. E vi que minhas primeiras preocupações já não eram o dinheiro e a ambição, porém algo infinitamente mais difícil: um acordo bem-sucedido. Queria que Kathleen e Liza ficassem tão felizes com esse desfecho quanto os investidores, os de olhar duro como pedra. Queria que as baleias e os golfinhos permanecessem vivos, que não fossem afetados pelo empreendimento. Ou, pelo menos, não mais do que qualquer criatura que viva em estreita proximidade com o ser humano. Eu ainda não havia elaborado uma forma de fazer isso, mas, com a cabeça cheia pensando em áreas de conservação e museus comemorativos, senti que finalmente estava prestes a conseguir alguma coisa.

Voltei às oito e meia, molhado de suor, o cérebro entorpecido pelo esforço, meio que torcendo para conseguir pegar o café da manhã sem esbarrar em ninguém. Fico envergonhado em dizer, mas eu havia cronometrado a volta para coincidir com a saída da Liza e Hannah para a escola, e esta era a melhor chance de encontrar a casa vazia.

Mas Kathleen continuava sentada à mesa da cozinha, mesmo muito tempo depois de ter terminado seu café da manhã, com o cabelo grisalho preso num coque e um suéter azul-escuro que anunciava a chegada do inverno. Ela havia colocado um lugar para mim, com café e cereal. E outro lugar ostensivamente arrumado ao lado.

— Escondeu direitinho — observou ela, por trás do jornal, quando me sentei.

Como é que eu poderia lhe dizer que era como se eu a tivesse esquecido?

DOZE

Greg

Você jamais notaria a cicatriz no rosto de Liza McCullen se nunca tivesse ficado bem pertinho dela, se nunca tivesse passado a mão no seu rosto e colocado seu cabelo atrás da orelha. Agora estava mais apagada — já fazia uns bons anos, imaginei —, uns três centímetros de pele branco-perolada num relevo suave, meio irregular, como se Liza nunca tivesse cuidado direito quando se machucou. Metade do tempo ela passava usando aquele boné velho, então essa parte do rosto ficava quase sempre sombreada. Quando saía sem chapéu, as mechas de cabelo sempre circundavam seu rosto, soltando-se do rabo de cavalo quando o vento batia. No instante em que Liza ria, mal dava para notar a cicatriz, por causa das rugas que o mar e o sol tinham feito surgir no canto dos seus olhos.

Mas eu notei. E, mesmo sem a cicatriz, a gente sabia que havia alguma coisa meio fora de ordem em Liza.

Na primeira vez que a vi, ela parecia um fantasma. Isso talvez pareça um pouco exagerado, mas juro que quase dava para enxergar através dela. A moça parecia uma neblina marinha, como se quisesse evaporar no ar.

— Esta é minha sobrinha — apresentou Kathleen, certa tarde, quando todos esperávamos a cerveja, como se fosse só isso que estava disposta a dizer sobre a chegada de alguém que a maioria de nós nem sabia que existia. — E esta é a filha dela, Hannah. Da Inglaterra. Vão ficar aqui.

Eu e outros dois baleeiros dissemos boa-tarde, e Liza balançou a cabeça num cumprimento esquisito, sem olhar ninguém nos olhos. Estava muito acabada, por causa do fuso horário, quase tanto quanto alguém pode ficar. Eu tinha visto a menina uns dois dias antes, agarrada na mão de Kathleen, e imaginara que era filha de um dos hóspedes. Tomei um susto ao descobrir que não só era parente de Kathleen, como também que havia

outra pessoa lá esse tempo todo. Dei uma espiada nela (era loura, com belas pernas compridas, bem o meu tipo), mas, na época, a moça não era grande coisa. Pálida, com olheiras fundas, cabelo caindo feito cortina em volta do rosto. Fiquei mais curioso do que, sabe como é… interessado.

Mas de Hannah gostei assim que vi, e tenho certeza de que ela também gostou de mim. Ficou ali, enfurnada atrás de Kathleen, com aqueles olhões castanhos arregalados que nem os de um gambá, e tinha jeito de que, se alguém dissesse "buu!", ia se estatelar e morrer de pavor. Assim, fui logo ajoelhando — ela era pequenininha nessa época — e disse:

— Bom dia, Hannah. Sua tia Kathleen disse o que tem bem diante do seu quarto?

Kathleen me olhou de cara fechada, como se eu fosse falar de bicho-papão ou algo assim. Ignorei-a e continuei:

— Golfinhos. Na água, ali na baía. São as criaturas mais inteligentes e brincalhonas que você pode imaginar. Se olhar bem da sua janela, aposto que vai ver os bichinhos. E sabe o que mais? Eles são tão espertos que com certeza vão levantar o focinho para ver você também.

— A baía é cheia deles — disse Kathleen.

— Você já viu um golfinho de perto? — perguntei.

Ela fez que não com a cabeça. Mas eu tinha ganhado sua atenção:

— Eles são lindos! Brincam conosco quando saímos com os barcos. Pulam em volta, nadam por baixo. Tão inteligentes quanto você e eu. Mas são enxeridos. Vêm olhar o que a gente está fazendo. Há bandos deles que vivem nesta baía há trinta, quarenta anos. Não é verdade, Kathleen?

A dona do hotel assentiu.

— Se quiser, levo você para vê-los no mar — propus.

— Não — disse uma voz.

Eu me levantei. A sobrinha de Kathleen tinha ganhado vida.

— Não — repetiu ela, com a mandíbula cerrada. — Ela não pode ir para a água.

— Comigo é superseguro — afirmei. — Pergunte à Kathleen. Faço passeios para mostrar os golfinhos há quase quinze anos. Eu e os *Mobys* somos os operadores mais antigos daqui, depois da sua tia. E a criançada sempre usa coletes salva-vidas. Diga a ela, Kathleen.

Mas a mulher também não pareceu gostar muito da ideia.

— Todo mundo precisa de um pouco de tempo para se assentar. Depois a gente pensa em coisas legais para Hannah fazer. Não há pressa.

Ficamos num silêncio estranho. Liza me encarou, como se me desafiasse a sugerir outro passeio. Foi como se eu tivesse proposto fazer uma coisa terrível com a garota. Kathleen sorriu para mim, como se pedisse desculpas. Parecia perdida de um jeito que eu nunca tinha visto.

Sou um cara simples, não sou de me meter em encrencas, então decidi voltar cedo para casa e curtir a patroa. Isso, é claro, foi antes de ela começar a correr atrás do tal professor de ginástica.

— Bom conhecer você, Hannah. Fique de olho nos golfinhos, viu?

Toquei na aba do boné para cumprimentá-la, e a menina me deu um sorrisinho que apagou o resto todo em volta. Liza McCullen já parecia ter esquecido minha presença.

* * *

— Oi, Greggy. Você viu isto?

Sentado no MacIver Bar e Restaurante de Frutos do Mar, a cinco minutos a pé do Cais das Baleias, eu tentava me livrar da dor de cabeça com uma torta e um café. Imaginei que aquilo podia funcionar como uma mistura de café da manhã, que eu tinha perdido, com almoço, refeição que eu raramente fazia. Mal tinha valido a pena ir para casa. Eu havia deixado o bar depois de uma saideira a portas fechadas, fora do horário de funcionamento, na companhia do dono, o Del, quando já passava das duas da manhã, e tinha praticamente refeito o percurso para lá assim que consegui sair do chuveiro.

O bar estava em silêncio, o sol ainda projetava longas sombras na baía e a brisa hibernal cortante mantinha o que restava dos turistas longe da orla, de forma que Del se aproximou, sentou-se e jogou o jornal para mim, do outro lado da mesa.

— O que foi? — perguntei.

Estava com dificuldade de me concentrar.

— A primeira página. Sobre o tal grande empreendimento em Silver Bay.

— Do que você está falando?

Semicerrei os olhos, puxei o jornal e dei uma espiada na matéria da primeira página, sob a manchete "Grande Impulso Turístico para a Cidade". Dizia que um projeto de múltiplos milhões de dólares tinha sido aprovado para o terreno que margeava a baía a partir do hotel de Kathleen. Uma grande empresa internacional havia obtido a licença para a obra, depois de uma série sem precedentes de ofertas para proteger a natureza da cidade e a vida marinha ao redor.

A Vallance Equity, a financeira por trás do projeto, apresentou uma proposta que inclui um novo Museu das Baleias, para conscientizar os turistas no que diz respeito aos animais marinhos de Port Stephens, bem como esportes aquáticos inofensivos para as baleias, com todas as instruções pertinentes, inclusive garantias para as espécies, e vários benefícios complementares, entre eles o financiamento de uma nova biblioteca e de um ônibus para a Escola Primária Silver Bay.

"Esperamos que este seja apenas o começo de uma parceria com a comunidade local", declarou Dennis Beaker, da Beaker Holdings, uma das empreiteiras com sede na Inglaterra. "Queremos promover este relacionamento, no intuito de criar um marco de referência para a construção responsável nesta área."

O prefeito de Silver Bay, Don Brown, explicou: "Deliberamos a fundo e longamente sobre a conveniência desta obra. Mas, após um demorado processo de planejamento, nos alegra dar as boas-vindas aos benefícios em postos de trabalho e infraestrutura a serem trazidos pelo novo complexo hoteleiro. Acima de tudo, porém, acolhemos com prazer a atitude responsável e conscienciosa das empresas para com nossas águas."

— "Além do suborno considerável que enfiei no bolso de trás" — zombou Del. — Kathleen está sabendo disso?

— Não sei, amigo… Faz… faz alguns dias que não passo por lá.

— Bem — disse ele —, imagino que agora ela fique sabendo.

Jogou o pano de prato no ombro e voltou num andar gingado para a grelha, onde um hambúrguer levantava chispas até o exaustor.

— "Esportes aquáticos inofensivos para as baleias"? — perguntei. — Que porra é essa de "esportes aquáticos inofensivos para as baleias"?

— Pode ser que ensinem nado sincronizado a elas — Del riu. — Ou então as treinem para puxar os esquiadores aquáticos.

Minha mente começava a ficar mais clara.

— Isso é um puta desastre — observei, ainda lendo. — Compraram a velha fazenda dos Bullen e as águas ao redor.

Del não disse nada, ficou virando os hambúrgueres. Continuei lendo:

— Depois vamos precisar de licença para sair com os barcos. Nem acredito no que estou lendo.

— Greg, você não pode dizer que a cidade não precisa desse negócio.

— Você acha?

De repente, vi o bar e restaurante MacIver pelo ponto de vista de um visitante. O linóleo nunca tinha sido trocado nos quinze anos que eu morava em Silver Bay, e as mesas e as cadeiras eram mais confortáveis que elegantes. Mas era assim que nós gostávamos. Que eu gostava.

Mais tarde, fui a pé até o guichê dos ingressos. Leonie, uma estudante, era quem vinha cuidando das reservas e das vendas durante o inverno. Em geral era possível encontrar algum adolescente louco por golfinhos que trabalhasse lá por uma ninharia.

— Você tem quatro para hoje à tarde — disse ela, balançando a agenda. — Uma família de seis na manhã de quarta e um casal na sexta, mas já avisei a eles que ainda preciso confirmar, porque a previsão do tempo não está muito boa.

Assenti, mal chegando a vê-la.

— Ah, Greg — lembrou ela —, Liza vai aparecer à tarde. Quer conversar com você e os outros caras sobre essa história da tal construção. Acho que está um pouco preocupada.

— Ela não é a única — respondi.

Abri uma latinha de cerveja e fui para a caminhonete.

* * *

Na primeira vez que Liza McCullen e eu fomos para a cama, ela estava tão bêbada que até hoje não sei se lembra o que fizemos. Foi mais ou menos um ano depois de ela vir para cá. Tinha se tornado um pouco mais calorosa — não chegava a ser um calor tropical, era mais uma espécie de degelo ártico, como sempre digo —, mas continuava bastante fria com todo mundo. Não era uma boa opção se você quisesse bater papo. Tinha começado a sair com Kathleen no *Ishmael*. A tia vinha lhe ensinando os macetes enquanto a garotinha estava na escola, e, quanto mais tempo Liza passava na água, mais feliz ficava. Eu fiz umas brincadeiras sobre ela virar concorrente e tal. Kathleen me olhou com bons olhos, até a hora em que fiz alguma piada sobre uma tal Dama dos Tubarões. Aí ela me perguntou por que eu não dava o fora e ia gastar meus míseros dólares em outro bar. Acho que ela estava brincando.

Àquela altura, Liza já conversava um pouco comigo. Havia noites em que se sentava do lado de fora conosco, eu e os outros baleeiros — Ned Durrikin e aquela moça francesa de bigode vinham pilotando o *Moby II* —, e batia um papinho, tipo "Oi", "Sim" ou "Obrigada". Era como tirar leite de pedra.

Eu estava sempre lhe contando piadas. Nessa época, eu já estava interessado nela — gosto de fazer as garotas rirem — e ficava chateado ao ver que, em certas noites, mal conseguia fazê-la sorrir. Eu a paquerava com tanto afinco que, para ser sincero, acho que foi por essa época que Suzanne ficou de saco cheio. Eu passava a noite toda na varanda de Kathleen, tomando algumas cervejas, e, quando dava por mim, aparecia em casa bêbado e encontrava Suzanne lá sentada, com cara de bunda e com o jantar tão estorricado que dava para fazer desenhos com aquilo.

Mas em determinada noite deu para ver que havia alguma coisa diferente. Liza não saiu, e Kathleen, de cara fechada, disse que a sobrinha ia ficar em casa. Então entrei e me sentei onde ela estava, na cozinha. Não falei nada sobre ela estar observando uma foto, porque, quando entrei, ela a enfiou no bolso da jaqueta, como se não quisesse ninguém vendo, e estava com os olhos vermelhos, como se houvesse chorado. Pelo menos

uma vez na vida consegui ficar de boca fechada, porque senti que havia alguma coisa diferente, e, se eu tomasse cuidado, podia ser que aquilo me trouxesse certa vantagem.

Então, depois de ela passar alguns minutos sentada ali, enquanto eu tentava não me remexer na cadeira (detesto me sentar quieto desde que era moleque), Liza ergueu os olhos para mim, aqueles olhos grandes e tão tristes que me davam vontade de chorar, e pediu:

— Greg, você me ajuda a tomar um porre? Quer dizer, a ficar bêbada de verdade?

— Bem… — Dei um tapa nos joelhos. — Não tem cara mais qualificado para isso em toda Silver Bay.

Sem dizer uma palavra à Kathleen, descemos a trilha, entramos na minha caminhonete e fomos para o bar do Del, onde ela se sentou e virou uma garrafa de Jim Beam como se o uísque fosse desaparecer.

Saímos depois que o bar fechou, e, àquela altura, Liza estava tão bêbada que mal se aguentava em pé. Não estava boba — como Suzanne costumava ficar, cantando toda assanhadinha, o que, como eu dizia, não caía nada bem numa mulher — nem mal-humorada. Agia como se o que a aborrecia a consumisse por dentro.

— Não estou bêbada o bastante — resmungou quando a empurrei para dentro caminhonete. — Preciso de mais bebida.

— Os bares já fecharam a esta hora. Acho que não tem mais nenhum aberto neste lado de Newcastle.

Eu também tinha bebido, mas há alguma coisa em ver uma pessoa que está realmente a fim de encher a cara que impede a gente de se embriagar demais.

— No hotel — sugeriu ela. — Vamos beber no hotel.

Achei que a velha Dama dos Tubarões não ia gostar muito da ideia de atacarmos seu bar no meio da madrugada, mas, dane-se, a decisão não era minha.

Ainda fazia calor suficiente para a roupa ficar grudada no corpo, e fomos nos sentar do lado de fora com as cervejas. À luz do luar, vi o suor reluzir na pele dela. Tudo parecia estranho naquela noite, como se a atmosfera estivesse carregada e qualquer coisa pudesse acontecer. Era o

tipo de noite em que ocorre uma tempestade no mar. Ouvi as ondas quebrarem na praia, os grilos, e tentei não pensar na moça ao meu lado, enchendo a cara de cerveja. Lembro que em algum momento tiramos os sapatos e um dos dois teve a ideia de sair para remar. Lembro-me das risadas dela, tão histéricas que eu não sabia direito se ela na verdade estava chorando. E então, quando perdeu o equilíbrio embaixo do píer, meio que caiu em cima de mim, e ainda me lembro do gosto da sua boca ao procurar a minha: Jim Beam e desespero, falei a mim mesmo. Não era uma mistura agradável.

Não que isso tenha me impedido.

A segunda vez foi cerca de seis meses depois. Suzanne e eu havíamos passado um tempo separados, e ela estava na casa da irmã em Newcastle. Liza ficou ainda mais bêbada, e tive que afastar seu cabelo enquanto ela vomitava, antes que se recompusesse o bastante para entrar outra vez na caminhonete. O que não a impediu de acabar com uma garrafa do melhor vinho shiraz do Sr. Gaines na minha casa. Mas ela era muito estranha: sóbria e fria como pedra todas as noites da semana, de vez em quando era como se resolvesse se derrubar. Nessa segunda noite, acordei de madrugada, e ela estava chorando ao meu lado. De costas para mim, sacudia os ombros e tapava o rosto com as mãos.

— Machuquei você? — perguntei, um pouco zonzo de sono.

Ninguém gosta de encontrar uma garota chorando depois de transar com ela, sabe como é?

— Liza? — insisti. — O que houve, querida?

E então, ao tocar no seu ombro, percebi que ela estava dormindo. Aquilo me deixou meio pirado, e por isso chamei por ela e a sacudi.

— O que foi? — perguntou ela. E então, dando uma olhada no quarto, disse: — Ai, meu Deus, onde estou?

— Você estava chorando enquanto dormia — respondi. — Achei… achei que tinha sido eu.

Em segundos ela já estava fora da cama, pegando sua calça jeans. Falando sério, se eu também não estivesse tão bêbado, aquilo teria sido um insulto.

— Ei, ei, calma aí. Você não tem que ir a lugar nenhum. Só quis ter certeza de que estava bem.

Vi o flash branco do sutiã quando ela o enfiou nos braços.

— Não tem nada a ver com você, Greg. Sinto muito, preciso ir.

Parecia um homem. Era igual a mim na época em que eu enchia a cara, antes de ter conhecido Suzanne, e acordava com alguém que me faria arrancar meu próprio braço a dentadas para me ver livre.

Dez minutos depois de Liza sair, me dei conta de que ela não estava de carro. Mas, quando desci, já tinha ido embora. Imaginei que devia ter corrido metade do caminho pela estrada litorânea ao voltar para casa. Era dada a essas coisas, como se não tivesse medo de nada. ("Por que havia de ter?", disse Kathleen, com ar enigmático, quando lhe perguntei. "O pior já aconteceu.")

No dia seguinte, quando me sentei a seu lado, ela se comportou como se nada tivesse acontecido.

Fez isso comigo em mais quatro ocasiões. Todas as vezes que ficamos juntos, ela estava bêbada. Se eu fosse menos boa-pinta, acho que ficaria um pouco preocupado.

Eu deveria ter ficado irritado, mas com Liza não dava. Ela era diferente de todo mundo que eu conhecia.

Quando finalmente me falou da filhinha, estava sóbria. E me mandou nunca dizer uma única palavra. Recusou-se a responder a perguntas. Não me contou nem mesmo como o bebê havia morrido. E só me falou sobre isso porque eu estava enfurecido e perguntei à queima-roupa por que diabo ela precisava beber tanto ao ir para a cama comigo.

— Não bebo com o intuito de ir para a cama com você — respondeu. — Bebo para esquecer. Ir para a cama com você é uma consequência. — Ela era direta assim, como se nada daquilo fosse me magoar. — E não pergunte nada à Hannah sobre isto. — Já parecia arrependida de ter me contado, o que era o fim da picada. — Não quero você remexendo nessas coisas. Ela não precisa que a lembrem dessa história.

— Puxa, que péssima ideia você faz de mim — comentei.

— Não, sou apenas cuidadosa. — Cerrou os punhos com força. — Hoje em dia, sou apenas cuidadosa.

* * *

Del teve prazer em ser anfitrião do encontro — sabia que com isso ia faturar uns extras de café da manhã o dia inteiro, mas foi logo me adiantando que não se opunha ao projeto. Onde ele estava, a poucos metros do resort, disse, esfregando as mãos no avental, tinha chance de ganhar uma grana. Como se a clientela de que andavam falando fosse frequentar um pé-sujo como o MacIver para almoçar. Eu sabia que não ia fazer meu camarada mudar de ideia, mas acertei ao supor que a culpa o poderia levar a me compensar com um sanduíche de bacon e, quando foi chegando a hora, me sentei do lado de fora e o comi, acompanhado por um bom café forte.

Eu havia circulado a notícia, e alguns donos de hotel, pescadores, baleeiros, pessoas que podiam ser afetadas tinham ficado de aparecer. Permanecemos na porta do MacIver, esperando o pessoal chegar. Alguns seguravam exemplares do jornal. Outros murmuravam entre si, enquanto mais gente conversava normalmente, como se a cidade não estivesse prestes a mudar de forma radical.

Não falei com Liza quando chegou, e ela não pareceu ter pressa de me cumprimentar. Mas acenei para Hannah, que se aproximou e se sentou ao meu lado.

— Seu barco continua lá no galpão — falei em voz baixa, porque queria vê-la sorrir.

— Os golfinhos vão se mudar para longe daqui? — perguntou.

Kathleen havia chegado e pôs a mão no ombro da menina.

— Tenho certeza de que eles já viram coisas piores — disse. — Durante a guerra, havia navios de combate na baía, caças sobrevoando, submarinos… mas continuamos tendo golfinhos. Não se preocupe.

— Eles são inteligentes, não são? Vão saber sair da frente de todo mundo.

— São mais inteligentes que a maioria das pessoas daqui — respondeu Kathleen.

Não gostei do seu jeito de me olhar de esguelha ao dizer isso.

Lance se levantou e começou a falar. Tínhamos concordado que ele seria o melhor naquele treco todo. Nunca fui dado a falar em público, e todos sabíamos que Liza preferiria a morte a mostrar a cara. Ele disse reconhecer que o empreendimento traria benefícios econômicos para a cidade, mas o parque de esportes aquáticos poderia destruir a única área de desenvolvimento turístico: a observação de baleias e golfinhos.

— Reconheço que, para muitos de vocês, tanto faz, mas esta é a única coisa que distingue Silver Bay de outros destinos, e a maioria aqui sabe que, quando os turistas saem a passeio nos nossos barcos, é comum pararem nos cafés ou nas lojas a caminho de casa. Ou se hospedarem nos hotéis e pousadas das redondezas.

Ouviu-se um murmúrio de concordância.

— Esse negócio é capital estrangeiro — continuou. — Sim, surgirão alguns empregos, mas vocês podem apostar que os lucros não vão ficar aqui em Silver Bay. Nem em Nova Gales do Sul. Investimento estrangeiro significa retornos para os estrangeiros. Além disso, nem conhecemos a natureza completa dessa obra. Se o hotel tiver seus próprios cafés e bares, caramba, vocês vão perder tanto quanto vão ganhar.

— Mas talvez dê um impulso ao comércio no inverno — disse uma voz ao fundo.

— A que preço? Se as baleias e os golfinhos forem embora, não haverá nada para comercializar no inverno — respondeu Lance. — Vamos falar a verdade: quantas pessoas viriam aqui em junho, julho e agosto, se não fosse o Cais das Baleias? Hein?

Fez-se silêncio.

Ao meu lado, Hannah lia o jornal. A menina está crescendo tão depressa que, num piscar de olhos, já vai estar dirigindo.

— Greg — chamou, franzindo o cenho.

— O que é, meu bem? — sussurrei. — Quer que eu busque alguma coisa para você comer?

— Esta é a empresa de Mike — disse ela, com o dedinho apontando para um trecho da reportagem. — Beaker Holdings. É a que tem o retrato dele na internet.

Levei alguns minutos para entender o que ela estava dizendo e um pouco mais para compreender o que significava.

— Beaker Holdings — li. — Tem certeza, querida?

— Eu lembro. Isso significa que Mike comprou Silver Bay?

Mal consegui enxergar direito durante o resto da reunião. Eu me esforcei para manter a calma enquanto Lance organizava um abaixo-assinado. Consegui erguer a mão na hora de votar a convocação do cara da Secretaria de Planejamento para registrar uma queixa. E então, quando todos começaram a ir, perguntei à Kathleen se Mike estava no hotel.

— Está no quarto dele. Acho que a namorada foi fazer compras — disse ela, torcendo o nariz. — Ela gosta de fazer compras. — Ergueu os olhos para mim. — Greg? Tudo bem com você?

— Você pode chamar Liza? — pedi, tentando suavizar o tom de voz na frente da menina. — Precisam saber de uma coisa.

* * *

Demorei um ano e meio para levar Liza McCullen para a cama, e quase outros dois para ela confiar em mim o bastante a ponto de me contar a história da filha.

Por isso não acreditei no que vi quando, no dia seguinte à morte do filhote de baleia, dirigi até o hotel para levar as chaves que ela havia largado na minha casa, na sua pressa habitual de voltar para a dela. Por isso não retornei ao hotel desde então, porque aquela imagem ainda estava gravada na minha memória, me atormentando, por mais cervejas que eu despejasse goela abaixo: Liza sentada no carro, no estacionamento do Hotel Baía da Esperança, logo depois de sair da minha cama, toda decidida, abraçada por aquele inglês.

* * *

Como se constatou, Mike estava sentado na cozinha — onde só a família de Kathleen entrava —, como se tivesse algum direito naquele lugar.

Quando aparecemos na porta, ele ergueu o olhar. Lia um velho guia turístico e usava uma camisa elegante. A simples visão do cara naquele espaço já me deixou com vontade de dar na cara dele.

Ele levou cerca de dois segundos para perceber. Só que Liza não lhe deu mais do que isso. Bateu com o jornal na mesa.

— É assim que você faz suas pesquisas, é?

Mike olhou a manchete e ficou pálido. Eu nunca tinha visto isso acontecer, mas a cor sumiu tão depressa do seu rosto que quase baixei os olhos para ver se havia uma poça de sangue no chão.

— Você passa quase um mês no nosso hotel, fazendo amizades, perguntando coisas, batendo papo com minha filha, e o tempo todo está planejando nos arruinar?

Ele olhava fixamente para a primeira página.

— Logo você… logo você! Sabendo o que sabia, como pôde fazer isso, Mike? Como pôde fazer isso?

Caramba, eu nunca a vira tão furiosa. Estava elétrica, fervendo, quase de cabelo em pé.

Mike se levantou.

— Liza, me deixe explicar…

— Explicar? Explicar o quê? Que você veio para cá fingindo estar de férias, e o tempo todo estava tramando e fazendo planos com o desgraçado do Conselho Municipal para nos destruir?

— Isso não vai destruir vocês nem as baleias. Tenho lutado por todas essas garantias.

Nessa hora Liza caiu na risada, que gerou um som oco, desvairado. Devo admitir que ela ficou assustadora nesse instante.

— Garantias, garantias. Como é que um maldito parque de esportes aquáticos, bem no meio das nossas águas, pode trazer algum tipo de garantia? Haverá lanchas a toda pela baía, puxando esquiadores e também jet skis e sabe-se lá mais o quê! Tem ideia do que isso vai fazer com as baleias?

— Em que sentido isso é pior do que o que vocês já fazem? São só motores de barco. Vão ficar longe da rota de migração. Haverá regras. Alertas e advertências.

— Regras? Que diabo você acha que entende disso? Acha que um garoto de dezoito anos num jet ski vai querer falar de regras? — Liza tremia de raiva. — Você nos viu tentar salvar aquele filhote de baleia e agora fica aí dizendo que a porcaria do seu parque de esportes aquáticos não vai afetar nada? Pior, fez minha filha contar o que era necessário na cidade, para você poder bajular a Secretaria de Planejamento e conquistar aquela gente.

— Achei que isso poderia ser bom — protestou Mike. — Ela disse que eram coisas de que estavam precisando.

— Eram coisas de que *você* precisava, para ter a droga da Secretaria ao seu lado. Você é doente, sabia? Doente.

— A decisão não é minha — disse Mike, desamparado. — Tenho dado o melhor de mim para fazer isso funcionar para todo mundo.

— Tem dado o melhor de si para encher os bolsos — falei.

Avancei mais um passo na direção dele e o vi se posicionar como quem se prepara para um golpe.

Liza se virou, chorando. Balançou a cabeça e falou, amargurada:

— Sabe… Tudo o que você disse que era é mentira. *Tudo*.

Foi a primeira vez que ele pareceu ficar bravo.

— Não — respondeu com certa urgência, estendendo a mão. — Nem tudo. Eu queria falar com você. Ainda quero, mas…

Ela o afastou como se Mike fosse tóxico.

— Você acha mesmo que tem *alguma* coisa a dizer que eu queira ouvir?

— Sinto muito. Queria ter falado do projeto — continuou ele —, mas precisava aperfeiçoá-lo primeiro. Assim que me dei conta do que as baleias significavam para vocês, quis encontrar uma maneira de deixar todos felizes.

— Ora, cacete, meus parabéns — vociferou ela. — Espero que esteja satisfeito, porque esse troço vai nos destruir, e vai acabar com as baleias. Mas, ei, desde que seus investidores obtenham um bom lucro, fico feliz por vê-lo satisfeito.

Nessa hora me ofereci para dar uma porrada nele.

— Ai, pare de ser tão idiota — disse Liza, e, com um aceno desdenhoso que pareceu incluir nós dois, passou por mim e saiu da cozinha.

Havia uma moça parada no corredor, loura, usando roupas caras e com uma bolsinha minúscula perto do peito. Recuou para deixar Liza passar.

— Está tudo bem? — perguntou.

Outra inglesa. Devia ser a namorada, pensei. Boa demais para um cara como Mike.

— Ainda pego você, parceiro — falei, apontando um dedo para a cara dele. — Não pense que vai cair no esquecimento.

— Ora, fique calmo, Greg — disse Kathleen, cansada, e me empurrou para fora da cozinha. Como se alguma coisa naquela história fosse culpa minha, pombas. — Vanessa, talvez você queira entrar e se sentar. Vou preparar um bule de chá.

TREZE

Kathleen

Newcastle Observer, 11 de abril de 1939

O maior tubarão-cinza já capturado em Nova Gales do Sul foi encontrado numa comunidade de pesca ao norte de Port Stephens, por uma garota de dezessete anos.

A Srta. Kathleen Whittier Mostyn, filha de Angus Mostyn, proprietário do Hotel Baía da Esperança, pescou o animal na tarde de quarta-feira nas águas próximas à Ilha do Nariz Quebrado. Sem ajuda, ela o desembarcou de um pequeno veleiro enquanto o pai voltava depressa ao hotel para buscar provisões.

Ele contou: "Levei um susto, sinceramente, quando Kathleen me mostrou o que tinha capturado. A primeira coisa que fizemos foi trazê-lo para a praia e chamar as autoridades pertinentes, porque eu achava que ela tinha quebrado algum recorde."

Um representante da Secretaria de Pesca confirmou que se trata do maior tubarão dessa espécie já capturado na região. "É uma proeza e tanto para uma jovem", disse o Sr. Saul Thompson. "A captura desse tubarão teria sido difícil até mesmo para um homem experiente na pesca esportiva."

O tubarão já se tornou uma atração considerável, e pescadores e curiosos locais têm percorrido grandes distâncias para ver o animal. O Sr. Mostyn planeja mandar empalhá-lo e pendurá-lo no hotel como um registro da valiosa captura da filha. "Só precisamos encontrar uma parede que tenha resistência suficiente", brincou.

Os funcionários do hotel dizem que as reservas triplicaram desde a divulgação do sucesso da Srta. Mostyn, e o recorde com certeza

contribuirá para a fama crescente da região como um excelente local para pesca esportiva.

Tirei a poeira da moldura de vidro e devolvi para a parede o recorte amarelado de jornal, ao lado das fotos do tubarão empalhado. A taxidermia em si não tinha sido um grande sucesso — eu desconfiava de que meu pai tivera tanta pressa de exibir o bicho que não escolhera alguém muito competente para empalhá-lo — e o animal se desintegrara ao ser transferido do hotel para o museu, soltando palha pelas costuras em volta das nadadeiras e ao longo da junção da cauda. Um pouco depois, admitimos a derrota e jogamos no lixo. Foi divertido observar sua remoção pela janela, no dia em que os lixeiros vieram.

Também não ajudou o fato de o bicho ter sido manuseado por praticamente todos os visitantes que entraram no museu. Havia algo num tubarão empalhado que despertava nas pessoas uma vontade de tocá-lo. Talvez fosse a emoção de saber que, em circunstâncias normais, jamais chegariam tão perto de um deles sem que logo em seguida sofressem uma amputação ou morressem. Talvez isso lhes desse uma estranha sensação de poder. Quem sabe dentro de todos nós exista uma necessidade perversa de chegar perto do que tem capacidade de nos destruir.

Desviei os olhos das fotos e passei de leve o espanador pelos outros objetos e curiosidades, contemplando o museu pelo ponto de vista do tipo de turista que se interessaria por um parque de esportes aquáticos de altíssima qualidade. Ou, como descrevera o jornal, um museu "adequado" de baleias e golfinhos. Fazia dez dias que eu não recebia um único visitante. Talvez não os pudesse culpar, pensei, colocando cuidadosamente um arpão de volta nos ganchos. Aquele lugar se parecia cada vez menos com um museu, e mais com um monte de velhos ossos de peixes num galpão caquético. Eu só o mantinha funcionando por causa do meu pai.

Estavam todos no hotel, sentados do lado de fora, discutindo em alto e bom som suas ideias para lutar contra a decisão da Secretaria de Planejamento, ao sabor de cerveja e batata frita. Eu não quisera ficar entre eles, não queria fingir compaixão por crimes ainda não cometidos contra

animais marinhos livres. Meus sentimentos e minhas reservas eram bem diferentes dos deles.

Ouvi a porta ranger e me virei. Lá estava Mike Dormer. Era difícil ver seu rosto contra a luz, por isso fiz sinal para que ele entrasse.

— Nunca estive aqui — disse ele, dando uma olhada em volta enquanto seus olhos se adaptavam à penumbra. Tinha as mãos enfiadas no fundo dos bolsos, e sua postura, normalmente ereta, estava curvada e pesarosa.

— É — concordei. — Nunca esteve.

Ele circulou devagar, observando as vigas de onde pendiam velhas cordas, redes, boias e macacões de baleeiros da década de 1930. Pareceu se interessar por tudo de um jeito que raramente se via nos verdadeiros visitantes.

— Reconheço esta foto — comentou, parando diante do recorte de jornal.

— É, bem… Uma coisa que sabemos sobre você, Mike, é que realmente faz suas pesquisas. — Saiu mais ríspido do que eu pretendera, mas eu estava cansada e ainda me sentia desestabilizada por tê-lo mantido tanto tempo sob meu teto sem avaliá-lo direito.

— Sinto muito — disse ele. — Mereci isso.

Bufei e comecei a tirar o pó dos souvenirs em cima da mesa de armar, junto à velha caixa registradora. De repente me pareceram antiquados e patéticos: chaveiros de baleia, golfinhos pendurados em bolas de plástico, cartões-postais e panos de prato com estampa de animais marinhos sorridentes. Presentes de criança. Mas de que adiantava tudo isso, se as crianças não iam mais lá?

— Escute, Kathleen, sei que talvez você não queira conversar comigo justo agora, mas preciso falar uma coisa. Para mim, é importante que você entenda.

— Ah, eu entendo, sim.

— Não, não entende. Queria dizer uma coisa. É sério. Vim para cá na expectativa de fazer um trabalho simples num projeto. Achei que ia entrar e sair, que ia construir algo numa área que não tinha muita importância para ninguém. Quando me dei conta de que este não era o caso, tentei elaborar uma solução que deixasse meu chefe satisfeito na Inglaterra, e

vocês, muito felizes aqui. Eu precisava conseguir o máximo de informação possível.

— Poderia ter nos contado. Talvez pudéssemos ter contribuído com alguma coisa. Principalmente porque já faz setenta e tantos anos que moro nesta região.

— Agora sei disso.

Com estranha satisfação, notei que os sapatos dele estavam muito surrados.

— Mas — continuou —, quando conheci todos vocês, isso se tornou impossível.

— Especialmente Liza — falei, mas era só um palpite.

— É — concordou ele. — Especialmente ela.

— Bem, Mike, para um homem tão quietinho, você causou um grande alvoroço por aqui.

Continuei faxinando, sem saber muito bem o que mais fazer. Eu não queria ficar parada ali na frente dele. Ficamos em silêncio durante alguns minutos, enquanto eu trabalhava de costas para ele. Senti seus olhos fixos em mim.

— Enfim — prosseguiu ele, tossindo —, reconheço que é provável que isso mude as coisas. Fiz algumas ligações, e há um lugar mais adiante, na orla, que me… que nos receberá como hóspedes. Vamos para lá à tarde. Eu só queria dizer que sinto muito mesmo, e que, se houver alguma coisa que eu possa fazer para… bem, para atenuar os efeitos deste projeto, é só falar.

Parei, erguendo o espanador na mão, e me virei para ele. Minha voz, quando saiu, soou incomumente alta naquele espaço cavernoso:

— Como é possível atenuar a destruição de um negócio de família que tem setenta anos, Mike?

Ele me pareceu arrasado nesse momento, como imaginei que ficaria.

— Sabe de uma coisa? Pode pensar o que quiser, mas, na verdade, não dou a mínima para o hotel. Os prédios em si não têm grande importância para mim, e faz anos que este aqui vem decaindo. Também não faço tanto alvoroço por causa da baía. E quanto às baleias e aos golfinhos, espero que os curiosos, que hoje em dia vão em busca desses animais, cuidem do seu bem-estar.

Transferi o peso de uma perna para a outra e troquei o espanador de mão.

— Mas você precisa saber de uma coisa, Mike Dormer. Ao destruir este lugar, está destruindo a segurança de Hannah. Este é o único lugar, no mundo inteiro, onde ela pode ficar despreocupada, em que pode crescer em segurança e ilesa. Não posso explicar mais do que isto, mas você precisa saber que seus atos terão impacto na nossa menina. E isso não tenho como perdoar.

— Mas… por que vocês teriam que sair daqui?

— Como poderemos nos sustentar aqui sem receber hóspedes?

— Quem disse que vocês não terão hóspedes? Seu hotel é completamente diferente do que está sendo projetado. Sempre haverá clientes para um lugar como o seu.

— Com cento e cinquenta suítes com televisão a cabo bem ao lado? E oferecendo três diárias pelo preço de duas, no inverno, e piscina aquecida? Acho que não. A única coisa que tínhamos a nosso favor aqui era o isolamento. As pessoas que vinham para cá queriam estar no meio do nada. Queriam ouvir o mar à noite, o sussurro da grama nas dunas e nada mais. Não queriam noites de karaokê no Salão Jubarte, nem o barulho de quarenta e oito carros entrando e saindo do estacionamento, a caminho do bufê incluso. Ora, fala sério, Mike, você lida com números nas pesquisas comerciais. Então me diga como é que um negócio como o meu sobrevive?

Ele deu a impressão de que ia falar, mas balançou a cabeça, em silêncio.

— Volte para seus patrões, Mike. Diga-lhes que você fez o que mandaram. Fechou o negócio, ou seja lá como vocês do centro financeiro londrino dizem.

Eu estava à beira das lágrimas, o que me deixou tão furiosa que voltei a espanar o pó, para que Mike não conseguisse ver meu rosto. Setenta e seis anos e prestes a chorar como uma adolescente. Mas não tinha como evitar. Toda vez que eu pensava em Liza e Hannah indo embora, tendo que se mudar para um lugar distante daqui, tendo que recomeçar mais uma vez, eu chegava a ficar sem ar.

Eu meio que esperava que Mike tivesse ido embora, depois de ter passado tanto tempo de costas para ele. Mas, quando me virei, o rapaz continuava ali, ainda fitando o chão, pensando.

Por fim, ergueu a cabeça e disse:

— Vou mudar o projeto. Não sei bem como, Kathleen, mas vou dar um jeito nisso. — Devo ter olhado para ele com descrença, porque deu um passo na minha direção: — Eu juro, Kathleen. Vou dar um jeito.

Depois girou nos calcanhares, com as mãos enfiadas nos bolsos, e percorreu a trilha de volta ao hotel.

* * *

No dia seguinte, deixei Hannah na escola e segui pela estrada que levava ao interior, para visitar Nino Gaines. Ele era uma das poucas pessoas com quem eu podia ter uma conversa franca sobre dinheiro. Tentar informar a Liza como andava curto apenas a deixaria ainda mais aflita, e eu sempre me esforçara para disfarçar que seus passeios de observação de baleias pouco ajudavam no nosso orçamento doméstico.

— Então, quanto você tem?

Estávamos sentados no escritório que ele tinha em casa. Pela janela eu via as videiras, agora desnudas, resumindo-se a batalhões de galhos secos sob um céu incomumente cinza. Atrás de Nino havia livros sobre vinhos e um cartaz emoldurado da primeira promoção de supermercado que incluíra o da uva shiraz. Eu gostava do escritório dele, pois remetia a negócios saudáveis, inovação e sucesso, apesar da idade avançada do dono.

Rabisquei algumas cifras no bloco de anotação à minha frente e o empurrei na direção dele. Pode parecer tolice, mas fui criada para considerar uma grosseria falar sobre dinheiro e, mesmo na minha idade, é difícil discutir o assunto em voz alta.

— Estes são os lucros sem a dedução dos impostos. E este é o valor bruto dos negócios. Dá para sobreviver. Mas, se eu tiver que colocar um telhado novo, ou qualquer coisa do tipo, teria que vender o barco.

— Está apertado assim, é?

— Apertado assim.

Nino ficou muito surpreso. Até esse momento, acho que ele presumira que, como meu pai era o grande nome da região quando nos conhecemos, eu ainda devia contar com um considerável pé-de-meia. Mas, como lhe expliquei, já tinham se passado cinquenta anos desde o apogeu do hotel. E dez anos desde que contara com o que podemos chamar de fluxo constante de hóspedes. Os impostos, os reparos no prédio e o custo de cuidar de mais duas pessoas — sendo que uma exigia um suprimento interminável de sapatos, livros e roupas — haviam consumido o pouco que eu economizara.

Nino tomou um gole do chá. Mais cedo, Frank nos trouxera uma bandeja completa, contendo inclusive um prato de biscoitos. O fato de tê-lo colocado sobre um descanso de renda me fez ver com outros olhos o filho ainda solteiro de Nino, embora o pai parecesse acreditar que o toque decorativo tinha sido apenas uma delicadeza comigo.

— Você quer que eu invista no hotel, para que possa fazer algumas reformas? Dar uma melhorada nos quartos? Instalar alguns televisores por satélite? Tive alguns anos prósperos. Seria um prazer investir em algo novo. — Ele sorriu. — Diversificação. É nisso que meu velho contador diz que devo me concentrar. Você poderia ser a minha diversificação.

— De que adianta, Nino? Você sabe tão bem quanto eu que, quando aquele monstro for construído perto do cais, seremos pouco mais que um galpão nos fundos do jardim deles.

— Vocês não conseguem sobreviver do dinheiro da observação de baleias? Com certeza Liza vai sair com mais frequência, tendo mais turistas por perto. Talvez você pudesse investir em outro barco. E arranjar alguém para pilotá-lo.

— Mas essa é justamente a questão. Ela não vai continuar aqui se houver mais gente. Fica… fica nervosa. Precisa morar num lugar sossegado.

As palavras soaram tolas até mesmo para mim. Fazia muito tempo que eu tinha parado de tentar justificar o enigma que era minha sobrinha.

Ficamos em silêncio enquanto Nino absorvia as informações. Terminei o chá e coloquei a xícara na bandeja. Em seguida ele se debruçou sobre a escrivaninha.

— Tudo bem, Kate. Você sabe que nunca me intrometi nisso, mas preciso perguntar. — Baixou o tom de voz: — De que diabo Liza está fugindo?

Nesse instante as lágrimas vieram, e percebi, horrorizada, que não podia contê-las. Os soluços sacudiram meu peito e meus ombros como se eu estivesse pendurada em cordas elásticas. Acho que eu não chorava assim desde criança, mas não conseguia parar. Eu queria muito proteger minhas meninas, mas Mike Dormer e seus planos idiotas e sonsos tinham deixado claro para mim como as duas eram vulneráveis. Como nosso suposto refúgio na extremidade da baía podia se desfazer facilmente.

Quando me recompus um pouco, olhei para ele. Seu sorriso era solidário, seu olhar, apreensivo:

— Você não pode me contar, não é?

Apoiei a cabeça nas mãos.

— Imagino que seja uma coisa muito ruim, senão você não ficaria tão abalada — observou ele.

— Você não deve pensar mal de Liza — murmurei por entre os dedos, que tapavam minha boca. Enfiaram um lenço macio e muito usado entre meus dedos, e enxuguei os olhos sem qualquer elegância. — Ninguém sofreu mais do que ela.

— Não esquente. Já vi suas meninas e sei que não há um pingo de maldade em nenhuma das duas. Não vou perguntar de novo, Kate. Só achei que contar a alguém… seja o que for… poderia lhe deixar um pouco mais aliviada.

Nesse momento, segurei sua mão velha e forte. Nino apertou com força a minha, seus enormes nós dos dedos em cima dos meus, e isso me reconfortou imensamente, acho que mais do que eu tinha imaginado.

Ficamos mais alguns minutos sentados assim, ouvindo o tique-taque do relógio acima da lareira, enquanto eu sentia minha mão absorvendo o calor de sua pele. Percebi que eu não queria ir para casa. Não tinha forças para tranquilizar Liza, que estava quase enlouquecendo de ansiedade. Não queria ser gentil com Mike Dormer e sua namorada chiquérrima, nem pensar no que eles haviam feito comigo. Nem mesmo queria ter que fechar

a conta desses dois. Queria apenas continuar sentada naquela sala sossegada, naquele vale silencioso, com alguém que cuidasse de mim.

— Você podia vir morar aqui — disse ele em um tom amável.

— Não posso, Nino.

— Por quê?

— Já falei. Não posso abandonar as meninas.

— Quis dizer você e as meninas. Por que não? Há muito espaço aqui. É perto o bastante para Hannah continuar nessa escola, se você não se incomodar em dirigir um pouco. Olhe para este casarão antigo. Estes cômodos adorariam ver jovens novamente. A única coisa que mantém Frank aqui é que ele não quer me deixar sozinho.

Não falei nada. Minha cabeça estava rodando.

— Venha morar comigo. Podemos organizar tudo como você quiser… Você no seu quarto ou… — Ele me lançou um olhar penetrante e, nos seus olhos de pálpebras caídas, notei um resquício do aviador jovem e petulante de cinquenta anos atrás. — Não vou perguntar de novo. Mas sei que isso nos faria felizes. E eu a ajudaria a proteger as meninas do que tanto lhe preocupa, seja lá o que for. Droga, estou onde Judas perdeu as botas, você sabe. Quase todas as vezes, nem o bendito carteiro consegue nos encontrar.

Ri, mesmo sem querer. Como já disse, Nino Gaines sempre foi capaz de provocar isso em mim.

Então o aperto na minha mão ficou mais forte.

— Sei que você me ama, Kathleen. — Como não respondi nada, ele prosseguiu: — Ainda me lembro daquela noite. De cada minuto. E sei o que significou.

Ergui a cabeça.

— Não fale sobre aquela noite — retruquei com rispidez.

— É por isso que não quer se casar comigo? Porque se sente culpada? Nossa, Kate, foi uma noite vinte anos atrás. Inúmeros maridos já se comportaram muito pior. Foi uma única noite… uma noite que concordamos em não repetir.

Balancei a cabeça.

— E não repetimos, não foi? — acrescentou ele. — Fui um bom marido para Jean, e você sabe disso.

Ah, eu sabia. Passara mais da metade da minha vida pensando sobre isso.

— Então, por quê? Jean me disse… Caramba, foram suas últimas palavras… Ela me falou que queria que eu fosse feliz. Praticamente me disse que devíamos ficar juntos. Que diabo está nos impedindo? O que, afinal, impede você?

Tive que me levantar para ir embora. Acenei com uma das mãos para ele e tapei a boca com a outra, enquanto andava até o carro, sem muita firmeza.

Eu não podia lhe contar… não podia lhe contar a verdade. O que Jean dissera a ele tinha sido uma mensagem, sim, mas uma mensagem para mim. Através dele, ela me disse que sabia, que sempre soubera, durante todos aqueles anos. E a mulher se deu conta de que, se eu soubesse disso, me sentiria culpada pelo resto dos meus dias. Jean Gaines conhecia nós dois melhor do que Nino imaginava.

* * *

Naquela noite, não saí para me juntar aos baleeiros. Seguindo meu palpite correto de que a indignação deles abasteceria a longa noite, deixei Liza servi-los e aleguei estar com dor de cabeça. Fui me sentar no meu pequeno escritório nos fundos da cozinha, onde calculava as contas dos hóspedes, e fiquei observando os anos dos livros contábeis, a contabilidade que mapeava a história do hotel. De 1946 a 1960 usamos fichários gordos, que, pela largura das lombadas, comprovavam a popularidade do Baía da Esperança. De vez em quando, eu abria um e dava uma olhada nas notas amareladas com o valor dos cortes de carne, uísque e charutos importados: as evidências das comemorações após bons dia de pesca. Meu pai guardara cada recibo, um hábito que eu tinha levado adiante. Isso tinha sido na época de mares fartos e risadas altas no salão de hóspedes, uma época em que nossas vidas eram simples e nosso principal interesse era comemorar o fim da guerra e a nova prosperidade que veio em seguida.

A lombada do livro do último ano tinha menos de três centímetros de largura. Passei a mão pela fileira de volumes encadernados em couro e

deixei o estreitamento das lombadas serem registradas pelo tato. Depois, ergui os olhos para a foto dos meus pais, solenes em seus trajes de casamento, olhando fixo para mim. Perguntei-me o que achariam do meu dilema. Nino me dissera que provavelmente eu poderia vender o Baía da Esperança para o pessoal do novo hotel, e, com a ajuda de um bom negociador, conseguiria um bom preço. Talvez eu recebesse o bastante para recomeçar em outro lugar. Mas eu estava velha demais para procurar casas, velha demais para entulhar o que restara da minha vida num bangalozinho do tamanho de um caixote. Não queria ter que aprender a circular por novos centros médicos e supermercados, nem ter conversas educadas com novos vizinhos. Minha vida estava entre aquelas paredes, em meio àqueles livros. Tudo o que já tivera importância para mim estava ali. Ao contemplar aqueles livros, me dei conta de que precisava mais dessa casa do que havia admitido.

Não sou de beber, mas, naquela noite, enfiei a mão na gaveta da escrivaninha do meu pai, abri seu velho frasco portátil de prata e me permiti uma pequena dose de uísque.

Eram quase dez e quinze quando Liza bateu à porta.

— Como está sua cabeça? — perguntou, fechando a porta ao entrar.

— Ótima.

Fechei os livros, torcendo para passar a impressão de que estivera trabalhando. Minha cabeça não doía. Eu mesma é que doía. Tudo em mim parecia esgotado.

— Mike Dormer acabou de entrar e subiu direto. Agiu como quem não pretende ir a lugar algum. Acho que você deveria dar uma palavrinha com ele.

— Eu disse que ele podia ficar — respondi em voz baixa, me levantando da cadeira para devolver o livro para a estante.

— Você fez o quê?

— Você ouviu.

— Mas por quê? Não o queremos por perto.

Não olhei para ela. Não precisava, pois, pelo seu tom estarrecido, sabia que seu rosto devia estar vermelho de raiva.

— Ele pagou até o fim do mês.

— Então devolva o dinheiro.

— Acha que posso jogar uma quantia dessas fora? — retruquei, irritada. — Cobrei dele o triplo do que cobro de outros hóspedes.

— Dinheiro não está em jogo, Kathleen.

— Está sim, Liza. Dinheiro *é* a questão. Porque vamos precisar de cada centavo, o que significa que vou dar as boas-vindas até o último hóspede que quiser ficar aqui, mesmo que isso faça a porcaria do meu sangue coagular.

Ela estava chocada.

— Mas pense no que ele fez — insistiu.

— Duzentos e cinquenta dólares por noite, Liza, é nisso que estou pensando. Mais as refeições da namorada dele. Então me diga de que outro jeito vamos ganhar uma quantia dessas.

— Com as tripulações dos catamarãs. Eles ficam lá fora toda noite.

— Quanto você acha que ganho com esses caras? Alguns centavos de lucro por garrafa de cerveja. Um dólar, mais ou menos, por refeição. Acha mesmo que eu poderia cobrar um bom preço, sabendo que metade deles vive dos biscoitos de cortesia? Pelo amor de Deus, você não notou que Yoshi quase nunca tem dinheiro para nos pagar?

— Mas ele vai nos destruir. E você vai hospedá-lo no seu melhor quarto enquanto isso.

— Não tem como desfazer o que já foi feito, Liza. Se esse hotel vai ou não vai adiante, é algo que foge do nosso controle. Só precisamos nos preocupar em tirar o máximo proveito da nossa renda enquanto ainda temos alguma.

— E mandar os princípios para o inferno?

— Não podemos nos dar o luxo de ter princípios, Liza, a verdade é esta. Não se quisermos manter Hannah na escola.

Eu entendia o que ela realmente queria dizer, o que nenhuma de nós suportava falar em voz alta. Como é que eu podia acolher de bom grado o homem que havia partido o que restava do coração dela? Como podia forçá-la lidar com o sofrimento de ser obrigada a vê-lo circular por sua casa com aquela garota, que exibia o relacionamento dos dois?

Nós nos entreolhamos, furiosas. Senti falta de ar e me apoiei numa das mãos para me estabilizar. Liza espremia os lábios com mágoa e indignação.

— Sabe de uma coisa, Kathleen? Às vezes não consigo mesmo entender você.

— Bem, não precisa entender — respondi secamente, fingindo arrumar minha escrivaninha. — Apenas continue trabalhando e me deixe administrar meu hotel.

Acho que não tivéramos nenhuma conversa ríspida nesses cinco anos que ela morava comigo, e notei que isso nos havia abalado. Senti aquele cantil de bolso me chamar, mas não ia pegá-lo na frente dela, pois não queria que seguisse meu exemplo e enchesse a cara, para que isso não a levasse a outro encontro catastrófico com Greg.

Por fim, Liza virou-se bruscamente e saiu, tensa, sem dizer nada.

Mordi a língua. Eu não podia lhe contar a verdade por trás da minha decisão, porque sabia que ela discordaria e reagiria mal até à mera sugestão do que eu desconfiava ser verdade. Porque não se tratava apenas de dinheiro. Mais do que qualquer um se dava conta, eu entendia como aquele rapaz tinha se metido naquela situação. E, o que era mais importante, tratava-se de uma isca. Apesar de tudo o que havia acontecido, minha intuição me dizia que manter Mike Dormer por perto era nossa melhor chance de sobrevivência.

QUATORZE

Mike

Os passeadores de cachorros haviam parado de me cumprimentar com um aceno. Na primeira manhã em que passei correndo por eles, achei que não tinham me visto. Talvez eu houvesse puxado meu gorro de lã muito para baixo, cobrindo o rosto. Eu me habituara aos nossos breves encontros matinais e percebi que estava à procura de rostos conhecidos. Mas, na segunda manhã, quando ergui a mão para cumprimentá-los e eles viraram o rosto, não só percebi que eu já não era anônimo, como também notei que, em algumas partes de Silver Bay, eu me tornara o inimigo público número um.

O mesmo aconteceu no posto de gasolina dali, quando parei para abastecer o carro, e na caixa do supermercado e no pequeno restaurante de frutos do mar perto do cais, quando me sentei e tentei pedir um café. O garçom demorou quase quarenta minutos, e precisei chamá-lo várias vezes para que ele viesse até a minha mesa.

Mas Vanessa parecia otimista.

— Ah, algumas pessoas sempre vão ficar emburradas — disse ela com indiferença. — Lembra-se do projeto de construção daquela escola na zona leste de Londres? As pessoas dos prédios em frente torceram o nariz para isso, até descobrirem quanto o valor de seus imóveis aumentaria.

Mas aquilo tinha sido diferente, fiquei com vontade de dizer. Eu não me importava com o que aquelas pessoas de Londres pensavam sobre mim. E, além do mais, ela não precisava enfrentar Liza, que ao mesmo tempo conseguia agir como se eu já não existisse e me tratar com certo ressentimento frio.

Na única ocasião em que a encontrei sozinha na cozinha — Vanessa tinha ficado no quarto —, eu lhe disse:

— Já falei com sua tia que vou tentar suspender o projeto. Desculpe.

O olhar que ela me lançou me deixou paralisado.

— Desculpar pelo quê, Mike? Por ter morado aqui com base numa mentira, por estar prestes a acabar com a gente, ou por ser um hipócrita de merda que…

— Você me disse que não queria um relacionamento.

— Você não me contou que já tinha um. — Ela fechou a cara logo depois de dizer a frase, como se achasse que tinha deixado escapar coisas demais.

Mas eu sabia como Liza se sentia. Eu repassara aquele momento no carro como se estivesse numa fita gravada na minha cabeça. Sabia recitar cada palavra que disséramos um ao outro. Mas depois me lembrava de como eu tinha sido falso em inúmeros níveis e, nessas horas, costumava ligar para Dennis, ou encontrava alguma tarefa administrativa para fazer, que tivesse relação com o projeto. Essa é a beleza do trabalho: é o refúgio de um sem-número de problemas práticos. Nesse caso, a gente sempre sabe onde está pisando.

Expliquei à Vanessa por que eu achava que o projeto já não era bom, nos moldes em que tinha sido planejado. Ela não acreditou em mim, por isso a levei para passear no *Moby I* com vários turistas e lhe mostrei os golfinhos. Yoshi e Lance foram educados, mas senti um desconforto quase físico com a ausência de um bate-papo bem-humorado, e até saudade dos insultos sarcásticos de Lance. Eu não era mais um deles. Eu sabia disso, e os outros também.

Essa sensação de reprovação silenciosa me acompanhou pela baía, a ponto de me convencer de que até mesmo os turistas coreanos no convés de cima sabiam sobre o que eu era responsável.

— Eu poderia muito bem enfiar um arpão na mão e me rotular de "assassino de baleias" — comentei, quando o silêncio ficou insuportável.

Vanessa me disse que eu estava sendo sensível demais.

— Por que você se importa com a opinião deles? Daqui a alguns dias, nunca mais terá que ver nenhum deles.

— Eu me importo porque quero consertar as coisas — respondi. — E acho que podemos fazer isso. Em termos éticos e comerciais.

Eu sabia que era vital tê-la ao meu lado se quiséssemos convencer Dennis a alterar os planos.

— Negócios éticos, é? — Ela ergueu uma sobrancelha, mas não descartou a ideia.

Então, como que em resposta às minhas preces, as águas se abriram. A voz de Yoshi surgiu nos alto-falantes, mais aguda por causa da animação, como sempre acontecia na presença de uma baleia:

— Senhoras e senhores — anunciou —, se olharem pelas janelas de bombordo… que ficam à sua esquerda, para quem não sabe… poderão ver uma baleia jubarte. Pode ser que ela esteja vindo na nossa direção, por isso vamos desligar os motores e torcer para que se aproxime.

Houve uma onda de murmúrios agitados no convés de cima. Cobri a cabeça com meu cachecol e apontei para onde tinha avistado um borrifo. Fiquei observando o rosto de Vanessa, tendo noção de que esse momento poderia ser crucial, e rezei para que a baleia soubesse o que lhe era conveniente e a impressionasse.

E então, como que entendendo a deixa, o animal emergiu a uns doze metros de nós, girando sua imensa cabeça pré-histórica quando tornou a mergulhar. Assim como eu, Vanessa não evitou um arquejo, e seu rosto se suavizou numa alegria quase infantil. Por um instante, reconheci nela a garota que eu tinha amado antes de vir para a Austrália. Segurei sua mão, apertando-a, e ela fez o mesmo com a minha.

— Entende o que quero dizer? — perguntei. — Está vendo por que isto é impossível?

— Mas o projeto já está em andamento — disse ela, quando conseguiu desviar os olhos da baleia. — E por sua causa.

— Não estou conseguindo lidar com isso — confessei. — Vi o que pode acontecer e não quero ser responsável por destruir alguma coisa aqui.

Ficamos ali parados e observamos a baleia romper a água de novo, indo mais longe dessa vez, e desaparecer sob as ondas, não mais distraída pela curiosidade, porém impedida de continuar sua jornada para o norte. Os turistas ao nosso redor debruçavam-se sobre as amuradas, na esperança de que o animal ressurgisse, depois foram voltando para as cadeiras e os bancos de plástico, tagarelando e comparando as fotos nas câmeras

fotográficas. Pensei em Lance abaixo de nós, na cabine, suspirando de alívio por concluir com êxito mais um passeio para observação de baleias. Talvez Yoshi e ele estivessem discutindo os movimentos do animal e entrando em contato pelo rádio com os outros barcos enquanto decidiam aonde ir em seguida. Se Vanessa entender, pensei, teremos uma chance de fazer com que tudo dê certo.

Fiquei ali parado e deixei meus olhos percorrerem os trezentos e sessenta graus à minha volta, observando o litoral distante, a sucessão de ilhotas desabitadas que se erguiam feito sentinelas da maior extensão das terras continentais. Acima de nós, as aves pairavam e se precipitavam dando mergulhos impetuosos, e eu tentava relembrar o que os tripulantes dos barcos tinham me informado antes: gaviões-pescadores, alcatrazes, águias marinhas de peito branco. À nossa volta, o mar subia e descia, cintilante de um lado, escuro e aparentemente menos agradável do outro. Eu já não me sentia um estranho ali. Apesar do pouco dinheiro, do estilo inseguro de vida e da dieta de biscoitos baratos, eu invejava os observadores de baleias.

Foi então que Vanessa falou. Tinha puxado bastante o chapéu na cabeça, quase tapando os olhos, por isso estava difícil ver seu rosto:

— Mike?

Eu me virei. Ela estava usando os brincos de brilhante que eu lhe dera no seu aniversário de trinta anos.

— Sei que aconteceu alguma coisa — disse, com cautela. — Sei que perdi você um pouco. Mas vou fingir que nada disso ocorreu, que continua tudo bem entre nós, e que isso é alguma reação estranha pelo choque de saber que vai se casar.

Meu coração saiu do compasso.

— Nessa, nada aconteceu… — comecei, mas ela balançou a mão para me interromper.

Olhou para mim, e senti ódio de mim mesmo ao ver a mágoa em seus olhos.

— Não quero que você se explique — disse. — Não quero que sinta que precisa me contar alguma coisa. Se você acha que podemos ficar bem, que

é capaz de me amar e ser fiel, só quero que tudo continue como era antes. Quero que a gente se case, esqueça isto e toque a vida.

Os motores voltaram a ser acionados. Senti as vibrações sob meus pés e, quando o barco fez a volta completa, o vento ficou mais forte e Lance começou a anunciar algo pelo alto-falante, portanto fiquei sem saber direito se Vanessa tinha falado mais alguma coisa.

Ela se virou para o mar e levantou a gola em volta do pescoço.

— Está bem? — perguntou. E repetiu: — Está bem?

— Está bem — respondi, chegando mais perto. Vanessa me deixou abraçá-la. Como já falei, minha namorada é uma mulher inteligente.

* * *

Nos cinco dias que faltavam para nossa viagem de volta até Sydney, Vanessa e eu passamos quase todo o tempo trancados no quarto. Não havia mais entre nós dois o tipo de ligação que eu desconfiava que Kathleen e Liza imaginavam que nós tínhamos. Ficamos debruçados sobre meu laptop, bolando maneiras de alterar o projeto de forma que o pai dela e os capitalistas de risco ficassem satisfeitos. Não era uma tarefa fácil.

— Se conseguirmos pensar em um diferencial, dá para resolver — disse ela. Agradeci a Deus por Vanessa ter talento para marketing. — Sem os esportes aquáticos, as baleias são o diferencial. Só precisamos bolar um jeito de envolvê-las que não exclua todo o pessoal que trabalha com a observação de baleias. Isto significa que não podemos montar nossa operação, que seria minha decisão imediata. Tem que haver outro jeito de tornar os animais marinhos acessíveis.

Ela havia procurado o pessoal do Serviço de Parques Nacionais e Proteção da Fauna Silvestre para conversar sobre os golfinhos, mas disseram que não incentivariam os turistas a terem um contato maior do que já era permitido com os animais.

— Talvez alguma coisa radical. Como uma plataforma na beira d'água, com uma área para observação da paisagem subaquática.

— Isso é muito caro. E o pessoal dos barcos deve se opor. Poderíamos construir um novo cais, com um restaurante no alto e uma área de

observação embaixo.

— E o que dá para ver assim tão perto da terra firme? — perguntou Vanessa, chupando a ponta da caneta. — Podíamos tentar elaborar uma ideia nova e radical de spa.

— Seu pai não gosta desse negócio de spa.

— Ou então podemos descartar todos os planos anteriores e encontrar outro local. Não consigo imaginar um jeito de aproveitar o hotel, na forma atual, excluindo os esportes aquáticos. Simplesmente não haveria nada para distingui-lo dos demais. Não no mercado de luxo.

— Tênis? — sugeri. — Equitação?

— Um novo local —insistiu ela. — Temos cinco dias para encontrar uma nova faixa litorânea para um projeto de construção de cento e trinta milhões de libras.

Nós nos entreolhamos e caímos na gargalhada: dizer aquilo em voz alta fez tudo parecer ainda mais ridículo do que já era.

Mas Vanessa Beaker não era filha do seu pai à toa. Em menos de uma hora, desde que concluímos que esse era o caminho a seguir, ela pegara a agenda antiga de Kathleen para fazer várias ligações e, após quatro horas, deve ter falado com quase todos os corretores entre as cidades de Cairns e Melbourne.

— Pode me mandar algumas fotos por e-mail?

Entre as ligações que eu mesmo fiz no meu celular, ouvi repetidas vezes esse pedido, seguido pelas outras perguntas: “Sabe me dizer se as águas são consideradas área protegida?”, “Vocês têm mamíferos marinhos ou outros animais nativos que possam ser afetados por um projeto de construção?”, “Os donos teriam interesse em vender?”, “Será que estariam dispostos a negociar?”.

No fim do segundo dia, havíamos assinalado dois locais possíveis. Um era uma obra já existente de construção de um hotel que ficava uma hora ao sul de Brisbane. Seus pontos altos incluíam uma baía protegida, usada sem queixas para esportes aquáticos. Mas não tinha nem metade da beleza de Silver Bay, e o lugar já estava repleto de hotéis cinco estrelas. O outro, a meia hora de Bundaberg, era mais acessível, porém custava um terço a mais.

— Meu pai não vai gostar disso — comentou Vanessa, e em seguida sorriu radiante para mim. — Mas tudo é possível se tentarmos com afinco, não é? Quer dizer, olhe só o que já conseguimos.

— Você é uma estrela — declarei em tom carinhoso, afastando o cabelo do seu rosto.

— Não se esqueça disso.

Talvez a aspereza na voz dela tenha sido apenas fruto da minha imaginação.

* * *

Naquela noite, fizemos amor pela primeira vez desde que Vanessa chegara em Silver Bay. Considerando o apetite sexual que tínhamos um pelo outro antes, não sei explicar o que havia acontecido até aquele momento, mas o clima ficou muito esquisito. Nenhum de nós sentiu a antiga confiança na reação do outro. Tínhamos escondido essa insegurança sob alegações de exaustão ou de excesso de vinho. Havíamos demonstrado fascínio por nossos respectivos livros. E, de um jeito estranho, eu tinha muita consciência das paredes finas do hotel.

Tínhamos saído para jantar na cidade e voltamos caminhando devagar de mãos dadas pela beira-mar. O vinho, o luar e o fato de que posso ter salvado Silver Bay do destino que eu quase lhe infligira, tudo conspirou para atenuar a estranha resistência que eu passara a sentir quando Vanessa e eu nos abraçávamos.

Por pouco eu não estragara tudo, disse a mim mesmo, enquanto andávamos em silêncio, mas não chegara a tanto. Salvaríamos o projeto, as baleias e nosso relacionamento. Descobrimos coisas novas sobre o outro. Eu ganhara uma segunda chance.

No quarto, deixamos as luzes apagadas e tiramos a roupa sem dizer nada, como se por telepatia houvéssemos decidido que essa era a melhor noite para fazer isso. Nós nos aproximamos um do outro. Fiquei concentrado na voluptuosa beleza da silhueta de Vanessa, a mente focada apenas na sensação física ao nos deitarmos naquela cama antiga, pele com pele, as mãos dela me tocando habilmente, sua boca emitindo pequenos

gemidos de prazer. Passei as mãos por seus seios, por sua pele, depois enfiei o rosto no seu cabelo. Recordei seu perfume, a sensação do seu corpo, a familiaridade de suas curvas sob as pontas dos meus dedos. E, por fim, mergulhei nela, me esquecendo de tudo, e me permiti soltar o arquejo desesperado da liberação.

E depois permanecemos em silêncio, enquanto algo pesado e melancólico surgia no escuro ao nosso redor.

— Tudo bem com você? — perguntei, procurando sua mão.

— Ótimo — respondeu ela, após uma pausa. — Maravilhoso.

Fiquei observando a escuridão, escutando as ondas quebrarem na areia, o ruído distante da porta de um carro batendo e um motor acelerando, e pensei no que, no fundo, eu sabia que estava faltando. Pensei no que eu tinha perdido.

* * *

Fomos embora no sábado. Desci cedo para acertar as contas com Kathleen. Paguei metade em espécie, imaginando que isso lhe seria mais útil do que cartões de crédito.

— Manterei contato — avisei. — As coisas estão acontecendo rápido demais. Sério.

Ela me olhou com calma.

— Espero que sim — respondeu.

Enfiou o dinheiro numa lata embaixo da escrivaninha, sem contá-lo. Torci para que isso significasse, mesmo de uma forma tênue, que ela voltara a confiar em mim. Fiquei radiante de alívio, acreditando que alguma coisa boa poderia acontecer.

— Liza… Ela está por aí? — perguntei, quando percebi que ela não ia aparecer por conta própria.

— Saiu com o *Ishmael* — respondeu Kathleen.

— Despeça-se dela por mim.

Tentei não soar tão estranho quanto me sentia. Eu tinha percebido a presença de Vanessa, que descera a escada e nesse instante parara atrás de mim.

Kathleen não respondeu nada, mas apertou a mão da minha noiva.

— Até logo — disse. — Desejo boa sorte no casamento.

Isso poderia ser interpretado de mais de uma maneira, pensei, ao subir para pegar as malas, e nenhuma delas repercutiu bem em mim. Eu teria descido direto em seguida, mas, ao passar pelo corredor da família, ouvi música. Hannah ainda estava lá. Mal falara comigo desde que o projeto do hotel fora revelado e, mais do que qualquer outra coisa, o silêncio da menina tinha me convencido do meu fracasso.

Parei à porta e bati. Ela acabou abrindo, e uma música a acompanhou, preenchendo o ambiente.

— Pensei em me despedir — falei.

Não houve resposta.

— Ah… e também vim lhe dar isto — prossegui, entregando-lhe um envelope. — Seu salário. As fotos ficaram muito boas.

Hannah deu uma olhada. Quando ela falou, sua voz trazia a ínfima sugestão de um pedido de desculpas:

— Minha mãe disse que não posso aceitar seu dinheiro.

— Tudo bem — retruquei, tentando parecer menos desconcertado do que me sentia. — Bem, vou deixar o envelope na mesa do corredor, e se você não puder mesmo receber o dinheiro, espero que o doe a uma instituição beneficente que cuide de golfinhos. Sei que você adora os animais.

Ouvi o celular de Vanessa tocar no andar de baixo e balancei a cabeça, como se esse fosse meu sinal para ir embora.

Hannah continuou no vão da porta me examinando.

— Por que você mentiu para a gente, Mike?

Dei um passo na direção dela.

— Não sei. Eu devo ter cometido um grande erro, mas estou tentando corrigi-lo.

Ela olhou para baixo.

— Adultos também cometem erros — falei. — Mas estou tentando consertar as coisas. Espero que… espero que você acredite em mim.

Hannah ergueu a cabeça e, de repente, vi na sua expressão que ela já tinha aprendido essa lição há muito tempo, e que meu ato havia apenas

reforçado sua intuição da falibilidade adulta, da nossa capacidade de sabotar sua vida irrepreensível.

Continuamos ali por mais um instante, imóveis, o figurão de Londres e a garotinha. Respirei fundo e, quase por instinto, lhe estendi a mão. Após uma longa pausa, ela a apertou.

— E o seu telefone? — gritou de repente, e parei no alto escada. — Ainda estamos com seu celular.

— Pode ficar — respondi, grato pela chance de lhe oferecer algo, qualquer coisa que pudesse me redimir a seus olhos. — Faça alguma coisa boa com isso, Hannah. De verdade.

Vanessa já estava me esperando no Holden alugado. Usava o que descrevia como seu traje de viagem: um terninho de tecido que não amassava e uma blusa básica, e deixara um cardigã de caxemira sobre sua maleta de mão, pronto para o vestir antes de chegarmos ao aeroporto de Heathrow. Meio de brincadeira, lhe perguntei com quem ela pretendia se encontrar, e Vanessa respondeu que o simples fato de eu não ligar mais para minha aparência não significava que ela tivesse que desistir da dela e também se tornar uma pessoa relaxada. Acho que recebi essa crítica por causa da minha calça jeans, que eu havia passado a usar quase todos os dias. Estava confortavelmente surrada e, por algum motivo, vestir um terno para viajar me pareceu um exagero.

— Então, até logo — disse Kathleen, com os braços cruzados, quando entramos no carro. Era uma mulher bem diferente da que havia me recebido, cinco semanas atrás.

— Até logo — respondi. Nem tentei lhe dar um aperto de mão. Algo no seu jeito rígido de cruzar os braços me mostrou que seria um gesto inútil. — Não vou decepcioná-la, Kathleen — afirmei em voz baixa, e ela inclinou levemente a cabeça para trás, como se isso fosse o máximo que estava disposta a me conceder.

Ela me informara que Liza tinha saído no *Ishmael*. Parte de mim achou que talvez fosse melhor se eu nunca mais a visse. Como ela mesma falara, o que eu poderia dizer que ela quisesse ouvir?

Mas, então, ao seguirmos pela estrada e passarmos pelo Cais das Baleias, dei uma olhada pelo retrovisor. Havia uma mulher loura e magra

parada na beira do cais, a silhueta claramente delineada em contraste com o mar resplandecente. Com as mãos enfiadas nos bolsos e a cadela a seus pés, ficou observando nosso carro branco se afastar pela estrada litorânea, de forma lenta, porém inexorável.

* * *

O voo de volta foi tão agradável quanto um voo de vinte e quatro horas pode ser. Nós nos sentamos um ao lado do outro, brigamos por causa dos terminais certos, trocamos alimentos que não queríamos das nossas bandejas e assistimos a vários filmes, mas não me lembro de nenhum, embora eu tenha gostado da distração. Em determinado momento, acabei dormindo e, quando acordei, tive vaga consciência de que Vanessa repassava uma lista de números ao meu lado. Mais uma vez me senti grato por sua disposição em me ajudar.

Eram quase seis da manhã quando aterrissamos, mas, ao passarmos pelo controle de passaportes, já eram quase sete.

O aeroporto estava lotado, caótico e cinzento, já àquela hora e no auge do que descreviam em linhas gerais como verão. Todos se sentem mal ao voltar do exterior, falei a mim mesmo, massageando meu pescoço tenso, enquanto seguíamos para pegar a bagagem. Essa é uma das certezas das viagens, assim como os atrasos e a comida intragável do avião.

Como era previsível, a bagagem se atrasou. Um anúncio em tom impenitente revelou que, por conta da escassez de funcionários, havia apenas uma equipe de carregadores para os quatro voos que tinham chegado naquela última hora, e acrescentou, num magistral eufemismo, que devíamos “esperar um ligeiro atraso”.

— Eu tomaria um café — disse Vanessa. — Devem vender em algum lugar.

— Preciso achar um banheiro — avisei. Ela parecia exausta, mesmo com a maquiagem cuidadosamente retocada e o cabelo penteado. Nunca dormia bem durante o voo. — Só vamos encontrar uma cafeteria depois de passarmos pela alfândega. Preste atenção nas malas.

Eu me afastei mais depressa do que a exaustão deveria ter permitido. Naquele último mês, eu me acostumara a ficar sozinho, e passar uma semana grudado em Vanessa, trabalhando e dormindo quase sem um minuto de descanso, tinha sido difícil. E a dificuldade fora ainda maior pelo fato de poucas pessoas ainda quererem falar conosco, por isso confraternizar ou se sentar na varanda com os baleeiros tornara-se quase impossível. E não me sentira tentado a correr o risco, pois temia que Greg, com aquela inconstância em ebulição, confrontasse Vanessa com o que supunha ser verdade. Havíamos sobrevivido ao implícito, mas eu não estava convencido de que conseguíssemos exercer a mesma moderação se a verdade fosse explicitada diante de nós.

Minha breve caminhada pelo linóleo rangente do chão do aeroporto foi a primeira vez que fiquei sozinho em oito dias, e me proporcionou uma sensação de alívio. Agi da maneira correta, falei a mim mesmo, sentindo certo mal-estar por estas ideias tão desleais. Estou prestes a fazer a coisa certa.

Retornei alguns minutos depois, o rosto ainda úmido nas partes que eu o enfiara embaixo da torneira. Ao me aproximar, notei que a esteira de bagagem continuava girando. Achei estranho que Vanessa não pegou nossa bagagem, pois vi nossas malas percorrendo um trajeto solitário e rangente pela esteira.

— Você deve estar cansada — comentei, e corri para pegar as malas.

Mas, quando voltei, puxando-as com muito esforço atrás de mim — minha namorada não entendia o conceito de viajar com pouca bagagem —, ela olhava fixo para seu celular.

— Não, o seu pai, não — reclamei, exausto. — Já?

Será que ele nem podia nos dar tempo de chegar em casa e tomar um banho? Eu estava com muito medo do que sabia que seria uma reunião de confronto, mesmo com Vanessa presente, e sentia que precisava de um tempo para me preparar.

— Não — respondeu ela, com o rosto mais pálido que o normal. — Não, é o seu celular. Uma mensagem de texto. Da Tina.

E então, esfregando a mensagem no meu nariz, ela saiu do aeroporto e deixou sua bagagem restante girando lentamente na esteira.

* * *

Só tornei a vê-la quase vinte e oito horas depois, quando cheguei ao escritório para o temível arranca-rabo com Dennis. Ele estava de pé e, tendo recuperado sua mobilidade física, surgira nele uma louca intensificação das energias.

— O que está acontecendo, rapaz? — Ele não parava de repetir a pergunta, agarrando minha pasta com os papéis do projeto. — O que está acontecendo?

O escritório me pareceu estranho, e o centro financeiro estava tão barulhento e abarrotado de gente que não consegui me convencer de que era apenas o fuso horário que tinha me deixado desorientado. Quando eu fechava os olhos, visualizava o horizonte sereno de Silver Bay. Quando os abria, via calçadas cinzentas, sarjetas imundas, o ônibus 141 soltando uma fumaça escura. E o escritório. A Beaker Holdings, que antes era mais familiar para mim do que minha própria casa, estava parecendo monolítica e ameaçadora. Do lado de fora, hesitei, dizendo a mim mesmo que o jet lag tinha me derrubado na Austrália, e era provável que me derrubasse novamente, mesmo que fosse na Inglaterra.

E então Dennis se aproximou, e não tive a oportunidade de pensar em mais nada.

— E aí, o que está acontecendo? Está feliz com sua grande vitória? Eu sei que os donos do capital de risco estão felizes. Felizes como pinto no lixo proverbial.

O tempo de imobilização lhe fizera ganhar peso, e ele parecia grande e corado demais se comparado às pessoas magras e com cabelos esvoaçantes por causa do vento com as quais eu havia passado o mês anterior.

— Você está um lixo, cara — observou ele. — Vamos providenciar um café. Vou mandar uma das meninas ir lá comprar. Nada daquela água suja instantânea que preparam aqui.

No breve instante depois que saiu da sala de reunião, me sentei ao lado de Vanessa. Até então, ela estava determinada a se recusar a me encarar nos olhos, e à sua frente havia um bloco de papel em branco. Vestia o que chamava de seu terninho poderoso.

— Desculpe — murmurei. — Não é o que parece. De verdade. Encontre comigo mais tarde e posso explicar.

— Não é o que parece… — disse ela, rabiscando algo no bloco. — Aquela mensagem de boas-vindas me pareceu dispensar explicações.

— Nessa, por favor. Você não quis atender minhas ligações. Pelo menos me dê cinco minutos. Depois dessa reunião. Cinco minutos.

— Está bem — concordou ela, por fim.

— Ótimo. Obrigado.

Apertei seu braço e me preparei para a tarefa que vinha pela frente.

Dennis ouviu atentamente meu resumo sobre o que eu tinha feito na Austrália. Ele e Darren, nosso contador, e Ed, o gerente de projetos, rabiscaram anotações enquanto eu sintetizava minhas considerações sobre o impacto ambiental. Expliquei-lhes por que eu tinha errado ao aceitar a opção do S94 e por que o processo de planejamento ainda poderia sair pela culatra, caso se tornasse objeto de uma consulta pública, como acontecera com o viveiro de ostras.

— A conclusão — continuei — é que, apesar de eu ainda concordar com a ideia do nosso projeto, com seu diferencial exclusivo — olhei para Vanessa nesse momento —, nosso plano atual é inadequado, por todas as razões que constam aqui. — Entreguei-lhes as páginas que eu havia tirado xerox de manhã com a lista de locais alternativos e o custo detalhado que a alteração da proposta exigiria. — Já identificamos as novas áreas, falamos com os agentes locais, e, depois de ter pesquisado, acho que são de longe as melhores opções, tanto em termos de publicidade negativa em potencial quanto do nosso diferencial exclusivo, que é o de uma construção sustentável, inofensiva para o progresso da comunidade. — Gesticulei em direção à mesa. — Vanessa saiu de barco comigo. Viu as criaturas em carne e osso, viu o hábitat das baleias e o forte sentimento que as pessoas têm por esse animal. Ela concorda que o melhor caminho a ser seguido pela empresa é uma das duas alternativas. Sei que teremos prejuízo quanto ao tempo e que precisaremos vender o terreno existente, mas acredito que, se você me deixasse acompanhá-lo na ida à Vallance, eu conseguiria atraí-los para este mesmo pensamento.

— Caramba! — exclamou Dennis ao examinar os números. — Você está propondo uma mudança e tanto. — Passou a língua nos dentes e folheou as duas últimas páginas. — Vai custar quase vinte por cento a mais do orçamento total.

Mas notei, esperançoso, que ele não havia descartado tudo de imediato.

— Mas não teremos os custos do S94 se construirmos numa área já existente. Se der uma olhada na terceira coluna, vai reparar que muito pouco foi acrescentado aos números finais. Trata-se de uma opção menos arriscada. De verdade.

— Menos arriscada, é? — Dennis virou-se para Vanessa. — Jogar tudo fora, é? Acha mesmo que devemos transferir o projeto inteiro para essa outra área?

Vanessa o encarou e, em seguida, virou-se lentamente para mim, com um olhar frio.

— Não — respondeu ela. — Examinei com muito cuidado. E acho que devemos seguir adiante com o que temos.

QUINZE

Liza

Hoje vi uma baleia, uma das últimas da temporada. Chegou bem perto do barco com o filhote, e os dois ficaram ali a estibordo, na água azul e cristalina, olhando para nós, como se não tivessem nada melhor para fazer no mundo inteiro. Ela se aproximou mais do que deveria, ficando perto o bastante para que eu conseguisse ver cada cortezinho da "impressão digital" da mãe — o desenho na parte inferior da cauda —, perto o bastante para que eu visse o filhote tranquilo e feliz, semiprotegido sob a barriga materna. Os clientes ficaram animados: deram gritinhos, tiraram fotos, filmaram e disseram, em alto e bom som, que a experiência havia modificado sua vida e jamais esqueceriam. Disseram ter ouvido falar que eu tinha um jeito especial para encontrar as baleias e, depois de terem comprovado que era verdade, iriam me recomendar a todos os amigos. Mas eu não conseguia sorrir. Eu queria gritar para a baleia levar seu bebê para bem longe dali. Não me saía da cabeça a imagem daquele filhote encalhado na praia, coberto de lona encerada. Eu não queria que a baleia confiasse em nós como fazia.

Imagino que eu não deveria ter ficado chocada com o que o Mike fez. Mas fiquei. Realmente acreditava que, depois de tudo pelo que havia passado, eu saberia identificar um homem como ele a quilômetros de distância. E constatar que eu tinha falhado me corroía, me fazia perder o pouco sono que eu tinha. Aquilo pesava sobre mim e me fazia sentir ridícula assim que acordava, juntava-se ao coro das outras vozes que me diziam que quase tudo que eu já tinha feito era errado.

Imagino que a pura raiva que eu carregava comigo naqueles primeiros dias se dirigia a mim mesma, pela minha própria idiotice. Por ter deixado que fôssemos conduzidas feito sonâmbulas ao perigo. E, talvez, por ter me

permitido achar, mesmo por um instante, que minha vida poderia seguir um rumo diferente daquele ao qual eu me resignara fazia muito tempo.

Mas eu estava com raiva de quase todo mundo: de Mike, por ter mentido para nós; de quem planejou o projeto, por ter considerado a proposta sem considerar as baleias; de Kathleen, por tê-lo deixado continuar no hotel e me obrigado a conviver com sua cúmplice perfumada, que desfilava pela minha casa ostentando o anel de noivado e fingindo que nada mais importava; e também de Greg, porque, bem, por ele ser um tremendo idiota. Ele passava o dia inteiro circulando pelo hotel, furioso comigo, e ao mesmo tempo querendo meu perdão. Parecíamos acabar gritando um com o outro toda vez que nos encontrávamos. Acho que passamos um período atordoados, e nenhum de nós tinha forças para ser gentil.

Não sei o motivo — fazia algum tempo que não me sentia assim —, mas durante vários dias da primeira semana em que Mike e a namorada permaneceram no hotel, me levantar da cama foi um esforço. Depois ele foi embora. E, por algum motivo, isso não melhorou a situação.

Hannah percebeu. Com um tom desafiador, me disse que Mike lhe pagara pelas fotos, me mostrou o envelope pardo cheio de dinheiro e, antes que eu pudesse dizer algo, anunciou que ia doar a quantia para o Serviço de Parques Nacionais, para ajudar a salvar os animais marinhos que encalhavam. Ela contou que já havia falado com o pessoal de lá e que aquele dinheiro era suficiente para comprar outra maca para golfinhos e mais alguma coisa. Como eu poderia lhe dizer não? Sabia que uma pequena parte da minha filha queria defender Mike, e o odiei ainda mais por isso.

Ela parecia abatida. Havia parado de perguntar sobre a viagem à Nova Zelândia e passava muito tempo no quarto. Quando eu lhe perguntava se tinha algo de errado, ela me respondia, muito educada, que estava bem, de um jeito que me indicava que minha presença não era bem-vinda. Mas eu sentia falta da minha filha. À noite, quando ela ainda entrava de mansinho no meu quarto, eu abraçava seu corpo adormecido como se compensasse todas as horas do dia em que ela já não optava por ficar comigo. Assim, no geral, naquele inverno nos tornamos uma família desarticulada. Os

baleeiros mantinham-se afastados à noite, como se sentar juntos na varanda lhes desse uma sensação muito aguçada do que talvez acabassem perdendo. Enquanto fumava furiosamente, Lance me contou que Yoshi vinha pensando em retomar sua carreira acadêmica. A ex-mulher de Greg havia finalmente desistido de reivindicar sua parte no *Suzanne*, mas ele não reagiu como se isso fosse uma grande vitória. Acho que, depois de parar de brigar com ela por causa do barco, ele ficou com espaço livre na cabeça para pensar no que tinha perdido, e a introspecção não lhe caía bem.

A demolição da propriedade dos Bullen começou no final de agosto. Da noite para o dia, uma cerca de arame farpado foi erguida em volta do terreno e empreiteiros vieram de fora da cidade, trazendo seu exército de grandes máquinas pré-históricas amareladas, para desfazer o local em pedaços. Menos de setenta e duas horas depois, a cerca foi retirada e não restou nada além de uma parte de terra escavada e revolvida, onde antes ficavam a velha casa e os galpões. Quando eu entrava e saía da baía com meu barco, aquela área parecia uma grande cicatriz na terra, um buraco pesaroso de protesto.

Para agravar o clima de desânimo, os céus ganharam um inusitado tom cinzento e sem brilho. Uma cidade à beira-mar envolvida pelo cinza é um lugar que perdeu toda a alegria. O número de hóspedes diminuiu e as pousadas locais reduziram o preço das diárias, numa tentativa de recuperar a ocupação nos fins de semana. Todos nós baixamos a cabeça para enfrentar a ventania e procuramos não pensar muito em nada disso. E, nesse meio-tempo, aqueles barcos continuaram circulando. Parecia que tinham ouvido falar do complexo hoteleiro e decidido que era alta temporada. Em duas ocasiões, eu estava perto da Ilha do Nariz Quebrado quando os barcos de convés triplo vieram pela linha costeira, com sua batida estrondosa, cheios de passageiros embriagados que ensurdeciam o mar com sua música. A ironia é que uma das embarcações se descrevia no jornal local como capaz de proporcionar “toda a animação de um passeio para observação de baleias”. Depois que liguei para a redação e disse exatamente o que pensava do jornal por publicar esse anúncio, Kathleen

me falou sem rodeios que, se eu continuasse desse jeito, ia acabar arranjando uma úlcera.

Ela parecia estranhamente conformada com nosso destino. De qualquer jeito, desde a discussão que tivemos no seu escritório naquela noite, não falávamos muito sobre o assunto. Eu não entendia por que minha tia parecia tão disposta a deixar Mike sair impune, e ela não me esclareceu. Noite após noite, deitava-se no seu canto do hotel, e eu, acordada no meu pequeno quarto no fim do corredor, escutava as ondas do mar e me perguntava por quanto tempo ainda poderia ouvir aquele som, até, inevitavelmente, Hannah e eu sermos obrigadas a arrumar as malas e ir embora dali.

No início de setembro, o Conselho Municipal anunciou que haveria uma consulta pública sobre o projeto e todo mundo poderia expressar sua opinião. Poucas pessoas em Silver Bay alimentavam grandes esperanças de que nosso julgamento fizesse alguma diferença: nos anos anteriores, tínhamos visto vários empreendimentos desse tipo dentro e em torno das baías, e nove entre dez vezes eles iam adiante, por mais que enfrentassem a mais ferrenha oposição local. Considerando a quantidade de supostos benefícios que a empresa de Mike ofereceria, eu não achava que essa pesquisa fosse valorizar nossas opiniões mais que da boca para fora.

Além disso, estávamos longe de contar com uma oposição direta. A questão do projeto dividia a cidade: alguns acusavam os observadores de baleias de dramatizar a aflição dos animais; um número maior de pessoas não parecia se importar muito, nem de um jeito nem de outro; e havia os que ressaltavam que aquilo que fazíamos já era, por si só, uma intromissão. Era difícil refutar essa afirmação, ainda mais diante do fato de que outros barcos, com códigos de conduta menos rigorosos, tratavam cada vez mais nossas águas como se fossem propriedade exclusiva deles. Os donos de bares e gerentes de lojas tinham interesse em uma cidade maior e mais movimentada, e, por mais que isto pareça improvável, eu sentia certa simpatia pela causa deles. Todos nós precisávamos nos sustentar, e mais do que ninguém eu sabia que durante algumas estações isso ficava mais difícil.

Mas também havia os observadores de animais marinhos, os pescadores e aqueles que simplesmente gostavam da presença dos golfinhos e das baleias, e outros que não queriam ver nossa baía tranquila ficar agitada e barulhenta, como tantos lugares que pessoas como nós pagariam um bom dinheiro para evitar. Porém, parecíamos a mais inexpressiva das vozes. Era improvável que nos escutassem.

Os jornais pareceram cobrir o debate com um prazer doentio (foi a notícia mais quente desde o grande incêndio do pub em 1984). Souberam lidar com as acusações tendenciosas que partiram dos dois lados e convocaram repetidas vezes os planejadores, empreiteiros e autoridades municipais para justificar e reafirmar sua posição, até me parecer que nem eles aguentavam mais o som das próprias vozes. Em duas ocasiões, vi o nome de Mike ser mencionado e, a despeito de mim mesma, li o que ele dissera. Em ambas falou de concessões. E em ambas ouvi sua voz na minha cabeça, tão clara quanto se estivesse falando ao meu lado, e me perguntei como alguém podia, ao mesmo tempo, dizer tantas coisas e levar a sério tão poucas.

* * *

Deixem-me dizer uma coisa sobre as baleias jubarte. A primeira vez que vi uma, eu tinha oito anos. Eu estava de férias e saí para pescar com tia Kathleen e minha mãe, que não gostava de pesca, mas não queria que eu ficasse sozinha no barco com minha tia. Em tom de brincadeira, minha mãe dizia que Kathleen, a irmã mais velha, era capaz de esquecer tudo quando se deparava com o desafio de um peixe grande, e mamãe não queria que eu caísse do barco enquanto minha tia puxava um desses para dentro. Hoje em dia desconfio de que ela apenas queria um pretexto para ficar com a irmã. Naquela época, já fazia anos que moravam em diferentes continentes, e a distância era dolorosa para as duas.

Eu adorava o período de férias. Adorava a sensação de segurança, da minha imersão numa família da qual antes eu não soubera que fazia parte. Na Inglaterra, eu não tinha pai, minha mãe se referia a Ray McCullen como "negligente" e minha tia lhe dera um apelido um pouco mais pesado,

até mamãe balançar a cabeça, como se aquilo não pudesse ser dito na minha frente. Com certeza não era algo que devesse ser mencionado na frente de mais ninguém. Fui criada por mulheres: por minha mãe na Inglaterra e, quando recebíamos dinheiro, por tia Kathleen e minha avó na Austrália. Essa avó era uma pessoa obscura, uma lembrança tão indistinta quanto a de Kathleen era nítida. O tipo de mulher que não tinha grandes interesses, que havia cozinhado e formado uma família, e depois, após essas obrigações serem cumpridas, parecia ficar um pouco perdida. Uma mulher de sua época, dizia Kathleen. As poucas lembranças que tenho dela são das duas visitas que fiz quando menina, que consistem em uma presença benigna e distante nos cômodos dos fundos do hotel, absorta nas novelas que passavam na televisão ou me fazendo perguntas impróprias para minha idade.

Todos que tinham idade suficiente para lembrar diziam que Kathleen era bem filha do seu pai. Estava sempre fazendo alguma coisa, como estripando algum peixe ou me levando sub-repticiamente ao Museu dos Navios-baleeiros quando estava vazio, o que, para alguém com oito anos, parecia o auge da liberdade. Minha mãe, uns bons quinze anos mais jovem, sempre pareceu a mais madura das duas, muito bem-vestida e com cabelo e maquiagem impecáveis. Kathleen, com sua calça surrada, despenteada, sempre desbocada e contando histórias de tubarão, foi uma revelação para mim. Seu status divino se confirmou na nossa segunda visita, quando ela me levou para pescar com minha mãe e um visitante inesperado se juntou a nós.

Minha tia estava explicando cuidadosamente os diferentes tipos de iscas que havia em seu rolinho de pano enquanto as prendia à linha de pesca, quando, a menos de três metros de nós, sem fazer barulho algum, com exceção do delicado agito das ondas, subiu sobre a superfície uma enorme cabeça preta e branca. Fiquei sem ar e com o coração tão acelerado que achei que aquele bicho assustador conseguiria ouvir.

— Tia Kathleen — murmurei. Minha mãe estava dormindo num beliche, com os lábios entreabertos pintados de batom. Lembro que questionei, por um instante fugaz, se seria melhor estarmos dormindo

quando fôssemos mortos, para que não soubéssemos o que havia acontecido. — O que… o que é aquilo?

Para ser sincera, achei que estávamos prestes a ser devoradas. Vi o que julguei serem os dentes do animal e seu olho enorme nos avaliando. Tinha visto algumas gravuras antigas de animais marinhos malévolos e encontrado no museu o *Maui II* quebrado da proa à popa, que testemunhou a fúria da natureza contra o homem. Aquela criatura gigantesca parecia estar nos avaliando, como se fôssemos uma guloseima tentadora trazida pelo mar.

Mas minha tia apenas olhou de relance para trás e voltou a atar a isca na linha.

— Aquilo, querida, é apenas uma jubarte. Não lhe dê atenção, ela só está sendo exibida. Daqui a pouco vai embora.

Tia Kathleen não deu mais atenção ao bicho do que daria a uma gaivota. E, de fato, alguns minutos depois, a imensa cabeça afundou suavemente sob as ondas e a baleia desapareceu.

E é isso que amo nelas: apesar do poder, da força muscular, da aparência assustadora, as baleias são uma das criaturas mais benignas de todas. Aparecem para dar uma olhada e depois vão embora. Se não gostam de você, dão sinais muito claros. Se acham que os golfinhos estão recebendo atenção demais dos nossos passageiros, de vez em quando entram na baía e, enciumadas, desviam a atenção dedicada a eles. É comum terem um comportamento um pouco infantil, fazerem travessuras. Como se não conseguissem resistir a saber o que está acontecendo.

Muitos anos atrás, os antigos baleeiros se referiam à jubarte como a "baleia alegre", por sua maneira de se exibir. E, quando comecei a trabalhar com passeios de barco, cinco anos antes, descobri que esse apelido era apropriado. Um dia, ao chamar os outros barqueiros pelo rádio, notava que havia uma baleia nadando de barriga para cima na superfície, acenando com uma das nadadeiras. No seguinte, deparava com outra que projetava todo o corpo para fora da água, dando um giro de trezentos e sessenta graus, como uma bailarina obesa fazendo piruetas, pela simples alegria do movimento.

Com certeza nunca poderiam me descrever como “alegre”, mas um dia Kathleen disse que desconfiava que eu sentia uma conexão tão forte com as baleias por serem criaturas solitárias. Não há ligação do macho com a fêmea entre as baleias, pelo menos não uma que fosse duradoura. O macho não desempenha nenhuma função paterna digna de nota. Kathleen não acrescentou que as fêmeas não são monogâmicas — àquela altura, não era necessário —, mas são mães admiráveis. Já vi uma jubarte correr o risco de encalhar para empurrar seu filhote até águas mais profundas. Escutei os cantos de amor e perda romperem o silêncio dos locais mais profundos do oceano, e chorei junto. Nesses cantos, dá para ouvir toda alegria e dor de qualquer mãe cuja felicidade está aprisionada ao coração do filhote.

Depois da morte de Letty, passei por um período em que achei que nunca mais seria feliz. Não há nada de redentor na perda de um filho, nenhuma lição valiosa que isso possa trazer. É algo grande demais, opressivo e tenebroso demais para ser articulado. É uma dor física deprimente, esmagadora, de intensidade chocante, e toda vez que a gente acha que superou um pouco, torna a se avolumar como uma onda gigantesca que nos traga e afoga.

Quando a pessoa se culpa pela morte do filho, mais raros ainda são os dias em que consegue manter a cabeça para fora d’água. Nos primeiros dias encontrei dificuldade para lembrar que eu tinha duas filhas. Agora posso agradecer à Hannah por minha existência, mas, nas semanas seguintes a nossa chegada aqui, me senti tão perdida que nada tive a lhe oferecer. Nenhuma segurança, nenhum conforto físico ou amor. Eu estava trancada em algum lugar inalcançável, com as terminações nervosas queimando de dor, e era um lugar tão medonho que acho que eu queria protegê-la ao não deixar que se aproximasse demais.

Então vi no mar minha única oportunidade de libertação. Eu não o enxergava como uma manifestação da beleza natural, de permanência tranquilizadora, e sim como um alcoólatra encontra um estoque escondido de uísque: aproveitava ao máximo sua existência e o alívio em potencial que prometia. Mas nada aliviava a ausência de Letty, nem quando eu acordava nem durante meu sono desconjuntado e cheio de pesadelos. Eu a sentia encostada em mim, inalava o perfume de mel do seu cabelo e

acordava aos gritos, ao me dar conta da realidade de onde ela estava. Ouvia sua voz no silêncio, e em minha cabeça ecoavam os últimos e dilacerantes gritos da nossa separação. Entre meus braços havia um buraco onde deveria estar o peso dela, e, apesar da presença da minha outra filha, esse abismo só aumentava.

Kathleen nada tem de boba. Deve ter adivinhado minhas intenções quando demonstrei interesse por aquele barco. A depressão me fazia esquecer que eu podia transparecer minhas emoções. Certa tarde, quando jogamos a âncora nas imediações do pontal, ela firmou o *Ishmael*, afastou-se e disse, em tom incisivo:

— Vá em frente!

Fiquei encarando suas costas. Era uma tarde de sol, e me lembro de ter pensado, distraída, que ela não estava usando protetor solar.

— Ir em frente com quê?

— Pule. É o que está planejando, não é?

Eu achava que tinha me tornado uma pessoa insensível, mas foi como se ela tivesse me dado um chute no estômago. Kathleen se virou, fixou em mim um olhar penetrante e disse:

— Você vai me desculpar por não olhar. Não quero ter que mentir para sua filha sobre o que aconteceu com a mãe dela. Mas se não olhar, posso fingir que você caiu da amurada.

Fiz um barulho de tosse. Continuei soltando o ar em pequenos arquejos e não consegui falar.

— Aquela garotinha tem sofrido demais — continuou Kathleen. — Se souber que a mãe não a amou o bastante para permanecer aqui por ela, vai ficar arrasada. Então, se for se jogar, faça isso enquanto estou de costas. Não quero passar os próximos seis meses com os nervos à flor da pele, sem saber como vou proteger a menina de uma coisa dessas.

Percebi que estava balançando a cabeça. Não consegui falar, mas mexi a cabeça de um lado para outro, como se lhe dissesse, como se dissesse até a mim mesma, que não ia fazer o que ela previra. Que, de algum modo, estava decidindo viver. E, enquanto meu corpo tomava essa decisão por mim, uma pequena parte da minha mente pensou: mas como é que vou viver? Como é possível existir sentindo tanta dor? Por um instante, a

perspectiva de ter que seguir adiante, com tudo aquilo dentro de mim, pareceu esmagadora.

Foi nesse momento que as vimos. Sete baleias, seus corpos reluzindo com a água do mar ao subirem e descerem em volta do barco de Kathleen. Os movimentos tinham um ritmo gracioso, uma continuidade fluida que revelava um pouco da sua jornada. Depois de circundarem o barco, elas mergulharam. Cada uma emergiu por breves instantes e desapareceu sob as águas.

Como espetáculo, aquilo me desviou das ideias mais desesperadas que eu já tivera. Mais tarde, porém, quando voltamos para casa e peguei minha pobre filha viva e enlutada nos braços e percebi que, por mais que eu fosse cética quanto a "sinais", o que eu vira no mar me passara uma mensagem. Tinha relação com vida, morte e ciclos, com a insignificância das coisas, talvez com a consciência de que tudo passa. Um dia eu voltaria a me encontrar com minha Letty, embora já não tivesse a expectativa de escolher quando isso aconteceria.

Se Deus existe, como Hannah me diz de vez em quando, quando ficamos a sós no escuro, Ele vai entender. Vai saber que sou uma boa pessoa. Abraço minha filha com mais força e penso que talvez, apenas talvez, a mera existência dela seja uma prova de que isso pode ser verdade.

* * *

Desde aquele dia no barco, nunca tive dificuldade para encontrar as jubartes. Kathleen sempre disse que eu sentia o cheiro delas e, por mais estranho que parecesse, havia alguma verdade nisso. Eu parecia mesmo saber onde elas estavam. Seguia meu faro e, embora muitas vezes isto parecesse uma impossibilidade, ao observar aquelas ondulações, na esperança de que uma se metamorfoseasse num focinho ou numa nadadeira, nove entre dez vezes elas apareciam para mim.

Porém, enquanto o fim daquele inverno se aproximava, algo estranho aconteceu. A princípio foram as pancadas com a cauda. Quando uma baleia manda um aviso, seja para seres humanos ou para outras baleias, ela pratica a "batida peduncular", açoitando a água com os lobos da cauda, ou,

de vez em quando, apenas atingindo a superfície, com o lado plano da cauda virado para baixo, fazendo um barulho que reverbera por quilômetros. Não vemos isso com frequência, pois tentamos não incomodar as baleias, mas, de uma hora para outra, foi como se eu passasse a testemunhar esse comportamento em todos os poucos animais que subiam à superfície.

E então, pelo menos duas semanas antes do previsível, seguindo os padrões de migração, as baleias desapareceram. Talvez fosse o tráfego extra de barcos, ou quem sabe elas houvessem pressentido, de algum modo, que as coisas estavam mudando e decidido não nos agraciar com sua presença. De um jeito ou de outro, nós que saíamos do Cais das Baleias fomos tendo aos poucos mais dificuldade para localizá-las, mesmo numa época em que deveriam surgir na proporção de duas ou três por passeio. De início, não quisemos admitir isso uns para os outros, afinal, era uma honra conseguir encontrá-las, e apenas gente como Mitchell Dray ficava na cola dos demais. Quando decidimos comentar, todos descobriram que sua experiência não era única. Em meados de setembro, a situação se agravara tanto que os dois *Mobys* passaram temporariamente a fazer passeios de observação de golfinhos pela baía. Isso era menos lucrativo, porém significava menos decepção para os clientes e, o que era mais importante, menos devoluções do dinheiro pago.

Até que os golfinhos também pareceram sumir. Em certos dias, eram tão poucos que os reconhecíamos de vista, e tínhamos consciência do risco de que podiam estar sendo atormentados por nós. Com a aproximação de outubro, meu barco era o único que ainda saía para o mar todo dia, mais por esperança do que com alguma expectativa. As águas escuras e onduladas à minha volta pareciam estranhas, até nos dias mais ensolarados. Eu sentia a ausência das baleias do mesmo modo que sentia falta de todas as coisas que amava. Não conseguia acreditar que tantas criaturas marinhas fossem simplesmente nos abandonar, que alterassem um comportamento de séculos por capricho. E, angustiada pelos acontecimentos das semanas anteriores, talvez um pouco transtornada pelo luto, me flagrei gritando com elas num dia em que saíra sozinha. Fiquei ali, segurando o leme, a voz ecoando em meio às ondas, sendo ignorada

pelas criaturas que talvez nadassem embaixo de mim, se escondendo de um mundo cada vez mais hostil.

— O que eu devo fazer, caramba? — gritei, até que Milly surgiu diante da ponte de comando e ganiu de inquietação.

Mas eu sabia que, de algum modo, a culpa era minha, que eu havia decepcionado as criaturas marinhas, assim como decepcionara minhas filhas. E minha pergunta desapareceu, sendo carregada pelo vento:

— O que eu devo fazer, caramba?

* * *

Às quatro da tarde da última quinta-feira de setembro, John John ligou para dizer que o Sr. Gaines tinha sofrido um infarto. Minha tia Kathleen era uma mulher durona. Não a chamavam de Dama dos Tubarões à toa. Essa foi a primeira vez que a vi chorar.

DEZESSEIS

Mike

O quarto de hóspedes de Monica só era um quarto no sentido mais vago da palavra. Nem de longe tinha sido equipado para hóspedes, e só era considerado um quarto porque, além das quatorze caixas de papelão, das duas guitarras, da mountain bike, dos quarenta e nove pares de sapatos, da cômoda de madeira da década de 1960, dos pôsteres emoldurados de vários grupos de rock dos quais eu nunca ouvira falar e da minha coleção de trenzinhos da infância, havia uma cama de armar.

— Vou abrir um espaço para você — prometera ela, quando concluí que não valia a pena economicamente permanecer a longo prazo num hotel e sugeri, hesitante, me mudar para lá.

Mas, no mundo da minha irmã, isso não significava retirar algumas caixas, nem transferir a bicicleta para o corredor, e sim apenas deslocar um ou dois sacos plásticos cheios de roupas, para que restasse mais ou menos o espaço necessário para abrir a cama de armar.

E, noite após noite, eu ficava ali deitado, as molas do colchão de espuma incomodavam minhas costas e o cheiro de couro dos sapatos velhos de Monica impregnava o quarto empoeirado enquanto, feito um penitente, eu refletia sobre o estrago que causara no que antes me parecera uma vida muito boa.

O ódio da minha ex-noiva só era menor que sua determinação de levar adiante, sozinha, o novo hotel que eu não queria mais que fosse construído. Eu não tinha onde morar, pois Vanessa me informara por meio de uma carta digitada que o mínimo que esperava de mim era que eu a deixasse comprar minha parte do apartamento, e o mesmo valia para o carro. Ela me prometera preços de mercado, mas eu não tinha me dado o trabalho de conferir quais seriam e apenas concordara. Agora isso parecia

muito irrelevante e, se tirar alguns milhares de libras de mim a fazia se sentir melhor, eu ficaria satisfeito em deixar isso acontecer.

Eu exercia um papel de morto-vivo no trabalho, onde, apesar de ainda continuar como sócio, já não me consultavam mais em nenhum dos negócios remanescentes, muito menos me obedeciam, nem mesmo as secretárias. Assim que Vanessa se opôs a mim na reunião do projeto de Silver Bay, minha autoridade foi fatalmente minada. Descobri que ocorriam algumas "reuniões" de grande importância no pub, para as quais eu não era convidado. Além disso, recados para mim, por algum motivo, estavam sendo passados para outras pessoas. Dennis me ignorava. Até Tina, talvez percebendo que meu status decaíra, não me considerava mais atraente. Tudo isso me deixou com duas opções: lutar para manter meu emprego, passando em cima de qualquer um que me atrapalhasse, para voltar a ser o Grande Fodão do escritório, como dizia Dennis de forma muito elegante, ou ir embora e levar o que restava da minha reputação para uma empresa da concorrência. Nenhuma das duas alternativas me atraía.

O pior de tudo é que eu participava das reuniões com a Vallance, lia a cópia da documentação recebida e acompanhava, a uma distância de vários milhares de quilômetros, o lento mas firme avanço do projeto que destruiria Silver Bay e a vida dos moradores do Hotel Baía da Esperança. O local da obra tinha sido restabelecido e já haviam derrubado a propriedade caquética dos Bullen. Uma consulta pública estava em andamento, com a qual, segundo nos foi assegurado, o projeto seria aprovado "num piscar de olhos". Eu sabia que Dennis só estava me mantendo no cargo por causa da Vallance, afinal, se perdesse um membro tão importante da equipe naquele momento crucial, os financiadores reconsiderariam o projeto.

Eu também sabia que, para sobreviver no âmbito profissional depois dessa negociação, eu teria que me aprimorar. Mas me sentia com as mãos atadas, incapaz de ser rigorosamente analítico em relação à minha carreira como antes, pois estava paralisado pela indecisão e pela culpa.

E, noite após noite, eu ficava deitado sem dormir na cama de armar, cercado pelos dejetos da vida de outra pessoa, esperando que a minha

voltasse a fazer sentido.

Uma coisa estava clara: Vanessa me largara no instante em que dissera que gostaria de seguir em frente com o projeto. Quando olhou para mim, até o último átomo de amor havia desaparecido, e sua profunda hostilidade me chocara.

— Você não pode culpá-la, caramba — disse Monica, me entregando uma taça de vinho.

Uma das várias condições para que eu ficasse em sua casa era montar a cômoda que ela havia comprado várias semanas antes, por isso eu estava sentado em meio a pilhas de painéis de MDF e sacos plásticos transparentes com uma quantidade insuficiente de parafusos. Para uma engenharia eficiente, eu deveria ter parado de beber várias taças antes.

Enfrentei grandes dificuldades naquele mês. Na verdade, passei boa parte do tempo bêbado. Não que alguém tivesse como perceber. Diferentemente de Greg, que era barulhento, agressivo e exigente, eu era um bêbado sutil. O terceiro uísque duplo descia com discrição. O que era para ser só taça de vinho virava uma garrafa e meia. Eu não tinha uma personalidade propensa a vícios, mas as separações não combinam com os padrões masculinos de comportamento. Não temos grupos de amigos para nos animar e fazer análises intermináveis das atitudes de nossa ex. Não recorremos a banhos de aromaterapia nem a velas perfumadas que nos "papariquem" e não lemos em revistas matérias inspiradoras para nos sentirmos melhor. Vamos para um bar ou nos sentamos sozinhos diante da televisão, com algumas bebidas.

— Não estou culpando ela — retruquei. — Sei que a responsabilidade é toda minha.

— Quer dizer que meu irmão é um grande pegador, hein? Olhe aquele parafuso ali! Assim vai perdê-lo.

— Não sou pegador.

— Pegador, então. O rei da pegação. — Monica deu risada. Não pude deixar de rir também. Pareceu muito ridículo. — Olhe aí… — continuou ela, apontando para mim com o cigarro, sentada de pernas cruzadas no tapete. — É isso, não percebe? Você não era perdidamente apaixonado por ela, senão estaria arrasado. Eu disse que estava certa.

— Você não tem coração — afirmei.

Mas talvez ela *tivesse* razão. Eu estava me sentindo mal, admito, culpado e meio cretino, mas sabia que não bebia porque tinha perdido Vanessa. Eu bebia por já não saber quem era. Eu perdera não só bens materiais — o apartamento, o carro, minha posição na Beaker Holdings —, mas também coisas que eu achava que me definiam: meu talento analítico, minha energia e meu tino estratégico para os negócios. Meu apetite. Eu não tinha certeza se gostava das características do meu caráter que foram reveladas nos últimos tempos.

E bebia porque um pensamento pairava acima de todos os outros: eu havia destruído inadvertidamente a vida de três pessoas que não tinham como revidar.

— O que é que eu faço, Monica? Como posso impedir que isso aconteça? — perguntei, largando a chave de fenda ao meu lado no chão.

— Que importância tem isso agora? — retrucou ela, pegando a ferramenta e conferindo as instruções. — Você perde o emprego se o projeto não for adiante.

Encarei as peças de madeira à minha frente — que, na verdade, nem pareciam de madeira —, depois observei o apartamento minúsculo e caótico cujas paredes sequer abafavam o barulho caótico do trânsito. Senti saudade da minha casa.

— Tem importância, sim — respondi.

— Mike, o que foi que aconteceu lá, afinal? Você saiu sendo o mandachuva e voltou acabado.

Então contei para ela. Contei tudo. E o estranho foi que, ao colocar em palavras, percebi o que estava acontecendo. Levei duas horas e mais várias taças de vinho, mas me sentei com minha irmã em seu apartamento estreito e bagunçado em Stockwell e fiquei conversando madrugada adentro. Falei sobre Kathleen e o hotel, sobre Hannah, Liza e os observadores de baleias, e, enquanto contava, eu ia visualizando os rostos deles e, por um instante, tive a impressão de ter retornado para aquele espaço aberto, ouvindo apenas o barulho do mar e sentindo apenas a brisa salgada na minha pele. Relatei a morte de Letty, do filhote de baleia e o som que ouvi no momento em que Liza enfiou o microfone na água. E,

quando cheguei à parte em que eu tinha visto aquela mulher magra e loura no meu retrovisor, entendi tudo.

— Estou apaixonado — confessei. As palavras simplesmente me escaparam. Recostei-me no sofá, aturdido, e repeti: — Meu Deus, estou apaixonado.

— Aleluia! — exclamou minha irmã, apagando a guimba do cigarro. — Agora posso ir dormir? Desde que chegou aqui eu estava esperando você se dar conta disso.

* * *

Ao bocejar, Dennis Beaker fazia o mesmo som que um cachorro de grande porte emitia ao acordar. Um barulho autêntico e impossível de reproduzir. Mas estranhei sua atitude porque eu sabia que bocejar era uma tática que ele usava com notável efeito quando subalternos ou empresas rivais se apresentavam, ou quando alguém tentava dizer algo que ele não queria ouvir. O que acontecia com frequência.

Meu chefe se recostou na cadeira de couro e abriu tanto a boca ao bocejar que consegui contar o número de obturações metálicas no seu maxilar superior.

— Desculpe, Mike. O que foi mesmo que você disse que queria?

Em pé diante dele, repeti, sem me abalar:

— Pedir demissão.

Eu havia planejado um discurso e o aperfeiçoara durante várias horas de insônia, mas, quando chegou a hora, estas palavras foram tudo o que eu quis dizer.

— O quê?

— Já oficializei o pedido. Só estou comunicando.

Dennis interrompeu bruscamente o bocejo. Ele me olhou com as sobrancelhas franzidas e voltou a se recostar na cadeira.

— Não seja ridículo — disse. — O contrato da Carter está programado para a primavera. E você cuidou do projeto desde o início.

Dei de ombros.

— Não me importo com o contrato da Carter. Espero que você me libere logo. Será um prazer abrir mão do meu salário.

— Não me encha o saco, moleque. Não tenho tempo para isso.

— Estou falando sério.

— Hoje à tarde converso com você. Ande, saia da minha frente. Estou esperando um telefonema de Tóquio.

— Não estarei mais aqui à tarde.

Nesse momento ele percebeu que era sério. Pareceu irritado, como se eu estivesse testando sua paciência.

— É por causa de dinheiro? Já disse que vamos rever seu salário em janeiro.

— Essa não é a questão.

— E vamos incluir um plano de saúde melhor no pacote. Com cobertura bem mais ampla. Com cirurgia plástica e tudo, se for do seu interesse. E sequer vai ser descontado no contracheque.

O colarinho da camisa me incomodava e resisti à vontade de tirar a gravata e afrouxá-lo.

— É por causa de Vanessa? Acha que quero forçar sua saída?

— Você quer, sim, que eu saia, mas isso não tem nada a ver com Vanessa. Olhe… Sei que não quer que eu vá embora enquanto a Vallance estiver relutando.

— Quem disse que a Vallance está relutando?

— Não sou idiota, Dennis. Percebo os sinais.

Ele pegou a caneta. Deu uma olhada ao redor, como se estivesse considerando alguma coisa. Por fim, me encarou e, de má vontade, assentiu.

— Ora, sente-se, pelo amor de Deus. Você está contribuindo para a desorganização da sala.

Londres não estava bonita naquele outono: o céu vivia carregado, ameaçador e sombrio, e chovia forte, molhando a bainha da minha calça por causa da calçada desnivelada que acumulava poças. De vez em quando, as nuvens pareciam tão perto dos edifícios que eu quase sentia claustrofobia. Mas, ao olhar pela janela, pensei que poderia ser quase qualquer estação do ano, considerando o tempo que eu passava nas ruas.

Nos meses de inverno, às vezes eu levava um sobretudo, e no verão costumava usar uma camisa mais fina. Porém, enclausurado dia após dia entre janelas de vidro duplo e ar-condicionado, indo e voltando do trabalho de metrô ou de táxi, podiam se passar anos sem que eu tivesse necessidade de me adaptar ao clima.

Eu me sentei. Na rua, ouvi as buzinas dos carros e alguma discussão. Em geral, Dennis adorava uma boa briga e interrompia o que estivesse fazendo para dar uma olhada no lado de fora. Mas, nesse momento, ficou apenas observando as próprias mãos. Aguardando, pensativo.

— Escute, Dennis, sinto muito sobre Vanessa — falei, por fim, para preencher o silêncio. — Nunca tive a intenção de magoá-la.

Ele modificou a postura. Seus ombros relaxaram e ele se inclinou na minha direção, suavizando momentaneamente a expressão.

— Ela vai superar — disse ele. — Vai encontrar alguém melhor. Eu deveria estar mais bravo com você, afinal ela é minha filha, mas sei que Tina é muito atraente. Eu mesmo quase fui por esse caminho algumas vezes. Só não me atrevi porque a mãe de Vanessa tem praticamente todos os nossos bens no nome dela. — Ele riu. — Além do mais, ela avisou que faria pesos de papel com meus colhões.

Ele suspirou fundo e jogou a caneta por cima da mesa na minha direção.

— Porra, Mike. Como foi que chegamos a esta situação?

Peguei a caneta e a coloquei de volta na escrivaninha, diante dele.

— Não posso fazer parte desse projeto, Dennis. Já disse.

— Por causa de alguns peixes, porra?

— Não são só as baleias. É tudo. Nós… nós vamos arruinar a vida das pessoas.

— Mas isso nunca o incomodou.

— Talvez devesse.

— Você não pode proteger as pessoas do progresso. Sabe disso.

— Quem disse que é progresso? E, de qualquer jeito, algumas pessoas precisam de proteção.

— É a droga de um hotel, Mike, não uma usina de detritos nucleares.

— Dá na mesma, pelo efeito que terá.

Reparei que ele não conseguia acreditar muito no que estava ouvindo. Balançou a cabeça, rabiscou algumas linhas cruzadas pretas no bloco de anotações ao lado do telefone. Depois olhou para mim.

— Não faça isso, Mike. Reconheço que o deixei de lado desde que voltou, mas você virou um tremendo sacana moralizador. Não posso confiar em você se não está cem por cento ao meu lado.

— Estou do seu lado, Dennis, mas não neste projeto.

— Você sabe que já avançamos muito para recuar.

— Não avançamos. Tínhamos selecionado outras duas áreas. E são viáveis, você sabe.

— São mais caras.

— Não se diminuirmos os custos do S94. Já conferi tudo a fundo.

— Pois vamos adiante com isso, goste você ou não — retrucou Dennis com um tom mais arrependido que ameaçador, e, de repente, notei que aquilo não tinha a ver com os negócios, e sim com Vanessa. Ele era capaz de me desculpar, mas contrariar a filha em público era pedir demais. — Desculpe, Mike. Mas vamos avançar conforme o planejado.

Balancei a cabeça, pesaroso.

— Nesse caso, tenho que pedir demissão. — Eu me levantei e estendi a mão. — Sinto muito mesmo, Dennis. Mais do que você imagina.

Como ele não apertou minha mão, segui para a porta. Atrás de mim, ouvi sua voz alta e exasperada:

— Isso é muito ridículo, porra. Você não pode arruinar uma carreira foda por causa de meia dúzia de peixes. Fala sério, cara. Somos amigos, não é? Podemos deixar isso para trás.

Ao me aproximar da porta, hesitei. Estranhamente, ouvi em sua voz o que eu estava sentindo: uma tristeza quase maior do que ao terminar com Vanessa.

— Desculpe — repeti.

Quando abri a porta, ele voltou a falar:

— Você não vai me enfrentar nesse projeto, Mike. — Foi uma pergunta e uma afirmação ao mesmo tempo. — Vá embora, se tiver mesmo que ir, mas não tente foder meu negócio.

Eu esperava que ele não fosse me pedir isso.

— Não posso ficar parado olhando você seguir com isso — retruquei, engolindo em seco.

— Acabo com você, se for necessário — rebateu ele, balançando a cabeça, para ter certeza de que eu havia entendido o recado.

— Eu sei.

— Queimo você para todo o centro financeiro de Londres. Nunca mais vai arranjar emprego em nenhum lugar que preste.

— Eu sei.

— Não espere que eu pegue leve. Você sabe do que sou capaz.

Assenti. Eu sabia mesmo, mais do que a maioria das pessoas.

Nós nos entreolhamos.

— Ai, *caralho*!

Dennis deu um passo à frente e me envolveu num abraço apertado, até que a voz de Tina surgiu pelo interfone, anunciando a esperada ligação de Tóquio.

* * *

Fui me encontrar com Monica num bar, que dava para ir a pé da redação do jornal onde ela trabalhava. Minha irmã já havia tomado um drinque, mas disse que teria de voltar para o escritório e trabalhar até tarde, porque estava acompanhando o desenrolar de uma história para a matéria. Ainda refletindo sobre o meu encontro com Dennis, perguntei, mais por educação do que por genuíno interesse, qual era o assunto, e ela resmungou alguma coisa vaga sobre fraude na agricultura e subsídios da União Europeia, e pareceu muito irritada.

— Odeio matérias que envolvem finanças — reclamou. — Você passa semanas tentando entender os números e, quando publica a reportagem, ninguém dá a mínima, porque as pessoas não se interessam.

— Quer que eu ajude? — perguntei. — Não sou um contador forense, mas sei me orientar numa planilha.

Ela pareceu um pouco surpresa.

— Talvez eu queira. — Ela pareceu se animar e deu um breve sorriso. — Se eu me enrolar, levo um pouco para casa e você dá uma olhada.

Tive de admitir que uma das vantagens inesperadas do colapso da minha vida pessoal foi minha irmã e eu descobrirmos, para nossa surpresa, que gostávamos um do outro. Eu ainda a achava sarcástica demais, ambiciosa e caótica, e que tinha um mau gosto terrível para os homens. Mas passei a entender que, por trás do seu sarcasmo, havia a insegurança, e que pelo menos parte de sua ambição surgira pelo fato de ter um irmão mais velho que parecia ter crescido sem esforço na carreira profissional, além de pais que, percebi com um pouco de vergonha, haviam usado meu sucesso de forma implacável e descuidada contra ela. Passei a desconfiar que minha irmã gostaria mais de ter um namorado do que admitia, e que, quanto mais tempo morasse sozinha, menor seria a probabilidade de abrir espaço para alguém. Se continuássemos próximos, se conseguíssemos deixar aberta essa porta específica, eu conversaria com ela sobre isso. Um dia.

— Trouxe as fotos? — perguntou ela.

Enfiei a mão no bolso e entreguei a pequena pasta de papel. Monica começou a folhear as fotos, com a cabeça baixa, aproximando-as da luz.

— Andei pensando sobre o assunto, e sua maior esperança está na publicidade. Como você pode imaginar, a Vallance tem medo de publicidade negativa, então o que você precisa fazer é arranjar alguém de destaque que se oponha ao projeto, um porta-voz, e depois deve trabalhar em dois níveis: local e nacional.

— E o que isso quer dizer? — indaguei.

— No nível local, use folhetos, cartazes, jornais da região. Tente criar uma grande onda de oposição. No plano nacional, ou até mesmo internacional, você precisa de duas matérias com certo destaque, que talvez rendam cobertura televisiva. Envolver alguns especialistas em fauna silvestre, quem sabe, ou alguma nova pesquisa. Você deve conseguir encontrar alguma. Não existe uma sociedade de proteção às baleias que possa ajudar nessa?

Comecei a anotar algumas coisas que ela dizia. Eu nunca tinha conhecido aquela Monica, e os conhecimentos dela eram valiosos.

— Sociedade de proteção às baleias — murmurei. — Aos golfinhos também?

Ela ergueu uma das fotos que Hannah tirou, que mostrava Liza em pé no Cais das Baleias. Com a cabeça inclinada, ela sorria direto para a câmera, do jeito que fazia com frequência para a filha: com muito amor e ternura. Seu cabelo estava solto, o que era incomum, e a cadela a observava com ar embevecido. Eu conhecia essa sensação.

— É ela? — perguntou minha irmã.

Confirmei com a cabeça, ficando calado por um instante.

— É bonita. Lembra um pouco aquela garota que participa do programa de televisão sobre vida selvagem.

Eu não fazia ideia sobre quem ela estava falando.

Monica jogou as fotos de volta para mim e deu um tapinha na que ficou no alto da pilha.

— Você vai ter que fazê-la aparecer. Transforme-a no símbolo da campanha. Ela é bonita, e a maioria das pessoas espera algum bom samaritano casca-grossa. Acho que consigo descolar uma ou duas matérias com ela. Se colocar a moça e a idosa juntas, aumentará suas chances. Talvez consiga algo parecido com a coluna social do *Sunday Times*. Você não disse que havia reportagens antigas de jornal sobre ela?

— Acho que consigo baixar na internet.

— Se não escreveram sobre ela desde então, talvez o assunto ganhe destaque. Já sugeri a rádio local? Ai, meu Deus! Escute, primeiro de tudo, você precisa fazer um comunicado à imprensa, alguma coisa para enviar a todos as agências de notícias, deixando bem claro como podem entrar em contato com você. E aí, mano, vai ter que ser durão. Tem que entrar na briga.

— Eu? — Ela me olhou. — Eu estava me perguntando como é que *elas* poderiam resolver a questão — expliquei.

— Você não vai ajudar?

— Bem, farei o que puder daqui.

A decepção da minha irmã ficou bem clara no seu rosto.

O barman perguntou se algum de nós queria mais um drinque e, por um instante, Monica pareceu não ouvi-lo. Então, deu uma olhada no relógio e recusou.

— E ele também não quer — acrescentou, me indicando com a cabeça.

— Não quero?

— Você disse que a amava — protestou Monica em um tom acusatório, quando o barman se afastou.

— Mas isso não significa que ela me ama — respondi, tomando o último gole da minha bebida. — Na verdade, sei por uma fonte segura que ela me odeia profundamente.

Minha irmã ergueu as sobrancelhas de um jeito que me fez lembrar da nossa infância. Era um gesto que usava para se referir à inutilidade dos meninos e à superioridade dela. O que significava que, mais uma vez, eu havia entendido errado, e que era provável que isso fosse esperado. Assim como quando éramos crianças, tive vontade de derrubá-la no chão e me sentar em cima dela, para impedi-la de continuar no controle da situação e mostrar quem é que mandava de verdade.

Mas, mesmo irritado, desta vez tive que admitir que ela tinha razão. Monica se sentou de volta no banco do bar e cruzou os braços.

— Mike, para que você se sentou aí, afinal de contas?

— Talvez por ser um idiota que não sabe tomar uma decisão nem para salvar a própria vida?

Minha irmã balançou a cabeça.

— Ah, não — disse, sorrindo. — Você já tomou a decisão. Só é burro demais para perceber.

* * *

Pela primeira vez na vida, não pesquisei antes de escolher um voo. Não verifiquei se o preço estava justo de acordo com o espaço que havia para as pernas, nem pesei as vantagens das milhas acumuladas em comparação com a qualidade das refeições da companhia aérea. Reservei a primeira poltrona disponível num voo para Sydney. Em seguida, antes que pudesse pensar demais sobre o assunto, enfiei o essencial numa mala e minha irmã me levou ao aeroporto.

— Isso é bom — disse ela, ajeitando meu paletó de um jeito quase carinhoso, no lugar que os passageiros são deixados. — De verdade. Isso é bom.

— Ela não vai falar comigo — comentei.

— Então, pelo menos uma vez na vida, maninho, você vai ter que correr atrás.

Fui ficando cada vez mais nervoso durante o voo. Quando paramos para reabastecer em Hong Kong, eu estava tão agitado que era impossível explicar meu comportamento apenas pelo fuso horário. Eu tentava pensar no que diria à Liza quando a encontrasse, mas todos os jeitos de puxar assunto pareciam inadequados. Na verdade, minha presença seria inadequada. Com Monica a milhares de quilômetros de distância de mim, meus vagos sonhos de um reencontro apaixonado se dissiparam como os rastros do combustível da aeronave no céu claro.

Eu não cumprira o que havia prometido à Kathleen, que era suspender o projeto. Pelo contrário, a obra estava avançando mais depressa do que nunca. Apesar dos meus sentimentos por Liza, eu ainda era o canalha de duas caras que ela me acusara de ser: se Tina não tivesse mandado aquela mensagem de texto incriminadora, será que eu teria terminado com Vanessa? Eu podia me enganar, dizendo que isso teria acontecido de qualquer maneira, mas essa ideia parecia tão dessincronizada com meus sentimentos que eu não podia considerá-la uma verdade absoluta.

O que eu ensaiara para dizer à Liza estava sendo abafado por diferentes vozes. Eu ouvia a de Hannah com a clareza de uma sineta de prata: “Mike, por que você mentiu para nós?” Em seguida surgia a da mãe dela, afirmando num tom acusatório que tudo o que eu dissera e parecera ser não passava de mentira. Pensei na expressão desolada de Vanessa depois de ver a mensagem no meu celular, e soube que nunca mais gostaria de causar um sofrimento como esse a alguém.

Sentado no avião, seguindo para o leste, percebi, antes de terminar de assistir ao primeiro filme, que eu não tinha a menor ideia do que estava fazendo. Era improvável que Kathleen e Liza quisessem a minha ajuda, por mais que eu soubesse o que fazer para nos opormos àquela obra. Poucas pessoas na cidade me receberiam. Eu nem sabia onde ficaria hospedado.

Bebi muito durante o voo, apesar do conselho que minha irmã me dera, em parte porque esta era a única maneira de conseguir relaxar, e em parte

porque beber vinho me deixava ocupado. Eu pegava no sono, mas logo depois acordava, e o tempo todo senti meu estômago embrulhado conforme o avião percorria os quilômetros rumo ao seu destino.

Cerca de trinta horas depois, saí do carro alugado que tinha dirigido de Sydney até Silver Bay, parei debaixo do sol reluzente e lutei contra a vontade quase esmagadora de entrar de novo no veículo e voltar para o aeroporto.

* * *

A única vez que vi minha mãe chorar foi quando ela jogou no meu pai uma boneca de porcelana que adorava. Quebrou, é claro, afinal nenhum objeto frágil teria sobrevivido àquela trajetória. Mas, ao ver a boneca estilhaçada, minha mãe desabou no chão, catou os pedaços no colo e chorou como se tivesse diante da cena de um terrível acidente. Eu me lembro de ter ficado parado à porta, assustado com o atípico desespero dela, mas também senti certa repulsa. Meu pai, com a cabeça ensanguentada, continuou de pé perto do sofá, sem dizer nada. Como se aceitasse que era culpa sua.

Ele era dono de uma pequena empresa de engenharia que os dois administravam em moldes um pouco hippies, permitindo que todos expressassem suas opiniões e fazendo o melhor possível para repartir o lucro. O surpreendente é que, durante dez anos, tudo funcionou muito bem. A firma cresceu, meus pais ficaram mais ambiciosos e resolveram abrir mais um estabelecimento, a cerca de uma hora de distância do primeiro. Nós também nos mudaríamos e, como eles tinham reinvestido todo o dinheiro nos negócios, ficaram encantados ao encontrar uma grande casa de campo com um aluguel muito barato, por causa do péssimo estado do imóvel. O sistema de aquecimento de água era excêntrico, e metade dos cômodos era úmida demais para que pudéssemos ocupar, mas isso foi numa época em que não era incomum existir casas não modernizadas como aquela, e em que ter aquecimento central não era uma necessidade. Minha irmã e eu adorávamos o lugar. Passamos cinco anos explorando os bosques em volta e montando barracas de acampamento nas partes da residência que não eram usadas, sem sequer nos importarmos quando a

umidade se espalhava e a quantidade de cômodos habitáveis diminuía. Meus pais estavam preocupados demais com os negócios para fazerem mais do que apenas os mínimos reparos.

Por fim, os proprietários avisaram que não renovariam o contrato de aluguel no ano seguinte. Meu pai comentou que não era nenhuma tragédia, pois provavelmente estava na hora de comprarmos uma casa própria.

Até que o alertaram para as letras miúdas no contrato. Meu pai tinha concordado com uma cláusula de "reforma e conserto". Havia aceitado restaurar a casa e devolvê-la em um estado que a casa desconhecia há décadas.

— Não seja ridículo — protestou ele. — A casa praticamente não era habitável quando nos mudamos para cá.

Mas o advogado apenas apontou para a cláusula e disse que meu pai deveria ter lido o contrato. Deveria ter tirado fotos e registrado as condições iniciais do imóvel. Não tinha como discutir o que estava registrado por escrito. O advogado anunciou o valor estimado da reforma, e meus pais concluíram que estavam arruinados. A boneca de porcelana foi apenas a primeira vítima.

Minha irmã e eu fomos transferidos para uma escola hostil, obrigados a dividir um quarto numa casinha horrorosa e durante anos não fizemos mais viagens de férias, a não ser em trailers emprestados e para cidades baratas no litoral. Durante anos usei aquela boneca de porcelana como símbolo do que acontece quando alguém depara com práticas inescrupulosas, quando não está cuidadosamente inteirado numa negociação e acredita que as pessoas têm uma tendência natural a agir de forma honesta. Mas passei a ver as coisas de outra maneira. Meu pai acabou reconstruindo seu negócio, que se transformou em uma empresa de maior sucesso, administrada em moldes mais eficientes. É provável que minha irmã e eu tenhamos nos tornado mais resistentes e ambiciosos por termos lidado com perdas de forma precoce.

Meus pais continuam juntos. A boneca, colada com muita dificuldade, permanece no console da lareira.

— Foi isso que nos mostrou o que realmente importava — dizia minha mãe, tocando as rachaduras com afeto.

Parece bobagem, mas só nesse momento me dei conta de que ela não tinha se referido às letras miúdas daquele contrato.

* * *

Bati três vezes na porta dos fundos antes de reparar no bilhete. "Lance/Yoshi: Sirvam-se à vontade, estamos no hospital. Voltamos logo. Por favor, anotem no livro o que pegarem. L."

Fiquei segurando o bilhete por um minuto e senti falta de ar por estar com aquilo nas mãos, então olhei para o cais. Não havia barcos ali, com exceção do *Ishmael*, e, como eram apenas dez e quinze da manhã, era possível que Liza e Kathleen demorassem algumas horas para voltar. Fiquei um tempo sentado num dos bancos vazios, depois fui até o MacIver e pedi um café. Meu corpo não queria café, pois achava que ainda estava de madrugada, ao contrário do que aparecia diante dos meus olhos. Só bebi metade e deixei o resto esfriar, formando uma mancha circular marrom-escura no interior da xícara azul-clara.

— Você é aquele inglês?

O dono, um sujeito grandalhão de avental sujo, me encarava.

— Sou — respondi.

Não fazia sentido perguntar a que inglês ele se referia.

— O cara da empresa imobiliária, não é? O que saiu no jornal?

— Só passei aqui para tomar um café em paz. Se você quiser começar uma briga por causa da obra, eu saio, se não se importar.

Coloquei a carteira no bolso e peguei minha mala.

— Comigo você não vai arranjar briga, cara — disse ele, pegando um prato e enxugando-o com um pano ainda mais sujo que seu avental. — Estou esperando ansioso pela construção do hotel. Vou ficar feliz com um movimento maior.

Não falei nada.

— Nem todos são contra, sabe, apesar do que os jornais estão noticiando. Muita gente como eu acha que a cidade precisa de um pouco de investimento.

Devo ter parecido incrédulo, porque ele se aproximou, se sentou pesadamente à mesa, na minha frente, e prosseguiu:

— Tenho muito respeito pelo pessoal das baleias. Greg é um velho amigo meu… Mas, poxa, acho que eles dão importância demais para esses velhos animais. Faz um milhão de anos que esses peixões estão nadando na baía, e uma ou outra bicicletinha aquática não vai fazer a menor diferença. Ah, claro, pode ser que as baleias passem um tempo sumidas, mas depois voltam.

— Sumidas?

Ele apontou o polegar para o cais.

— Ah, está todo mundo resmungando, dizendo que já foram embora. Como se os peixes soubessem o que vai acontecer, ora essa.

— Quem foi embora? — perguntei. Estava difícil acompanhar a conversa.

— As baleias. Nenhuma tem aparecido. Tiveram que encerrar com antecedência os passeios de observação desses bichos e passaram a ir atrás só dos golfinhos. Acho que isso não faz muita diferença para os lucros. Podem fazer dois passeios para ver golfinhos no mesmo tempo que levam para fazer uma viagem de observação de baleias. Não sei do que estão reclamando.

Fiquei ali sentado, digerindo a informação. Depois me virei para ele.

— Pode me servir uma bebida, por favor?

Eu tinha a sensação de que a conversa que teríamos em seguida exigiria muito mais coragem de mim, daquela que vem com uma boa dose de álcool.

Ele se levantou da mesa, apoiando diante de mim suas mãos gordas para se equilibrar de pé.

— Acho que vocês vão me fazer um grande favor. Esta é por conta da casa.

* * *

Levei quase uma hora para refazer o caminho pela estrada costeira na volta para o Hotel Baía da Esperança. Em várias ocasiões, durante minhas

corridas, percorri aquele trajeto em menos de dez minutos. Em condições normais, demoraria vinte minutos a pé. Mas a infeliz combinação do jet lag com as diversas doses generosas de uísque que Del, dono do MacIver Bar e Restaurante de Frutos do Mar e meu novo melhor amigo, me empurrara sem parar, somada à elegante e discreta curva da orla, dificultava um percurso em linha reta. Algumas vezes me sentei na mala e pensei com afinco na melhor forma de continuar em frente. O hotel estava logo ali, mas, por algum motivo, ficava se afastando de mim, feito uma miragem no deserto. A certa altura, pensei em dar um mergulho — a água parecia convidativa e estava muito mais quente do que na última vez que estive na cidade —, mas, por alguma razão obscura, era importante que eu mantivesse uma boa aparência. Além disso, já não me lembrava mais de como tirar os sapatos.

Duas vezes, ao me levantar, minutos depois recordei que tinha largado a mala na areia e precisei voltar para buscá-la, sofrendo vários tombos e escorregando a mão da alça. Eu estava com areia por toda parte — no nariz, no cabelo, nos sapatos —, mas segurava a carteira com firmeza à minha frente para ficar o tempo todo de olho. Meus pais sempre enfatizaram que era necessário ficar agarrado à carteira quando estamos num país estrangeiro.

Assim que cheguei ao hotel, tive a sensação quase eufórica de ter realizado uma grande proeza, amenizada apenas pelo fato de já não me lembrar por que era tão importante ir para lá. Larguei a mala do lado de fora da porta e olhei para o bilhete, que voava em círculos. Tentei pegá-lo algumas vezes, para ver se o fazia ficar parado.

E então, subitamente tomado por um cansaço incomensurável, decidi que precisava me deitar. Os bancos de madeira eram estreitos demais — eu não tinha muito certeza se conseguiria me sentar neles, muito menos me deitar — e a areia, naquela extremidade da praia, era cheia de cascalho. Com grande esforço, notei uma penumbra convidativa no interior do Museu dos Navios-baleeiros a uma pequena distância e fui cambaleando até lá. Eu tiraria uma soneca e, quando acordasse, certamente lembraria o que tinha ido fazer ali, afinal de contas.

* * *

Acordei com o barulho de uma gritaria. A princípio, fez parte do meu sonho: eu estava num avião e a comissária de bordo tentava acordar os passageiros porque, enquanto todos não batessem as asas, a aeronave não decolaria do chão. Aos poucos, em meio à névoa da confusão da mistura do jet lag com uísque, me dei conta de que, embora a aeromoça tivesse evaporado, a gritaria ficou mais alta, e beliscavam meu braço de um jeito muito incômodo.

— Me solte — murmurei, tentando me livrar dessa pessoa. — Não quero amendoim nenhum.

Mas então, ao abrir devagar os olhos e me acostumar com a luz, percebi que conhecia aquele rosto. Em pé diante de mim estava Liza McCullen, com seu casaco impermeável amarelo adejando feito as asas de uma ave enorme. E ela gritava comigo:

— Não acredito! Mas era só o que faltava… esse maldito Mike Dormer aparecer aqui bêbado! Você está fedendo, sabia? Fedendo a uísque. E o que acha que está fazendo, entrando aqui desse jeito, como se fosse o dono do lugar?

Voltei a fechar os olhos devagar, sentindo uma estranha calma pairar sobre mim. O mais esquisito foi que, pouco antes de fechá-los, eu poderia jurar que vi Kathleen sorrindo atrás de Liza.

DEZESSETE

Kathleen

Ele me disse que eu devia “dar a cara a tapa”. Ele me contou que tinha discutido o assunto com a irmã, que era jornalista e entendia dessas coisas, e que eu podia ser o foco principal de uma matéria: “A Dama dos Tubarões tenta salvar as baleias”, ou algo assim. Disse que publicidade era nossa melhor chance de aumentar a oposição ao projeto, e que esse sentimento precisava se difundir por um espaço maior que a cidade, considerando que inúmeras pessoas ali pareciam não se importar muito com uma coisa nem outra.

Respondi que eu não queria causar de novo um grande rebuliço e, com certeza, não queria sair em jornal algum. Ele me olhou como se eu fosse louca.

— Isso atrairia muita publicidade. Publicidade útil — argumentou.

— Pode ser que desperte o interesse de alguns moradores locais, mas há um limite para a curiosidade despertada por uma mulher de setenta e cinco anos que um dia fisgou um tubarão. Melhor deixar as coisas como estão.

— Achei que você tinha setenta e seis — observou Hannah.

Olhei para ela de um jeito que, se eu tivesse sua idade, ficaria paralisado de medo. Mas, hoje em dia, os jovens parecem se importar muito menos com essas coisas.

— Kathleen, eu falei que ia dar um jeito nisso e estou fazendo o melhor que posso. Mas precisamos de uma estratégia e, acredite, no momento esta é a única que temos.

Mike levara três dias para se recuperar e, embora ainda parecesse cansado, tinha readquirido seu autocontrole e profissionalismo peculiares, que eram suas características mais marcantes nos primeiros dias que passou aqui. Para dizer o mínimo, estava mais sério desde que voltara.

Quando o encontramos no Museu dos Navios-baleeiros, ele anunciara com certo fervor que tinha retornado para nos salvar. É difícil levar um homem a sério, mesmo o salvador tão aguardado, e eu falei isso para ele assim que o encontramos bêbado, deitado no chão, com os sapatos molhados e coberto de algas marinhas até o nariz. Ele pareceu ficar chateado com o meu comentário.

— É verdade — insistiu ele, na defensiva. — Recebi a orientação de uma especialista em mídia para este caso. — Ele tentava argumentar como se achasse que com isso fôssemos levá-lo a sério.

— Mike, sei que sua intenção é boa, e fico comovida por você ter achado que valia a pena voltar para nos ajudar. Mas já disse que não quero desenterrar outra vez a história de Dama dos Tubarões. Foi uma infelicidade na minha vida e não quero mais aquela atenção.

— Eu achava que você tinha orgulho disso.

— E isso comprova que você sabe muito pouco.

— Você devia ter orgulho — disse Hannah, animada. A menina ficara surpreendentemente feliz ao ver Mike, mais do que a mãe, com certeza. — Eu ficaria orgulhosa por ter matado um tubarão.

— Acho que matar nunca é motivo de orgulho — murmurei.

— Bem, então use a morte daquele tubarão para ajudar a salvar as baleias — sugeriu Mike, balançando a cabeça para mim.

— Não vou ser a Dama dos Tubarões de novo. Já tenho problemas demais sem remexer naquilo tudo.

Fiz uma careta e torci para Mike deixar o assunto para lá.

— E Liza? — perguntou ele.

Minha sobrinha estava se esforçando para ignorá-lo, a cabeça enfiada no jornal. Mas notei que tinha ficado na cozinha, e não no seu quarto ou a bordo do *Ishmael*, seus tradicionais lugares de refúgio.

— O que tem Liza? — quis saber ela, sem erguer os olhos do jornal.

— Você seria uma ótima garota-propaganda para a campanha.

— Por quê?

— Bem… não há muitas mulheres comandando barcos. Você entende muito de baleias. E… — ele teve a gentileza de tossir e corar — é uma mulher bonita. Já me disseram como essas coisas funcionam e…

— Não — interrompeu ela, bruscamente.

Fiquei parado diante da pia, imaginando o que Liza diria em seguida. Depois de um instante, ela acrescentou, meio na defensiva:

— Não quero… que Hannah… seja exposta a… tudo isso.

— Não me importo — disse a menina. — Eu ia gostar de aparecer no jornal.

— É a única maneira de impedir a construção do hotel — insistiu Mike. — Vocês precisam conseguir o máximo de apoio possível. Quando as pessoas souberem o que…

— *Não*.

Mike a encarou.

— Por que está sendo tão teimosa?

— Não estou.

— Achei que faria qualquer coisa pelas baleias.

— Não se atreva a me dizer o que devo fazer pelas baleias. — Liza dobrou o jornal e o usou para bater com força na mesa. — Se não fosse por você, nada disto teria acontecido e não estaríamos nesta maldita confusão.

— Liza… — comecei.

— Você acredita mesmo nisso? — interrompeu Mike. — Acredita mesmo que este local ficaria intocado para sempre?

— Não… Mas ainda não teria acontecido. Teríamos mais tempo… — disse, com a voz sumindo.

— O que quer dizer com "mais tempo"?

Fez-se silêncio na pequena cozinha. Hannah ergueu os olhos de relance e tornou a baixá-los para seu dever de casa.

Liza me olhou e balançou a cabeça, num movimento delicado e discreto. Mike reparou e vi que ficou um pouco decepcionado. Para me distrair, comecei a guardar as xícaras vazias. Mike e Liza me entregaram as deles, agradecidos.

— Escutem — começou ele, por fim —, uma de vocês vai ter que fazer alguma coisa. As duas são nossa melhor chance de impedir essa construção e, no momento, até esta chance é bem pequena. Farei tudo que puder para ajudá-las, e acreditem, não tenho como fazer mais do que já estou fazendo, mas vocês precisam ser um pouco compreensivas comigo.

— Não — retrucou Liza. — É melhor entender de uma vez por todas, Mike. Nem Hannah nem eu vamos aparecer em publicidade alguma. Farei qualquer outra coisa que você sugerir, mas isso, não. Então não adianta continuar insistindo.

Dito isto, ela se levantou e saiu da cozinha, sendo seguida por Milly.

— E o que você vai fazer? — gritou Mike para as costas dela. — Vai disparar foguetes de sinalização em todos os caras que circularem de jet ski, como fez com os barcos?

Hannah recolheu suas coisas da mesa, sorriu para Mike como se pedisse desculpas e foi atrás da mãe.

Eu o ouvi suspirar fundo.

— Vou pensar no assunto, Mike — falei, mais para ser gentil do que por uma intenção sincera. Ele estava tão decepcionado que eu tive que dizer alguma coisa.

Observou Liza se retirar, parecendo um homem faminto que teve a última refeição negada, e seus sentimentos eram tão óbvios que desviei o olhar.

— Certo — disse ele. — Então vamos ao plano B. — Deu um sorriso torto e pegou outra folha de papel. — Mas primeiro preciso bolar o tal plano B.

* * *

Não demorei muito para descobrir que Mike havia largado tudo para retornar à Silver Bay. Admitiu que já não tinha emprego nem namorada, e sequer onde morar, pelo visto.

— Mas posso pagar — avisou, ao pedir o antigo quarto de volta. — Meu saldo bancário é… Bem, não preciso me preocupar com dinheiro.

Parecia estranhamente mudado depois de um mês de ausência. Perdeu a astúcia e uma nova insegurança se insinuava. Ele tinha tendência a fazer perguntas, em vez de afirmações, e os sentimentos afloravam nele da maneira mais óbvia, já não mais mascarados por uma carapaça enganosamente imperturbável. Além disso ele passou a beber mais, e fiz questão de assinalar isso, o que o deixou sem jeito.

— Está tão ruim assim? — perguntou em voz baixa. — Acho que tentei não pensar sobre isso.

— É perfeitamente compreensível como medida a curto prazo — respondi.

Ele entendeu. Eu achava o novo Mike Dormer muito mais cativante. Essa foi uma das razões que me levaram a permitir que ele ficasse no hotel. Uma das poucas que eu estava disposta a confidenciar à Liza.

* * *

Enquanto isso, cada barco-discoteca, cada operador comum, daqueles que já tinham visto uma sardinha gigante, mas passaram a se descrever agente de ecoturismo, ia ganhando espaço no que nossas tripulações consideravam sendo águas deles. Era como se nos avaliassem, tentando calcular até que ponto poderiam invadir nosso negócio. A guarda costeira me contou que chegaram a conversar sobre uma possível ampliação do Cais das Baleias, para que outros pudessem vir para cá. Em duas ocasiões, os barcos-discoteca chegaram a entrar na nossa baía, e Lance deu queixa ao Serviço de Parques Nacionais e Proteção da Fauna Silvestre, responsabilizando-os pelo desaparecimento das baleias. O discurso oficial era que talvez os padrões migratórios estivessem mudando, talvez o aquecimento global alterasse aos poucos a época ou a distância da migração. Os observadores de baleias não engoliram essa desculpa. Yoshi tinha falado com alguns de seus velhos amigos acadêmicos, que achavam provável que houvesse algum problema mais específico no local. Os golfinhos ainda apareciam de vez em quando na baía, mas eu me perguntava se não se sentiriam ameaçados sendo foco de tanta atenção diária, após se tornarem a única atração dos turistas. Para cada grupo que aparecia, dois ou três barcos paravam por perto a cada horário de passeio, com turistas se debruçando nas amuradas com suas câmeras.

Talvez por Liza estar tão perturbada com a situação das baleias e — embora não admitisse — com o retorno de Mike, eu a convenci que Hannah deveria ter aulas de navegação. Levei-a com sua amiga à primeira, na baía de Salamander, e, quando a vi na água, me assustei ao constatar

que aquela não podia ser a primeira vez que ela navegava sozinha num bote. Mais tarde ela confessou, sorrindo, que eu tinha razão, e concordamos em que provavelmente era melhor não contar isso a sua mãe.

— Você acha que ela vai me deixar sair no *Glória de Hannah*? — perguntou ela no carro, ao voltarmos para casa, enquanto a cadela babava em seu ombro, feliz da vida. — Quando os professores disserem que já estou muito boa?

— Não deixe essa cadela roubar seu sanduíche — falei, empurrando o focinho de Milly.

O dia estava bonito, mas nuvens carregadas formavam uma linha escura e ameaçadora que se aproximava do oeste.

— Não sei, querida — continuei. — Acho que devemos dar um passo de cada vez.

— Greg acha que ela não vai deixar… só para irritá-lo.

— Ele disse isso a você?

— Eu o ouvi conversando com Lance. Eles não sabiam que eu estava escutando.

Eu precisava ter uma conversinha com o jovem Greg.

— O que sua mãe pensa de Greg não tem nada a ver com essa história — expliquei. — Você vai ter o seu barco. Mas, como falei, precisa ser paciente.

Reduzi a velocidade na estrada litorânea, para dar bom-dia ao velho Sr. Henderson, que voltava de bicicleta do mercado de peixes. Quando me virei novamente para Hannah, ela estava olhando pela janela.

— Dá para mudar o nome de um barco? — perguntou, os olhos fixos em alguma coisa ao longe.

— Por quê?

— Pensei em trocar o nome do meu. Assim que puder sair com ele.

— Dá, sim — respondi, já pensando no que eu ia preparar para o jantar daquela noite. Não sabia quantos baleeiros esperar. Devia ter perguntado ao Sr. Henderson o que estava em oferta no mercado. — Mas talvez seja melhor não trocar… Tem gente que diz que dá azar.

— Vou colocar o nome de *Querida Letty*.

Freei com tanta força que a cadela quase caiu no meu colo. Nenhuma de nós falou nada por um tempo, até que Hannah arregalou os olhos.

— Nem posso dizer o nome dela? — questionou.

Encostei o carro, erguendo uma das mãos para pedir desculpas à caminhonete que tivera de frear de repente atrás de mim. Depois que o veículo passou por mim, me virei no banco e afaguei o rosto de Hannah, tentando parecer menos perturbada do que me sentia.

— Você pode dizer o que quiser, querida. Desculpe. Levei um susto, foi só isso.

— Ela era minha irmã — disse Hannah, os olhos ficando cheios d'água. — *Minha irmã*. E gostaria de falar sobre ela de vez em quando.

— Sei disso.

Milly foi escalando o colo de Hannah, ganindo, pois detestava ver qualquer pessoa chorar.

— Achei que, se meu barco tivesse o nome dela, eu podia dizer quando quisesse, sem que todo mundo ficasse esquisito.

Encarei a menina e desejei ter algo, qualquer coisa, que pudesse lhe dizer para aliviar o que, nesse momento, compreendi que ela andava escondendo.

— Quero falar sobre ela sem que mamãe pareça que vai ter um troço, ou sei lá o quê.

— É uma ótima ideia, muito inteligente mesmo, Hannah, mas não tenho certeza se algum dia isso vai acontecer. Pelo menos não tão cedo.

Quando chegamos em casa, subi devagar para o meu quarto e abri a gaveta onde guardava a foto de Liza com suas duas filhinhas. As bordas estavam um pouco desiguais no pedaço que eu havia cortado aquele homem, com uma determinação bastante exagerada, por sinal. Eu sabia que, para Liza, a única maneira de proteger a Hannah e a si mesma era enterrando Letty. Só assim ela conseguiria continuar viva, e as duas poderiam ficar em segurança.

Mas não era tão simples. Elas não haviam conseguido enterrar Letty na época, e não conseguiriam fazer isso agora.

E tentar fingir o contrário não era jeito de viver.

* * *

Eu ia visitar Nino Gaines todas as tardes. Escovava seu cabelo, levava pijamas recém-lavados para ele e, quando me sentia corajosa, até o barbeava… Não por causa de nenhum sentimento, sabe, mas por não ter mais ninguém para fazer isso. Tudo bem, talvez Frank pudesse fazer, ou John John, ou quem sabe a esposa dele, mas os jovens estão sempre ocupados. Tinham a própria vida para cuidar. Por isso eu me voluntariava, todo dia passava algumas horas sentada lá, lia para ele os trechos do jornal que achava que seria do seu agrado e, de vez em quando, repreendia as enfermeiras em nome dele.

Eu precisava ir. Imaginava que ele devia detestar ficar sozinho lá, sentindo cheiro de desinfetante, o corpo forte e velho ligado a monitores que faziam bipes e a tubos que o alimentavam sabe Deus com o quê. Nino Gaines fora feito para viver ao ar livre: percorria de um lado ao outro as alamedas de seu vinhedo, parecendo um gigante ao lado das plantas, tirando o chapéu de vez em quando ao se curvar para examinar mais de perto esta ou aquela uva e resmungar sobre sua florescência ou acidez. Eu tentava não pensar muito sobre o seu estado atual: grande demais para aquela cama de hospital, mas, de algum modo, diminuído. Era óbvio que não estava dormindo, por mais que eu tentasse me convencer do contrário.

A família ficava feliz com a minha presença. Os parentes apareciam e deixavam alguma comida, que ficava estragando ao lado da cama. Traziam fotos, caso ele abrisse os olhos, e um rádio, pois talvez pudesse querer ouvir música. Todos cochichavam entre si, seguravam a mão dele e conversavam em grupo com os médicos sobre prognósticos e medicação, sendo tranquilizados pelos eletroencefalogramas, que demonstravam que seu cérebro estava funcionando muito bem. Mas eu mesma seria capaz de afirmar isso. Conversava com Nino sobre o vinhedo, sobre Frank ter contado que os primeiros botões da safra deste ano estavam quase desabrochando e sobre o fato de o dono de um supermercado ter vindo lá de Perth só para encontrá-lo depois de ter ouvido falar sobre como seus vinhos eram bons, incluindo-os no seu estoque. Falei sobre a consulta pública da Secretaria de Planejamento, que recebera uma quantidade sem

precedentes de objeções populares, inclusive uma pasta cheia com as opiniões das crianças da Escola Primária de Silver Bay, que consideravam as baleias mais importantes do que um ônibus escolar novo e moderno. Contei sobre Mike e as horas que ele passava sozinho no quarto, ao telefone, fazendo o que podia para suspender a obra. Conversei com Nino sobre minha secreta afeição pelo rapaz, apesar do que ele aprontara com a gente, e de seus olhos sempre vigilantes, que me parecia um reflexo do que ele esperava de si mesmo e do que os outros esperavam, e de como, quando ele olhava para a minha sobrinha, eu tinha a impressão de que talvez tenha tomado a decisão certa ao deixá-lo ficar.

E contei a Nino sobre o desaparecimento das baleias e sobre os pobres golfinhos que estavam sendo assediados. Também falei sobre minha sobrinha, que parecia tão perturbada pelo reaparecimento de Mike Dormer em sua vida, que não sabia o que fazer. Arranjava algo para se ocupar e depois desistia. Saía sozinha com o *Ishmael* e voltava num humor pior do que antes. Ignorava Mike durante todas as refeições, depois repreendia a filha quando ela fazia o mesmo. Estava furiosa comigo e com Hannah por termos permitido que ele se hospedasse no hotel. Jurou que não sentia nada por ele e, quando comentei que ela não enxergava um palmo diante do nariz, teve o atrevimento de me rebater dizendo "é o sujo falando do mal lavado".

Mas ela era uma boba, e Nino Gaines era um bobo caquético. Ficava ali, numa imobilidade atípica, com tubos fluindo para dentro e para fora do seu corpo. Não dizia nada, não fazia nada, apenas me deixava despejar meus problemas, como se não tivesse qualquer preocupação no mundo. Às vezes eu saía me sentindo esperançosa. Outras vezes, aquela imobilidade me deixava furiosa. Um dia a enfermeira me flagrou gritando "Acorde!" com tanta ferocidade que ameaçou chamar o médico.

Mas, quando eu ficava sozinha naquele quartinho e baixava a cabeça até encostar a bochecha no dorso da sua mão envelhecida — a que não tinha uma cânula enfiada sob a pele quase transparente —, só Nino Gaines podia sentir minhas lágrimas.

* * *

Choveu a tarde toda, como eu tinha adivinhado, e a chuva virou uma tempestade ao cair da noite. Meu pai chamaria isso de um pé d'água à moda antiga, enquanto minha mãe resmungaria que não tinha nada de diferente de nenhuma chuva. Mas eu entendia o que meu pai queria dizer: aquele era um temporal bíblico sem meias medidas, com trovões de fazer trincar os dentes e relâmpagos que atingiam o mar, como uma tempestade da estação das chuvas na cidade de Darwin. Quando voltei do hospital, liguei para a guarda costeira, e a pessoa de plantão me disse que não precisávamos nos preocupar porque o pior já havia passado. Mas sempre ficávamos com medo das trombas d'água, aqueles tornados no mar que passavam a impressão de que Deus estava apontando do céu, mas o resultado parecia partir do diabo. Fechei as persianas, acendi a lareira, e Liza, Hannah e eu nos sentamos diante da televisão. A criança assistia atentamente ao programa de que gostava, enquanto Liza e eu estávamos perdidas nos próprios pensamentos, e o vento açoitava à nossa volta, fazendo as luzes oscilarem, apenas para nos lembrar de que continuávamos à mercê de Deus. Por volta das seis e quinze da tarde, ouvi um barulho no corredor, então saí e encontrei Yoshi, Lance e Greg tirando os casacos impermeáveis e trazendo consigo o ar frio e úmido, com a pele reluzindo de chuva.

— Tudo bem se a gente fizer hora aqui com você, Kathleen? Achei que podíamos beber alguma coisa antes de voltarmos para casa — disse Lance, pedindo desculpas pela poça que seus pés haviam formado no chão.

— Vocês estavam no mar com esta chuva? Enlouqueceram?

— Alguém não conferiu a previsão do tempo — justificou Yoshi, olhando para Lance. — Tínhamos pensado em ir um pouco mais longe, contornar a costa em direção à ilha Kagoorie, para o caso de ter alguma baleia por lá, e aí a tempestade chegou depressa demais.

— Tudo bem, não tinha nenhum passageiro — disse Greg. — Mas as ondas estavam agitadas na volta. Enfrentamos ventos contrários durante o percurso inteiro. Mas, enfim, não passamos este tempo todo na água… estávamos amarrando bem os barcos. Dei mais um ou dois nós no *Ishmael*.

— É melhor vocês entrarem e se sentarem — falei. — Hannah, chegue para lá. Vou servir uma sopa.

Fiquei toda alvoroçada, como se eles fossem um inconveniente, mas na verdade estava contente em recebê-los. O hotel andava vazio nos últimos tempos, e a presença deles era reconfortante.

— Encontraram alguma? — perguntou Liza, baixando o jornal.

— Nem sinal delas — respondeu Yoshi, que remexeu no bolso e pegou um pente. — Tem alguma coisa estranha acontecendo, Liza, escute o que estou dizendo. Hoje também não havia nenhum golfinho. Se forem embora, ficaremos na pior.

— Se forem embora para onde? — Hannah ergueu a cabeça.

Liza lançou um olhar de advertência à Yoshi, só que já era tarde demais.

— Os golfinhos estão escondidos em algum lugar esperando o tempo melhorar — respondeu Liza com um tom de voz firme. — Daqui a pouco eles voltam.

— Com certeza se abrigaram perto das pedras — disse a menina. — Acho que eles se escondem naquela gruta pequena.

— É bem provável, tampinha — concordou Lance. — Nossa, que delícia — disse, ao tomar o primeiro gole de cerveja.

Yoshi se curvou pelo vão da porta que dava para a cozinha.

— Na verdade, Kathleen, posso tomar uma xícara de chá? Preciso me aquecer.

Relaxei um pouco quando percebi que o pior da tempestade já havia passado. Desde criança, eu contava os segundos entre os trovões e os relâmpagos, calculando a quantos quilômetros estava a tempestade. Só nesse momento, tendo certeza de que o pior já estava voltando para o mar, foi que consegui me concentrar na conversa à minha volta. Ainda me lembro da tempestade de 1948, quando dois cruzadores naufragaram em nossa praia e meu pai e os outros homens passaram metade da noite na água, resgatando os sobreviventes. Também recolheram os mortos, mas só descobri isso anos depois, quando minha mãe confessou que os cadáveres tinham ficado estendidos no museu até que as autoridades pudessem levá-los.

Greg se sentou perto de Liza. Cochichou alguma coisa, e ela assentiu de forma vaga. Em seguida, ele semicerrou os olhos.

— Mas o que é que ele está fazendo aqui? — perguntou com rispidez.

Parado no vão da porta, Mike segurava uma pilha de papéis, e ficou um pouco surpreso ao encontrar tanta gente na sala.

— Pagando as próprias despesas, Greg, exatamente como qualquer outra pessoa.

Eu não tinha lhe contado sobre a volta de Mike. Imaginei que acabaria sabendo, sem que eu precisasse dar qualquer informação, afinal não era da conta dele. Ao reparar na indiferença de Liza, imaginei que ela tinha pensado o mesmo.

Greg deu a impressão de que ia falar mais, porém alguma coisa em mim deve ter convencido ele a ficar em silêncio. Ele resmungou e depois se acomodou no sofá ao lado de Liza.

Mike se aproximou de mim.

— Parece que a linha do telefone caiu — disse, em voz baixa. — Não consigo conectar à internet.

— É comum acontecer isso quando chove forte — expliquei. — Aguente firme que mais tarde volta. A chuva não vai durar a noite toda.

— O que você está fazendo? Tentando arruinar mais alguns negócios?

— Pare com isso, Greg — rebateu Liza, irritada.

— Por que está defendendo esse sujeito? Como é que pode recebê-lo aqui, depois do que ele fez? — A voz de Greg tinha virado um ganido deselegante, e ele fuzilava Mike com o olhar.

— Não estou defendendo.

— Você devia ter enxotado esse cara para fora.

— Como se isso fosse da sua conta… — comentou minha sobrinha.

— Estou tentando consertar as coisas, está bem? — disse Mike. — Não tenho mais ligação com a Beaker Holdings. Quero que suspendam a construção do hotel.

— É, isso é o que você diz…

— O que está querendo insinuar?

Greg olhou para mim e perguntou:

— Como sabe que ele não é um olheiro?

Essa ideia nunca havia passado pela minha cabeça.

— A empresa dele deve saber que tem uma oposição se formando. Podem muito bem ter mandado esse cara sondar o que está acontecendo aqui.

Mike deu um passo na direção dele e baixou o tom de voz:

— Está me chamando de mentiroso?

Prendi a respiração, sentindo que o clima estava ficando pesado. Greg imitou o sotaque inglês para zombar:

— *Está me chamando de mentiroso?*

— Já estou cansado de…

— Sim, estou chamando você de mentiroso. E que tal também enganador, traiçoeiro, burocrata safado, vigarista…

Foi Greg quem deu o primeiro soco: o punho esquerdo percorreu o ar e desferiu um golpe oblíquo na lateral da cabeça de Mike. Ele cambaleou, e Greg lançou o punho de novo, mas Lance se meteu entre os dois e bloqueou o golpe com um grunhido audível. Mike se empertigou no mesmo instante, com os punhos erguidos.

— Para trás! — gritou Lance, girando o corpo, empurrando Mike para trás e derrubando sem querer uma mesinha de canto. — Para trás, pelo amor de Deus!

Meu coração batia tão acelerado que quase tive uma tonteira. Fiquei paralisada. Minha sala parecia pequena para aqueles homens. Parecia haver móveis quebrando e gente gritando por toda parte.

Mike levou a mão ao rosto, viu sangue nos dedos e curvou o corpo para a frente, dizendo:

— Seu canalha…

— Parem! — gritou Yoshi. — Vocês são ridículos, os dois!

Liza, em pé entre eles, ergueu as mãos e disse:

— Deem o fora daqui! Estão me ouvindo? Não vou tolerar isto na minha casa. Não vou!

E começou a empurrar Greg, tentando expulsá-lo da sala.

— O que foi que *eu* fiz? — berrou ele, enquanto Liza e Lance o desviavam para a cozinha.

— Não tenho que engolir essa merda de você! — gritou Mike.

Foi só quando os dois estavam em cômodos separados que minha respiração se normalizou.

— Pelo amor de Deus! — exclamou Lance, voltando para a sala. — Pelo amor de Deus!

Mike desvencilhou o braço e começou a limpar a maçã do rosto com um lenço. Quando se inclinou para ajeitar a mesinha de canto, ouvi um bate-boca entre minha sobrinha e Greg na cozinha, aos berros.

Foi então que reparei em Hannah. Ela estava encolhida num canto do sofá, agarrando Milly.

— Querida — comecei, tentando firmar a voz —, está tudo bem. É só a tempestade, que deixa todo mundo mal-humorado.

— Eles não vão brigar de novo, vão? — perguntou ela, com os olhos castanhos arregalados de medo. — Por favor, não deixe eles brigarem.

Levantei a cabeça e notei que Mike olhava fixo para ela, horrorizado com o efeito que aquela cena havia provocado na menina.

— Está tudo bem, Hannah — afirmou ele. — Não precisa ficar com medo.

Ela o observava como se não o conhecesse mais.

— É verdade. — Mike se ajoelhou. — Desculpe. Perdi a cabeça um instante, só isso, mas não foi nada sério.

Hannah não pareceu convencida e se encolheu.

— Agora está tudo bem. De verdade — acrescentou ele.

— Não sou idiota — murmurou Hannah, com uma expressão furiosa e amedrontada ao mesmo tempo.

Todos nos entreolhamos.

— Olhe — continuou Mike. — Vou mostrar.

Eu a segurei junto a mim e Mike se levantou e foi até a cozinha.

— Greg? — chamou, e senti a menina se retrair em meus braços. — Greg?

Mike desapareceu. Um segundo depois, os dois ressurgiram no vão da porta.

— Olhe — indicou Mike, estendendo uma das mãos, num gesto que percebi que quase o matou —, somos amigos, de verdade. Como Kathleen falou, foi só a tempestade que nos deixou um pouco de mau humor.

— É — confirmou Greg, apertando a mão estendida —, não precisa ficar com medo. Desculpe, querida.

Hannah me olhou, depois encarou a mãe. O sorriso de Liza pareceu tranquilizá-la.

— É verdade. Agora nós vamos embora — disse Mike, se esforçando para sorrir. — Desculpe, está bem?

— É, também vou — confirmou Greg. — Estou de saída. E, Liza — acrescentou, lançando um olhar penetrante para ela —, você sabe onde me encontrar.

Percebi que ela queria dizer alguma coisa, mas o telefone começou a tocar. Liza passou por Greg e foi atender no corredor.

— Kathleen, Hannah — chamou Greg, parecendo desanimado. — Desculpe mesmo. Eu não assustaria você por nada neste mundo, querida. Você sabe que…

Apertei os ombros de Hannah, mas ela ainda parecia sem vontade de responder.

De repente, Liza voltou à sala, terminando de vestir seu casaco impermeável. A briga já havia sido esquecida.

— Era Tom no telefone — anunciou com um tom de voz tenso. — Ele disse que há redes-fantasma flutuando na baía.

DEZOITO

Mike

A sala virou um turbilhão de atividade. Parado no centro do cômodo, pressionando o lenço no meu rosto ensanguentado, tive vontade de perguntar o que era uma rede-fantasma, mas as pessoas pareciam funcionar num ritmo que eu não conseguia acompanhar.

— Vou com vocês — disse Kathleen à Liza, colocando as luvas. — Fico no leme enquanto vocês cortam a rede.

Yoshi já tinha vestido a jaqueta.

— Alguém ligou para a guarda costeira? — perguntou ela.

Lance, com o celular no ouvido, comentou:

— Está sem sinal.

— Você fica aqui, querida — disse Liza à filha.

— Não — protestou Hannah, deixando sua fragilidade anterior de lado. — Quero ajudar.

Liza ficou séria.

— Não. Você fica aqui. Não é seguro.

— Mas quero ajudar…

— Então, fique aqui e, quando as linhas voltarem a funcionar, fique responsável pelos telefonemas. Ligue para o Serviço de Parques Nacionais, para o pessoal que cuida das baleias e dos golfinhos, para todo mundo em quem conseguir pensar. Peça para mandarem o maior número possível de pessoas, está bem? Os números estão na agenda na mesa do corredor. — Ela se ajoelhou e encarou a filha, olhos nos olhos. — É muito importante que você faça isso, Hannah. Vamos precisar do maior número possível de pessoas.

A menina pareceu ficar mais calma.

— Está bem.

Kathleen voltou para a sala, com um casaco impermeável e uma lanterna grande embaixo do braço.

— Coloquei as roupas de mergulho no porta-malas do carro. Estou levando uma lanterna de reserva… Todo mundo tem faca?

Greg enfiou bem fundo o gorro de lã na cabeça e respondeu:

— Tenho duas de reserva no galpão. Posso correr até lá para pegar. Lance, você pode dar uma carona, por favor? Vai ser mais rápido.

Olhei para Liza e me senti como da primeira vez que chegara ali: um forasteiro inútil.

— O que eu posso fazer? — perguntei.

Eu queria conversar com ela em particular, pedir desculpas pela minha estupidez e a do Greg, encontrar algum jeito de ser útil, mas Liza já estava com a cabeça em outro lugar.

— Fique aqui — disse para mim, dando uma olhada em Hannah. — É melhor que tenha alguém em casa. E não deixe a cadela sair. Como está o tempo, Kathleen?

Enfiou o cabelo dentro do chapéu e deu uma espiada do lado de fora.

— Já esteve melhor — respondeu ela —, mas não podemos fazer muita coisa em relação a isso. Muito bem, vamos. Manteremos contato pelo rádio.

Depois que todos saíram de uma vez, Hannah me explicou que imensas redes de pesca, algumas com muitos quilômetros de comprimento, com boias na parte de cima e pesos na de baixo, eram arrastadas pela corrente até a baía. Rotuladas de “paredes da morte”, foram declaradas ilegais nas águas australianas, mas, em consequência disso, muitas tinham sido descartadas no mar, ou então se soltavam dos navios e ficavam flutuando a esmo, até que, puxadas pelo peso dos animais marinhos que iam capturando e matando pelo caminho, afundavam no leito do oceano.

— Aprendemos sobre isso na escola — contou a menina —, mas nunca pensei que fossem chegar aqui. — Mordeu o lábio. — Espero que nossos golfinhos fiquem bem.

— Tenho certeza de que sua mãe e os outros vão fazer o possível para que os animais fiquem ótimos — animei-a. — Vamos, você não precisa dar uns telefonemas?

As linhas tinham voltado a funcionar e o sinal do celular fora restabelecido. Preparei uma xícara de chá para mim enquanto Hannah deixava recados urgentes em secretárias eletrônicas e, de vez em quando, conseguia falar com uma provável autoridade. Ela tinha uma segurança espantosa, pensei, para uma menina de onze anos. Mas, por outro lado, eu nunca havia conhecido uma menina dessa idade que tivesse um conhecimento tão grande sobre golfinhos.

Lá fora, os trovões e relâmpagos haviam saído de cena, mas a chuva caía sem piedade, descendo em cascatas pelas vidraças e martelando o telhado plano da varanda, feito um tambor insistente. Coloquei mais dois pedaços de lenha no fogo e andei de um lado para outro na cozinha, observando os olhos da cadela se direcionarem para lá e para cá, entre mim e a porta.

— Conseguiu falar? — perguntei, quando Hannah entrou.

— Com a maioria. Acho que a guarda costeira já deve estar lá. Eu queria ajudar — acrescentou, olhando ansiosa pela janela salpicada de chuva.

— Mas você está ajudando. Alguém precisava fazer aquelas ligações.

— Isso não é ajuda de verdade. Você está ficando com um hematoma — disse, apontando para a lateral do meu rosto.

— Bem feito para mim. — Sorri.

Hannah estendeu a mão para Milly, que ergueu o focinho.

— Olhei pela janela lá de cima e notei que tem vários barcos na baía com as luzes acesas.

— Viu, eu falei que eles vão ficar bem. Todo mundo saiu para ajudar.

Mas ela não pareceu me ouvir.

Nesse instante, escutei um som estridente vindo do andar de cima: meu celular.

— Volto num segundo — avisei, e subi saltando os degraus de dois em dois, enquanto me perguntava se seria Liza. Talvez ela tivesse tentado ligar quando Hannah estava ao telefone.

Mas, ao chegar no meu quarto e vasculhar um bolso, a tela do celular me mostrou outra coisa. Olhei para o nome que aparecia, para a luz que piscava ao fundo, e atendi.

— Alô? — Houve uma pausa. — Vanessa?

— Mike.

Pela janela, contemplei a noite escura e mal consegui discernir, através de toda aquela chuva, as luzes dos barcos que iluminavam o breu. Eu não tinha a menor ideia do que dizer.

— Fiquei sabendo que você se demitiu — disse ela.

Tive a impressão de que ela estava na porta ao lado. Eu me sentei na poltrona de couro e respondi:

— É, faz uma semana. Eu… Hã… Não cumpri aviso prévio.

Aquilo já parecia ter acontecido em outra vida.

— Estive fora — disse Vanessa. — Eu não sabia. Meu pai não me contou.

— Eu teria ligado, mas…

— É…

Fez-se um longo silêncio.

— Não voltei mais lá — recomeçou ela —, não com você e… e aquela mulher ainda lá.

Baixei a cabeça na palma da mão e respirei fundo.

— Desculpe mesmo, Nessa.

Outro silêncio. Senti sua mágoa e fiquei arrasado.

— Eu queria dizer que… foi uma estupidez e… você não merecia isso — afirmei. — Mas quero que saiba que foi apenas uma vez e me arrependo mais do que consigo dizer. Sério.

Mais silêncio. Imaginei que ela estava absorvendo minhas palavras.

— Por que você pediu demissão?

Franzi a testa.

— O que quer dizer com isso?

— Meu pai o forçou a ir embora? Porque nunca tive a intenção de fazer você perder o emprego. Quer dizer, sei que fiquei contra você naquela reunião… Mas eu só queria… Estava me sentindo tão…

— Não foi seu pai — interrompi. — A decisão foi minha. Achei que seria… melhor, sabe, considerando a… — Acabei me distraindo com os latidos da cadela. — Na verdade, ele me pediu para ficar.

— Que bom! Eu estava preocupada com isso. Mike?

— Hã?

Milly parecia estar na porta da frente. Fiquei em dúvida se devia descer, mas sabia que, se a cadela continuasse latindo, eu não escutaria mais nenhuma palavra que Vanessa dissesse. E para mim era importante esclarecer essa história.

— Vanessa, eu…

— Que barulho é esse?

Milly estava arranhando alguma coisa e ganindo. Eu me levantei e fui até a porta. Eu me perguntei se um dos baleeiros estava tentando voltar para casa. Mas raramente a porta ficava trancada.

— A cadela — respondi, distraído.

— Você não tem cachorro.

— Não é minha. — Tapei o bocal do telefone e chamei: — Hannah?

— Onde você está? — perguntou Vanessa.

Hesitei.

— Mike?

— Na Austrália — respondi.

Naquele instante percebi que o silêncio de perplexidade tem um som diferente dos outros. Parece durar mais e ter um peso maior, e depois implode sob o peso das perguntas não feitas.

— Austrália? — perguntou ela, com a voz fraca.

— Tive que voltar — expliquei, esticando o pescoço por cima do corrimão. — Falei que esse projeto era um erro, Nessa, e estou aqui para tentar consertar as coisas. Preciso desligar. Tem algumas coisas acontecendo lá fora… Desculpe, está bem? Desculpe por tudo. Preciso desligar.

Fiz isso e desci a escada correndo. Milly estava se jogando na porta da frente e latindo freneticamente.

— Hannah! — gritei, espichando a cabeça pela porta da cozinha, na esperança de que ela me dissesse o que estava acontecendo.

Mas não a encontrei na cozinha nem na sala. Também não estava em seu quarto ou em qualquer outro no segundo andar. Ela não estava falando ao telefone no corredor. Eu ainda estava tão desnorteado por causa

conversa que tive com Vanessa que levei mais tempo do que deveria para perceber que a jaqueta dela também havia sumido.

Encarei o gancho vazio, depois a cadela que não parava de latir me lançou um olhar penetrante, como se eu tivesse que fazer alguma coisa. Senti um aperto no peito.

— Ai, meu Deus — resmunguei, pegando um casaco impermeável. Depois me atrapalhei com a guia e a prendi na coleira de Milly. — Muito bem, minha velha — chamei, abrindo a porta —, me mostre para onde ela foi.

* * *

O pior da tempestade podia ter passado, mas a chuva ainda desabava em torrentes implacáveis, formando rios que encharcavam meus pés enquanto eu percorria a orla atrás de Milly. Acho que eu nunca tinha enfrentado uma chuva como aquela, que entrava na minha boca quando eu gritava o nome de Hannah e ensopou minha calça jeans e meus sapatos em segundos. Só a parte superior do meu corpo estava seca, protegida pelo casaco impermeável.

Milly puxava a guia, seu corpo parecia ter se transformado num míssil brilhante, importunada apenas por minha velocidade reduzida por causa do caminho sem iluminação.

— Calma! — eu gritava, mas a palavra era arrastada pelo vento.

Corri pela escuridão, tentando me lembrar de onde estavam os buracos, e vi caminhões chegarem ao cais, com os faróis altos embaçados pela umidade do ar. Na baía, conforme fui me aproximando, vi as luzes dos barcos, talvez a cem metros uns dos outros, oscilando ao enfrentarem as ondas. Não consegui distinguir muito bem o que faziam.

— Hannah! — berrei, por mais que soubesse que era inútil.

Rezei para que Milly soubesse quem eu estava procurando e não me levasse até Liza. A cadela derrapou até parar perto de uns galpões grandes que serviam de garagem, onde alguns observadores de baleias guardavam o equipamento. Havia várias portas abertas, como se as tripulações tivessem passado por ali com tanta pressa de entrar na água que nem

pensaram em proteger seus pertences. Milly entrou patinando em um dos galpões, arranhando o piso de concreto com as patas.

Hesitei com aquela quietude repentina, senti a guia molhada escorregar dos meus dedos e tentei me situar.

— Hannah! — gritei. A chuva tamborilava, provocando um barulho abafado no telhado plano, e caía em torrentes intermináveis pelas rachaduras das calhas. Havia uma lâmpada fraca no meio do teto, e consegui distinguir na parede um mapa de relevo que parecia retratar o fundo do mar. Ainda havia várias embalagens de plástico, caixotes de madeira cheios de ferramentas e, enfileirados na parede oposta, cordas, boias e rolos de lona. Senti cheiro de combustível. — Hannah?

Dei uma olhada na licença emoldurada na parede. Greg Donohoe. Era o galpão de Greg. Naquele breve momento de calma, me lembrei de uma parte da conversa que eu ouvira um dia sobre um barquinho que era proibido para Hannah. Um barco que ficava no galpão de Greg.

— Ai, meu Deus — falei, no espaço muito vazio à minha volta, e peguei uma lanterna, enquanto Milly, talvez chegando à mesma conclusão, saiu correndo em direção ao cais.

Saí correndo atrás, com os dedos cerrados na coleira do animal, e tentei combater o pânico crescente quando me aproximei mais do mar e vi as condições que os barcos enfrentavam. Ondas enormes arrebentavam na praia, agarrando e remexendo a areia, feito primas degeneradas das ondas pelas quais eu tinha passado alegremente quando fui correr em várias manhãs luminosas. Na baía, talvez uns oitocentos metros mar adentro, barcos oscilavam e motores rangiam, tentando firmar sua posição, e então ouvi vozes, um pouco mais altas que o barulho da chuva. Observei o horizonte, tentando tirar a água dos olhos, com a cadela puxando minhas pernas. Eu não tinha a menor ideia de onde a menina poderia estar no meio daquela escuridão, mas percebi que até as tripulações formadas por adultos experientes estavam enfrentando as águas revoltas com dificuldade.

— Hannah! — gritei outra vez.

Corri até o cais, vasculhando o chão à minha frente com o facho estreito da luz da lanterna. Cerca de trinta metros adiante, encontrei dois

homens empurrando uma pequena lancha para a água. Ambos usavam coletes salva-vidas. Mal consegui distinguir suas feições.

— Preciso da ajuda de vocês — pedi, arfando. — Tem uma criança, uma menina… acho que ela entrou na água.

— O quê? — Um dos homens se aproximou e o reconheci: era um dos passeadores de cachorros com quem eu costumava encontrar quando estive aqui antes. — Você vai ter que gritar, cara. Não estou escutando.

— Uma menina — gesticulei em direção à baía. — Acho que deve ter saído sozinha num bote. E é só uma criança.

Os dois se entreolharam, depois se voltaram para a lancha.

— Pegue um colete — gritou um deles.

Não consegui pensar onde podia deixar Milly, por isso também a joguei dentro da lancha e ajudei os homens a empurrar a embarcação para a água.

— Hannah McCullen! — berrei, quando o motor começou a funcionar com um rugido. — A menina do hotel.

O outro me indicou que eu devia apontar a lanterna para o mar. Quando agarrei a borda lateral com a outra mão, tentando me firmar, ele pegou a própria lanterna e a enganchou na proa da embarcação, vasculhando as ondas.

Se eu não estivesse tão preocupado com a segurança de Hannah, teria sentido medo. Sempre tentei evitar situações de risco e, quando a lancha subia e depois descia nas ondas, batendo na água e me sacudindo, eu desejava estar em qualquer outro lugar do mundo que não aquele mar.

— Viu alguma coisa? — berrou o homem de boné azul.

Neguei com a cabeça. Eu estava tremendo de frio, o que dificultava manter Milly encaixada em segurança entre as minhas pernas. Amarrei a coleira no corrimão de metal da amurada. Eu precisava me concentrar em encontrar Hannah.

— Temos que prestar atenção às redes — gritou um dos dois. — Se alguma se enganchar no motor, estamos ferrados.

Entendi o plano deles: começar pela extremidade do cais e fazer uma varredura na baía, examinando todos os barcos que conseguíssemos ver, para ter certeza de que ela não estava entre eles. Eu me sentei agarrado à lateral, o estômago revirando enquanto enfrentávamos as ondas, o feixe de

luz da minha lanterna oscilando, sem mostrar nada além das águas revoltas e escuras sob nós. Ao nos aproximarmos das outras embarcações, tive a impressão de que metade de Silver Bay tinha ido para lá, tanto em enormes embarcações de cruzeiro quanto em lanchinhas a motor. Vi pessoas usando roupas de mergulho, outras com capas de chuva, manipulando tesouras. Não nos notaram. Estavam concentradas em sua tarefa e tentavam manter os barcos estáveis.

— É grande para cacete! — berrou um dos homens.

Presumi que estivesse falando da rede, mas não consegui ver nada. Fomos avançando com dificuldade pelas ondas até chegar ao barco seguinte. Nada de Hannah. Eu me perguntei se tinha entendido errado, vai ver o barquinho não estivesse mais no galpão de Greg. Talvez Hannah tivesse ficado em casa e eu fizera uma confusão. Mas então me lembrei da reação de Milly, com sua expressão tensa e vigilante, e decidi confiar na cadela. Eu não podia correr o risco de acreditar que Hannah não estava ali.

Ao passarmos pelo sexto ou sétimo barco, em direção à entrada da baía, percebi as redes-fantasma. Passamos entre um dos *Mobys* e outro barco de passeio e, com uma iluminação maior que era projetada pelas luzes deles, vislumbrei o que parecia ser uma rede emaranhada, visível apenas na superfície das ondas iluminadas pelos holofotes. Vi formas que não consegui identificar e me esforcei para entender o que estava à minha frente.

Então Milly se manifestou, latindo com ansiedade, e ouvi gritos. A cadela saltou e puxou a coleira. Girei a lanterna e gritei para os homens desligarem o motor. Conforme a embarcação foi parando, ouvi Hannah dando um gritinho agudo, aterrorizado. Quando os homens religaram o motor e seguiram para onde eu apontava com o braço, vi, brevemente iluminado por meu tênue feixe de luz, um bote balançando de forma perigosa, com uma pessoinha agarrada à lateral.

— Hannah! — gritei, e a lancha girou na direção dela, o som do motor sendo quase abafado pelo barulho da cadela. — Hannah!

A luz do barco apontou para ela, e vi claramente seu semblante contorcido de medo, as mãos agarradas à lateral, o cabelo grudado no rosto, sendo atingida pela chuva.

— Está tudo bem! — gritei, sem saber se ela conseguia ouvir.

— Socorro! — Ela estava chorando. — As redes enroscaram no meu leme. Não consigo me mexer.

— Está tudo bem, querida. — Sequei um pouco da chuva que caíra nos meus olhos. — Estamos chegando. — Eu me virei ao sentir o motor reduzindo. — Mais perto! — berrei para os homens. — Temos que chegar mais perto!

Um deles xingou.

— Não posso chegar mais perto — berrou —, ou vamos ficar presos nas redes. Vou passar um rádio para o barco salva-vidas.

— Podemos jogar uma corda? — perguntei.

— Se a rede se enroscou no leme, não vai adiantar.

O grito de Hannah, ao ser atingida por uma onda imensa, me deixou eletrizado.

— Vou pegá-la! — gritei, chutando os sapatos para longe.

— Tem certeza de que consegue?

— O que mais podemos fazer, porra?

Um dos homens me entregou uma tesoura quando tirei o casaco. O outro amarrou as tiras do meu colete salva-vidas e disse:

— Tome cuidado para também não se enroscar nas redes. Vou tentar manter a luz em você. Nade para onde eu a apontar, entendeu? Siga o feixe de luz.

Mesmo com o colete salva-vidas, a força e o frio do mar me atingiram como uma pancada. Fiquei sem ar quando mais uma onda arrebentou em cima de mim, e a água salgada fez meus olhos arderem. Lutei para voltar à superfície e semicerrei os olhos para a luz, tentando descobrir qual direção seguir. Enrosquei a alça da tesoura no pulso e, enquanto outra onda me atingia, comecei a nadar.

Hannah devia estar a uma distância de apenas dez ou doze metros, mas aquela foi a vez que nadei mais arduamente na vida. As ondas e a correnteza me puxavam para longe da menina, e o som de seus gritos desaparecia sempre que uma onda cobria minha cabeça. Eu respirava quando conseguia, baixava a cabeça e avançava a duras penas para onde achava que ela estava, ouvindo os gritos dos homens atrás de mim,

enquanto os de Hannah aos poucos ficavam mais altos. Não tive tempo para sentir medo. Eu me tornei uma máquina que içava um braço por vez para fora da força devoradora do mar, subia e descia com uma nova onda, e dizia a mim mesmo que a cada braçada, contrariando as evidências, eu chegava mais perto do barquinho.

A uns três metros de distância, vi que ela estava de colete salva-vidas e dei graças a Deus por isso.

— Hannah! — gritei, quando ela se debruçou sobre a borda na minha direção. — Você vai ter que nadar.

E então eu vi. Quando o facho de luz do barco dos homens girou, mais forte e talvez mais perto que antes, a onda ergueu a rede enrolada no leme de Hannah e, de repente, iluminado na água escura, vi algo que jamais esquecerei. Presos nas linhas finas da rede emaranhada, visíveis apenas por um instante, havia corpos de peixes, aves marinhas, partes de animais que talvez houvessem morrido semanas antes, todos suspensos naquela rede quase invisível, na parede flutuante da morte. Naquele instante, vi um filhote de tartaruga, uma imensa gaivota — ou talvez fosse um albatroz — com as penas parcialmente arrancadas — e, pior ainda, perto da superfície havia um golfinho, de olho aberto, o corpo envolto na rede apertada. Não sou especialista em animais marinhos, mas percebi que ele estava vivo. E Hannah, debruçada na borda, também percebeu isso. Ouvi seu grito lancinante e, ao estender a mão para a lateral do barco, vi refletido em seus olhos arregalados o horror diante do que eu também havia testemunhado. Ergui uma das mãos, sentindo um calafrio enquanto rezava para não encostar nos corpos putrefatos ali embaixo.

— Hannah! — berrei. — Você tem que nadar. Venha!

A luz se desviou de nós, mas depois voltou a nos iluminar. Por um milésimo de segundo, vi o rosto pálido da menina, ainda fixado na água. Ela chorava bastante, ignorando minha presença, paralisada por saber o que havia logo abaixo.

— Hannah! — implorei. Eu não tinha como subir para buscá-la: minhas pernas estavam geladas demais e não havia onde me apoiar. — Hannah! — repeti, encolhendo involuntariamente uma das pernas ao senti-la esbarrar em alguma coisa.

E então, acima da chuva, dos meus gritos e dos latidos de Milly, entendi o gemido de desespero da menina:

— *Sombrinha!*

Espero que essa cena tenha sido o mais perto que chegarei de uma visão do inferno. Hannah estendeu a mão para mim e, quando me virei, talvez uns quinze metros da rede-fantasma voltaram a ser iluminados, dando destaque à sua carga macabra e impotente. Arrepiado, imaginei sua extensão, o número de animais que estariam morrendo em silêncio ali embaixo, e os baleeiros e tripulantes dos barcos tentando libertar os ainda vivos.

— Você tem que tirar ela daí! — gritava Hannah. — Tem que tirar!

— Hannah, temos que ir para o barco! — retruquei.

Mas a menina estava quase histérica.

— Solte ela da rede! Por favor, Mike. Corte a rede!

Não havia tempo para discutir. Respirei fundo, prendi o ar e, quando a luz tornou a girar, agarrei a tesoura e mergulhei.

O silêncio foi o mais surpreendente. Depois do barulho, do vento, da chuva e dos gritos de Hannah, senti um estranho alívio ao me afastar do caos. Então, o golfinho aprisionado surgiu no meu campo de visão e me adiantei para ele, percebendo, ao fazer isso, a facilidade com que as minhas pernas poderiam se prender àquela rede, me arrastando para baixo. Golpeei as linhas com a tesoura, tentando manter um ponto de apoio, enquanto o peso inesperado da rede-fantasma me deixava sem equilíbrio. Fui cortando e, no meio da luta com a rede, senti os fios de náilon cederem. O golfinho se retorceu, talvez despertando-se do torpor mortal pelo susto dessa nova ameaça. Quando a luz atingiu a água e deslizou sobre nós, notei que o animal sangrava, sua nadadeira dorsal tinha sido quase decepada, e sua pele exibia cortes em consequência da luta contra as fibras da rede. Tive que fechar os olhos repetidas vezes, enquanto os cadáveres continuavam subindo ao meu encontro, a rede rodopiando, ameaçando me tornar parte daquele conteúdo assustador.

— *Mike!*

Ouvi ao longe o gemido abafado de Hannah. Então, de repente, cortei o último pedaço da rede e o golfinho fugiu, ondulando rumo à escuridão

turva, nadando para o que eu esperava que fosse o mar aberto. Voltei para a superfície, com a boca escancarada de alívio.

— Hannah! — gritei, erguendo a tesoura.

Finalmente, com o rosto lívido de medo, ela deslizou pela borda do barco para os meus braços e grudou o rosto no meu, para não ter que ver mais nada do que estava ao nosso redor.

* * *

Depois de se certificar de que eu havia libertado o golfinho, ela ficou quieta durante a viagem de volta à praia. Perguntou no meu ouvido se eu tinha visto um filhote e, quando respondi que não, afundou o rosto no pescoço molhado de Milly.

Eu a segurei junto a mim enquanto subíamos e descíamos as ondas mais uma vez e tentei não tremer de forma muito violenta, mas os olhares que troquei com os dois homens me disseram tudo o que eu precisava saber sobre a sorte que tivemos.

Liza saiu correndo em nossa direção assim que chegamos ao cais. Usava um traje de mergulho e seus olhos estavam cheios de medo. Sequer me viu por causa do seu grande desespero de abraçar a filha.

— Desculpe, mamãe. — Hannah chorava, com os braços gelados, fracos, apertando com força o pescoço da mãe. — Eu só queria ajudar os golfinhos.

— Eu sei, meu bem. Eu sei…

— Mas a Sombrinha… — Ela começou a chorar ainda mais. — Eu vi…

Liza pegou o cobertor que lhe entregaram, envolveu a filha e a balançou no colo com toda a delicadeza, como se a menina tivesse muito menos de onze anos. Uma pequena aglomeração se formara na areia iluminada pelos faróis dos carros.

— Ah, Hannah — repetia a mãe, e sua voz entrecortada me deixou arrasado.

— Mil desculpas, Liza — falei, quando ela enfim ergueu os olhos. Estava tremendo muito, apesar de alguém ter estendido um cobertor sobre os meus ombros. — Subi por uns cinco minutos e…

Ela balançou a cabeça, sem dizer nada, e no escuro foi impossível saber se estava me desculpando ou me avisando para não chegar mais perto. Ou talvez balançasse a cabeça por estar pasma diante da insensatez impressionante de um homem que não era capaz de passar quinze minutos de olho numa menina de onze anos.

— Acho que aquele barquinho já era — comentou alguém. — Com as redes emaranhadas no leme, eu não ficaria surpreso se afundasse.

— Não me importo com o barco — retrucou Liza, com o rosto colado no da filha. E então, enquanto Hannah chorava ainda mais, acrescentou: — Está tudo bem, querida, você está segura agora.

Era difícil saber se ela estava consolando a filha ou a si mesma. Fiquei observando as duas, com vontade de abraçá-las. Revivi a sensação de ser arrastado para baixo, que eu experimentara ao me debater com a rede, quando compreendi que havia sabotado minha última chance com Liza e o que minha falta de atenção quase custara a ela.

Senti um aperto no peito e baixei a cabeça. Então alguém gritou que um dos barcos maiores ficara preso na rede, e várias pessoas seguiram para o cais.

Uma mulher que eu não conhecia me entregou uma caneca com chá adoçado. A bebida queimou minha boca, mas nem me importei. Kathleen apareceu atrás de mim.

— É melhor levarmos você para casa — disse ela, apoiando a mão nodosa no meu ombro.

De repente, Greg veio correndo até nós no escuro.

— Liza? — gritava ele cheio de medo. — Liza! Fiquei sabendo agora. Hannah está bem?

Havia certa propriedade no seu medo, mas, pelo menos dessa vez, me senti mais solidário do que indignado com ele.

— Desculpe — repeti para a escuridão, na esperança de que Liza me ouvisse.

Em seguida, cercado por desconhecidos, dei meia-volta e subi devagar a trilha que levava ao hotel.

* * *

Era quase uma hora da manhã quando me senti aquecido outra vez. Kathleen me proibira de tomar o banho fumegante que eu tanto queria, mas me entupira de chá quente até que eu implorasse para parar. Acendera a lareira no meu quarto, que eu achava que era meramente decorativa. Enquanto eu tremia de frio sob vários edredons, trouxe para mim uma bebida quente que ela mesma preparara, que incluía limão, mel, algum condimento picante e igual medida de conhaque.

— Não podemos correr nenhum risco — disse, ajeitando minhas cobertas como se eu fosse uma criança. — Você ficaria surpreso se soubesse quais as consequências de entrar num mar daqueles.

— Hannah está bem? — perguntei quando ela estava prestes a sair, depois de colocar mais lenha na fogueira.

— Está dormindo — respondeu, limpando uma poeira inexistente da calça. — A menina está exausta. Mas vai bem. Recebeu o mesmo tratamento que você, menos o conhaque.

— Ela ficou… muito chocada com o que viu.

Por um breve instante, a expressão de Kathleen se fechou.

— Não desejo que ninguém veja uma coisa dessas — disse —, mas fizemos o possível. Libertaram uma baleia, sabe, perto da casa dos Hillman. E continuam na luta. Ah, imagina o que aquela rede teria pego, se os rapazes não a tivessem visto…

Relembrei as águas turvas, os corpos boiando, e, como vinha fazendo nas últimas horas, tentei afastar essa lembrança. Eu queria saber se Liza ainda estava lá fora, enfrentando o mar revolto para destruir as redes.

— Kathleen — chamei em voz baixa —, me desculpe…

Mas ela me interrompeu:

— Você precisa descansar — disse com firmeza. — De verdade. Cubra-se bem e durma um pouco.

E, por fim, completamente exausto, obedeci.

* * *

Acordei com um barulho, sem saber ao certo se tinha dormido por horas ou minutos. Os anos que passei morando em Londres me deixaram atento

a qualquer ruído noturno inesperado. Apoiei um dos cotovelos na cama para me erguer, piscando no escuro, ainda desnorteado sem saber o que era sonho ou realidade.

Passei um tempo sem saber onde estava, mas as brasas quase extintas da lareira avivaram minha memória. Eu me sentei direito, deixando as camadas de cobertas caírem, enquanto meus olhos se adaptavam à escuridão.

Havia alguém em pé perto da cama.

— O que…

Liza McCullen se inclinou para a frente e tapou minha boca com um dedo.

— Não diga nada — murmurou.

Fiquei um tempo em dúvida sem saber se ainda estava sonhando. Eu mal conseguia distinguir a silhueta dela no quarto escurecido. Tive sonhos esporádicos e horrendos, nos quais eu me sufocava na água cheia cadáveres dos desaparecidos. Ali, na cálida escuridão, senti que Liza estava com cheiro de mar, e notei uma vaga aspereza do sal em sua pele quando nossas mãos se tocaram, e, assim que ela se aproximou, senti seu hálito e a espantosa e cativante maciez dos seus lábios nos meus.

— Liza — falei, sem saber direito se seu nome apenas dominava meus pensamentos ou se eu o dissera em voz alta. *Liza*.

Sem dizer nada, ela deslizou para o meu lado na cama, seus braços e pernas ainda frios e úmidos por causa do ar noturno. Seus dedos percorreram meu rosto e pararam por um instante ao tocar os ferimentos causados por Greg, depois se enroscaram no meu cabelo. Ela me beijou com uma ferocidade que me incapacitou. Senti o peso delicado do seu corpo sobre o meu, a frieza repentina de sua pele na minha, quando ela tirou a camiseta pela cabeça. Ouvi o crepitar distante das chamas e então, com os pensamentos desordenados, eu a contive. Segurei seu rosto, tentando vê-la, tentando avaliar onde eu estava me metendo.

— Liza — repeti. — Não estou entendendo.

Em cima de mim, ela ficou imóvel. Mais do que ver, senti que ela me olhava.

— Obrigada — sussurrou. — Obrigada por ter trazido minha filha de volta para mim.

Estava elétrica, como se cada fibra do seu corpo pulsasse de energia, como se ela fosse uma força da natureza indomável, um gênio libertado de uma lâmpada. Eu passara semanas imaginando isso, me visualizara fazendo amor ternamente com aquela moça triste, beijando-a até fazer sua melancolia desaparecer. Mas ali, agarrada a mim, estava alguém que eu não tinha previsto: voraz, envolvente, cheia de vida. Tinha um corpo tão ágil quanto o de uma enguia e se movia sobre mim com a mesma insistência das ondas. Sua facilidade em se entregar me deixou sem graça. Será que era um agradecimento? Tive vontade de fazer essa pergunta em meus poucos momentos restantes de lucidez. Será que era uma reação ao susto daquela noite? Em algum lugar nas profundezas recônditas da minha memória, relembrei as palavras de Kathleen: Liza se ressente demais da morte dos animais marinhos. "E então, uma ou duas vezes por ano, aquele pobre coitado acha que tem alguma chance." Eu estava prestes a falar, quando os lábios dela se fundiram aos meus e sua pele se aqueceu e ardeu com ferocidade na minha. No momento em que senti o calor crescer dentro de mim, fiquei impossibilitado de falar ou pensar o que quer que fosse.

* * *

Encontrei a cama vazia ao acordar. Antes mesmo de despertar por completo para pensar com alguma clareza, me dei conta de que sabia que seria assim. Pisquei com força à luz do amanhecer e deixei os acontecimentos da noite anterior se infiltrarem aos poucos em mim.

Liza permitira a minha entrada. Eu havia olhado no fundo dos seus olhos iridescentes e enxergado sua alma. E, ao me acolher, ela me deixara ser o homem que eu sempre quisera ser para ela, o homem que a vida inteira eu esperara me tornar. Forte, seguro, cheio de paixão, e não uma fraca imitação de amor. Alguém que, por pura força de vontade, poderia protegê-la, valorizá-la, lhe fazer feliz. Eu me sentia como se tivesse

envelhecido vinte anos e, ao mesmo tempo, eu parecia um menino. Tive a impressão de ser capaz de demolir prédios com as próprias mãos.

Enquanto meus olhos se ajustavam à luz e eu me sentava, não soube se ficava eufórico pelo que recebera ou melancólico por aquilo que já haviam tirado de mim.

Eu tivera tanta certeza de que acordaria sozinho que vários minutos se passaram antes que eu pudesse perceber que não estava sozinho no quarto. Vi Liza sentada na poltrona de couro, que havia empurrado para perto da janela. De calça jeans, tinha dobrado as pernas e abraçava os joelhos junto ao queixo. Dei uma olhada no meu relógio: cinco e quinze.

Eu a observei, desejando fazer isso para sempre e tendo noção de que, quando ela percebesse que eu estava acordado, eu teria de esconder este fato. Senti uma inesperada empatia por Greg, pois agora também sabia o que era amar alguém inatingível.

— Bom dia — murmurei.

Por favor, não se afaste muito, pedi em silêncio. Por favor, não deixe óbvio que está arrependida.

Ela se virou devagar. Seus olhos encontraram os meus, e notei que, por onde quer que seus pensamentos vagassem, estavam longe de mim. Como era possível, questionei, se para mim era como se seu corpo estivesse registrado no meu, como se seu sangue estivesse correndo em minhas veias?

— Mike, você falou que entende de publicidade, não é?

Eu me esforcei para acompanhar o que ela dizia.

— Falei.

— E se uma pessoa que fez uma coisa realmente terrível resolvesse confessar? Uma coisa que ninguém soubesse. Isso geraria publicidade, não é?

Passei a mão pelo cabelo.

— Desculpe — comecei. — Não estou entendendo…

— Vou contar para você como Letty morreu — avisou ela, com a voz baixa, porém muito clara. — E aí você me conta quem podemos salvar com isto.

DEZENOVE

Liza

Nitrazepam, ou Mogadon, como é conhecido comercialmente. Quarenta e dois comprimidos num frasco. Comprimidos para me ajudar a dormir. O que era legítimo e compreensível, considerando-se meu histórico de depressão pós-parto e o estresse de formar uma nova família. O médico havia receitado com prazer. Na verdade, nem sequer prestara muita atenção, de tão satisfeito por ter um paciente com problemas de simples solução. Ele já me conhecia há algum tempo, pois me acompanhara durante toda a gravidez. Conhecia minha sogra, o pai do bebê e minha origem. "Preciso conseguir dormir direito", eu dissera. "Só por algum tempo. Sei que assim serei capaz de lidar melhor com as coisas."

Ele me entregara a receita sem hesitar nem por um instante, depois se voltara para a tela do computador, com o intuito de se preparar para a próxima paciente. Pouco depois, lá estava eu no estacionamento da farmácia, observando o rótulo do frasco na minha mão, lendo as advertências. Eram soníferos, comprimidos que, nas circunstâncias erradas, tiravam vidas. Quando os segurei, senti uma emoção estranha, vazia, porque aquilo ia devolver minha vida.

Quando comecei minha vida na Austrália — minha vida de verdade, não aquele período em que apenas existi —, Kathleen me convenceu a consultar seu médico e pedir alguma coisa que me ajudasse a dormir. Os pesadelos ainda me atormentavam, tanto que às vezes eu ficava com medo de deitar minha cabeça no travesseiro. Durante o sono, eu via a expressão aterrorizada de Letty, eu a ouvia gritar meu nome e rezava para esquecer. O primeiro remédio receitado pelo médico australiano foram esses comprimidos, embora tivessem outro nome. Quando vi do que se tratava, na receita que ele me entregou, cambaleei na sua direção e desmaiei.

* * *

Pessoas mal informadas me diziam que eu tinha vindo de um lar desfeito, mas essa nunca foi minha impressão. Nunca senti falta de um pai: minha mãe bastava, abençoada por um espírito indomável, com um grande amor e orgulho maternos, decidida a não me deixar repetir seus erros, me dando uma educação decente. Ela me conduzia e me perseguia, me repreendia e me adorava, e, apesar de obviamente não sermos uma família rica nem convencional, nunca me faltou nada. Até pelos padrões infantis eu sentia que podia desfrutar de muita coisa. Minha mãe trabalhava sem parar, em empregos mal remunerados de meio período, os quais me permitiam que ela me mantivesse por perto. Era comum ela trabalhar enquanto eu dormia, e hoje não entendo como conseguia provocar um sorriso em mim — e me oferecer uma refeição pronta — no café da manhã.

Morávamos numa casinha num bairro que era meio vilarejo, meio subúrbio, a uma pequena distância de Londres, alugada de uma mulher para quem mamãe já havia trabalhado. Eu tinha uns vinte amigos no raio de um quilômetro de casa e, nessa área, havia liberdade para fazer praticamente tudo o que eu quisesse. Durante a minha infância voamos duas vezes para a Austrália, o que me tornou uma especialista em assuntos globais se comparada com as outras pessoas da minha idade. Um dia, mamãe me prometeu que iríamos morar lá com tia Kathleen. Mas acho que ela não queria se aproximar dos meus avós, afinal, nunca falou muito bem deles. E, quando meu avô morreu, ela encontrou outros motivos — o emprego novo, minha escola, um homem a quem se apegara — para não se mudar de vez para o outro lado do mundo.

Até que já era tarde demais. O câncer da minha mãe foi de uma eficiência impressionante. Ela havia emagrecido, um motivo de orgulho, que depois virou uma preocupação quando ela descobriu que aquilo não era apenas a consequência do seu cuidadoso monitoramento das calorias. O último "homem bom" — um divorciado que morava a uma hora de trem — deu desculpas para não ir visitá-la e, quando o tratamento ficou mais difícil e desagradável, quando as exigências afetivas dela aumentaram, o relacionamento acabou de vez. Talvez mortificada pelo desaparecimento

desse homem e se mantendo independente até o fim, ela não contou à Kathleen que estava morrendo. Um tempo depois, descobri que tinha mandado uma carta, que só chegaria após sua morte. Ela escreveu à irmã que eu não devia ser pressionada a ir para a Austrália, mas, onde quer que eu escolhesse morar, pediu que me apoiasse. Foi a única decisão ruim que ela tomou durante sua carreira materna.

Não existe uma idade ideal para perder a mãe, mas, com dezessete anos, eu estava terrivelmente despreparada para enfrentar a vida sozinha. Vi minha mãe, aquela mulher cheia de glamour e orgulho, encolher e quase sumir. Vi seu apetite pela vida desaparecer, enterrado na morfina e na confusão. No começo, fiz tudo que pude para cuidar dela, e depois, conforme as enfermeiras foram tomando conta e me dei conta do que minha mãe não tivera coragem suficiente para me contar, eu me afastei. Disse a mim mesma que aquilo não estava acontecendo e, enquanto as amigas dela cochichavam sobre como eu era corajosa e competente, eu ficava sentada em casa, sozinha, olhando para aquelas contas impiedosas, e desejava ter a vida de qualquer pessoa, menos a minha.

Minha mãe morreu numa noite escura e penosa de novembro. Ao seu lado, disse para ela parar de se desculpar, que eu ficaria bem, que eu sabia que era amada. “Tem dinheiro na minha bolsa azul”, avisara ela com a voz rouca, num dos seus últimos momentos de lucidez. “Use para ir até a casa de Kathleen. Ela vai cuidar de você.” Mas, quando dei uma olhada, havia menos de cem libras, o que não era suficiente nem para me levar à Escócia, muito menos à Austrália. Desconfio que o orgulho me impediu de contar minhas dificuldades à Kathleen. Como talvez fosse previsível, fiquei desorientada. Larguei a escola e arranjei um emprego de repositora de prateleiras num supermercado, depois descobri que não conseguiria me sustentar com isso na casa da minha mãe. Os atrasos no aluguel se acumularam, até a amiga dela me dizer, pedindo desculpas, que não tinha como me deixar ficar. Ela me ofereceu um trabalho de babá, e eu poderia dormir no emprego, mas ficou aliviada quando falei que ia morar com uma amiga.

Minha vida virou um caos. Vendi as joias da minha mãe, embora o pouco que elas valiam mal desse para me alimentar. Passei a morar num

imóvel invadido, descobri as boates e fui trabalhar como garçonete, me esforçando para ir embora, todas as noites, bêbada o bastante a ponto de não pensar em como me sentia sozinha ao chegar em casa. Adotei o estilo gótico por um tempo e, aos vinte e um anos, engravidei de um dos inúmeros homens que passaram por aquele imóvel abandonado em Victoria, um cara enorme de quem eu nunca soubera o sobrenome, mas que preparou um delicioso ensopado de lentilha, afagou meu cabelo e me chamou de "benzinho" numa das noites em que eu tinha conseguido dinheiro suficiente para ficar muito, muito bêbada.

Assim que descobri que estava grávida, tudo mudou. Não sei se foram os hormônios ou apenas na herança do bom senso da minha mãe, mas o instinto de autopreservação se impôs. Pensei no que tinha evitado durante quatro anos e no que minha mãe diria se pudesse ver como eu estava. Em momento algum considerei me livrar do bebê. Fiquei feliz com a perspectiva de voltar a ter uma família, alguém ligado a mim por laços de sangue.

Então, tirei a tintura agressiva do cabelo, arranjei um emprego de babá e, quando Hannah nasceu, amigos dessa família arranjaram um trabalho para mim numa loja de molduras. Eles me deixavam trabalhar até uma e meia da tarde, quando eu tinha que buscar o bebê na creche. De vez em quando, eu escrevia para Kathleen e mandava fotos, e ela sempre respondia imediatamente, anexando algumas libras "para comprar alguma coisa para a neném" e me dizendo que estava orgulhosa de mim pela vida que eu construíra. Não era uma vida fácil nem financeiramente estável, mas era mais ou menos feliz. Acho, como dizia minha tia, que minha mãe teria ficado satisfeita. E então, um dia, Steven Villiers entrou na loja e pediu uma moldura dourada com friso verde-escuro para uma gravura que havia comprado. E minha vida, tal como eu a construíra, mudou para sempre.

Eu era solitária, sabe. Eu tinha certeza de que era uma sorte poder contar com uma família que se dispusera a me aceitar com um bebê, mas eu costumava observá-los à mesa da cozinha, brincando uns com os outros diante da televisão, as crianças cutucando com os pés o pai benevolente,

ainda usando o macacão encardido. Eu invejava até as brigas que eles tinham. Eu adoraria ter alguém com quem discutir.

Enquanto via Hannah se transformar de um bebezinho fofo e choroso numa criança radiante e afetuosa, eu desejava as mesmas coisas para ela. Um pai que a amasse, que rodopiasse com ela no jardim, que a carregasse nos ombros e se queixasse com bom humor das fraldas da filha. Queria ter alguém com quem pudesse conversar sobre ela, uma pessoa que opinasse se eu estava ou não a alimentando corretamente para a sua idade, alguém que pensasse em escolas ou sapatos comigo.

Não demorei para descobrir que os homens não se interessavam por mulheres com bebês, pelo menos não os que eu conhecia. Não queriam saber por que a mulher não podia se encontrar com eles no pub à noite, nem por que sugeria o parque na hora do almoço aos domingos. Não reparavam nos encantos da minha linda menina loura, apenas nas restrições que ela me impunha. Quando esbarrei com Steven Villiers ao sair do supermercado, ele não a olhou como se ela fosse uma coisa infecciosa e ainda se ofereceu para empurrar o carrinho, me ajudando a carregar as compras na curta caminhada até minha casa. Será que foi mesmo surpreendente que eu tenha perdido a cabeça?

No começo, ele me lembrava do pai da família com que eu morava. Tinha o mesmo jeito displicente mas elegante de se vestir. Só que essa era a única semelhança. Steven era pequeno, apesar de passar a impressão de ser alto. Tinha uma autoridade intrínseca, era uma dessas pessoas que nos fazem retrair um pouco, sem entender direito por quê. Era surpreendentemente velho para nunca ter se casado, o que justificou, olhando-me nos olhos, com o fato de nunca ter encontrado a pessoa certa. Morava com a mãe numa bela casa em Virginia Water, dessas que vemos em revistas de imóveis caros, com imensos arbustos bem podados e um banheiro em cada quarto. Ficou surpreso quando me admirei com suas posses, pois ele era o tipo de homem que presumia que tinha uma vida normal e nunca se dava o trabalho de questionar mais a fundo.

Considerando sua origem e seus bens, passei muito tempo sem saber direito o que ele tinha visto em mim. Eu usava roupas de bazares de caridade. Já não tinha uma aparência tresloucada, mas de jeito nenhum

poderia ser confundida com as meninas elegantes e endinheiradas com que ele havia crescido. Eu não tinha nada para oferecer. Quando olho para as fotos daquela época, entendo um pouco melhor. Eu era bonita. E também um pouco ingênua, apesar da minha situação, o que os homens consideravam atraente. Sem amigos nem apoio, portanto eu era maleável. Continuava emocionalmente eufórica com o nascimento da minha filha, ansiosa para ver amor em toda parte, para espalhar o que sentia por ela a todos à minha volta. Achei que Steven fosse um salvador, e tudo o que eu dizia e fazia deve tê-lo convencido disso. É provável que ele também se visse dessa maneira na época.

Logo depois de irmos para a cama pela primeira vez, fiquei deitada em seus braços e contei sobre a minha vida, sobre os erros que cometera, enquanto ele me abraçava, me beijava no alto da cabeça e me dizia que eu estava segura. Há algo incrivelmente sedutor, para quem já esteve sozinha e vulnerável, em ouvir que se está em segurança. Steven disse que o destino dele era ficar comigo, achava que era essa a sua missão. Fiquei tão agradecida e apaixonada que não encontrei nada inquietante nessa declaração.

Um mês e meio depois de nos conhecermos, ele me pediu em casamento. Eu me mudei para a casa onde morava com a mãe. Passei a usar roupas mais convencionais — Steven me levava às compras — e adotei um penteado arrumado, que combinava mais com a noiva de um homem como aquele. Senti um novo orgulho dos meus dotes de dona de casa e aos poucos fui me adaptando, sob a tutela severa da minha futura sogra. Havia alguns contratempos, mas Hannah e eu aprendemos juntas a morar sob aquele teto. Eu dizia a mim mesma que havia amadurecido. Gostava do desafio de ter que me enquadrar.

Então, cerca de quatro meses depois, descobri que estava grávida. A princípio, Steven ficou assustado, mas logo se encantou. Letty nasceu ao raiar do dia 16 de abril, e dei graças a Deus, enquanto Hannah e Steven se deslumbravam com ela, por ter enfim minha própria família. Uma família como manda o figurino.

Minha caçula não era o mais lindo dos bebês — na verdade, ficou parecendo um cãozinho shar pei por muitos meses além do normal —,

porém foi o mais adorado. Eu observava o amor genuíno de Steven pela filha, as preocupações exageradas e afetuosas da avó, do jeito que eu também queria que tivesse sido com Hannah. Quando bebê, Letty foi a criança mais meiga e alegre que poderia existir.

Talvez tenha sido a privação de sono, ou apenas o curso da vida com uma recém-nascida, mas apenas meses após o nascimento de Letty percebi que Steven mal notava a presença de Hannah. Até então, eu me convencera de que ele a amava, que sua falta de atenção ocasional com ela era algo típico dos homens, e não uma omissão deliberada. Eu tinha pouca experiência com isso, sabe. Tendo sido criada por minha mãe e tido pouco contato com meu avô, eu não tinha nenhuma familiaridade com o jeito dos homens. Steven era um bom provedor — como a mãe dele sempre me dizia —, entendia de disciplina e rotinas e, se Hannah o frustrava com suas birras de menina de dois anos e seus caprichos em relação à comida, será que era mesmo de admirar que ele a mandasse para a cama cedo? Letty era muito adorável, então será que era mesmo uma surpresa que o comportamento de Hannah fosse comumente considerado inadequado?

Hoje digo a mim mesma que as exigências da nova maternidade me deixaram cega. Que a gente só enxerga o que quer. Mas, no fundo, eu devia saber. Devia ter percebido antes que o silêncio crescente da minha filha não era apenas uma consequência da adaptação a uma nova irmã. Devia ter notado que minha sogra e Steven tinham se tornado mais rigorosos com ela, que passaram a criticar de forma mais explícita. Acima de tudo, eu devia ter presumido isso pela atitude daquela mulher.

Ela nunca me perdoou por ter atrelado seu filho — um alto executivo com grandes perspectivas — a uma filha que não era dele. Também não gostava que eu não tivesse antepassados, como dizia. Ah, no início ela era muito educada, mas não passava de uma daquelas jogadoras de *bridge* de cabelo azulado e cardigãs da Jaeger, e para ela eu era a representação da irresponsabilidade e estupidez, quer eu fizesse um ensopado de lentilha (comida de hippie), quer deixasse Hannah dormir comigo quando tinha dois anos.

No começo, a mulher não se atreveu a dizer nada, enquanto Steven e eu vivíamos em nossa bolha do amor recente. Ela o havia induzido a se

considerar o chefe da família desde a morte do pai e, nessa ocasião, ficou numa enrascada, porque ele se recusou a discutir meus supostos defeitos. Isso até Letty nascer, quando deixei de estar à altura dos seus padrões. Então, aos poucos minha incapacidade de lidar com duas crianças pequenas da maneira que a mãe e o filho esperavam ficou clara. Conforme os brinquedos iam se espalhando pelo chão e as camas permaneciam desfeitas até depois do almoço, minhas roupas exibiam ombreiras de leite de mamadeira e Hannah berrava num canto, por causa de um suposto mau comportamento, minha sogra foi descobrindo que podia dizer e fazer o que bem entendesse.

Um dia, antes que a situação piorasse muito, me atrevi a perguntar ao Steven se não poderíamos encontrar um lugar só para nós, se não seríamos mais felizes sozinhos, mas ele me olhou de forma intimidante. "Você mal consegue vestir essas meninas sozinha", dissera ele, "muito menos cuidar de uma casa. Acha que aguentaria cinco minutos sem minha mãe?"

Ao olhar para trás, acho difícil me identificar com a pessoa que eu era. Nas fotos de Kathleen, das quais Steven foi retirado há muito tempo, vejo uma moça estranha, desorientada, com um cabelo que não combinava com ela e roupas recatadas, esquisitas. Os olhos exibem uma determinação amedrontada por não reconhecer a enrascada em que se metera. E qual era a alternativa, afinal? Eu não tinha nada: nem casa, nem dinheiro, nem apoio. Tinha duas filhas pequenas e um homem que era um pai para elas, disposto a me perdoar pelo desastre em que eu havia transformado minha vida. Tinha uma sogra disposta a me tolerar na sua linda casa, por mais que essa residência fosse algo muito além de qualquer coisa que eu conhecesse. Meus talentos domésticos não eram grande coisa e, para ser sincera, minha conduta costumava decepcioná-los, ainda mais depois de Steven ser eleito para a assembleia local e de sua carreira no banco ter deslanchado.

Quem nunca passou por isso não entende como é fácil ser esmagada pelos outros. Com a ajuda da mãe, ao longo dos anos Steven foi reconhecendo aos poucos as minhas falhas. Era raro falarmos sobre o nosso casamento, e nunca mais tocamos no assunto. Hannah aprendeu a comer de boca fechada e entendeu que, quanto melhor se comportasse,

menos seria repreendida. Aprendi que, se usasse mangas compridas, as mães do jardim de infância parariam de comentar sobre as minhas manchas roxas.

Eu fora criada acreditando que coisas desse tipo só aconteciam nas famílias mais desfavorecidas. Achava que tinha a ver com pobreza e falta de educação. Com Steven, aprendi que tinha relação com minha inadequação, minha incapacidade de recompensar a confiança que ele depositara em mim, minha impossibilidade de proporcionar a mim mesma uma aparência minimamente distinta e, quando as coisas pioraram para valer, minha inutilidade na cama.

Na primeira vez que ele me machucou, fiquei tão chocada que acreditei ter sido um acidente. Estávamos no andar de cima, e as meninas choravam, brigando por causa de um brinquedo de plástico barato. Fiquei tão distraída com elas que me esqueci do ferro de passar, que queimou a camisa de Steven. Ele entrou no quarto, furioso com o barulho, berrou com as crianças e, ao ver a camisa, me bateu como se eu fosse um cachorro.

"Ai! Isso doeu!", exclamei. Ele se virou para mim com uma expressão incrédula, como se eu não tivesse entendido que essa havia sido a intenção. E, enquanto fiquei ali parada, tocando minha orelha latejante, ele desceu depressa, como se nada tivesse acontecido.

Depois pediu desculpas e responsabilizou a tensão no trabalho, ou algo assim, mas às vezes acho que aquela primeira vez foi o momento da virada para ele. Uma vez ultrapassado o limite permitido, ficou mais fácil repetir o ato. Às vezes meses se passavam sem que nada acontecesse, mas, em outras épocas, quase tudo que eu fazia — de desperdiçar batatas ao descascá-las a não engraxar os sapatos — provocava um soco ou uma bofetada. Nunca houve uma briga violenta — ele era esperto demais para isso —, fazia apenas o suficiente para deixar claro quem dava as ordens.

Quando compreendi o que tinha de fazer, eu era uma pessoa apagada, uma mulher que havia aprendido que era melhor não dar opiniões, não retrucar nem chamar atenção para si mesma, e que as cicatrizes desapareciam depressa, por mais que a lembrança perdurasse. Até que um dia olhei para o rosto de Hannah, quando ele a golpeou com força porque

ela não havia tirado os sapatos antes de pisar no tapete verde-claro do corredor, e recuperei minha determinação.

Passei a juntar dinheiro escondido. Pedia uma quantia para comprar um casaco para Letty, sabendo que ele não recusava nada à filha, depois mostrava algo que comprei no bazar de caridade e ficava com a diferença. Eu surrupiava dinheiro das compras do supermercado. Eu conseguia muito bem viver com pouco, pois tinha feito isso durante anos. E eles não suspeitaram de nada, afinal eu havia me tornado uma mulher oprimida.

Então passei a odiá-lo. A névoa da depressão se dissipou e consegui enxergar com clareza o que tinha acontecido comigo. Vi a frieza, a arrogância e a ambição cega daquele homem. Vi sua determinação de garantir que minha filha mais velha se se sentisse em segundo plano na casa dele, por mais que tivesse apenas seis anos. Percebi que outras famílias não viviam como nós. Por fim notei que a classe, a origem e a posição financeira dele não impediam que o que ele vinha fazendo fosse considerado violência doméstica. Reconheci, com alívio, que minhas filhas se amavam apesar de tudo, que a ternura, as brincadeiras e as implicâncias delas eram as mesmas de quaisquer irmãs. Vi que os braços morenos e rechonchudos de Letty envolviam, despreocupados, o pescoço da irmã. Ouvi sua voz aguda e balbuciada contar à Hannah sobre o que ela fizera no jardim de infância e pedir para a irmã "enfeitar" seu cabelo. À noite vi Hannah aninhada com a caçula, enquanto lia uma história para ela, o cabelo louro das duas se entrelaçando, suas camisolas formando um emaranhado em tons pastel. Meu marido ainda não envenenara as duas.

Mas enxergar a verdade da minha situação não me ajudava. Eu poderia ir embora com Hannah, pensei, e eles nem se importariam (afinal, Steven vivia dizendo que eu era um desperdício de espaço). Mas nunca me entregariam Letty. Durante uma briga, quando ameacei ir embora com as duas, ele riu de mim: "E que juiz vai deixar você cuidar da minha filha? Olhe o que você tem a oferecer, Elizabeth. Pare para pensar na sua história, morando em imóveis invadidos e sabe-se lá onde mais, sua falta de instrução e de perspectivas, e considere o que ela receberá de mim. Você não teria a menor chance."

Acho que nessa época ele já estava dormindo com outra mulher. Suas exigências na cama diminuíram bastante, o que era um alívio para mim. Ele agia feito um esquizofrênico comigo. Se eu me vestia bem, dizia que eu estava feia; se me aproximava dele com carinho, dizia que eu era brochante. Se algum homem me olhasse, mesmo que eu estivesse apenas de calça jeans e uma camiseta larga, ele apertava meu rosto entre as mãos e me dizia que nenhum outro homem jamais me tocaria. Numa noite em que um de seus colegas de trabalho elogiou minhas pernas, ele me violentou com tanta força que, no dia seguinte, mal consegui andar.

Eu só aguentava por causa do dinheiro, que eu continuava juntando no forro do meu casaco verde. Eram as horas em que eles supunham que eu estava passando, lavando roupa ou sentada com as meninas no parque que eu tramava minha fuga, com uma expressão pacífica que desmentia minha intenção premente.

Eles tinham hábitos arraigados. Todas as terças e quintas, a mãe ia jogar *bridge*. Durante anos, nas noites de quinta e sexta, Steven "ia ao clube" — um eufemismo para se referir à outra mulher —, e aos sábados, jogava golfe. Eu adorava aquelas noites de quinta, quando sabia que teria algumas horas preciosas a sós com as meninas, para rir, correr, fazer bobagens e relembrar quem eu era, antes que o som de uma chave na porta me deixasse em silêncio e acovardada.

Até que numa noite de quinta, Steven chegou mais cedo e encontrou a carta que eu estava escrevendo para Kathleen, contando a verdade sobre o que ele vinha fazendo comigo. Passada a fúria inicial, acho que ele falou para a mãe que eu não podia mais ficar sozinha, porque depois desse dia, sempre que eu estava em casa, um deles também estava. E toda vez que eu saía, encontravam um motivo para levar Letty ao parque ou mantê-la em casa. A partir de então, nunca mais fiquei sozinha com minhas filhas. Àquela altura, acho que ele sabia que estava perdendo o controle. A carta para Kathleen (graças a Deus, eu não havia colocado o endereço) o deixara perplexo, não só por comprovar que talvez eu tivesse coragem de contar a alguém o que ele fazia, mas também por expor cruamente seus atos, por escrito, e não eram nada bonitos. Até esse momento, acho que ele acreditava que tinha um comportamento sensato, que as surras eram uma

consequência inevitável dos meus defeitos. Ver no papel as palavras cruéis, um registro dos lábios cortados e dos dedos quebrados, enxergar seus atos tais como eram — o comportamento de um tirano —, deve ter sido algo impensável para ele.

Esperei a hora certa. Eu me tornara uma pessoa paciente. Só precisava chegar à casa de Kathleen. De lá poderia resolver todo o resto. A casa dela era uma miragem que eu acalentava nas noites em que a escuridão da minha vida me esmagava. Steven sabia apenas que eu tinha uma tia distante, não fazia ideia de onde ela morava.

Depois que elaborei um plano e uma data para sua realização, fiquei tão nervosa que foi uma surpresa eles não terem notado. Passei semanas sem conseguir comer direito. O embrulho no meu estômago me deixou ainda mais estabanada, a infindável revisão dos planos me tornava esquecida, por isso os dois resmungavam da minha inutilidade geral e avisavam Hannah que, se não tomasse cuidado, ela acabaria igual a mim. Se as meninas perceberam que havia algo acontecendo, não demonstraram. Ainda bem que as crianças costumam viver o presente. Eu observava as duas brincando, conversando em particular, notava seu jeito distraído de comer iscas de peixe, e as imaginava na Austrália, correndo pelo Cais das Baleias. Então rezava a Deus em silêncio para que Ele concedesse essa liberdade para minhas filhas. Queria que elas fossem livres, fortes, independentes, felizes. Eu também queria tudo isso para mim mesma, por mais que, àquela altura, eu mal fizesse ideia de quem eu realmente era.

— Sua filha precisa cortar o cabelo — disse Steven, certa manhã. — No sábado vamos tirar uma foto da família para o folheto da minha eleição municipal. Por favor, se esforce para que você e ela estejam razoavelmente apresentáveis. Mande lavar seu vestido azul.

Ele me deu um beijo na bochecha, um toque frio e formal com os lábios, para a mãe ver, imaginei. Por mais que ela não gostasse de mim, gostaria menos ainda do caso extraconjugal do filho.

— Vai voltar para o jantar? — questionei, tentando manter a voz tranquila e despreocupada.

Ele pareceu irritado com a minha pergunta.

— Tenho uma reunião à noite — respondeu —, mas chegarei antes que a minha mãe tenha que sair.

Quase não me lembro mais daquele dia, a não ser pelo fato de que chovia muito, e as meninas, presas dentro de casa, estavam brigando por alguma coisa boba. Era feriado escolar, e a presença de Hannah em casa o dia inteiro deixara minha sogra tão irritada que ela teve uma de suas "dores de cabeça". Ela me avisou que, se eu não diminuísse o barulho das crianças, teria que dar explicações a Steven. Lembro-me de dar um sorriso como pedido de desculpas e desejei que sua dor de cabeça fosse o prenúncio de um tumor.

Devo ter verificado os passaportes de meia em meia hora. Assim como as passagens, estavam em segurança dentro do forro do meu casaco. Enquanto minha sogra dormia, coloquei em duas malas apenas o mínimo essencial, para que uma olhadela superficial nas gavetas das crianças não deixasse claro que tínhamos ido embora. Num determinado momento, Hannah foi perguntar o que eu estava fazendo. Quando ela abriu a porta do quarto, meu coração ficou tão acelerado que até achei que iria pular para fora do peito. Levei um dedo aos lábios, tentando manter uma expressão serena, sem ansiedade, e a mandei descer, argumentando que havia planejado uma surpresa, e só daria certo se ela guardasse segredo.

— Vamos sair de férias? — perguntou ela, e reprimi a vontade de tapar sua boca com a mão.

— Mais ou menos isso. Vai ser uma pequena aventura — sussurrei. — Agora desça, Hannah, e não diga nada à Letty. Isto é muito importante. — Ela abriu a boca para falar e praticamente a empurrei porta afora. — Vá logo, Hannah. Não podemos acordar a vovó Villiers, senão o papai vai ficar bravo.

Foi um golpe baixo, mas eu estava desesperada.

Não era preciso falar duas vezes com Hannah. Ela saiu do quarto e, da forma mais silenciosa possível, coloquei as malas embaixo da cama do quarto de hóspedes.

Steven se atrasou nessa noite, como eu havia suspeitado. As noites de quinta eram quando se encontrava com "ela", pelo que eu supunha, e

minha sogra foi ficando cada vez mais inquieta ao perceber que o filho não chegava no horário marcado.

— Steven vai me fazer chegar atrasada ao *bridge* — reclamou, mal-humorada, pela décima oitava vez, vigiando pela janela a entrada de automóveis encharcada pela chuva.

Eu não disse nada. Eu já tinha aprendido há muito tempo que esse era o comportamento mais seguro.

E então, milagrosamente, ela se levantou.

— Não posso esperar mais — declarou. — Diga ao Steven que tive de ir. E trate de não deixar o ensopado queimar. Você colocou o fogo muito alto.

Acho que o ensopado a tranquilizou: de um modo perverso, ela considerou que eu não iria a lugar algum enquanto a comida estivesse no fogo.

— Divirta-se — falei, mantendo a expressão mais serena possível.

Ela me olhou meio irritada, por isso me ocupei com os pratos, como se fosse servir a mesa.

— Não se esqueça de que tem pão no forno para esquentar — relembrou.

E então, vestindo o casaco, foi embora. Fiquei na cozinha com as meninas a meus pés, conversando sobre algum jogo que estavam disputando, e a liberdade pareceu tão próxima que me deixou com um gosto metálico na boca.

Quando ela saiu com o carro pela garagem, corri para o andar de cima e peguei o remédio no esconderijo do guarda-roupa. Desci e, enquanto as meninas assistiam a um filme, esmigalhei vários comprimidos numa taça, servi um pouco de vinho, mexi e provei. Indetectável. Coloquei mais um pouco de vinho e acrescentei mais comprimidos, só para garantir. Provei outra vez. Com sorte, se eu apimentasse bem o ensopado, Steven não sentiria gosto de nada. Eram quase sete e meia.

Ele ia jantar, cair num sono profundo, e eu teria várias horas até sua mãe voltar. Várias horas para pegar o carro dele e chegar ao aeroporto de Heathrow, ali perto. Para embarcar no avião. As partidas de *bridge* nas noites de quinta podiam ir até as onze e meia ou meia-noite. Com sorte,

quando ela chegasse em casa, o filho ainda estaria dormindo e nós talvez já tivéssemos decolado. Era um bom plano. Um plano quase perfeito.

Levei um susto ao ouvir Steven entrar com o carro na garagem e tentei controlar meu nervosismo. Eu nunca torcera para que ele chegasse mais cedo, em vez de mais tarde. O sorriso que abri quando sua chave girou na fechadura foi o mais próximo da sinceridade que exibi em anos.

— Elizabeth — disse ele…

* * *

Mike estava segurando minhas mãos.

— Está tudo bem — tranquilizou ele, com um olhar gentil. — Está tudo bem.

Minha respiração saía em arquejos profundos, as lágrimas escorriam pelo meu rosto.

— Não consigo… — Balancei a cabeça. — Não consigo…

Meu peito estava tão contraído que eu mal era capaz de respirar. Engolia golfadas de ar e os pulmões se inflavam de forma dolorosa.

Senti os braços de Mike em volta de mim.

— Você não precisa dizer nada — murmurou no meu ouvido. — Não precisa me contar nada.

— Letty… Eu…

Então ele me abraçou. Fez isso sem dizer nada e me deixou desmoronar. Não se mexeu, apenas ficou ali, com o rosto tão perto do meu que sua pele deve ter absorvido minhas lágrimas. Seus braços permaneceram em torno de mim, num abraço apertado o bastante para me consolar e frouxo o suficiente para assegurar minha liberdade.

— Mãe?

Com o cabelo embaraçado por causa da noite de sono, Hannah estava parada à porta, ainda de camisola. Olhou de mim para Mike e de novo para mim..

Sua presença me resgatou da beira do precipício. Eu me afastei de Mike e enxuguei as lágrimas. Minha filha linda. Minha filha linda, assustada, corajosa, viva.

— Por que você está chorando? — perguntou ela num sussurro.

Fiquei com vontade de contar, mas também queria protegê-la. Passei anos sem falar de Letty na frente dela. Passei anos sem saber de quanto ela se lembrava, numa tentativa de protegê-la da lembrança daquela noite terrível, a noite em que fiz nossa vida desmoronar.

— Hannah… — Estendi a mão para tocá-la e senti minha voz entalar na garganta.

A voz tranquila e firme de Mike percorreu o quarto:

— Letty — disse ele, com toda a delicadeza. — Estamos falando de Letty, Hannah.

E, quando ela se aproximou para segurar a mão dele, me senti arrasada e oprimida, não pela dor nem pela lembrança da minha pobre filha perdida, mas pela presença de tanto amor. Em seguida, tapando a boca com a mão, tive que sair correndo do quarto.

VINTE

Hannah

Minha mãe passou quase duas semanas sem falar depois que viemos para cá. Só ficava deitada na cama, como se estivesse morta. Depois passou séculos zanzando para lá e para cá, presente, mas ausente, como se fosse um buraco no quarto. Tia Kathleen cuidou de mim, me deu comida e me fez explicar um pouco o que tinha acontecido, me abraçando quando eu não conseguia parar de chorar. Quando concluiu que eu não devia ficar sozinha, trouxe Lara, que nos ajudou a fazer bolos, como se a gente estivesse cozinhando uma amizade. Como se ela estivesse tentando encontrar uma substituta de Letty para mim. E, quando perguntei o que estava acontecendo com minha mãe, por que ela não descia para ficar comigo, tia K apenas disse:

— Hannah, você e sua mãe sofreram uma coisa inimaginável, e ela não está lidando com isso tão bem quanto você. Precisamos dar um tempinho para ela.

Então ela deu um tempinho para minha mãe, e depois mais um pouco, e aí acho que tia K resolveu que já tinha sido o suficiente.

— Sua mãe e eu vamos ter uma conversinha — avisou. — Você e Lara fiquem aqui com Yoshi e cuidem de Milly.

Não sei sobre o que elas conversaram, mas saíram no barco da tia K e, quando voltaram, minha mãe parecia menos triste do que antes. Desceu no Cais das Baleias, veio andando na minha direção e me abraçou. Tive a sensação de que era a primeira vez que ela realmente me enxergava em anos.

— Sinto muito mesmo, mamãe — falei, e as lágrimas começaram a escorrer.

Senti os ossos dela pela blusa. Sua voz não pareceu a mesma:

— Não tem nada de que se desculpar, querida. Você fez tudo certo. Eu é que errei.

Mas eu sabia que, se Letty e eu não tivéssemos brigado na frente de Steven… Se Letty não tivesse dito que não queria sair de férias… De repente, senti uma saudade terrível dela. Eu não conseguia acreditar que ela não estava mais viva.

— Quero minha irmã aqui com a gente — choraminguei.

Percebi que minha mãe estava segurando o choro. Ela me abraçou com força e disse baixinho:

— Eu também, querida. Eu também.

Mamãe me pedira para não contar nada. Tinha ficado lá no quarto dela e avisado que isso era muito importante. Mas eu estava muito empolgada com a ideia de ir com ela e Letty para algum lugar, fiquei muito animada com a ideia de passarmos semanas inteiras rindo e fazendo as coisas de que vovó Villiers não gostava.

— Eu não tinha a intenção de contar a ela — sussurrei.

Então minha mãe segurou meus ombros e, quando seus olhos encontraram os meus, reparei que estavam brilhando e tinham um tom de azul vivo como o céu, e seus cílios estavam pontudos como as estrelas, por causa das lágrimas.

— A morte da sua irmã não foi culpa sua, entendeu? — disse ela com firmeza, quase como se me desse uma bronca. Mas seu olhar era meigo. — Nem um pinguinho disso foi culpa sua, Hannah. Nadinha. E agora você precisa esquecer que tudo aconteceu.

Duas semanas depois, no fim da tarde de uma segunda-feira, depois que tomei meu chá, fizemos uma cerimônia fúnebre para Letty. No mar. Apenas eu, mamãe, tia Kathleen e Milly. Saímos com o *Ishmael* e fomos até onde tia K disse ser o lugar mais bonito de toda a Austrália e, enquanto os golfinhos saltitavam em volta, o sol brilhava em tons de vermelho e algumas nuvens se deslocavam bem altas no céu, tia Kathleen agradeceu pela vida de Letty e explicou que, por mais que a gente estivesse do outro lado do mundo, para ela era óbvio onde estava o espírito da minha irmã. Fiquei torcendo para que um golfinho nadasse do nosso lado e talvez colocasse a cabeça para fora, como se fosse um sinal, mas, mesmo eu

tendo passado muito tempo de olho na água, eles não se aproximaram mais.

Quando desfizemos a segunda mala, mamãe encontrou os golfinhos de cristal de Letty. Devia ter embalado todos com muito cuidado, porque nem as nadadeiras pequenininhas quebraram. Ela passou tempo demais com um na mão. Depois respirou fundo e me entregou os golfinhos.

— Fique com eles — disse. — Guarde-os… em segurança.

Essa foi uma das últimas vezes que falamos sobre Letty.

Mais ainda tenho algumas lembranças — como quando a gente montava acampamento no nosso quarto, ou corria pelo jardim esguichando água da mangueira uma na outra — que tento guardar, porque tenho medo de que Letty esteja sumindo e daqui a pouco eu não me lembre mais dela. Tenho duas fotos dela na gaveta e, se não as olhasse toda noite, não ia me lembrar de como era o rosto dela, do seu sorriso banguela, de como roçava um dedo no nariz enquanto chupava o polegar, e da presença do corpo dela do lado do meu quando dormia comigo. Mas também tem coisas que eu gostaria de esquecer. Como a noite em que mamãe abraçou nós duas, assim que vovó Villiers saiu, e disse que tudo ia mudar. Penso em como a encontrei no quarto, fazendo nossas malas, e no alívio que senti ao ver que ela havia se lembrado até do Spike, meu velho cachorro de flanela, sem o qual eu não dormia, e recordo que ela falou que não devíamos contar nada ao papai nem à vovó, porque íamos fazer uma surpresa para eles. Ela achou que eu não estava olhando, mas vi quando escondeu as malas no quarto de hóspedes. Eu me lembro dos hematomas roxos nos braços dela, parecidos com os que eu tive quando Steven ficou bravo por eu ter rabiscado a mesa da cozinha com hidrocor, e me puxou do banco com tanta força que me machucou.

E me lembro de ter ficado muito animada — que nem eu ficava pouco antes do Natal — por ter uma coisa para contar para Letty, por mais que tivesse que avisar a ela que era um segredo muito importante.

Depois sei que vimos um filme — *Pinóquio* —, apesar de não ser fim de semana, e, quando Steven chegou, estava cheirando a bebida, mas mesmo assim mamãe serviu uma taça grande de vinho para ele e deu um sorriso, até ele comentar que ela parecia uma idiota. Quando minha mãe

serviu o jantar, reparei que olhava para ele pelo canto do olho, como se estivesse esperando alguma coisa acontecer.

Então Letty e eu tivemos uma briga idiota por causa dos lápis de cera, porque queríamos o mesmo verde, que era muito melhor que o verde-amarronzado, que nunca saía direito no papel, e ganhei a briga porque era maior, por isso Letty desatou a chorar, disse que não queria viajar e Steven perguntou "Viajar para onde?". Depois se virou para minha mãe, e os dois ficaram se encarando por alguns segundos. Ele passou por ela e subiu, e lá em cima eu o ouvi abrindo todas as gavetas. Quando voltou, parecia tão furioso que me escondi embaixo da mesa e levei Letty comigo. "Onde estão os passaportes?", gritou ele, e sua voz saiu embolada. Fechei bem os olhos e, enquanto estavam fechados, teve muita pancadaria, mamãe caiu no chão, batendo a cabeça, ele enfiou as mãos embaixo da mesa e ouvi quando pegou Letty, que não parava de gritar. Então ele falou que ela não ia a lugar algum, só por cima do seu cadáver, e sua voz passava a impressão de que ele estava embaixo d'água ou coisa assim. Tentei segurar a mão de Letty, mas ele me empurrou com muita força e colocou minha irmã debaixo do braço, como se ela fosse um saco de batatas, sei lá, e ela continuou gritando sem parar. Quando minha mãe acordou, ouvi o barulho do carro dele saindo da garagem, espalhando cascalho para todo lado, e mamãe começou a chorar, dizendo "Ai, meu Deus, ai, meu Deus", e nem notou que estava com o rosto sangrando. Eu me agarrei a ela, porque fiquei com medo, sem saber para onde ele tinha levado Letty.

Não sei quanto tempo ficamos lá sentadas.

Eu me lembro de ter perguntado para minha mãe onde estava Letty, e ela me deu um abraço apertado e me disse que eles voltariam logo, mas eu não tinha certeza se acreditava nisso. Fiquei com medo porque imaginei que, quando Steven voltasse, estaria com muita raiva.

Acho que foi poucas horas depois que o telefone tocou. Mamãe continuava sentada no chão, tremendo, ainda com a cabeça suja de sangue. Atendi o telefone e era vovó Villiers, mas sua voz saiu esquisita. Ela me disse para passar para a minha mãe, como se eu fosse uma desconhecida. E aí começou a gritar com a minha mãe, porque consegui ouvir a voz dela pelo telefone. Mamãe ficou toda branca e gemendo, e segurei as pernas

dela, para ver se deixavam de tremer, mas ela não parava de repetir: “O que foi que eu fiz? O que foi que eu fiz?” Aquela foi a noite mais longa de que me lembro. Quando começou a clarear, minha mãe me acordou. Eu tinha dormido no chão e estava fria e toda tensa. Mamãe disse, com uma voz esquisita, que a gente tinha que ir embora naquele mesmo instante. Perguntei sobre Letty, e ela respondeu que tinha acontecido um acidente, que Steven havia sofrido um desastre de carro, e Letty estava morta no hospital e era tudo culpa dela. Seus dentes batiam como se ela estivesse nadando numa piscina muito fria. Não me lembro de muita coisa depois disso, só de ter entrado num táxi, depois num avião, e, quando chorei e disse que não queria ir, mamãe falou que esse era o único jeito de ela me proteger. Sei que chorei todas as vezes que ela foi ao banheiro, porque tinha medo de que também desaparecesse e eu ficasse sozinha. Depois me lembro de tia Kathleen parada no portão de desembarque do aeroporto, depois me abraçando como se me conhecesse, e dizendo que ia ficar tudo bem, mesmo que nada fosse ficar bem, com certeza. Fiquei o tempo todo com vontade de perguntar à mamãe: “Mas como podemos deixar Letty?” E se minha irmã não tivesse morrido e continuasse nos esperando no hospital? E, mesmo que estivesse morta, nós devíamos ter trazido ela junto, e não deixar que ficasse tão longe de nós, sem que a gente pudesse colocar flores na sepultura dela e dizer que ainda a amava. Mas não falei nada. Porque por muito, muito tempo, minha mãe não conseguiu dizer uma única palavra.

* * *

Contei tudo isso para Mike, na manhã em que o flagrei segurando as mãos da minha mãe no quarto dele. Contei tudo isso depois que ela saiu, mesmo sem nunca ter conseguido contar essa história a ninguém, nem à tia K, não com todos os detalhes. Mas falei para ele, porque fiquei com a impressão de que, de algum modo, as coisas tinham mudado, e mamãe gostaria que Mike soubesse.

Eu nunca tinha visto um homem chorar.

VINTE E UM

Mike

Enquanto o resto de Silver Bay dormia até mais tarde no dia seguinte, e as águas se acalmavam sob um céu azul-claro, a muitos quilômetros dali, num quarto no Hospital de Port Summer, de onde se ouvia cochichos, Nino Gaines acordou.

Kathleen lhe fazia companhia aos pés da cama, apoiando-se pesadamente no braço de uma poltrona azul. Ela tinha ido direto para lá depois de colocar todo mundo na cama, e mais tarde explicou que sentiu vontade de contar ao seu mais velho amigo um pouco do que acontecera naquela noite importante. Ao nascer do dia, a exaustão a vencera e ela cochilara um pouco, depois ficara sentada lendo o jornal do dia anterior, em alguns momentos em voz alta, quando encontrava alguma coisa que pudesse ser do interesse do amigo. No último caso, foi uma matéria sobre um homem que os dois conheciam e que tinha aberto um restaurante.

— Vai ser um tremendo desastre — resmungou ele.

Kathleen Whittier Mostyn estava tão cansada depois do susto que levara com o desaparecimento de Hannah e o horror das redes-fantasma que leu mais duas frases antes de se dar conta do que tinha escutado.

Embora frágil e um pouco desorientado, sob a camisola branca do hospital e a infinidade de tubos e cabos, ele era, sem a menor dúvida, Nino Gaines, e por isso, ao que parece, toda a comunidade de Silver Bay ficou grata. Os médicos o submeteram a uma infinidade de exames, a maioria dos quais ele considerou "uma perda de tempo desgraçada", fizeram tomografias do cérebro e eletrocardiogramas, consultaram seus manuais e, por fim, afirmaram que ele estava surpreendentemente bem para um homem daquela idade que passara tantos dias inconsciente. Ele recebeu permissão para se sentar, se livrou de alguns tubos que perfuravam seus

braços, e o pequeno fluxo de visitantes logo se intensificou. Kathleen foi autorizada a permanecer o tempo todo aos pés da cama, privilégio em geral concedido apenas à esposa do paciente, desde que não fizesse a pressão arterial dele subir.

— Ela faz minha pressão subir há mais de cinquenta anos — argumentou Gaines com as enfermeiras, na presença dela. — Veja só se isso alterou alguma coisa.

Kathleen abriu um sorriso radiante. E não parou de sorrir desde então.

* * *

Poucos felizardos sabem desde cedo qual é seu propósito na vida. Reconhecem neles mesmos uma vocação, seja para a religião, a arte, a narração de histórias ou para matar vacas sagradas. Finalmente descobri meu propósito na vida num amanhecer claro de início de primavera australiana, quando uma menina de onze anos segurou minha mão e me confiou um segredo. Daquele momento em diante, compreendi que toda a minha energia seria voltada à proteção dela e de sua mãe.

Quando relembro aqueles dias depois das redes-fantasma, percebo que meus sentimentos eram quase esquizofrênicos. Eu andava eufórico por estar apaixonado por Liza — apaixonado, talvez, pela primeira vez na vida — e por ser, enfim, capaz de expressar livremente meu amor. E ela também parecia me amar. Depois do que as duas me contaram sobre Letty, Liza ficou com medo de que eu a enxergasse de outra maneira: indiferente, falsa, ou, na pior das hipóteses, assassina. Eu a encontrei no seu quarto, sentada à janela, o rosto contraído demonstrando sua infelicidade. E, quando consegui me recompor (Hannah tinha me abraçado quando chorei, um gesto que me comovera de forma quase insuportável), entrei, fechei a porta, me ajoelhei e a envolvi nos braços, sem dizer nada, confiando em que minha presença falasse por mim. Muito tempo depois, entendi por que ela me contara sua história.

— Acho que você não devia fazer isso — opinei.

Liza ergueu a cabeça do meu ombro e retrucou:

— Tenho que fazer, Mike.

— Você está se punindo por uma coisa que não foi culpa sua. Como poderia saber que ele ia reagir daquele jeito? Como poderia saber que ele ia bater com o carro? Você era vítima de maus-tratos, pelo amor de Deus. Poderia dizer que… — me atrapalhei com as palavras — que ficou com insanidade temporária. É o que se diz nesses casos. Já vi nos jornais.

— Tenho que fazer isso — insistiu ela. Seus olhos, embora inchados por causa do choro, tinham uma clara determinação. — Praticamente matei minha filha. Podia ter matado o pai dela também. Vou me entregar e usar a publicidade para dizer ao mundo o que está acontecendo aqui.

— Mas esse gesto pode ser um desperdício. Um desperdício desastroso.

— Então me deixe falar com essa jornalista que você conhece. Ela vai saber se pode ajudar.

— Você não está entendendo, Liza. Se tudo isso for… como está dizendo, você vai para a cadeia.

— Acha que não sei?

— Como é que Hannah vai enfrentar a vida sem você? Não basta o que ela já perdeu?

Liza assoou o nariz.

— É melhor que ela me perca enquanto ainda pode contar com Kathleen. Depois poderemos recomeçar. Eu poderei recomeçar. E talvez alguém preste atenção.

Eu me levantei e comecei a andar de um lado para outro.

— Isso é um erro, Liza. E se não impedir a obra? As pessoas podem se solidarizar, mas não é certo que uma pessoa sozinha tenha que fazer a diferença na construção do hotel.

— E qual alternativa nós temos?

Esse era o problema. Liza segurou minhas mãos.

— Mike, faz anos que levo uma vida pela metade. Tenho enganado a mim mesma, mas é uma vida pela metade, cheia de medo. Não quero que Hannah cresça desse jeito. Quero que ela possa ir aonde quiser, se encontrar com quem quiser. Quero que tenha uma infância feliz, cercada por pessoas que a amem. Que tipo de vida estou oferecendo para ela?

— Uma vida boa para caramba — protestei, mas Liza negou com a cabeça.

— Ela não pode sair da Austrália. Assim que virem o passaporte dela, vão nos pegar. Ela nem pode sair de Silver Bay, o único lugar em que tenho certeza que estamos fora de alcance.

Ela se inclinou para a frente. Suas palavras seguintes saíram com perfeição, como se tivessem sido amaciadas, esculpidas no pensamento durante vários anos:

— É como viver com redes-fantasma… Essa história toda… O que eu fiz, Letty, Steven… Pode estar a milhares de quilômetros de distância, mas está tudo lá, esperando para me alcançar. Esperando para me estrangular, me afundar. Tem sido assim há anos.

Liza colocou o cabelo atrás da orelha e notei uma pequena cicatriz branca.

— Se a obra for adiante, teremos que nos mudar — continuou ela. — E, não importa para onde decidirmos ir, tudo continuará nos seguindo em silêncio.

Tapei o rosto com as mãos.

— É tudo culpa minha. Se eu nunca tivesse vindo para cá… Meu Deus, em que situação fui meter vocês…

Senti a mão dela no meu cabelo.

— Você não tinha como saber. E se não fosse você, seria outra pessoa, mais cedo ou mais tarde. Não sou ingênua a ponto de achar que poderíamos permanecer desse jeito para sempre. — Engoliu em seco e prosseguiu: — Então é assim que vai ser. Passei a noite toda pensando. Se eu me entregar, vou dar liberdade para Hannah e vou atrair atenção para as baleias. As pessoas vão ter que ouvir. — Deu um sorriso hesitante. — E eu ficarei livre. Você precisa entender, Mike, que também preciso me libertar disso. Até onde der.

Olhei para Liza, já sentindo que a estava perdendo. Mais uma vez, ela estava prestes a ficar a milhões de quilômetros de mim.

— Faça um favor para mim — pedi, puxando-a outra vez para perto de mim. — Não faça nada antes que eu converse com uma pessoa.

* * *

Na noite seguinte, liguei para minha irmã. E, sob ameaça de morte, a forcei a não contar nada a ninguém antes de relatar, com todos os detalhes de que consegui me lembrar, o que Liza me dissera.

Seguiu-se uma longa pausa.

— Nossa, Mike, você sabe mesmo escolher a dedo — disse Monica, parecendo admirada. Depois, enquanto eu a ouvia rabiscar, acrescentou: — É para valer, não é? Ela não está inventando isso?

Pensei em Liza tremendo em meus braços.

— Não está inventando. Acha que daria uma matéria?

— Está brincando? O pessoal da redação vai disputar a tapa.

— Eu preciso… — Tentei me acalmar. — Se fizermos isto, Monica, preciso que você seja o mais solidária possível com esse caso. Preciso que as pessoas entendam como ela acabou nessa situação. Se você a conhecesse… se soubesse o tipo de pessoa, o tipo de mãe que ela é…

— Você quer que *eu* escreva a matéria? — Minha irmã pareceu incrédula.

— Não confio em mais ninguém.

Fez-se um breve silêncio.

— Obrigada. Obrigada, Mike. Eu… — Ela pareceu se distrair, como se estivesse lendo suas anotações. — Acho que eu poderia fazer uma reportagem que despertasse a solidariedade das pessoas. Vou conversar com a advogada daqui, sem citar nomes, é claro, mas vou pegar a opinião dela sobre a situação legal. Não quero escrever nada que vá parar na mão de um juiz… que possa colocar em risco alguma coisa que seja levada a julgamento.

Fiquei olhando para o telefone, ouvindo naquelas palavras a verdade indesejável da situação de Liza e o que isso poderia significar.

— E você acha… acha que a situação de Liza poderia dar destaque à causa?

— Se ela deixar claro que está se manifestando agora não só para corrigir as coisas, mas para proteger vários filhotes de baleia, talvez as pessoas tenham boa vontade. O público adora essa coisa toda de baleia e, o mais importante, adora gente excêntrica. Ainda mais quando se trata de uma loura bonita.

— Se você mesma fizesse a entrevista, poderia garantir que tudo saísse direito. Que não distorcessem as palavras dela.

— Não vou passar a perna em vocês, Mike. Não sou tão má assim. Mas você tem que tomar muito cuidado ao falar com ela, para saber é isso mesmo o que ela quer fazer. Porque, se tudo o que você me contou for verdade, não posso garantir o que vai acontecer com Liza quando tudo for divulgado. Outros jornais vão se aproveitar e distorcer a história, adotando uma pauta própria. O fato de ela ter fugido não vai cair muito bem.

— A filha caçula estava morta. Ela ficou sabendo que Steven estava entre a vida e a morte. Então tinha que tomar providências para proteger Hannah.

— É, mas mesmo que eu e todas as outras pessoas a façamos parecer um bendito anjo, ela ainda poderia ser detida e acabar na prisão. Ainda mais se esse cara, o ex-marido, também tiver morrido. Se a promotoria conseguir provar que ela deu aqueles comprimidos ao Steven, sabendo que ele havia bebido, sabendo que o homem ia sair de carro, bem, detesto dizer isso, mas parece homicídio culposo, na melhor das hipóteses.

— E doloso, na pior.

— Não sei. Não sou repórter policial. Mas não vamos colocar a carroça na frente dos bois. Soletre de novo o nome dele para mim. Vou ver o que consigo descobrir e depois ligo para você.

* * *

Seria bom poder dizer que, junto com a de Nino Gaines, a sorte dos outros moradores de Silver Bay começou a melhorar, mas não foi o que aconteceu. Houve uma previsão geral de que as objeções apresentadas para consulta pública seriam ignoradas. Os jornais passaram a falar de "quando", e não "se", a nova construção seria concluída. E, como que para confirmar isso, ergueram tapumes ao redor da cerca de arame do terreno da demolição, com cartazes que prometiam "uma tentadora nova oportunidade de investimento em casas de veraneio com dois, três e quatro quartos, parte de uma experiência recreativa excepcional".

Eu me sentia mal ao ler as frases que havia sugerido. Os outdoors reluzentes de quase quatro metros de altura pareciam deslocados naquela faixa semideserta de praia, além de ressaltarem a decrepitude do Hotel Baía da Esperança, cuja pintura descascada e o revestimento de tábuas desfalcado pareciam uma mera insígnia de orgulho. O prédio se erguia junto ao celeiro alcatroado como uma sentinela silenciosa de uma era extinta, da época em que o hotel tinha sido um refúgio, um lugar como tantos outros, e não uma experiência recreativa ou uma oportunidade de investimento ímpares.

Numa manhã, enquanto eu observava mais um carro estacionar com um grupo de desconhecidos, que desceram e ficaram circulando com pequenas pranchetas na mão e falando ao celular, me virei e deparei com Kathleen parada ao meu lado. Isso deve parecer uma invasão para ela, pensei. Depois de passar a vida inteira tendo apenas a companhia do mar, ela agora tinha a perspectiva de uma quantidade infindável de estranhos à sua porta.

Com um perfil calejado e altivo, ela os contemplou sem dizer nada. Manteve os olhos fixos no horizonte ao falar:

— E então, quando precisamos começar a fazer as malas?

Senti meu estômago embrulhar.

— Ainda não acabou, Kathleen.

Ela ficou quieta.

— Mesmo que a gente perca a batalha da construção — prossegui —, há uma porção de coisas que podemos fazer para minimizar o impacto no seu hotel. Vou fazer um planejamento comercial. Podemos pensar em algumas formas de modernizar…

Ela me interrompeu, tocando meu braço:

— Tenho muito respeito por você, Mike Dormer. E teria muito mais, se pudesse confiar que está me dizendo a verdade.

O que eu podia responder? Yoshi vinha mantendo contato com as organizações de defesa das baleias e dos golfinhos, que tentavam acelerar a compilação de um relatório sobre o efeito perturbador do ruído nos cetáceos. Ela havia perguntado se o texto poderia incluir alguma coisa sobre as consequências dos motores de lanchas e jet skis. Tínhamos uma

petição com quase mil e setecentas assinaturas. Nosso site recebia várias centenas de visitas diárias e atraía mensagens de apoio de todas as partes do mundo. Outras comunidades de observação de baleias também vinham mandando cartas de objeção ao Conselho Municipal.

Depois da escola, Hannah se sentava ao computador e enviava e-mails para outras escolas, tentando envolver mais crianças. Àquela altura meu computador era praticamente dela, e eu passava o maior tempo possível ao telefone, tentando convencer os moradores locais a se oporem à construção. Segui as sugestões da minha irmã e procurava despertar atenção nos âmbitos local e nacional. Mas nada disso parecia fazer qualquer diferença. Toda vez que eu colocava os pés para fora do hotel, a área com as cicatrizes da demolição parecia concentrar uma nova atenção. Havia mais homens de terno, mais operários de capacete. O jornal havia publicado anúncios que não apenas prometiam o novo e empolgante projeto, como também convidavam os comerciantes locais a entrarem em contato, para que "participassem da aventura". Duas lojas vazias da área tinham novas placas de "vende-se", talvez esperando lucrar por estar próximo do novo hotel.

Balancei a cabeça.

— Ainda não acabou.

Mais do que qualquer outra coisa, eu tentava convencer a mim mesmo.

Com passos pesados, Kathleen voltou pela trilha que levava ao hotel:

— Para mim — gritou por cima do ombro, sem olhar para trás —, com certeza isso parece balela.

* * *

Como previsto, o *Glória de Hannah* acabou afundando naquela noite, inundado pelas grandes ondas e com o leme enroscado numa rede-fantasma. Agora, quando eu olhava para o mar, ficava impressionado por encontrar tão poucas ondas. Aquelas águas haviam engolido coisas inteiras, como se nunca tivessem existido barquinhos, nem redes, nem animais marinhos agonizantes. Ninguém mais falava sobre o bote, pois já estava estabelecido seu lugar de descanso eterno no fundo do mar. Acho

que Greg, assim como eu, ainda se sentia mal pela participação involuntária na tragédia da qual Hannah escapara por um triz. Era fácil demais imaginá-la lá fora com o barquinho.

Então, sem qualquer propósito, Liza anunciou durante um café da manhã que ia procurar um barco para a filha.

— O quê?

Ela não mencionou o *Glória de Hannah*.

— Acho que você já tem idade suficiente. Pedi para Peter Sawyer ficar de olho num barco. Um veleiro pequeno, como o de Lara. Mas você precisa ter aulas. E, se um dia eu a flagrar saindo para o mar sem permissão, está tudo acabado. Nada de barco, nunca mais.

Hannah deixou a colher cair com estardalhaço, levantou-se em um salto do seu lugar à mesa e jogou os braços em volta do pescoço da mãe.

— Nunca irei a lugar nenhum sem falar com você — prometeu ela. — Nunca farei nada de errado. Vou me comportar bem. Ah, obrigada, mãe!

Liza tentou se manter séria enquanto a filha a encarava toda alegre.

— Estou confiando em você — disse Liza.

Hannah assentiu, com brilho nos olhos.

— Posso ligar para contar a Lara?

— Você vai ver sua amiga na escola em meia hora.

— *Por favor*…

A hesitação da mãe foi toda a confirmação de que Hannah precisava. Ouvimos seus pés saltitarem de animação pelo corredor e, em seguida, suas exclamações ao telefone. Liza baixou os olhos para o prato, como se estivesse sem graça com sua mudança de postura. Kathleen e eu não tínhamos tirado os olhos dela. É possível que eu tenha ficado boquiaberto.

— Ela vive à beira-mar — disse Liza. — Algum dia tem que aprender.

— É verdade — concordou Kathleen, se voltando para o fogão. — Peter vai encontrar um bom barco para ela.

— Além disso — acrescentou Liza, cruzando rapidamente o olhar com o meu —, é uma simples questão de sensatez. Pode ser que eu não esteja sempre aqui para tomar conta dela.

* * *

Liza e eu ainda não havíamos falado sobre “nós”. Mas depois de várias semanas presumi que havia um “nós”, ainda que, por um acordo tácito, não fizéssemos demonstrações de afeto diante de Kathleen, de Hannah nem dos baleeiros. A migração para o sul havia começado, apesar de ínfima, e às vezes, durante o dia, quando precisava descansar, eu saía para o mar com Liza e ia sentado no convés do barco feito um ajudante silencioso enquanto a observava se mover com segurança pela embarcação. Eu gostava da animação em sua voz quando ela contava histórias sobre baleias, do seu jeito espontâneo de afagar as orelhas de Milly enquanto pilotava, do grito de alegria que ela ainda dava quando avistava o familiar esguicho na água. Eu sentia fisicamente a presença de Liza quando ela roçava em mim ao passar, ou quando eu observava seus movimentos sinuosos ao girar o leme ou ao se debruçar sobre a amurada. Eu gostava de ver como o barco era uma extensão dela, de vê-la totalmente à vontade em qualquer lugar da embarcação. De forma irônica, o protesto contra a obra havia ocupado todos os barqueiros, que passaram a ter passageiros de manhã e à tarde, mas, toda vez que eu saía com Liza, era como se fôssemos apenas nós dois, pois eu quase não notava mais ninguém.

A não ser Hannah. Eu a amava como uma extensão do amor que sentia por sua mãe. Eu também tinha uma urgência de protegê-la, de blindá-la dos horrores que ela já havia suportado. E eu entendia as intenções de Liza e por que abrira mão de tudo para manter a filha em segurança. Hannah sabia que eu e a mãe dela estávamos juntos, mas não comentou nada. No entanto, o jeito com que ela sorria para mim, com ar conspiratório e de vez em quando encaixava sua mão na minha me deixava com um nó na garganta, orgulhoso por sua aprovação tácita. Se algum dia eu tivesse uma filha, queria que fosse igual a Hannah. Eu gostaria de permanecer na vida dela, se Liza deixasse.

Não havíamos falado de amor, mas cada nervo em mim palpitava com esse sentimento, que eu carregava numa nuvem ao meu redor, como a bruma do mar. A melhora do humor de Liza, seu sorriso fácil, suas bochechas coradas, tudo isso me mostrava que ela sentia o mesmo. Não era preciso que ela expressasse seu amor em voz alta, como Vanessa havia

insistido em que eu fizesse. Essa mulher que havia perdido quase tudo, que teve a confiança violentamente traída, permitira meu acesso não apenas à sua pessoa física, mas também ao seu coração. Quase toda noite, seguia em silêncio pelo corredor para o meu quarto e, na penumbra, eu levantava as cobertas e abria espaço para ela. Quando tocava meu rosto com as pontas dos dedos, eu sabia que sua expressão séria e um pouco incrédula espelhava a minha.

Acho que nunca fui tão feliz quanto nessa época. Talvez fosse a expectativa de esperá-la chegar, ouvindo suas conversas no andar de baixo com Kathleen e Hannah, escutando a porta do banheiro se fechar, os vários boas-noites sendo desejados, e sabendo que, em questão de horas, talvez minutos, ela seria minha. Não tenho ideia se Kathleen sabia o que estava acontecendo, mas ela não deixava muita coisa passar despercebida. Ela andava preocupada com o Sr. Gaines, com a ideia de tirá-lo do hospital e ajudá-lo a se recuperar. Àquela altura, todos acreditávamos que a felicidade devia ser valorizada, se por acaso a sorte a soprasse na nossa direção.

E Liza era minha sorte. Eu ficava deslumbrado com tudo nela. Adorava seu cabelo, que sempre parecia ter secado à brisa marítima. Eu adorava sua pele, que toda vez parecia ter um leve sabor de sal. Também gostava das discretas cicatrizes que passei a entender e as sardas que surgiram com sua nova vida ao ar livre. Eu amava seus olhos, opacos e pensativos num instante, e no seguinte secretamente gananciosos e contemplativos comigo. Quando fazíamos amor, eu mantinha meus olhos abertos, atentos aos dela, e quando gozava, era como se me afogasse neles. Liza era minha. Eu sabia disso e sentia profunda gratidão.

Uma noite, quando estávamos deitados cochichando, ela me contou que ter um filho despertava o máximo de amor e medo que qualquer um podia sentir. Agora eu entendia isso, porque, depois de ter conhecido Liza, eu não conseguia imaginar perdê-la. Ficava acordado à noite, apenas contemplando ela, tentando visualizá-la na prisão de um país frio e cinzento, a milhões de quilômetros dali, cercada de rostos hostis. Mas essa imagem se recusava a se formar na minha mente. As duas coisas simplesmente não combinavam. Liza riu de mim quando falei isso.

— Vou ficar bem — disse ela, com o corpo colado ao meu, o braço sobre o meu peito. Sentir seu peso em mim era uma bênção.

— Não consigo imaginar você longe do mar.

— Não sou uma baleia. Posso sobreviver fora d'água — retrucou, e por sua voz percebi que ela abriu um sorriso.

Por algum motivo, eu não tinha certeza de que isso era verdade.

— Eu ajudo a tomar conta de Hannah. Se você quiser.

— Não estou esperando que você fique aqui.

— Eu me importo com ela.

— Mas não sei quanto tempo vou passar longe.

— É mais um motivo para eu ficar aqui.

Ouvi o som de sua respiração. Quando ela tornou a falar, sua voz saiu embargada:

— Não quero… Não quero que Hannah perca mais ninguém. Não quero que ela se apegue a você e, alguns anos depois, você perceba que é demais para aguentar. A espera, quer dizer.

— Acha mesmo que eu faria isso?

— Às vezes é difícil saber o que alguém poderia fazer — retrucou, fazendo uma pausa em seguida. — Sei melhor do que ninguém que a gente nem sempre se comporta como é de se esperar. E esta não é uma situação normal.

Fiquei ali deitado ao seu lado, pensando no que Liza dissera.

— Não vou culpar você — continuou, em voz baixa — se quiser ir embora quando eu for. Você tem sido… um bom amigo para nós.

— Não vou a lugar nenhum — retruquei.

E, depois destas palavras, um novo clima se instalou à nossa volta no escuro, algo como uma permanência. Eu tinha dito sem pensar, mas saiu um verdadeiro reflexo de mim mesmo, do que eu sentia. Segurei sua mão e afaguei com o polegar os nós de seus dedos entrelaçados nos meus.

— Hannah vai precisar de todos os amigos que puder ter — disse ela, com a voz entrecortada.

No corredor, Milly ganiu durante o sono, talvez incapaz de descansar enquanto sua dona não voltasse para o quarto. Abracei Liza até sentir que o momento tinha passado. Sabia que ela estava se obrigando a não pensar

na filha, já se adiantando para se separar dela, na tentativa de fazer o que era certo. Em momentos assim, eu sofria por ela, e queria poder, de algum modo, assumir aquela dor em seu lugar.

— Você não precisa fazer isso — falei, pela centésima vez.

Ela me silenciou com um beijo:

— Sei que você acha difícil entender, mas tenho a sensação de estar finalmente fazendo alguma coisa. Pela primeira vez na vida, estou assumindo o controle. — Mesmo na escuridão percebi que ela deu um sorriso corajoso. — Estou no leme.

— Minha capitã — murmurei, abraçando-a.

— Tento ser — disse ela, e suspirou ao enroscar as pernas em volta de mim.

* * *

Minha irmã ligou às três e quinze da madrugada. Nunca foi muito boa com fuso horário. Liza se mexeu ao meu lado e tateei à procura do telefone.

— Então, você quer a boa ou a má notícia?

Ergui o corpo com o cotovelo.

— Sei lá — respondi, ainda sonolento. Esfreguei os olhos. — Tanto faz.

— A boa é que o encontrei, ele continua vivo. Demorei um pouco porque ele adotou um sobrenome composto. Acho que acrescentou o da nova mulher. A velha morreu, o que ajuda, porque assim teremos menos gente capaz de corroborar a versão dele da história. Isso quer dizer que sua namorada não vai enfrentar uma acusação de homicídio.

Ela fez uma pausa enquanto eu absorvia as informações, tentando forçar o alívio que eu queria sentir.

— A má notícia, Mike, é que ele é vereador. Um membro respeitado da comunidade. Casado, como já falei, dois filhos, estável, uma vida certinha. Faz trabalhos sociais, atividades beneficentes, todas essas coisas. É um vereador com ambições parlamentares. Em toda matéria de jornal em que aparece, ele está trocando um aperto de mão com algum chefe de polícia ou entregando um cheque para uma boa causa. Nada disso vai facilitar o caso da sua namorada.

VINTE E DOIS

Liza

Mike trabalhava dia e noite para conter o avanço da obra. Em algumas noites, ficava acordado até tão tarde que eu achava que ia acabar adoecendo. Kathleen preparava refeições para que eu entregasse a ele lá em cima, e eu me sentava ao seu lado e fazia o que podia, mas não sou boa em lidar com as pessoas. Ouvi-lo persuadir e seduzir, com seu jeito notável de expor as coisas como verdades absolutas, fazia minha cabeça girar. Ele não tinha medo de falar com ninguém. A quem quer que atendesse o telefone, pedia que chamasse seu superior imediato, e, se este não desse uma resposta satisfatória, ele solicitava o chefe seguinte. Tinha uma memória incrível para números: introduzia dados estatísticos nas conversas como se tivesse anotado tudo e advertia a todos com quem falava sobre os níveis de ruído e poluição, os custos extras e a desaceleração dos negócios em outras áreas. Explicava que o movimento nos bares diminuiria, assim como nos restaurantes e nos pequenos hotéis locais. Mostrava para onde iriam os lucros do novo hotel, e não seria para Silver Bay.

Mas tudo isso não bastava. Ele convencera Yoshi a pedir que seus colegas acadêmicos pesquisassem os efeitos do barulho nas baleias — mas, quando Mike não estava ouvindo, ela me disse que essas pesquisas levavam tempo. Não era possível colocar uma baleia sob um microscópio e cutucá-la para observar sua reação. A migração para o sul estava em andamento, e as baleias retornavam à Antártida. Depois de novembro, passariam meses sem aparecer em nossas águas, e então seria tarde demais. Mike não parecia me ouvir quando eu falava essas coisas, apenas baixava a cabeça e voltava a dar telefonemas.

Acho que ele pensava que, se pudesse deter o projeto de outro jeito, eu não teria que ir para a Inglaterra e, de algum modo, tudo daria certo. Quando falei que iria de qualquer maneira, ele me chamou de masoquista. Meu maior medo era que a "matéria", como ele chamava, não bastasse para salvar os animais.

Mike havia mandado circular petições em todos os barcos e tentava organizar um protesto para quando a maquete dos arquitetos fosse exposta no Hotel Blue Shoals. Mas ele estava encontrando dificuldades: muita gente já considerava o novo hotel uma realidade e planejava maneiras de faturar com isso. Mesmo com quem era contra a construção, não conseguíamos garantir que agissem. O pessoal de Silver Bay não fazia o gênero agitador. O mar causava isso nas pessoas: viver tão próximo de uma coisa sobre a qual não temos controle às vezes nos torna fatalistas.

Hannah era quem mais apoiava Mike. Ele pediu que ela e Lara fizessem cartazes dizendo que a escola não queria o dinheiro nem as novas instalações se viessem em consequência do novo empreendimento. As duas criaram novas petições, reuniram os colegas de turma, chegaram até a falar na rádio local sobre as diferentes personalidades dos golfinhos da baía. Quando Kathleen e eu ouvimos a voz da minha filha no rádio, morremos de orgulho. Mike criara uma conta de e-mail para Hannah, para que ela pudesse alertar todas as sociedades de proteção às baleias e aos golfinhos que encontrava na internet. Isso foi bom para que ela concentrasse a atenção em alguma coisa e deixar de lado o choque da experiência com as redes-fantasma. Durante o dia, minha filha parecia uma pessoa diferente, mais confiante, animada e decidida.

Quase toda noite, porém, ela atravessava de mansinho o corredor até o meu quarto, assim como fazia quando tinha seis anos, para ficar agarrada comigo.

* * *

Assim que pude, contei a ela. Numa tarde quente de sexta-feira, depois da escola, comprei sorvetes para nós duas e fomos nos sentar no Cais das Baleias, deixando os minúsculos peixinhos prateados mordiscarem os

dedos dos pés, enquanto Milly babava nos nossos ombros, esperançosa. A advogada me explicara que, se eu voltasse para a Inglaterra, enfrentaria um processo judicial e teria que explicar o que acontecera. Era provável que Hannah também fosse chamada e tivesse que contar tudo, assim como havia contado ao Mike.

Minha filha continuou sentada, com o sorvete intacto.

— Vou ter que voltar para Londres e morar com Steven? — perguntou. A simples menção do nome dele me deixava paralisada.

— Não, querida. Você vai ficar com Kathleen. Ela é sua parente mais próxima, depois de mim.

Dei graças a Deus, como sempre, por Steven e eu nunca termos nos casado, por ele não ter nenhum direito sobre Hannah, pelo menos.

— Você vai para a prisão? — indagou ela.

Eu não queria mentir para minha filha, por isso respondi que era possível. Mas acrescentei que, com sorte, o juiz poderia declarar que eu tinha ficado temporariamente desequilibrada, ou algo assim, e assim eu poderia ser condenada a uma pena curta, ou até receber suspensão de pena.

Essas tinham sido as informações que a advogada me dera quando Mike e eu fomos ao seu escritório no dia anterior. Com uma expressão sombria, ele ficara segurando minha mão embaixo da mesa. “A senhora entende que não foi culpa dela?”, ele perguntara repetidas vezes, como se fosse ela que precisava ser convencida. Depois percebi que ele fizera um teste, tentando avaliar a reação que minha história provocaria, se contada em outros lugares para pessoas menos solidárias. A advogada pareceu insensível, apesar dos altos honorários que Mike pagou por seu tempo. O máximo que ele conseguiu arrancar dela foi uma admissão de que as coisas haviam se desenrolado de uma forma “lamentável”. Em seguida, a mulher disse que não cabia a ela julgar o ocorrido, num tom sugestivo de que já tinha feito isso.

Com um sorriso forçado, falei para Hannah que o importante era que, quando isso terminasse, estaríamos livres para seguir com a nossa vida. Ela poderia ir aonde quisesse, e nós conversaríamos sobre Letty e ajudaríamos as baleias e os golfinhos.

— Ei — falei, segurando-a pelos ombros —, talvez até você possa ir à Nova Zelândia. Pode fazer aquela viagem da escola que queria. Que tal?

Não vi sua expressão, de início. Ela estava com a cabeça voltada para o outro lado da baía. Quando se virou para mim, a intensidade do seu horror me assustou.

— Não quero ir à Nova Zelândia — disse, contorcendo o rosto. — Quero que você fique comigo.

Ela não estava engolindo nada daquela história. Seus olhos só refletiam medo e desespero, e odiei a mim mesma por ter provocado isso.

— Todo mundo me abandona — murmurou ela.

— Não, querida, isso não é…

— E agora você vai embora, e eu não vou ter ninguém.

Ela chorou um pouco, então larguei meu sorvete e a abracei apertado, me esforçando para não chorar também. A verdade era que a perspectiva de me separar da minha filha me fazia mal. Abraçá-la nesse momento não foi um gesto descontraído, prazeroso, pareceu mais uma tentativa de gravá-la no meu corpo. Ao olhar para ela, eu tentava registrar sua imagem. Como se já me preparasse para o período — meses? anos? — em que não teria o privilégio de abraçá-la.

Eram essas e as futuras perdas que me deixavam acordada à noite. A perspectiva de Hannah passar pelos delicados anos da adolescência sem mim. Não havia como saber quem ela se tornaria. Será que me perdoaria? Perdoaria a si mesma? Fechei os olhos, sentindo o cheiro bom do seu cabelo, sentindo ali um vestígio da minha perdida Letty. Quando percebi que eu estava balançando o corpo, me afastei e a deixei fazer o mesmo.

Hannah se recompôs. A bravura e o autocontrole da minha filha eram de cortar o coração. Ela pediu desculpas e, com a palma da mão, enxugou os olhos.

— Eu não queria chorar — disse.

—Talvez pareça ruim agora, mas vai melhorar — afirmei, tentando transmitir uma segurança que eu não tinha certeza de sentir. — Podemos escrever uma para a outra e conversar por telefone e, quando você menos esperar, estaremos juntas outra vez.

Uma alga marinha tinha ido parar no seu cabelo e eu a tirei dali. Ela fungou.

— E, o que é mais importante, sempre que eu falar sobre Letty, não deixarei de citar as baleias. E os golfinhos.

— Você acha que isso vai impedir a construção do hotel?

— Talvez. E assim, a vida e a morte de Letty poderão significar uma coisa boa.

Ficamos ali sentadas, contemplando a água, remoendo o que eu dissera. Hannah era educada demais para me dizer o que eu sabia que era verdade: eu estava errada e nada de bom jamais surgiria da morte de Letty. Então, minha filha se virou para mim e perguntou:

— Será que ela tem uma sepultura na Inglaterra? Um lugar onde você possa colocar flores?

Tive de responder que eu não sabia. Sequer sabia se minha filha tinha sido enterrada ou cremada.

— Não importa onde Letty foi parar — disse Hannah, talvez notando meu desconforto —, porque ela está sempre aqui.

Pegou minha mão e a levou ao peito. Ela não disse mais nada, mas notei seus olhos e seus dentes cerrados. *Igualzinha a você*. Fiquei sem saber se interpretava aquilo como uma promessa ou uma acusação.

* * *

Kathleen não podia ser considerada uma das grandes promotoras de festas da sociedade. Na verdade, seria justo dizer que, apesar do seu ramo comercial, ela era uma das pessoas menos sociáveis que eu conhecia, que ficava mais feliz sozinha na cozinha ou passeando de barco do que conversando com hóspedes ou visitas. Esta era uma das razões de nos entendermos tão bem. Assim, foi uma surpresa que, dois dias depois da minha conversa com Hannah, ela anunciasse que, quando Nino Gaines saísse do hospital, ia preparar uma festa de comemoração. Seria do lado de fora, para que ele pudesse respirar ar puro, observar o mar e matar a saudade de conversar com todos os amigos.

— Lance, não há motivo para ficar boquiaberto. Já está na hora de comemorarmos alguma coisa aqui nesta espelunca lamentável — disse, interrompendo o silêncio perplexo momentâneo dos baleeiros, sentados às mesas desbotadas pelo tempo. — Enfim, se fizermos uma confraternização, o pessoal não vai aparecer na casa dele para chateá-lo a toda hora nas próximas semanas. Nada deixa alguém tão acabado quanto um bando de bons samaritanos na porta de casa.

Três dias depois, numa tarde quente o bastante para anunciar a chegada do verão, todos nós estávamos sentados sob toldos montados com muito capricho, quando o carro de Kathleen parou em frente ao hotel e a porta de trás se abriu. Algum tempo depois, Frank ajudou o pai a descer.

— Seja bem-vindo! — gritamos, e Hannah saiu correndo para abraçá-lo. Nino era o mais próximo que ela já tivera de um avô.

Ele se esforçou para se empertigar. Havia emagrecido — o colarinho da camisa balançava em volta do seu pescoço — e parecia frágil, um pouco instável sobre sua bengala. Segurou-se na porta aberta do carro com uma das mãos e semicerrou os olhos para nós por baixo do chapéu:

— Esse desfile lamentável de gente foi o melhor que você conseguiu arranjar para me dar as boas-vindas em casa, Kate? Ora, me leve de volta para o hospital, então.

Ele deu a impressão de que ia se abaixar e entrar de novo no carro, e não consegui conter um sorriso.

— Seu velho safado ingrato — disse ela, pegando a mala dele.

— Você devia me paparicar — retrucou Nino. — Posso bater as botas a qualquer momento.

— Pois vou garantir que isso aconteça, se continuar com esse chororô — retrucou ela, batendo a porta do carro.

— Venha se sentar perto de mim, Sr. Gaines — disse Hannah, segurando sua mão livre, enquanto ele seguia caminhando devagar. — Tem uma cadeira especial para você.

— Não tem um penico embaixo, tem? — perguntou ele, e Hannah caiu na gargalhada.

— Não, é uma cheia de almofadas.

— Ah, então está ótimo.

Ele piscou para mim e dei um passo à frente para abraçá-lo.

— Estamos felizes por ter você de volta, Nino — falei.

— Ora essa, Liza, alguém tem que manter sua tia na ativa, não é? Não podemos nos descuidar dela.

Ele estava exagerando no esforço de parecer bem, mas entendi seu motivo. Um homem como Nino Gaines teria dificuldade em ser tratado como inválido.

Foi uma tarde maravilhosa. As tripulações haviam tirado o dia de folga e, por um acordo tácito, ninguém discutiu o novo hotel nem o que o futuro poderia nos reservar. Conversamos sobre o tempo, os resultados do futebol, como a comida de hospital é horrorosa e a baleia-franca-austral que alguém tinha visto lá perto da Ilha Elinor. Bebemos e observamos Hannah, Lara e Milly correrem de um lado para outro na areia, Lance e Yoshi dançarem ao som de algumas músicas de Hannah, e vários pescadores, vizinhos e parentes distantes de Nino aparecerem para tomar algumas cervejas. Mike se sentou ao meu lado e, de vez em quando, eu sentia sua mão procurar a minha embaixo da mesa. Sua delicadeza e força faziam minha mente vagar por lugares que não devia frequentar às três e meia da tarde no meio de uma festa de família.

Olhe só para mim, pensei, quando tive essa ideia, e lancei um olhar furtivo para o homem que havia entrado em minha vida e agora estava sentado ao meu lado. Olhe para Hannah, Kathleen e Nino Gaines, olhe para os baleeiros, toda essa gente que, ao longo dos anos, me ofereceu mais apoio e amizade que os parentes consanguíneos de muitas pessoas. Eu tinha uma família. Independentemente do que acontecesse, ainda que sempre faltasse alguém, eu tinha uma família. E essa ideia me trouxe uma felicidade repentina. Mike deve ter percebido, porque ergueu uma sobrancelha, como se fizesse uma pergunta silenciosa. Sorri, e ele ergueu minha mão para beijar meus dedos na frente de todo mundo.

Nino Gaines arqueou as sobrancelhas para Kathleen.

— Você disse que eu passei quanto tempo apagado? — perguntou ele.

— Nem queira saber — respondeu ela, acenando de forma desdenhosa com a mão. — Não consigo acompanhar esses jovens.

— Cadê Greg? — quis saber Hannah, na outra extremidade das mesas. — Ele disse que já estaria aqui a esta hora.

— Ele parecia um pouco misterioso hoje de manhã — comentou Kathleen. — Eu o vi no mercado de peixes. Ele disse que tinha uma missão.

— É? E qual era o nome dela? — brincou Nino, baixando o chapéu sobre os olhos e se recostando na cadeira. — Meu Deus, é bom estar de volta, Kate.

Para minha surpresa, ela se inclinou para a frente e beijou sua testa.

— É bom ter você de volta, seu velho bobo — disse ela.

Antes que um de nós pudesse dizer alguma coisa, ouviu-se a caminhonete de Greg na estrada, e, como que aproveitando a deixa, ele se aproximou devagar da parte da frente do hotel e estacionou.

— Desculpem por interromper — disse, saindo do carro. Ele estava usando uma camisa bem passada, tinha acabado de fazer a barba, o que era raro, e parecia mais satisfeito que o normal consigo mesmo. — Mas achei que vocês todos deviam saber… Talvez queiram dar uma passada no meu galpão daqui a meia hora. É importante.

— Estamos dando uma festa, caso você não tenha notado — disse Kathleen, com as mãos apoiadas no quadril. — E você devia ter chegado aqui há duas horas.

— Ah, desculpe, Kathleen, mas isto é importante.

— O que está acontecendo, Greg? — perguntei.

Ele estava tentando conter o próprio sorriso, como se fosse um garoto armando uma peça para alguém na escola.

— Tenho uma coisa para lhe mostrar — disse, dirigindo-se a mim e ignorando Mike, o que não era incomum: desde que descobrira que nós éramos um casal, ele fingia que Mike não existia. Olhou para os próprios pés, depois para Kathleen. — E aí, Yosh… tudo em cima?

Olhei para ela, que apenas assentiu.

— Legal. Tenho uma coisa para mostrar a todos vocês. É bom ver o senhor de volta, Sr. Gaines. Será um prazer tomar umas geladas com o senhor mais tarde.

Inclinou o boné e, andando todo emproado, até mesmo para seus padrões de insolência, voltou para a caminhonete, fez meia-volta, levantando terra do chão, e seguiu para o galpão.

— Ele voltou a beber? — perguntou Nino, enquanto o observava se afastar.

Yoshi e Lance se entreolharam. Sabiam de alguma coisa, mas era óbvio que não iam nos contar.

— Você conhece Greg — disse Kathleen, dando de ombros. — Está sempre nos surpreendendo.

Hannah exibia um largo sorriso, e senti um aperto no peito. Torci para que não fosse outro barco.

* * *

Não tivemos que esperar muito. Nino ficou no hotel com Hannah, mas o resto de nós saiu caminhando lentamente pela trilha que levava ao mar, apreciando o sol e observando com certa surpresa uma multidão se aglomerar diante do galpão de Greg. Notei que havia repórteres e fotógrafos, e me perguntei qual seria a sensação de ter as câmeras apontadas para mim. Eu tinha assistido aos filmes, então imaginei se haveria um bando de jornalistas na escadaria do tribunal. Eu seria perseguida? Estremeci, apesar do calor do dia, e tentei afastar esse pensamento.

— Yoshi? — chamei, mas ela fingiu não me ouvir.

Eu tinha tentado convencê-la a revelar alguma coisa mais cedo, mas ela havia torcido o nariz, e Lance adotara uma expressão teatral que não dizia nada.

— Espero que Nino fique bem sozinho — afligiu-se Kathleen. — Não gosto de sair de perto dele.

— Ele deve estar aproveitando uns cinco minutos de paz — disse Mike. — Talvez esteja cansado.

— Você acha que devo voltar? — perguntou ela.

— Hannah vai nos chamar se houver algum problema — respondi, dando uma cotovelada de leve nela. — Nino está se divertindo como

nunca. Mais feliz, impossível.

— Ele está com uma aparência ótima, não é? — comentou minha tia, dando uma olhada no hotel já distante na estrada. E, então, sem jeito, acrescentou: — Aquele velho bobo e doido.

Parado diante do galpão, Greg fumava um cigarro. Olhava a multidão, como se quisesse ter certeza de que todos estavam lá. De vez em quando, cochichava um comentário engraçado com um dos pescadores ao seu lado. Sua caminhonete não estava mais do lado de fora.

Mais uma vez, tentei, mas não consegui descobrir do que se tratava aquilo. Era um procedimento atípico, com certeza.

Por fim, Greg cuspiu o cigarro e o amassou no chão com o sapato. Depois, enfiou a chave no cadeado e, com um grunhido de esforço, abriu as duas portas do galpão castigadas pelo tempo e acendeu a luz. Enquanto observávamos o interior escurecido, ele arrancou a lona que cobria a traseira da sua caminhonete e revelou a preciosidade: um enorme tubarão-tigre, com os olhos ainda brilhantes, a boca entreaberta numa perplexidade indignada, expondo seus dentes triangulares e pontiagudos. Todos arquejaram, surpresos. Mesmo morto, imóvel e preso por um guincho, o bicho era apavorante.

— Saí para pescar de manhã cedo — contou ele aos repórteres, dando tapinhas no animal. — Só até a entrada da baía, mais ou menos. Lá dá para pescar coisas boas. No início, achei que era um peixe-espada… mas olhem só o safado que fisguei! Ele me arrastou pela cabine de um jeito que vocês nem acreditam. Tony, dá uma ré aí! — gritou para o homem na caminhonete.

Quando ele chegou para o lado, o veículo deu marcha a ré e saiu para a luz. Algumas câmeras registraram o momento.

— Chamei vocês aqui porque a gente nunca teve tigres assim tão perto, e eu queria avisar a todo mundo na baía para manter as crianças fora d'água. Não podemos arriscar que esses monstros não vão entrar. Vocês sabem que o tubarão-tigre é um bicho safado e perverso, e, por aquelas desgraçadas redes-fantasma, nós vimos que quase qualquer coisa pode ir parar direto na praia.

Ele deu um tapa no tubarão, parecendo satisfeito.

— Levei o bicho até o mercado de peixes, e os caras lá o identificaram e pesaram para mim. E fiquei sabendo que não foi o único visto em nossas águas.

Ver aquele tubarão me deixou com calafrio. Eu não parava de pensar em Mike e Hannah naquele mar escuro e revolto, nas coisas que ele me contara que esbarrara as pernas.

Ele deve ter ficado com a mesma sensação que eu, pois se aproximou por trás de mim, segurou minha mão e a apertou.

Yoshi deu um passo à frente e começou a dar várias informações aos repórteres:

— Os tubarões-tigre são conhecidos como lixeiros do mar. Este pode ter sido atraído para a baía pela rede-fantasma e a quantidade de animais mortos presos ali. Mas isso quer dizer que há uma boa chance de que este grandalhão não tenha vindo sozinho, e pode ser que tenham outros circulando por aqui há um bom tempo. Eles comem qualquer coisa: peixes, tartarugas, seres humanos… — Yoshi deixou estas últimas palavras no ar por tempo suficiente para as pessoas se entreolharem, nervosas. — Mas não perguntem só a mim — acrescentou. — A Secretaria do Meio Ambiente e do Patrimônio dirá que não são bons animais para termos por perto.

— Precisamos de redes para tubarões — sugeriu alguém na multidão. — É o que as pessoas usam em outras praias.

— Como é que vamos colocar redes de tubarão numa baía cheia de golfinhos? — retrucou Greg, em tom ríspido. — E também capturam baleias. Só vão pôr redes de tubarão nesta baía por cima do meu cadáver.

— É isso aí — disse alguém, rindo.

— Os tubarões são espertos — disse Yoshi. — Se colocarmos redes na entrada da baía, os animais vão simplesmente nadar por cima ou em volta delas. Se vocês verificarem os números, vão ver que a taxa de mortalidade dos tubarões é mais ou menos a mesma, tendo ou não redes nas praias.

— Acho que vocês estão fazendo muito barulho por nada. — Reconheci a voz de um dos hoteleiros da região. Eu sabia que ele não devia estar gostando daquela publicidade quando a temporada da primavera estava

prestes a deslanchar. — Todo mundo sabe que, em termos estatísticos, é mais provável ser atingido por um raio que morto por um tubarão.

— Você acha que este cara aqui estava preocupado com estatísticas? — questionou Greg, encostando-se no tubarão. — Devia imaginar que tinha uma chance em um milhão de engolir a isca do anzol de alguém.

A multidão riu.

— Precisamos ficar atentos aos tubarões-tigres, porque se aproximam da orla atrás das tartarugas marinhas — avisou Yoshi, séria. — E são persistentes. Não são como os tubarões-brancos… Eles sempre voltam para acabar de comer qualquer coisa em que tenham dado uma dentada.

O hoteleiro balançou a cabeça. Greg reparou e ergueu o tom de voz:

— Está legal, Alf — comentou. — Pois então, vá nadar. Só achei que era meu dever informar a vocês o que está lá fora.

— Os ataques de tubarão têm aumentado — continuou Yoshi. — Todos sabem disso. Há algumas soluções possíveis. A gente pode demarcar com boias e redes as áreas seguras para nadar. Tenho certeza de que a guarda costeira pode providenciar isso. Mas não serão áreas enormes.

— Enquanto isso, como já falei — Greg havia colocado o boné na cabeça, então eu não conseguia ver seus olhos —, aconselho vocês a manterem as crianças fora d'água. Vamos alertar a guarda costeira se virmos outro na baía, e os pescadores vão fazer a mesma coisa.

Houve um murmúrio de preocupação. Várias pessoas se afastaram, com o celular no ouvido, e outras se aproximaram da caminhonete, querendo tocar no tubarão. Pensei em Hannah e na conversa que tivemos sobre ela ter um barco. Achei que ninguém deixaria os filhos andarem de barco em Silver Bay enquanto houvesse tubarões na água. Mas dizer isso a Hannah, depois do que eu tinha prometido, não seria fácil. Enquanto eu me preocupava com esse problema, Kathleen se aproximou e observou o animal morto na traseira da caminhonete:

— Tubarão, hein? — perguntou, de cenho franzido e braços cruzados.

— Você deve saber — respondeu Greg, enquanto içava o animal para os fotógrafos poderem tirar fotos melhores.

— Onde você disse que…

— Esta aqui, senhores — anunciou Greg, indicando Kathleen antes que ela pudesse terminar a frase —, é a mundialmente famosa Dama dos Tubarões de Silver Bay, Kathleen Whittier Mostyn. Esta senhora capturou um tubarão ainda maior, mais ou menos cinquenta anos atrás. O maior tubarão-cinza já capturado em Nova Gales do Sul, não foi, Kathleen? Que tal isto para uma matéria, hein?

Kathleen o encarou em silêncio. A indisfarçada maleficência do seu olhar bastaria para me fazer sair correndo em busca de abrigo. Ela sabia que estava sendo enganada e não gostou disso. Mas Greg continuou falando, mesmo assim:

— Então, cavalheiros, estão vendo? Mais uma vez, Silver Bay tem uma população de tubarões. O pessoal que gosta de animais selvagens vai adorar, mas quero avisar aos nossos cidadãos que não saiam nadando nem fazendo windsurfe, ou seja, que não pratiquem nenhum esporte aquático sem tomar um enorme cuidado, enquanto existir a ameaça de ataques de tubarão.

Os jornalistas se reuniram em torno de Kathleen, colocando os blocos de anotação e os microfones diante dela. Vários flashes foram disparados. Greg continuou posando ao lado do tubarão. Depois do horror das redes-fantasma, os jornais locais tiveram outra boa matéria de primeira página em quinze dias, e era perceptível o prazer que os repórteres sentiam ao fazer as perguntas.

— Eu me esqueci de acrescentar — continuou Greg — que esta gracinha está à venda, se alguém se interessar. Mais fresco, impossível. Dá uma porção maravilhosa de sushi.

— Achei que tubarões e golfinhos não convivessem juntos — disse Mike, enquanto nós voltávamos devagar para o hotel.

A tarde continuava clara e iluminada, e o mar cintilava ao longe, parecendo benigno. Eu tinha tomado algumas cervejas e devorado uma quantidade incomum de comida. Um quilômetro adiante, vi Hannah e Lara, que apresentavam um número de dança para Nino Gaines, e depois desabaram na areia às gargalhadas. De vez em quando, em dias como aquele, eu conseguia me convencer de que o mundo onde eu morava era bom.

— Às vezes acho que o mundo inteiro está de pernas para o ar — comentei, afastando o cabelo do rosto e olhando de relance para Mike. Fiquei com vontade de beijá-lo nesse momento. Eu sentia vontade de beijá-lo quase o tempo todo, na verdade.

Preciso me lembrar disto, pensei, e desejei ser como o pequeno celular dele: abarrotado de momentos que eu pudesse reprisar com perfeita clareza, num futuro muito, muito distante.

* * *

— Não vá — pediu Mike naquela noite.

Ele estava parado à porta do banheiro, escovando os dentes, com a toalha enrolada na cintura, e eu tinha passado atrás dele para pegar um copo d'água.

— Ir para onde? — perguntei, enfiando o copo debaixo da torneira.

Andei pensando no que eu precisaria fazer no dia seguinte. Coisas idiotas sobre as quais tinha que refletir, como me certificar de que Hannah tivesse uniformes escolares suficientes para durar por vários períodos letivos, assinar a procuração da advogada, abrir uma conta conjunta para mim e Kathleen. A advogada dissera que seria sensato organizar todos os meus assuntos pessoais antes de falar com qualquer pessoa, e a lista de coisas que precisavam ser solucionadas fazia minha cabeça girar.

— Não faça isso. É loucura. Andei pensando, e é loucura.

O reflexo dele me fitava pelo espelho, e a rigidez de suas costas nuas me revelou que a tensão que eu pensara ter visto em seu rosto naquela noite não tinha sido fruto da minha imaginação.

Ele praticamente passara várias horas sem falar nada, se bem que Greg tinha andado tão loquaz e os baleeiros, tão bêbados, que teria sido difícil Mike conseguir participar da conversa. Eu havia pensado que Greg, que fizera de tudo para provocá-lo, o deixara daquele jeito. "Sem querer ofender, cara", dizia ele depois de cada comentário maldoso, e Mike apenas dava um sorriso tenso. Só eu havia notado o tique na sua mandíbula. Ainda conseguíamos ouvi-los no andar de baixo, embora Nino,

o verdadeiro foco da festa, já tivesse ido para casa dormir fazia muito tempo.

Suspirei.

— Mike, não quero falar sobre isso agora — pedi. Eu queria aproveitar o dia pelo que tinha sido, curti-lo e ir para a cama em paz.

— Nada vai impedir essa construção — disse ele, parando para cuspir a pasta de dentes. — Sei como é a Beaker. Eles veem um lucro alto nisso e, quando Dennis Beaker vê dinheiro, nada pode detê-lo. Já foi longe demais. E você está prestes a arruinar sua vida e a de Hannah, sem qualquer motivo.

— O que quer dizer com "sem qualquer motivo"? Minha paz de espírito e a de Hannah não valem nada?

— Mas você está bem — retrucou Mike, que tinha pasta de dentes no queixo, mas algo me disse que não me agradeceria por avisá-lo. — Vocês duas estão bem. Talvez não possam fazer tudo o que gostariam… Mas, afinal, quem é que pode? Hannah está segura e feliz, cercada de pessoas que ama. Você está feliz… mais do que já vi. Esse cara, Steven, continua vivo, casado e com filhos, o que significa que até ele está contente. Ninguém vai reconhecê-la, ainda mais depois de todo esse tempo. Podíamos continuar juntos, ficar por aqui e… ver como as coisas se desenrolam. Por que arriscar tudo por algo que talvez não dê certo?

— Mike, já conversamos um milhão de vezes. Essa é nossa única esperança para as baleias. E não quero falar sobre isso agora. Será que podemos simplesmente ir dormir?

— Por quê? Toda vez que puxo o assunto, você diz a mesma coisa. Qual é o problema de falar agora?

— Estou cansada.

— Todos nós estamos. Faz parte da condição humana.

— É, bem, estou cansada demais para conversar.

Fiquei irritada por ele ter falado a verdade. Eu não queria conversar, pois tocar nesse assunto me fazia enfrentar o que eu estava prestes a fazer, e eu tinha medo de que, se alguém me questionasse demais, minha determinação desaparecesse.

No andar de baixo, Greg tinha começado a cantar. Ouvi os aplausos das outras pessoas junto do assobio agudo de Lance.

— Isso não afeta só a você.

— Acha que eu não sei? — rebati em um tom brusco.

— Hannah quase não sai do seu lado. Ficou grudada em você essa tarde.

Olhei furiosa para ele.

— Não precisa me dizer nada sobre minha filha.

Senti o sangue ferver. Fiquei com raiva por Mike ter comentado isso. Senti raiva dele por ter notado o medo de Hannah.

— Bem, alguém precisa dizer o que pensa. Você nem discutiu isso com Kathleen.

— Vou falar com ela quando estiver pronta.

— Você não quer falar com ela porque sabe que vai dizer o mesmo que eu. Já pensou no que realmente significa ser presa?

— Não me trate com condescendência.

— Ficar trancada vinte e três horas por dia. Ser classificada como assassina de crianças pelas outras presidiárias. Acha que conseguiria sobreviver?

— Não vou falar sobre isso agora — repeti, juntando minhas roupas.

— Se você não consegue me aguentar dizendo estas palavras, como é que vai lidar com isso no tribunal? Ou quando forem ditas pela polícia? Ou por quem quer magoar você? Acha que vão se interessar pelo que realmente aconteceu?

— Por que está fazendo isso comigo?

— Porque acho que você não pensou muito bem sobre o assunto. Acho que não sabe onde está se metendo.

— Sei cuidar de mim mesma.

— Sabe como? Você nunca teve que se cuidar.

Eu o desafiei:

— Isso é por causa do Greg, não é?

— Não tem nada a ver com ele. Quero que você fale sob…

— Tem tudo a ver com Greg. Ele ficou sentado lá embaixo, provocando você a noite toda, o que fez você se lembrar de que não é o único homem com quem já estive.

Mike se sentou de frente para mim e fechou os olhos, como se assim ele não pudesse mais escutar. Eu continuei:

— Então, agora está descontando em mim. Bem, se você quer começar uma briga, vou…

— Fugir de novo? Quer saber de uma coisa? Acho que isso não tem mais nada a ver com as baleias.

— O quê?

— Você está decidida a se castigar pela morte de Letty. O projeto desse hotel a obrigou a parar para pensar no que aconteceu, e agora você sente necessidade de reparar o que fez, oferecendo-se em sacrifício.

Tinham parado de cantar no andar de baixo. A janela estava aberta, só que eu não me incomodava mais com isso.

— Não faz sentido. Você já pagou pelo que aconteceu, Liza. Já pagou um milhão de vezes.

— Quero passar uma borracha em tudo isso. E nós precisamos…

— Salvar as baleias. Eu sei.

— Então por que está agindo desse jeito?

— Porque você está errada. E está fazendo isso pelos motivos errados.

— Quem é você para julgar os meus motivos, porra?

— Não estou julgando você. Mas precisa pensar melhor sobre isso, Liza. Você tem que saber que se…

— *Você* é que precisa parar de se meter na minha vida.

— …seguir com isso, Hannah vai afundar com você.

Meu sangue gelou. Eu não conseguia acreditar que ele estava sendo grosseiro comigo. Se suas palavras não tivessem cravado em mim como uma faca, com certeza eu não teria dito o que falei em seguida:

— Quem foi que nos meteu nesta situação, Mike? Pergunte isso a si mesmo, da próxima vez que vier me julgar. Como você disse, nós vivíamos bem aqui. Éramos felizes. Bem, se Hannah e eu acabarmos nos separando pelos próximos cinco anos, pergunte a si mesmo de quem é realmente a porra da culpa.

Fez-se silêncio, do lado de dentro e de fora. Só dava para ouvir o mar e, passados alguns minutos, o rangido de uma cadeira sendo arrastada, quando alguém começou a recolher com cuidado os copos.

Encarei o rosto lívido de Mike e desejei poder retirar o que eu dissera.

— Mike…

Ele ergueu a mão.

— Você tem razão. Desculpe.

E então, em uma guinada súbita e dolorosa, compreendi a verdade: ele não tivera a intenção de me magoar. Apenas não suportava a ideia de me perder.

VINTE E TRÊS

Monica

O comportamento do meu irmão tem me surpreendido bastante nos últimos meses. Um ano atrás, nessa época, se alguém apostasse comigo qual seria o desenrolar da vida dele, eu teria dito que em março Mike estaria casado com Vanessa, ela já tentando engravidar, e ele continuaria buscando ser promovido na empresa de projetos imobiliários. Ele teria um apartamento elegante, talvez uma casa nova, quem sabe um chalé de veraneio em algum lugar quente, outro carro chiquérrimo, viagens para esquiar, frequentaria restaurantes caros, blá-blá-blá. A coisa mais radical que Mike faria seria trocar de loção pós-barba, ou talvez a cor da gravata.

Mas eu já não fazia a menor ideia de onde ele estaria em março. Talvez na Austrália, ou na Nova Zelândia, ou envolvido na construção de barcos no arquipélago de Galápagos. Talvez estivesse deixando o cabelo crescer e usando dreadlocks. Ou quem sabe protegesse uma fugitiva e a filha dela, e tentasse salvar as baleias. Quando contei aos meus pais parte da história (Mike vai ter que me perdoar, porque não consegui resistir), papai quase cuspiu a dentadura.

— Como assim ele largou o emprego? — vociferou ele, e ao fundo ouvi minha mãe mandá-lo pensar na sua pressão. — Quanto tempo ele planeja ficar na Austrália? — E depois: — Uma *mãe solteira*? E o que foi que aconteceu com Vanessa?

Eu achava que talvez Mike estivesse passando por uma crise precoce da meia-idade, que talvez Liza fosse mesmo seu primeiro amor de verdade. E as pessoas fazem coisas estranhas quando se apaixonam pela primeira vez. Quem sabe o desenvolvimento de projetos imobiliários não fosse, de modo algum, tudo aquilo que parecia.

Até que meu irmão me ligou semana passada e me contou aquela história. Não consigo mentir. A primeira coisa em que pensei não foi, nos termos dele, numa maneira de protegê-la. Só pensei que daria uma matéria muito boa: a namorada de um aspirante a político, vítima de violência doméstica, que teria fugido do país após matar acidentalmente a filha do casal. A história tinha tudo: crime violento, segredos antigos, tragédia, uma criança morta e uma mulher loura linda. Fala sério, tinha até baleias e golfinhos. Eu disse ao Mike que só faltava um canguru para termos um pacote completo. Ele não achou graça.

Mas as coisas não faziam sentido. Dei uma olhada em todos os recortes de jornal sobre o cara, mesmo ele tendo mudado de nome. Chequei as informações com todos os bancos de dados que encontrei. Passei quase uma semana sem fazer nada além de pesquisar detalhes da história e de infernizar ao máximo o pessoal da minha editoria, porque eu não podia contar a eles o que estava fazendo. Mas as coisas continuavam sem sentido.

VINTE E QUATRO

Mike

Milly entrou em declínio. Mal comia e só dormia de vez em quando. Ficava o tempo todo vigilante, ansiosa e mordaz, duas vezes deu vexame no *Ishmael* ao mostrar os dentes aos passageiros e, um dia desses, fez cocô no tapete da sala. Este último foi um ato de depressão, e até ela mesma teve a gentileza de parecer envergonhada. A todo lugar que Liza ia, aquela pequena sombra preta e branca ia seguindo atrás dela, grudada em seus calcanhares. Devido a sua intuição canina, Milly havia pressentido que sua dona planejava ir embora, e tinha medo de que, se reduzisse sua vigilância, ela pudesse desaparecer.

Eu sabia como Liza estava se sentindo. A angústia. A impotência. Desde a noite da festa, já não discutíamos seus planos. Eu trabalhava com mais afinco, em parte porque eu só conseguia pensar nesta maneira de detê-la, e em parte por achar cada vez mais difícil estar com ela. Eu não podia olhá-la, tocá-la nem beijá-la sem imaginar como seria ficar sem ela. Se quisesse descrever a situação em frios termos financeiros, eu diria que não dava mais para investir em algo que estava prestes a ser tirado de mim.

Kathleen, é evidente, já sabia o que a sobrinha estava planejando — afinal, as duas haviam conversado —, e seu jeito de lidar com isso, como com tantas coisas na vida, era apenas seguir em frente, ser prática. Eu não tinha tocado nesse assunto com ela — não me pareceu prudente —, mas percebi que ela passou a dar atenção extra à Hannah, planejando viagens e pratos especiais, e percebi que ela se empenhava em uma forma própria de se preparar para o que viria. O Sr. Gaines aparecia quase todos os dias e, enquanto Hannah estava na escola, era comum ver os dois à mesa da cozinha, cochichando, lendo tranquilamente o jornal ou ouvindo rádio. Eu

ficava contente por eles, alegre por ver que Kathleen não enfrentaria tudo sozinha, e também sentia um pouco de inveja da felicidade dos dois. Liza merecia uma felicidade como essa depois de tudo o que havia acontecido, mas, em vez disso, estava prestes a ser punida de novo.

Ela me perdoara por meu desabafo. Era gentil comigo, e de vez em quando acariciava meu rosto com um olhar compreensivo. À noite, parecia cada vez mais apaixonada, como se também estivesse decidida a colher os últimos pedacinhos de felicidade do que restava do nosso tempo juntos. Às vezes, eu era obrigado a dizer que não podia, e ficava tão triste e furioso com o que estava prestes a acontecer que não conseguia consumar o ato.

Liza nunca fazia nenhum comentário. Apenas enroscava suas pernas magras em mim, apoiava o rosto na minha nuca, e ficávamos ali deitados no escuro, sabendo que o outro estava acordado, mas nenhum dos dois sabia o que dizer.

Em várias ocasiões, ela me perguntou quando minha irmã deveria ligar, quando aconteceria a entrevista. Tentava fazer suas perguntas parecerem ocasionais, mas eu sabia que ela precisava começar a resolver as coisas, saber com exatidão quanto tempo restava. No começo, fui protelando, depois tentei repetidamente entrar em contato com Monica, mas sempre caía na caixa postal. Toda vez que não conseguia falar com ela, eu sentia apenas alívio.

A aparentemente imutável construção do hotel não ajudava em nada meu desânimo. Minhas ideias e minha energia se esgotavam e, apesar de todo o meu esforço, não consegui organizar uma manifestação no dia em que a maquete foi exibida. O dono do Hotel Blue Shoals me ligou para dizer que, por mais que compreendesse o que eu vinha fazendo, “não queria nenhum protesto agressivo”, porque haveria um batizado no salão dos fundos naquele horário de almoço, e é claro que eu tinha que entender. Ele me pareceu um bom sujeito e eu não estava a fim de estragar a data especial de uma família, por isso cancelei a manifestação. Kathleen riu com indiferença quando contei isto e comentou que eu daria um belo revolucionário. Não fiquei contente em confessar que, de qualquer maneira, apenas meia dúzia de pessoas havia demonstrado interesse em participar da manifestação.

Liza tinha saído com o *Ishmael* e Hannah estava na escola, então depois de tentar, sem sucesso, continuar a luta sentado à minha escrivaninha, fui até o Blue Shoals, aproveitando o brilhante céu azul e a brisa quente no caminho. Nesses dias que o tempo estava mais quente, Silver Bay parecia o lugar mais lindo do mundo. Sua paisagem já era familiar para mim, o horizonte com morros vulcânicos consistia num descanso para os olhos, os diversos bangalôs e apartamentos alugados para as férias já não pareciam dissonantes, e as lojas de tortas e bebidas ao longo da estrada litorânea se transformaram em paradas costumeiras. Na minha opinião, tudo de que alguém poderia precisar estava naquele cantinho do mundo. Uma das poucas certezas que eu usava para me consolar era minha decisão de permanecer ali. Eu ajudaria Kathleen na sua luta para manter o hotel funcionando e cuidaria de Hannah até Liza voltar.

Naquelas circunstâncias, era o mínimo que eu podia fazer.

Eu era a única pessoa na recepção do Hotel Blue Shoals. A recepcionista, que talvez tivesse me reconhecido, apontou com o polegar para o saguão em forma de L, e ali, ladeada por divisórias de papelão onde eram projetados os números de visitantes e de benefícios para a comunidade, estava a maquete, numa vitrine de acrílico de um metro e meio por dois, despercebida.

A obra era exatamente como eu tinha imaginado. Na verdade, ao examiná-la mais de perto, percebi que era ainda melhor. Os quatro prédios ficavam elegantemente situados ao redor de quadras, jardins e piscinas. Os tetos solares imitavam a forma das colinas atrás do hotel, que era branco, brilhante, imaculado e caro. Apesar da estranha imobilidade que costumamos sentir diante de maquetes, dava para imaginar o grande fluxo de pessoas em volta das piscinas, ou caminhando de volta para os quartos após um dia de praia. A área de esportes aquáticos, que se projetava numa grande extensão para o interior da baía, era pontilhada por barquinhos de plástico e tinha até dois praticantes de waterski, inclusive com pranchas de espuma. O Cais das Baleias estava cheio de caríssimos iates brancos e catamarãs. A areia era branca, e os prédios reluziam em paredes caiadas e de vidro. Pequenos pinheiros subiam pelas encostas das montanhas atrás do hotel, e o mar era azul-turquesa. Parecia um lugar que qualquer pessoa

gostaria de visitar. Tive que admitir que parecia uma pequena faixa do paraíso, e meu lado profissional não pôde deixar de sentir uma perversa admiração por meu talento. Em seguida, observei a baía em miniatura e notei que o hotel de Kathleen e o Museu dos Navios-baleeiros já não existiam. Havia a areia branca, o pontal e nada mais.

Fiquei com mais raiva ainda.

— Parece muito bom, não é?

Ergui os olhos e me deparei com o Sr. Reilly admirando a vitrine de acrílico. Estava usando uma camisa de manga curta e o paletó jogado no ombro, como se ele não tivesse se preparado para o calor do dia.

— Deve estar muito satisfeito consigo mesmo — disse.

Eu me empertiguei.

— Eu estava me perguntando onde arranjam todas essas pessoas em miniatura — continuou.

— Existem empresas especializadas — respondi de forma brusca. — Os bonecos são feitos sob encomenda.

— Tenho um filho obcecado por maquetes de ferrovias — prosseguiu o Sr. Reilly, agachando-se para observar tudo no nível dos olhos. — Eu devia mandar fazer algumas miniaturas para ele. Meu filho ia adorar.

Não falei nada. Olhava fixo para o espaço onde deveria estar o hotel de Kathleen.

— Mas é diferente ver em três dimensões — observou ele. — Achei que dava para visualizar o projeto nas plantas, mas só assim ganha vida.

— É um erro — declarei. — Vai ser um desastre para esta área.

O Sr. Reilly ficou um pouco desanimado e se levantou.

— Soube que você já virou um nativo. Isso me surpreendeu, Mike, considerando o empenho com que lutou por esse projeto.

— Percebi o que vocês iam perder e não quis mais fazer parte disso.

— Acho que não vamos perder muito.

— Apenas as baleias e os golfinhos.

— Você está sendo um pouco dramático, cara. Olhe, o pessoal da guarda costeira impôs restrições àqueles barcos-discoteca. Faz mais de dez dias que nenhum aparece aqui. Entenderam o recado.

— Até a construção começar.

— Mike, não há nenhuma prova de que uma construção na orla deixe os animais estressados.

— Mas os esportes aquáticos vão deixar.

— A Beaker prometeu instituir normas bem rígidas.

— E você acha que um garoto de dezoito anos num jet ski vai ligar para as normas? É tudo cumulativo, Sr. Reilly. Tudo contribui para aumentar o estresse das baleias.

— Não concordo — disse ele. — Pelo menos duas jubartes foram vistas esta semana, o que é mais ou menos o normal no fim da estação. Os observadores de baleias voltaram a sair para o mar. Os golfinhos estão aí. Desculpe dizer isto, mas realmente não entendo por que você se opõe tanto ao projeto.

Estávamos em lados opostos, com a enorme vitrine da maquete entre nós. Fiquei com vontade de bater nele, o que não era nada típico da minha personalidade, mas também senti pena, pois desconfiei que, em outras circunstâncias, eu poderia gostar dele. Respirei fundo e apontei para a maquete.

— Sr. Reilly, me faça um favor. Diga o que vê quando olha para isto.

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

— Sem falar que eu adoraria me hospedar aí? Vejo empregos. Vejo vida numa área em que isso é bem escasso. Vejo uma nova linha de ônibus e uma biblioteca para a escola. Vejo comércio. E oportunidades. — Ele deu um sorriso maroto. — Você devia saber, Mike. Foi você quem me fez ver essas coisas.

— Então vou dizer o que eu vejo — respondi. — Vejo homens que beberam cerveja demais andando depressa com a lancha pela baía. Vejo golfinhos machucados por lemes, sem conseguirem sair do caminho a tempo. Vejo barcos-discoteca tentando atrair a clientela de passagem e vejo uma quantidade excessiva de observadores de golfinhos, e também baleias desorientadas encalhando nessa praia de areia branca e imaculada. Vejo o que resta da migração das jubartes passando a muitos quilômetros daqui, algumas talvez se perdendo pelo caminho, e as pessoas que dependiam da presença delas perdendo o emprego. E vejo um enorme

buraco onde deveria estar um hotel administrado por uma família, um lugar que existe há setenta e tantos anos.

— Não há motivo algum para que o Baía da Esperança não continue existindo com sucesso ao lado do novo complexo hoteleiro.

Apontei para a maquete.

— Eles não parecem pensar assim.

— Você não pode esperar que incluam todos os prédios locais.

— Gosta de apostas, Sr. Reilly? Está disposto a apostar quinhentos dólares em que o Baía da Esperança ainda estará de pé, um ano depois da construção desse hotel aí?

Passamos um minuto em silêncio. Um casal de idosos parou na entrada do saguão e pareceram nervosos ao olhar para nós dois. Então me dei conta de que estava gritando. Precisava me controlar. Estava exausto e perdendo a noção das coisas. Reilly balançou a cabeça na direção deles, um gesto tranquilizador, e se voltou para mim.

— Tenho que dizer, cara, que você me surpreendeu. É uma reviravolta e tanto — observou, sem usar um tom hostil. — Diga uma coisa, Mike, você está contra o projeto, mas deve ter visto vantagens em algum momento. Deve ter tido uma razão para se empenhar tanto em vendê-lo. Então, me diga agora: quando você me procurou, muitos meses atrás, na época em que queria que isso acontecesse, o que *você* via nesse projeto? Você se importa de me contar?

Olhei para aquilo, para aquela força invencível, e senti um aperto no peito.

— Dinheiro — respondi. — Eu via dinheiro.

* * *

Quando voltei para o hotel, Hannah estava usando o computador no meu quarto. Janela aberta, a luz brilhante do sol entrando pelas tábuas brancas do piso, destacando as cores desbotadas do tapete persa e as pegadas de areia que meu tênis havia deixado quando retornei da minha corrida matinal. Do lado de fora dava para ouvir a música tocando no carro de alguém, uma batida sonora, incessante, e ao longe uma moto rangia nas

dunas. Uma brisa leve entrava pela janela aberta e seguia para a porta, que passei a fechar apenas raramente, afinal fazia semanas que não havia nenhum hóspede e Kathleen agia como se eu morasse ali. Recusava-se até a me cobrar aluguel.

— Mike! — exclamou Hannah. Girou na cadeira, fazendo sinal para eu me aproximar, e me mostrou um e-mail que disse ter recebido de alguém no Havaí, de uma pessoa que havia lutado contra um projeto semelhante. — Ela vai nos mandar uma lista das organizações que a ajudaram. Talvez a gente também consiga ajuda.

— Que ótimo — falei, tentando parecer otimista. Sentia vontade de apoiar a cabeça nas mãos. — Bom trabalho.

— Eu e Lara temos mandado e-mail para todo mundo. *Todo mundo* mesmo. Uma pessoa do *South Bay Examiner* ligou e quer tirar uma foto nossa, por causa das petições.

— O que sua mãe acha disso?

— Ela mandou perguntar a você — respondeu, com um sorriso. — Fiz uma lista de tudo o que a gente fez hoje… Está na pasta azul, ali no canto. Agora tenho que ir ao Clube de Hóquei, mas continuo quando voltar. Você ainda vai sair comigo e com minha mãe?

— Hein?

Eu estava pensando no Sr. Reilly. A pesquisa da Secretaria de Planejamento seria encerrada dali a três dias, de acordo com o que ele me dissera ao sair do Blue Shoals. Mas ele tinha acrescentado que, cá entre nós, ninguém havia apresentado nada muito convincente a ponto de mudar a opinião da comissão responsável.

— Minha mãe disse que nós três podemos sair no *Ishmael*… Lembra?

— Ah — respondi, tentando sorrir. — Claro.

Ela vestiu o casaco da escola e jogou o jornal em cima de mim.

— Viu a foto da tia K com o tubarão? Ela está muito brava. Disse que vai fazer cinta liga com as tripas do Greg.

A manchete dizia: “Dama dos Tubarões alerta para retorno do tigre.” Mais abaixo, o fotógrafo clicara Kathleen no momento em que ela andava até Greg, com uma expressão tão sinistra quanto a do tubarão morto. Ao lado aparecia sua já conhecida foto de maiô aos dezessete anos.

— Eu escaneei. Tenho que devolver o jornal para o Sr. Gaines, mas me pediu para não deixar tia K saber que ele comprou um, senão ela acaba com ele! Está no desktop do computador, se você quiser ler. E tem mais dois: o *Sentinel* e o *Silver Bay Advertiser*, só que as fotos desses não saíram tão boas.

Coitada de Kathleen. Ela tinha razão: seria perseguida pelo resto da vida por aquele tubarão.

Observei Hannah juntar suas coisas e depois, dando um aceno animado, desceu a escada. Parecia ter tirado da cabeça a partida iminente da mãe. Talvez algumas coisas sejam grandiosas demais para serem contempladas quando se tem onze anos. Ou quem sabe, assim como eu, ela estivesse esperando uma intervenção divina.

Eu a ouvi cantarolar enquanto ela e a amiga andavam pela rua. Pela enésima vez, fiz um pedido silencioso de desculpas.

Então meu celular tocou.

— Monica?

Consultei o relógio. Deviam ser quase duas da manhã na Inglaterra.

— Como estão as coisas? — perguntou Vanessa.

Meu primeiro e fugaz pensamento foi: onde é que minha irmã se meteu? O segundo foi pura irritação. Vanessa devia saber muito bem que minha oposição ao projeto não estava dando em nada.

— Que coisas?

— A vida. As coisas. Eu não estava falando da construção — disse ela.

— Tudo bem.

— Fiquei sabendo que você continua na Austrália. Falei com sua mãe outro dia.

— Continuo no papel de Canuto, o Grande, lutando contra a maré invencível.

Ouvi um barulho abafado ao fundo, do outro lado da linha, e de repente pensei no nosso apartamento, com a elegante televisão de tela plana no canto, os imensos sofás de camurça e os móveis caros. Eu não tinha sentido falta de nada disso.

— Meu pai tem uma pasta com recortes de jornal — continuou Vanessa —, com todas as matérias que você publicou sobre a oposição à construção

do hotel. Todo dia ele enfia mais coisas dentro dessa pasta.

— Por que está me contando isso?

— Não sei. Para que você saiba que o que está fazendo não tem sido totalmente em vão.

— Mas não é o bastante para fazer Dennis parar.

Houve um breve silêncio.

— Não — admitiu ela. — Não é.

Do lado de fora, alguns periquitos pousaram numa árvore. Observei-os, ainda me surpreendendo por algo tão cheio de vida conseguir viver com liberdade na natureza.

— Tina foi embora.

Olhando pela janela, tive vontade de perguntar: "E daí?"

Fechei os olhos. Eu estava muito cansado. Durante o dia, passava o tempo lutando com o que era inalterável, minha cabeça girando constantemente em torno de possíveis oportunidades e brechas, e à noite eu ficava acordado, observando Liza, com medo de perder nossos últimos instantes antes de ela ter que ir.

— Sinto saudade de você — disse Vanessa.

Continuei quieto.

— Nunca vi você assim, Mike. Está diferente. Mais forte do que eu imaginava.

— E daí?

— E daí… que tenho pensado — respondeu ela, suspirando. — Posso convencê-lo a parar. Sei que ele vai me ouvir.

O mundo pareceu parar de girar por um instante.

— O quê?

— Se significa tanto para você, eu paro a obra. Mas estou pedindo… por favor… vamos tentar de novo.

Minha respiração, que tinha inflado como uma bolha de ar, ficou presa no peito.

— Você e eu?

— Éramos uma boa dupla, não? — Ela parecia insegura, suplicando. — Podemos ser ainda melhores do que eu achava. Você me fez entender isso.

— Ah — retruquei em voz baixa.

— Você me magoou, Mike, não vou negar. Mas meu pai disse que Tina era uma encrenqueira, e não acredito que você seja o tipo de pessoa que me enganaria de propósito. Por isso… acho que não quero perder o que tínhamos. Éramos uma dupla. Uma dupla e tanto.

Com a visão embaçada, olhei para o chão. Quando respondi, minhas palavras acabaram presas na boca, que ficou seca de repente:

— Está me dizendo que, se voltarmos, você suspende a construção do hotel.

— Isso é pôr as coisas do pior jeito. Não é um toma lá dá cá, Mike. Mas sinto saudade de você. Eu não tinha entendido o que isso significava para você, então quero corrigir as coisas. E podemos fazer grandes negócios com uma das alternativas.

— Se estivermos juntos.

— Bem, é pouco provável que tenha todo esse trabalho por alguém com quem não me importasse — retrucou, parecendo exasperada. — Essa é uma perspectiva é tão ruim assim? Fazermos uma nova tentativa? Na última vez que conversamos, achei que…

Balancei a cabeça, tentando clarear as ideias.

— Mike?

— Vanessa, você realmente… me surpreendeu. Escute… tenho que ir, mas ligo para você mais tarde, está bem? Depois a gente se fala. De manhã. Quando for de manhã para você — prometi, enquanto ela começava a protestar.

Encerrei a ligação e fiquei sentado, com os ouvidos zunindo. Eu não tinha saída. Vanessa Beaker era a única pessoa no mundo todo capaz de impedir a obra.

* * *

No fim, inventei desculpas. Disse às duas que estava com dor de cabeça e precisava retornar alguns telefonemas. O fato de eu ter usado de dois pretextos, sendo que um teria bastado, logo alertou Liza para a verdade: havia outro motivo por trás da minha decisão de não cumprir o combinado, deixando de passear de barco com elas. Enquanto Hannah,

com a decepção estampada no rosto, me implorava para mudar de ideia, Liza me olhou com curiosidade e não falou nada. Depois me perguntei se ela estaria interpretando aquilo como parte de um *continuum* emocional, como se eu estivesse escolhendo deliberadamente me separar dela aos poucos… numa tentativa de me proteger.

— Vejo vocês na volta — disse, tentando parecer tranquilo.

— Como quiser — retrucou Liza. — Voltamos daqui a duas horas mais ou menos.

A cadela já estava na ponte de comando, espremida entre as duas.

Não era o que eu queria, mas precisava pensar. Liza e eu tínhamos os ânimos e pensamentos em tanta sintonia que, se ela passasse mais alguns minutos ao meu lado, ela entenderia tudo. Acenei quando os motores foram acionados, e o barco foi saltando sobre as ondas enquanto se afastava. Continuei acenando até não conseguir mais vê-las. Então, quando as duas contornaram o pontal e desapareceram, me sentei na areia, dobrei os joelhos e apoiei a cabeça nas mãos, sem me importar se tinha alguém me vendo.

Foi assim que comecei a tarde mais longa da minha vida. Depois, me sentindo incapaz de encarar o hotel, eu me levantei e segui a pé pela estrada litorânea, subi as dunas e perambulei por cerca de duas horas, sem saber muito bem aonde ia e sem notar o que havia ao meu redor. Eu precisava andar, porque a ideia de ficar parado com meus pensamentos era pior.

Fui caminhando cabisbaixo com as mãos nos bolsos. Eu assentia para quem me desejavam bom-dia e nem olhava para os que não faziam isso. Meus passos, mesmo em terreno desnivelado, se tornaram tão regulares e arrastados quanto os de um burro de carga. Sem chapéu nem carteira e aparentemente sem propósito, devo ter atraído alguns olhares curiosos, mas não notei se isso realmente aconteceu. Sem estar sequer habituado à intensidade do sol de primavera, me queimei e, quando passei pelos pinheiros e fui parar no acostamento da estrada que levava para Newcastle, minha pele do nariz já estava repuxada. Não senti calor, sede nem cansaço, apesar de ter passado a noite em claro. Refletia enquanto andava, e todas as soluções possíveis me pareceram um desastre.

Eu, Michael Dormer, homem reconhecido por sua perspicácia na hora de tomar decisões, por sua brilhante capacidade de pesar os prós e os contras de qualquer situação e encontrar a resposta certa, descobri que todas as opções me deixavam com vontade de cair de joelhos, feito um garotinho, e gritar. E a única pessoa a quem eu poderia pedir conselhos, que tinha uma opinião que eu respeitava, era justamente a que eu precisava proteger da informação que eu recebera.

* * *

Eu já tinha chegado ao Cais das Baleias quando elas voltaram. Deve ter parecido que eu não saíra do lugar. Eu me permitira beber duas cervejas e ficara sentado ali, me dando conta de repente de que estava com a calça jeans imunda e ainda segurando uma garrafa. Gostaria de ter enfiado um boné na cabeça, mas desconfiei que, se fizesse isso, talvez virasse Greg.

Vi o *Ishmael* contornar o pontal e passar de uma manchinha clara a um barco branco de passeio que balançava com suavidade. A rede de observação se estendia transversalmente na retranca, e Hannah devia ter sido autorizada a se sentar ali para ver os golfinhos. Quando se aproximaram, eu a vi, de maiô, short e colete salva-vidas amarrado, andando com firmeza pelo convés. Milly estava em pé perto do leme, de frente para Liza, já prevendo a volta para casa, com o mesmo prazer que sentia, todas as manhãs, ao aguardar ansiosa o passeio pela água. Todas estavam lindas e radiantes e, em outras circunstâncias, a visão delas teria me enchido de alegria.

Hannah se segurava na proa. Ao me ver fez um gesto amplo com a mão, como se imitasse um limpador de para-brisa, que a fez trocar o peso de um pé para o outro. Suas pernas eram finas, com a musculatura magra da pré-puberdade, e, durante os raros momentos de elegância, eu as achava parecidas com as da mãe.

— Nós vimos a Sombrinha! — gritou. Ao se aproximar, gritou ainda mais alto, para que a escutassem acima do barulho do motor e das batidas das ondas no casco. — Ela estava ótima! Sem cortes nem nada. Não foi ela

que a gente viu presa na rede, Mike. Não foi ela que você soltou! E adivinhe só: estava com o filhote!

Ela sorria radiante, as duas sorriam, aliás. Liza sentindo o prazer materno de ver a simples alegria da filha. Eu me levantei, sentindo uma vontade repentina de ter ido com elas, de ter participado daquele passeio simples, cheio de pequenas felicidades.

E ainda viveram outras aventuras. Tinham visto uma jubarte, embora a baleia não houvesse se aproximado muito, algumas tartarugas marinhas bem grandes, e pescaram um fragmento de osso de baleia, mas, quando as duas não estavam olhando, Milly acabara comendo uma parte. Além de vários biscoitos.

— Estou com muita pena daquele outro golfinho — disse Hannah, pulando para o cais enquanto a mãe fazia manobras lentas para atracar, e o motor emitia um ronco suave até parar. — Mas você provavelmente o salvou, não é, Mike? Deve ter conseguido fugir. E estou muito feliz por Sombrinha estar bem. Tenho certeza de que ela me reconheceu. Minha mãe me deixou ficar sentada na rede da retranca, e a Sombrinha ficou *séculos* perto do barco.

Liza pulou com agilidade no atracadouro e começou a amarrar o barco. Como estava de boné, não consegui ver sua expressão.

— Nem acreditei quando vi Sombrinha! — continuou Hannah, ofegante, pegando Milly no colo e a abraçando. — Eu não conseguia acreditar.

— Pois então, está vendo? Às vezes coisas boas acontecem — comentou Liza, com o rosto vermelho por causa do esforço de atar os nós. — Se tivermos fé.

Não falei nada. Desconfiava que o sorriso iluminado de Hannah havia tomado a decisão por mim, e eu já não tinha muita certeza de que Liza estava certa.

* * *

Naquela noite dormi sozinho no meu quarto… Quer dizer, fiquei sentado na poltrona surrada de couro até acabar com os pensamentos tão revirados

e desgastados quanto os pedaços de corda de Liza. Não precisei explicar minha reticência a ela. O estado de espírito de Hannah dera uma acalmada súbita ao anoitecer, aparentemente em proporção inversa à animação do dia, e a menina passou a noite no quarto da mãe. Ao observar pela janela escura as luzes dos barcos de pesca, eu a ouvi soluçando e Liza murmurando palavras de consolo. Eu me levantei assim que amanheceu para preparar uma xícara de chá e encontrei Kathleen de camisola na cozinha. Ela balançou a cabeça ao me ver.

— É difícil para ela — disse, e fiquei sem saber à qual das duas se referia.

Dizem que a mãe é geneticamente programada para querer fazer seu bebê parar de chorar. Bem, naquela noite eu teria feito qualquer coisa para secar as lágrimas de Hannah. Nelas ouvi cada pedacinho das perdas que a menina havia sofrido e todas as perdas que o futuro reservava para ela, e, apesar de nunca ter me considerado particularmente emotivo, fiquei arrasado naquela noite. Qualquer pessoa que não se comovesse com as duas precisaria ter um coração de chumbo.

Quando enfim adormeci, já ao nascer do dia, fazia horas que Hannah estava em silêncio. Mas eu sentia a fragilidade do seu sono, assim como sentia a presença de Liza mais adiante no corredor, e sabia que, a cinco metros de mim, atrás da porta de madeira, ela também estava acordada.

* * *

Na manhã seguinte, quando Liza voltou da escola depois de deixar a filha, fiquei esperando por ela no estacionamento. Tinha me posicionado perto da parede dos fundos do hotel, onde ninguém podia me ver.

— Ei, bonitão — chamou ela, entrando na vaga. Em seu sorriso transparecia o alívio de me ver sozinho, depois do que parecia ter sido um dia de separação. — Você é um colírio para os olhos — disse, saindo do carro e fechando a porta.

— Dê uma volta comigo — pedi.

Ela piscou e me olhou desconfiada.

— O que aconteceu?

Nenhum de nós dois tentara se aproximar. Em geral, àquela altura eu a teria nos braços, incapaz de resistir, no breve momento de solidão, a puxá-la para perto de mim e sentir sua pele na minha.

— Mike?

Eu me forcei a exibir a expressão mais neutra que consegui.

— Tenho uma novidade. — Endireitei os ombros. — Vou suspender a obra. Eu… falei com uma pessoa que está por trás disso e acho que posso convencê-los a construírem o hotel em outro lugar.

Liza levou a mão à testa, para enxergar melhor meu rosto. O dela estava marcado pelo cansaço, com sombras escuras sob os olhos.

— O quê?

— Acho que consigo suspender… Sei que posso.

Liza franziu a testa.

— A obra vai simplesmente parar? Sem mais consultas públicas? Nada? Assim, sem mais nem menos?

Engoli em seco.

— Acho que sim.

— Mas… como?

Um sorriso se esboçou em seus lábios, como se ela não se atrevesse a dar vazão até ter certeza de que eu estava dizendo a verdade.

— Não quero que diga nada a ninguém até que possa garantir. Vou voltar para Londres.

— Londres?

O meio sorriso dela desapareceu.

— Assim você não precisa ir, Liza — afirmei devagar. — Não precisa ir a lugar nenhum.

Ela me olhou de relance, fixou o olhar nos próprios pés e depois o desviou para o mar. Para qualquer lugar, menos para mim.

— Você sabe que agora a obra é só metade da história, Mike. Preciso recomeçar do zero. Tenho que parar de fugir.

— Então, faça isso quando Hannah estiver mais velha. Conte às autoridades quando ela já não precisar tanto de você. Isso pode esperar.

Liza permaneceu imóvel, e vi cada pensamento que eu mesmo tivera passar por seu rosto, como se fossem nuvens correndo pelo céu. A

possibilidade de não ter que sair dali era mais que um alívio. Porém percebi que ela se havia adaptado mentalmente à ideia de ir embora e estava enfrentando dificuldades para voltar atrás. Por fim, me encarou e perguntou:

— O que está acontecendo, Mike?

— Vou garantir que você fique em segurança — respondi — e que Hannah possa crescer com a mãe.

Liza ficou me observando por bastante tempo, com um olhar questionador. Depois deve ter percebido que eu não estava sorrindo. Considerando o que havia conquistado, eu deveria sorrir. E eu já sabia a pergunta que ela faria em seguida:

— Você vai voltar? Depois de ter resolvido isso?

— É provável que não — respondi.

Pronto, escancarei tudo.

— Achei que você quisesse… que quisesse ficar com a gente.

Não falei nada. Não havia nada que pudesse dizer.

— Você não está respondendo a minha pergunta.

— Preciso que você confie em mim — pedi.

— Mas você não vai voltar. Então tanto faz.

Neguei com a cabeça.

Eu a vi cerrar o maxilar. Sabia que ela queria me perguntar como eu era capaz de fazer isso, depois de dizer que a amava. Sabia que Liza tinha um milhão de perguntas e não conhecia mais a resposta à mais importante de todas. Sabia que ela queria me pedir para ficar. Porém, sua vontade de ficar com a filha era maior.

— Por que você não confia em mim o bastante para me contar? — perguntou.

Não posso fazê-la escolher, respondi em silêncio. Mas posso carregar o fardo no lugar dela.

— Você sempre faz tantas perguntas? — indaguei, em tom de brincadeira.

Mas não ri. Dei um passo à frente e a abracei, sentindo-a enrijecer em meus braços, e meu coração ficou destroçado.

* * *

Anoitece depressa em Silver Bay. E, como acontece em qualquer cidade pequena, isso ocorre no próprio ritmo: os pássaros declaram o fim do dia com cada vez mais fervor, até que ficam em silêncio; os carros entram aos poucos nas garagens; as crianças são chamadas para dentro de casa e vão saltitando ou arrastando os pés para o jantar; um cachorrinho histérico late ao longe, chamando atenção para o fim do mundo. Em Silver Bay havia outras camadas de anoitecer: o som do tilintar de panelas que vinha da janela aberta da cozinha, o ranger de portas empenadas sendo trancadas, pneus chiando na areia da estrada litorânea, enquanto os pescadores preparavam os barcos, os grunhidos e gritos bem-humorados dos que partiam da praia com suas embarcações. E depois, enquanto o sol baixava devagar atrás das colinas, vinham o advento cintilante das luzes na baía, o silêncio e uma ou outra iluminação distante de um petroleiro no horizonte, até finalmente chegar a escuridão. Uma escuridão em que quase qualquer coisa se projetava: o canto de uma baleia invisível, as batidas de um coração, a infinitude de um futuro indesejado.

Vi tudo isso da minha poltrona de couro. E, considerando a importância do que estava prestes a acontecer, e do que já havia acontecido, minha conversa final do dia foi quase anticlimática:

— Vanessa?

Ela atendera no segundo toque. Olhei pela janela e, talvez de forma mais brusca do que eu pretendera, baixei a persiana.

— Mike… — Ela suspirou fundo. — Eu não sabia direito quando você ia ligar.

Ela me pareceu insegura. Eu me perguntei há quando tempo estava esperando meu telefonema. Eu tinha prometido ligar várias horas antes, mas ficara sentado no quarto, apenas olhando para o telefone, meus dedos se recusando a apertar as teclas.

— Mike?

— Você ainda me quer?

— Você me quer?

Fechei os olhos.

— Passamos por muita coisa juntos — respondi. — Magoamos um ao outro. Mas estou disposto a tentar. Quero mesmo fazer mais uma tentativa.

Fiquei quase aliviado quando ela não disse nada.

— Quando é seu voo de volta para casa? — perguntou.

VINTE E CINCO

Monica

Não contei ao Mike o que ia fazer: fiquei com medo de que discordasse, que só quisesse que eu seguisse o combinado e parasse de me atormentar com os detalhes. Supus que devia estar muito puto comigo, pois estava deixando recados cada vez mais estridentes na minha caixa postal e, toda vez que eu ligava o celular, aparecia o registro de uma ligação perdida da Austrália. Ontem à noite ele deve ter ligado cerca de cem vezes, me avisando para não falar com ninguém antes de conversar com ele.

Mas eu não podia retornar as ligações, não até que pelo menos parte daquilo fizesse algum sentido. Não podia falar com ele antes de entender o que estava acontecendo. Não sou a melhor jornalista do mundo — nunca me iludi com a ideia de ser muito além de uma pasquineira amadora —, mas reconheço quando tem alguma coisa esquisita acontecendo, e eu andava nervosa. Num aspecto, pelo menos, sou parecida com meu irmão: minuciosa. Por isso, no meu único dia útil de folga, fui para o Surrey, peguei um táxi da estação de trem até o endereço que eu havia rabiscado num pedaço de papel e, pouco depois das dez horas, eu estava em frente a um casarão na cidade de Virginia Water.

— Bela casa — disse o motorista, espiando pelo para-brisa, enquanto fazia o recibo.

— É… estou procurando locações para um filme pornô — expliquei. — Parece que essa aqui tem um preço muito bom.

Ri quando ele se afastou. A namorada de Mike teria que me agradecer por essa.

Não demorei a perceber que não conseguiria inspecionar a casa como eu havia planejado: era cercada por arbustos altos, e tão distante da rua que eu chamaria atenção se resolvesse subir aquela rua comprida. Eu tinha

a intenção de dar uma olhada com tranquilidade, talvez conseguir algumas dicas sobre os moradores e sua história, esclarecer o que eu tentava descobrir. Em vez disso, parei no início da alameda, parcialmente escondida atrás de uma árvore, diante do enorme portão de cinco barras horizontais, e esperei.

Era uma grande construção com uma arquitetura estilo Tudor, que tinha vitrais nas janelas e tudo, o tipo de casa que os contadores almejam, imagino. (Talvez isto seja uma calúnia contra os contadores ou as casas em estilo Tudor, mas moro num apartamento de dois quartos em cima de uma lanchonete e, segundo meus amigos, tenho um gosto duvidoso.) Gramados e canteiros de flores muito bem cuidados, mesmo em outubro, sugeriam a atenção vigilante de um jardineiro. Cinco ou seis quartos, pensei, observando do acostamento. Pelo menos três banheiros. Vários tapetes e cortinas dispendiosas. Na entrada da garagem havia uma caminhonete Volvo e, no jardim úmido, tinham brinquedos e equipamentos recreativos caros de madeira. Eu tremia de frio, apesar do meu casaco grosso. Havia algo gelado naquela casa, apesar da opulência, e não achei que fosse imaginação minha. Mike me contara o que havia acontecido lá dentro, e não pude deixar de pensar naquela jovem observando a entrada da garagem enquanto bolava um plano de fuga.

Vários carros passaram, e seus ocupantes se viraram para me olhar. As pessoas não costumavam andar a pé por ali, por isso eu me sobressaía tanto. Enquanto pensava para onde ir, vi uma mulher passando diante de uma janela do segundo andar: o vislumbre de um suéter claro, cabelo preto curto, bem penteado. Deve ser a esposa. Fiquei imaginando o que ele teria contado a ela sobre seu passado. Eu me perguntei se ela também estaria planejando uma fuga, ou se o marido a tratava bem. Será que era um casamento entre iguais? Então pensei no que Liza tinha falado para o meu irmão e me questionei se o amor o teria cegado para a possibilidade de ela estar mentindo. De que outra maneira explicar tudo aquilo? De que outra maneira explicar furos gigantescos no que ela descrevera?

Enquanto eu pensava no que fazer em seguida, uma menina de suéter azul grosso e calça jeans contornou a lateral da casa. Talvez houvesse deixado a porta aberta, porque ouvi o vago murmúrio de um rádio vindo

do lado de dentro, depois o choro de um bebê, que foi logo acalmado. Quando comecei a recuar, ela andou na minha direção até o fim da rua e estendeu a mão para pegar a correspondência na caixa dos correios. Saí de trás da árvore, tentando passar a impressão de que estava apenas passando por ali.

— Olá. O Sr. Villiers está? — perguntei.

Minha respiração formava nuvens de vapor no ar.

— Se é assunto da assembleia municipal — respondeu a menina —, ele atende às sextas.

— Às sextas?

Ela assentiu.

— No escritório dele me disseram que estaria trabalhando em casa hoje.

Não sei por que menti. Achei que, talvez, se conseguisse puxar assunto com ela, poderia descobrir um pouco mais sobre o cara.

— Ele está em Londres — disse a menina. — Está sempre em Londres nas noites de quinta.

— Ah. Devo ter entendido errado. Ele continua no banco, não é?

— Ahã.

— Eu o vi no jornal. É um homem muito importante, não é?

Ela pegou as cartas e deu uma olhada. Em seguida, ergueu os olhos para mim.

— Posso dar o telefone dele, se você quiser.

Consultei minha agenda.

— Já tenho, obrigada.

Eu poderia pedir para entrar, pensei. Mas não saberia o que dizer à esposa. Não tinha inventado nenhuma história para servir de respaldo e, enquanto não soubesse como me apresentar, não adiantaria. *Olá, Sra. Villiers. Sou jornalista. Pode me dizer se o seu marido — o pilar da comunidade — é mesmo um sociopata que bate em mulheres? É um maníaco por controle, valentão e infiel, parcialmente responsável pela morte da própria filha? Belas cortinas, aliás*.

— Vou ligar para o escritório dele. Obrigada.

Dei um sorriso meigo, profissional, como se aquilo não tivesse a menor importância. Eu poderia ir até o centro tomar um café. Sempre haveria a possibilidade de voltar mais tarde, depois de ter elaborado a melhor maneira de prosseguir. Talvez a esposa *fosse* o melhor caminho. Eu poderia fingir que escrevia artigos para um jornal local, e estava interessada em redigir uma matéria sobre a vida da família Villiers. Se a encontrasse sozinha, tomando uma xícara de chá, vai saber o que ela poderia admitir.

— Então, tchau.

— Tchau.

A menina ficou parada na minha frente, sem prestar a menor atenção em mim, e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Depois, quando começou a dar passos lentos em direção à casa, notei que mancava bastante. E tive uma sensação esquisita.

Eu já tinha escutado esta expressão: o mundo veio abaixo. Detesto clichês. Em minhas matérias, sempre me esforcei para não abordar lugares-comuns. Mas essa foi a única frase que surgiu na minha cabeça. Deixei a bolsa ao meu lado na calçada, e depois fiquei imóvel, observando-a se afastar.

— Com licença! — gritei, sem me importar com quem pudesse ouvir. — Com licença!

Gritei até ela se virar e andar lentamente na minha direção.

— O que foi? — perguntou a garota, com a cabeça inclinada para um lado.

Então reparei em algo. E, por um instante, tudo parou.

— Qual… qual é o seu nome? — perguntei.

VINTE E SEIS

Kathleen

Eu estava preparando o almoço para Hannah quando ouvi a porta bater. Não é algo incomum nesta casa, considerando que temos uma cadela, uma pré-adolescente e hóspedes que parecem não ter modos, ou que deixam a brisa marinha com a tarefa de fechar as portas. Mas a ferocidade com que minha antiga porta bateu na moldura e, em seguida, os passos agitados de Mike — que não era um homem pequeno —, pulando vários degraus de uma vez, me fizeram xingar baixinho. Os pés dele pareciam o martelar de um aríete. Quando entrou no quarto, deve ter deixado a janela aberta, porque a porta também bateu com estrondo, fazendo a casa toda tremer.

— Ainda não precisamos de demolição — berrei para o teto, esfregando as mãos no meu avental. — Se você quebrar as tábuas do assoalho, vai ter que pagar!

O rádio estava ligado e, por isso, a princípio não consegui entender o que ele berrava tanto, mas eu e Hannah paramos diante da comoção no quarto dele.

— Acha que ele está brigando de novo com alguém? — indagou Hannah.

— A senhorita trate de continuar seu dever de casa — respondi, mas desliguei o rádio.

Estamos numa casa velha, de estrutura de madeira, um pouco instável em alguns pontos, por isso na cozinha dá para ouvir o movimento no andar de cima e, quando Mike entrou bruscamente no quarto e arrastou a cadeira para afastá-la da escrivaninha, não tive como não perceber que ele estava inquieto.

— Vai ver foi picado por uma aranha venenosa — disse Hannah, ficando interessada de repente.

— Monica? — berrava ele ao telefone. — Mande agora mesmo. Mande *já*!

Hannah e eu nos entreolhamos.

— É a irmã dele — informou ela em voz baixa.

Então pensei: é a jornalista. E minha tranquilidade foi para o brejo.

Eu estava preparando uma omelete de queijo e bati os ovos furiosamente, na tentativa de fugir da linha sombria que meus pensamentos estavam seguindo por meio das tarefas domésticas. Desde que Liza me contara sobre seus planos, eu nunca havia cozinhado tanto nem deixado o hotel tão limpo. Era uma pena que não houvesse outros hóspedes, pois teriam desfrutado de um raro serviço cinco estrelas. Baixei a cabeça e bati até me esquecer no que andara pensando, e os ovos ficaram tão leves que pareciam prestes a sair voando da tigela. Passaram-se vários minutos até que eu notasse que, desde a gritaria de Mike, não houvera mais barulho algum no andar de cima. Nem mesmo o ruído habitual dos passos dele ao se deslocar da escrivaninha para a poltrona de couro, ou o rangido de quando se deitava na cama.

Mais uma vez, Hannah se concentrou no seu livro de exercícios, porém algo no seu silêncio despertou minha curiosidade.

Tirei a frigideira do fogo e fui até a porta.

— Mike? — gritei para o andar de cima. — Está tudo bem?

Nada.

— Mike? — chamei de novo, segurando o corrimão e subindo um degrau.

— Kathleen — disse ele, com a voz trêmula. — Acho melhor você vir aqui em cima.

* * *

Quando entrei no quarto, ele me mandou sentar na cama. Na verdade, ele estava tão pálido, tão diferente do seu jeito habitual, que demorei alguns segundos para obedecer. Ele se aproximou e se agachou diante de mim, como se estivesse prestes a pedir alguém em casamento. Depois disse aquelas quatro palavrinhas e, ao ouvi-las em voz alta, senti a cor se esvair

do meu rosto. Mais tarde, ele me contou que estava com medo de que eu tivesse um infarto, como Nino Gaines.

Ele é um idiota, pensei, com a parte da minha mente que continuava em funcionamento. Ou maluco. Estávamos abrigando um louco durante esse tempo todo.

— Que diabo você está dizendo? — perguntei, quando recuperei a voz. — Que tipo de piada é essa?

De repente, fiquei furiosa com ele, que gesticulou para me dizer, com uma grosseria atípica, para calar a boca e esperar que ele ligasse o computador.

Então se levantou e, enquanto eu começava a protestar, deu uma olhada em várias mensagens. Depois, quando eu já me perguntava se devia tentar sair do quarto, surgiu uma caixinha na tela e lá estava. Inacreditável. Em cores. Olhando para nós com uma incompreensão desconfiada que se equiparava à minha. E minhas mãos começaram a tremer.

— Esta é a foto que Monica tirou hoje. Parece ela, não é?

Fiquei boquiaberta, com a mão apoiada no peito. Eu não conseguia desviar os olhos daquele rosto. E então, em frases entrecortadas, ele me disse o que a irmã havia contado.

— Hannah — murmurei com a voz rouca. — Você tem que buscar Hannah.

Mas minha sobrinha-neta devia ter ficado curiosa com o que estava acontecendo no andar de cima, porque, quando desviei o olhar da tela, a encontrei no vão da porta, com a caneta ainda na mão. Ela olhou de mim para Mike e vice-versa.

— Hannah, querida — falei, erguendo minha mão trêmula para o computador. — Preciso que você veja uma coisa. Preciso que me diga se esta… se esta parece…

— *Letty*. — Hannah se aproximou da tela, erguendo um dedo, com o qual percorreu o contorno do nariz da irmã. — *Letty*.

— Ela está viva, querida — falei, enquanto as lágrimas brotavam. Passei vários minutos sem conseguir falar direito e senti a mão de Mike no meu ombro. — Deus nos abençoe, ela está viva.

Fiquei com medo por Hannah, com medo de que sentisse algo ainda mais forte que o susto e a incredulidade que eu vivenciara. Meus pensamentos estavam a mil, meu coração, entorpecido pela visão daquela criança que eu nunca conhecera, mas cuja vida e morte pairaram sobre minha casa, como se ela fosse minha filha. Como é que podíamos esperar que Hannah lidasse com isso?

Mas ela era a única de nós que não estava chorando.

— Eu sabia — disse ela, abrindo um enorme sorriso. — Eu sabia que ela não podia ter morrido, não como os animais marinhos. Ela nunca *pareceu* morta.

Virou-se de novo para a tela e contornou a imagem com o dedo. As duas eram tão parecidas que era como se Hannah estivesse se olhando no espelho. Agora fica difícil de acreditar que tenha duvidado.

Mike tinha se aproximado da janela e estava massageando a própria nuca.

— Aqueles sacanas — disse, esquecendo a presença da menina. — Como é que podem ter escondido a verdade dela durante todos esses anos? Como podem ter feito isso com ela? Como podem ter feito isso com a *criança*?

A grandiosidade daquela traição também me ocorrera, e o linguajar que me saiu da boca foi algo que eu não ouvia desde que eu era garçonete na época da guerra:

— Aquele safado! Aquele sacana covarde, filho de um cão raivoso comedor de rato! Aquele… aquele mer…

— Aquele tubarão? — sugeriu Mike, erguendo uma sobrancelha.

— Tubarão — confirmei, olhando para Hannah. — É, aquele tubarão. Eu gostaria de estripá-lo como um tubarão, com certeza.

— Eu preferia fuzilá-lo — disse Mike.

— Fuzilar é bom demais para ele.

De repente pensei no Velho Harry, no meu arpão pendurado na parede do Museu dos Navios-baleeiros, e tive uma ideia que teria chocado quem me conhecia. Percebi que o pensamento de Mike ia na mesma direção. Então Hannah voltou a falar:

— Ainda tenho uma irmã — anunciou, e a simples alegria na sua voz nos fez parar. — Viram? Tenho uma irmã!

E, enquanto Hannah colava o rosto na imagem ampliada, para podermos assimilar a realidade da sua afirmação, Mike e eu nos viramos um para o outro.

— Liza! — gritamos em uníssono.

* * *

Não sabíamos como contar a ela. Não sabíamos como dar essa notícia. Ela havia saído de barco, e a informação era grandiosa e impactante demais para ser transmitida pelo rádio. Mas não podíamos esperar que ela voltasse. No fim, pegamos emprestado o veleiro de Sam Grady. Com Mike e Hannah na proa e eu no leme, saímos pela baía rumo à Ilha do Nariz Quebrado. O vento estava fraco, o mar, calmo, e, em poucos minutos, passamos a ser acompanhados por vários golfinhos, que descreviam arcos alegres com os corpos, ecoando o estado de espírito do nosso barco. Enquanto balançávamos nas ondas, Hannah se debruçou na amurada e contou a novidade aos animais.

— Eles sabem! — exclamou, rindo. — Vieram porque sabem!

Para variar, não a corrigi. Quem era eu para dizer como a vida funcionava? Quem era eu para dizer que aquelas criaturas não sabiam mais do que eu? Naquele momento, senti que nada poderia me surpreender.

E lá estava ela, voltando, em pé diante do leme, com Milly ao lado, já ansiosa por retornar à terra firme. O barco estava cheio, sobretudo com taiwaneses. Os turistas se debruçavam sobre as grades da proa, intrigados com nossa aproximação, alguns ainda agarrados a suas câmeras, e começaram a tirar fotos feito loucos ao verem os golfinhos na nossa esteira.

Quando ela notou nossa presença, veio até nós. O sol iluminava por trás seu cabelo, dando a impressão de que estava em chamas.

— O que que houve? — berrou ela, ao pararmos ao lado do *Ishmael*.

Ela se esqueceu de reclamar que Hannah não estava de colete salva-vidas, pois, quando nos viu apertados no pequeno veleiro de um só mastro,

soube que não tínhamos ido até lá por alguma razão corriqueira.

Olhei para Mike, que assentiu para mim, e comecei a gritar, mas, antes mesmo de dizer as palavras, as lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto. Minha voz falhou. Precisei de várias tentativas e do lenço oferecido por Mike para conseguir me fazer ouvir:

— Ela está viva, Liza. Letty está viva!

Liza olhou de mim para Mike e de novo para mim. Acima de nós, duas gaivotas descreveram círculos e grasnaram, imitando o que eu tinha dito.

— É verdade! Letty está viva! A irmã de Mike a viu. Ela está viva, viva mesmo! — Acenei com a foto que Mike tinha imprimido, mas o vento a sacudiu de um lado para outro em minha mão, e Liza estava longe demais para enxergar.

— Por que você está dizendo isso? — perguntou ela, a voz saindo entrecortada por causa do seu sofrimento. Olhou de relance para os passageiros às suas costas, que observavam atentamente a cena. Seu rosto tinha perdido a cor. — O que está querendo dizer?

Lutando para manter o equilíbrio, desdobrei a foto e a levantei, com ambas as mãos, acima da cabeça, como se fosse uma faixa.

— Olhe! — gritei. — Olhe! Eles mentiram para você! Os canalhas mentiram para você! Ela não morreu no acidente de carro. Letty está viva, e está vindo para casa.

Os turistas ficaram quietos, e alguns dos taiwaneses, talvez intuindo a importância do momento, irromperam espontaneamente numa salva de palmas. Ficamos esperando, os rostos vívidos de alegria e expectativa, e então, enquanto as gaivotas descreviam alguma rota predeterminada, Liza virou por um instante o rosto para o céu e desmaiou.

* * *

Mike disse que nunca se dera conta, até aquele dia, do quanto amava a irmã. Durante uma conversa de três horas ao telefone, com Liza grudada ao aparelho, ainda pálida com o choque, Monica contou que havia marcado um encontro com Steven Villiers em seu escritório, e lá, com uma xícara de chá na mão, dissera a ele que estava apurando uma matéria

sobre um vereador respeitável, que tinha dito deliberadamente à namorada que a filha dela estava morta, com o intuito de separar as duas. Um vereador que espancara a namorada, até ela fugir, temendo pela própria vida. Uma namorada que tinha guardado fotos dos ferimentos causados por ele e corroborados por um médico. Tudo bem, Monica havia mentido sobre esta última parte, mas disse que àquela altura estava com o sangue fervendo e só queria garantir que sairia vencedora. Gostei da fala de Monica Dormer.

O mais chocante foi a facilidade com que o tal Villiers se entregou. Ficou muito calado, depois disse:

— O que é que você quer?

O cara era casado, sabe, tinha dois filhos pequenos e, quando Monica disse que, de um modo ou de outro, Letty descobriria o que ele tinha feito, a irmã de Mike teve a impressão de que ele já devia esperar essa conversa havia algum tempo. Os dois fizeram um acordo: ele devolveria a menina à mãe e tudo permaneceria um assunto de família. O homem concordou depressa demais, o que fez Monica achar que a família dele não era das mais felizes.

Esta é a melhor parte. Fazia anos que o homem sabia onde Liza estava, por meio de seus contatos na polícia, provavelmente, ou de algum investigador particular. A ironia é que ele queria tanto que Liza continuasse longe dele quanto minha sobrinha gostaria de mantê-lo a distância. Villiers revelou que sua mãe dissera a Liza que a menina estava morta porque, em parte, àquela altura os dois achavam que isso poderia se tornar verdade, e em parte por maldade. Depois, ao descobrirem que Liza havia sumido, decidiram que talvez fosse útil deixá-la acreditar nisso, o que seria uma maneira fácil de mantê-la fora da vida deles. Liza era uma metralhadora prestes a disparar, uma ameaça à carreira e ao futuro de Villiers, um obstáculo à sua felicidade com a elegante Deborah de cabelo preto. E os dois conseguiram o que queriam. Monica contou que Villiers teve a dignidade de parecer um pouco envergonhado. Disse que queria ter contato apropriado com a filha, mostrando ser o tipo de homem que gosta pelo menos de se comportar como se ainda estivesse no controle situação,

e Monica respondeu que ele ainda poderia ter contato, tanto quanto a menina desejasse.

Em seguida, acompanhados por um advogado e com uma psicóloga infantil de prontidão (a irmã de Mike ficou um pouco receosa nesse momento, considerando que nunca tinha lidado pessoalmente com crianças), Monica e Villiers foram à casa dele contar a Letty que ela ia viajar de férias. Foi rápido. Mais tarde, ficamos com medo de ter sido tudo rápido demais, levando em conta choque que a menina teve ao saber que a mãe não a havia abandonado, no fim das contas. Entretanto, parecendo mais insegura do que Mike jamais a vira, Monica admitiu que, até ela e Letty saírem da casa, ela ficara com medo de que Villiers fosse mudar de ideia.

Havia inúmeras mentiras que Letty precisaria deixar de acreditar, diversos segredos. Monica disse que a menina era inteligente, que queria saber de tudo. Já tinha anoitecido na Inglaterra a essa hora, e eles resolveram deixá-la dormir, mas, de manhã, noite para nós, a irmã de Mike nos ligaria e, depois de cinco anos, Liza poderia falar com a filha. Sua caçula, sua bebezinha, ressurgida dos mortos.

* * *

Quando soltei Milly para seu último passeio da noite, reparei na luz acesa no Museu dos Navios-baleeiros e logo imaginei quem estaria lá. Na maior parte do tempo não me dou o trabalho de trancá-lo, afinal não há nada de valor monetário a ser roubado e Milly nos avisaria se estranhos fossem até lá em horários impróprios.

No andar de cima, Liza e Hannah estavam dando telefonemas e precisavam ficar a sós, por isso peguei duas cervejas e fui até lá. Era provável que ele se sentisse como eu, uma peça sobressalente. Esse era o momento de Hannah e Liza. Podíamos ficar felizes por elas, até mesmo radiantes, porém, na verdade, sem conhecer Letty, só era possível sentirmos uma fração do que elas vivenciavam. Ficar dentro de casa enquanto conversavam no andar de cima parecia uma intromissão, como bisbilhotar o caso amoroso de alguém.

Além disso, eu estava curiosa com algo que Liza me dissera no dia anterior, antes de toda a sua vida mudar de novo, com a tal possibilidade de a obra não ir adiante. Ela disse que não tinha nada certo e que não podia contar a ninguém, até que se confirmasse. Mas ela revelou que tudo dependia de Mike e, com uma expressão abatida, avisou que ele iria embora para sempre no dia seguinte, e depois se recusou a falar mais alguma coisa.

A princípio, ele não me ouviu. Sentado numa das tábuas de madeira podre do *Maui II*, onde apoiava uma das mãos, estava com os ombros curvados, como se carregasse um peso. Considerando o que havia conseguido, estranhei sua postura.

Milly disparou na minha frente, saracoteando na direção dele, e Mike ergueu os olhos.

— Ah, oi — disse. Como estava bem embaixo das lâmpadas fluorescentes, a iluminação projetava longas sombras em seu rosto.

— Achei que você poderia gostar disto.

Entreguei uma cerveja a ele, que a aceitou. Em seguida me sentei na cadeira logo adiante, abrindo a outra para mim.

— Não faz o seu estilo — comentou ele.

— O dia de hoje não foi nada normal — respondi.

Ficamos sentados ali, bebendo em um amigável silêncio. As portas do celeiro estavam abertas e por elas, na quase escuridão completa, víamos a orla, os faróis distantes dos carros, as luzes dos barcos dos pescadores que se preparavam para o trabalho noturno. A suave monotonia da vida em Silver Bay seguia seu caminho, como acontecia há meio século. Eu ainda não conseguia acreditar no que me disseram, que era possível Mike nos empurrar para um abismo. Não podia acreditar que nos permitiram continuar em paz ali por mais algum tempo.

— Obrigada — falei baixinho. — Obrigada, Mike.

Ele ergueu os olhos da cerveja.

— Por tudo — acrescentei. — Não entendo como você fez tudo isso, mas obrigada.

Ele voltou a baixar a cabeça, e percebi que havia algo errado. Sua expressão sombria e contemplativa sugeria que ele não tinha saído apenas

para dar espaço à Liza: estava ali fora porque precisava ficar sozinho.

Continuei sentada, esperando. Já ando por este mundo há tempo suficiente para saber que se pesca muito mais peixe ficando quieta e em silêncio.

— Não quero ir embora — disse ele —, mas é o único jeito de conter a obra.

— Não sei se estou entendendo…

— Havia uma escolha… que não pude deixar a cargo de Liza. Ela já teve que tomar muitas decisões difíceis.

Ele guardava tanta coisa para si que juro que mal conseguia se mexer.

— Quero que você saiba de uma coisa, Kathleen: não importa o que fique sabendo sobre mim no futuro, não importa o que ouça falar sobre mim, é importante que Liza saiba que foi amada.

Ele me olhava com tanta intensidade que fiquei até meio sem jeito.

— Não quero que você pense mal de mim — prosseguiu, com a voz embargada —, mas fiz uma promessa…

— Não pode mesmo me contar?

Ele negou com a cabeça.

Não quis insistir. Pode me chamar de antiquada, mas acho que um homem fica fisicamente incomodado se a gente o força a falar demais sobre o que está sentindo.

— Mike — falei, por fim —, você salvou Liza. Salvou minhas duas meninas. Isso é tudo que preciso saber.

— Ela vai ser feliz, não vai?

Ele não queria mais olhar para mim. Tive um mau pressentimento sobre o motivo para isso.

— Ela vai ficar bem. Vai ter as filhas.

Mike se levantou e percorreu devagar o local, de costas para mim. Percebi então como sua partida me entristecia. Quaisquer que tivessem sido os males que nos causara, ele nos havia recompensado em dobro, até mais. Não sou muito romântica — Deus sabe que Nino Gaines pode muito bem confirmar isto —, mas, no caso de Mike e Liza, eu tivera esperança de um final feliz. Eu sabia que ele era um ser humano decente, e há poucos

por aí. Gostaria de dizer isto, mas fiquei sem saber quem se sentiria mais sem graça.

Mike parou diante da foto em que posei como Dama dos Tubarões. Quando tive a impressão de que talvez ele se sentisse um pouco mais à vontade com a proximidade física, me levantei da cadeira e cheguei mais perto dele.

Ainda na moldura original, em sépia e amarelada por causa da velhice, ao lado do meu pai e do Sr. Brent Newhaven, com os arames invisíveis dos dois, lá estava eu, sorrindo para a câmera — de maiô aos dezessete anos, preparando para perseguir a mim mesma pelo resto dos meus dias.

Respirei fundo e disse:

— Vou contar um segredo. Nunca capturei aquele bendito tubarão.

Isso o surpreendeu. Ele se virou para mim.

— Não — reafirmei. — Foi o sócio do meu pai. Ele me disse que ficaria melhor para o hotel, que nos daria mais publicidade, se tivesse sido eu. — Tomei mais um gole de cerveja. — Eu detestava mentir. Ainda detesto. Mas agora entendo. Se não houvesse sido desse jeito, este hotel nunca teria sobrevivido aos primeiros cinco anos.

— Ou poderia ter sido um condomínio de seis andares nos últimos vinte — disse Mike, com ironia.

Virei a foto para a parede e disse:

— Às vezes uma mentira é a saída para fazer os outros sofrerem menos.

Toquei o braço de Mike Dormer e esperei que ele se sentisse em condições de olhar novamente para mim. Ele apontou para a porta com um gesto de cabeça, como se tivéssemos que sair dali, e demos uma olhada no hotel, onde a luz do quarto de Liza continuava acesa em meio à escuridão.

— Quer saber de uma coisa? Nunca vi um tubarão-tigre nesta baía. Nunca — repeti, e saí à noite.

— Greg viu — retrucou Mike, prestes a fechar as portas atrás de nós.

— Você não está prestando atenção — disse a Dama dos Tubarões.

VINTE E SETE

Mike

Eu tinha duas malas, uma com o dobro do tamanho da outra, e o espaço vazio no interior delas era tão grande que quase dava para encaixar a menor dentro da maior. Esse espaço parecia refletir meu estado de espírito. Eu seria o único passageiro, pensei, a correr o risco de ser multado por subutilização do peso permitido da bagagem. De alguma forma, durante o tempo que passei em Silver Bay, eu me desfizera de metade do meu guarda-roupa, por isso tudo que usava agora, dia após dia, era um dos dois pares de calça jeans, talvez uma camiseta com um short, se fizesse muito calor no dia. Não era muito para exibir por um período tão conturbado da minha vida, concluí ao colocar as malas em cima da cama. Então pensei que poderia comprar um montão de coisas para os meus pais no duty-free.

Não ia levar meu casaco impermeável: de algum modo, estava fortemente ligado ao período que passei aqui, e eu não queria vê-lo pendurado no local errado. Não ia levar os ternos, que eu dera ao bazar beneficente de Silver Bay. Não coloquei na mala a camiseta que tinha usado na noite em que Liza se deitara pela primeira vez na minha cama, nem o suéter que eu emprestara a ela na noite em que ficamos sozinhos do lado de fora até as duas da manhã; no fundo, eu tinha esperança de que ela quisesse guardá-lo. Também não ia levar o laptop: eu o deixara na sala para Hannah, sabendo que seria mais útil para ela. Além disso, talvez fosse apenas questão de horas para que Letty voltasse para a irmã e a mãe, mas eu não suportaria separar Hannah e Liza daquela imagem em pixels. Pode parecer estranho, mas seria como separá-las de novo. As duas tinham passado horas sentadas diante da foto, conversando, comparando os rostos das irmãs, considerando as inúmeras formas em que elas haviam ou não mudado.

Liza tinha saído no *Ishmael*. Seria seu último passeio antes que elas também seguissem até o aeroporto. Eu mal a vira desde o dia anterior e me perguntava se uma saída discreta, sem despedidas, seria o melhor para nós dois. Disse a mim mesmo que ao menos elas estariam ocupadas: durante a tarde, iam terminar de arrumar o quarto de Letty. Hannah recebera autorização para faltar à escola, e as duas haviam passado a noite anterior pintando paredes, pendurando cortinas novas, enchendo o quarto com coisas de que uma menina de dez anos poderia gostar, e arrumando os golfinhos de Letty. Agora Hannah estava lá em cima, ouvindo música muito alta, colando pôsteres que logo arrancaria, indecisa.

— Você acha que gostam dessa banda na Inglaterra? O que as meninas inglesas curtem? — perguntava ela, ansiosa, como se eu tivesse alguma ideia. Como se fizesse alguma diferença.

Eu observava tudo isso a certa distância, meio afastado da felicidade delas, dominado pela perspectiva da perda da minha felicidade. Talvez elas sentissem um pouco a minha falta, mas tinham um prêmio muito maior para contemplar e uma vida nova pela frente. Era provável que só eu acabasse chorando essa noite. Pela janela, observei a pequena baía, as montanhas distantes e os telhados de Silver Bay afastados uns dos outros. Ouvi o canto dos pássaros, o rugido dos motores ao longe, a batida da música que Hannah escutava no segundo andar, e tive a sensação de estar sendo arrancado do meu lar. Eu estava voltando para o quê? Para uma mulher a quem não tinha certeza que podia amar, numa cidade que passou a me sufocar.

Pensei em ter que juntar os cacos da minha vida antiga, voltar a frequentar bares e restaurantes que antes me eram familiares na companhia de conhecidos espalhafatosos do centro de Londres, me esforçar para abrir caminho pelas ruas abarrotadas de gente, arranjar um novo emprego, num novo prédio comercial. Pensei em Dennis, que sem dúvida me convenceria a voltar. E qual era a alternativa? Depois me imaginei num vagão de metrô, de terno novo, fechando os olhos para imaginar Hannah correndo pela praia com Milly vindo logo atrás. Pensei no sorriso de Vanessa, em seu perfume e sapatos de salto alto, em nosso apartamento chique, no meu carro esporte, em toda a parafernália da vida

que tínhamos, e soube, com uma sensação angustiante, porque tudo aquilo não significava mais nada para mim. Eu queria ficar aqui. Cada átomo do meu corpo queria ficar aqui.

O pior de tudo era que eu ainda gostava de Vanessa. Continuava me importando com a felicidade dela. E com a minha integridade. Então, por esses motivos, era importante que, se ela cumprisse sua parte da promessa, eu também fosse fiel à minha.

Eram estas as palavras que eu repetiria em silêncio para mim mesmo, centenas de vezes por dia. Depois pensaria nos meses seguintes, sem conseguir dormir à noite, atormentado pela lembrança de Liza, seu sorriso esporádico, seu olhar perspicaz de soslaio. Teria vontade de sentir o cheiro da única camiseta que talvez ainda conservasse o perfume dela. Faria amor com alguém cujo corpo não se encaixava instintivamente no meu.

Ora, sem essa, falei a mim mesmo, severo, andando depressa para o carro alugado para levá-lo até o hotel. Liza estava com suas meninas, e em breve eu garantiria o futuro delas. Duas coisas resolvidas, num total de três, era um belo resultado para qualquer um. Entrei de marcha a ré na vaga da frente e fiquei olhando fixo para o painel do carro. Eu finalmente havia dominado aquela estranha alavanca de câmbio e, ao desligar o motor, esse pequeno detalhe me irritou mais do que qualquer outra coisa.

Meu voo só sairia na manhã seguinte, mas, parado ali, cada vez mais imerso em meus pensamentos, decidi que precisava ir embora naquele exato momento. Iria para a cidade e reservaria um quarto de hotel para passar a noite. Se eu passasse mais uma hora ali, talvez minha determinação se esvaísse. Isso significava que eu não veria minha irmã nem assistiria ao reencontro, mas sabia que Monica ia entender. Se ficasse até a manhã seguinte, se me iludisse por mais cinco minutos que eu fazia parte da nova família, talvez não conseguisse cumprir minha promessa.

Saí do carro e me virei na direção da estrada, ao ouvir um cantar de pneus familiar. A caminhonete de Greg veio derrapando pela entrada da garagem e parou chacoalhando, o para-choque a centímetros do meu, as boias e redes de pesca da traseira colidindo ruidosamente com os fundos da cabine.

Ele desceu e baixou a aba do boné sobre os olhos.

— Fiquei sabendo da notícia sobre a menina. Incrível. In*crí*vel.

— As notícias correm depressa — respondi.

Mas isso era apenas uma frase clichê. Na noite anterior, Hannah tinha corrido até o atracadouro para contar a novidade a cada um dos baleeiros, individualmente. Eles não sabiam de todas as circunstâncias, mas descobriram que Liza tivera uma filha na Inglaterra e que a recuperara, e eram astutos o bastante para não questionarem além das informações que receberam. Pelo menos, não de maneira óbvia.

— Ela chega amanhã à noite, não é?

Assenti. Greg tirou do bolso um maço de cigarros e acendeu um.

— Mandou bem, cara. Não posso fingir que gosto de você, mas, caramba, não tenho como brigar com alguém que revive crianças do mundo dos mortos, hein?

Ele deu uma longa tragada. Passamos um minuto observando o Cais das Baleias, onde apenas o barco dele permanecia.

— Obrigado — agradeci, por fim.

— Por nada.

Atrás de nós, no hotel, o telefone tocou. Um futuro hóspede, provavelmente. Não seria Monica, pois fazia horas que já estava voando. Kathleen tinha se oferecido para hospedá-la pelo tempo que quisesse ficar. Disse, com um sorriso radiante, que era o mínimo que podia fazer, e de repente fiquei com inveja da minha irmã. Na noite seguinte, ela estaria dormindo no quarto que eu passei a considerar meu. Silver Bay estava prestes a ser relegada à memória. Seria um breve e singular período da minha vida do qual me lembraria com saudade, com inúmeros "e se" sobre os quais eu não me permitiria pensar demais.

Pensar na minha irmã me fez lembrar da minha bagagem, e entrei para buscá-la. Quando a levei para o lado de fora, Greg ainda estava apoiado na caminhonete. Baixou o olhar para as malas e depois o fixou em mim.

— Vai a algum lugar?

— Londres — respondi, colocando-as no porta-malas aberto do carro. Depois o fechei com força.

— Londres na Inglaterra?

Não me dei o trabalho de responder.

— Vai ficar muito tempo lá?

Fiquei com vontade de mentir, mas de que adiantaria? Ele logo ficaria sabendo.

— Vou.

Uma breve pausa, alguns cálculos.

— Não vai voltar?

— Não.

O rosto dele se iluminou. Tão transparente quanto o de uma criança.

— Não vai voltar. Ora, ora, que pena. Para você, quer dizer.

Escutei ele dar mais uma tragada no cigarro e percebi que estava sorrindo quando disse:

— Sempre achei você um cara esquisito, parceiro, e agora sei que eu tinha razão.

— Que belo psicólogo — retruquei, cerrando os dentes.

Desejei que ele fosse para o inferno.

— Vai nos abandonar, é? Tenho certeza de que tomou a decisão certa. É melhor ficar onde nos encaixamos, não é? Claro que Liza vai superar. Agora ela vai ser outra pessoa, acho. Muito mais feliz. E, bom, não precisa se preocupar… vou garantir que ela receba… atenção suficiente.

Ergueu uma sobrancelha para mim, com a felicidade estampada no rosto. Se não existisse a possibilidade de Hannah estar nos observando, eu teria esmurrado sua cara idiota. Sabia que no fundo era o que ele queria. Fazia semanas que tentava arranjar uma briga comigo.

— Se não me falha a memória, Greg — murmurei —, não era em você que ela estava interessada.

Ele deu uma última tragada no cigarro e o jogou na areia.

— Ah, cara, minha história com Liza é muito antiga. E já sou grandinho. Pelo que eu sei, você não passou de uma distração. — Ele aproximou o indicador e o polegar, mantendo-os afastados por mais ou menos um centímetro, e acrescentou: — Foi apenas um pontinho de luz no velho radar.

Por um instante, quase parti para cima dele. A sorte foi que Kathleen saiu do hotel.

— Mike! — gritou ela, com a voz indignada. — O que está fazendo aí com essas malas? Achei que só iria embora amanhã.

Desviei os olhos de Greg e me aproximei dela:

— Estou… esperando um telefonema. E depois acho que vou embora.

Kathleen me encarou. Em seguida, fixou os olhos em Greg.

— Não olhe para mim — disse ele, rindo. — Fiz o melhor que podia para deixar claro como ele é querido aqui.

— Quer entrar um minuto? — pediu ela.

— Não se preocupe comigo — comentou Greg, encolhendo os ombros.

— Nunca me preocupei.

Eu a segui até a sala.

— Você não pode ir embora agora — disse, com as mãos na cintura. — Ou não vai conhecer Letty. Não se despediu de ninguém. Droga, eu ia dar uma festinha hoje à noite.

— É muita gentileza sua, Kathleen, mas acho melhor eu ir.

— Nem vai esperar Liza voltar? Para se despedir dela?

— Melhor não.

Kathleen me encarou, e eu não soube muito bem se havia compaixão ou frustração em seu rosto.

— Não pode mesmo esperar? Só até depois do almoço?

Ao som do aparelho de som portátil de Hannah, que fazia uma música de discoteca pulsar no segundo andar, e com o coração ainda acelerado com a adrenalina da frustração, tentei pensar com clareza. Ouvi a menina cantar, a vozinha aguda ofegante e desafinada. Dei um passo à frente e estendi a mão.

— Obrigado por tudo, Kathleen. Se alguém me telefonar à tarde, pode, por favor, dar o número do meu celular? Ligo para você assim que tiver certeza da decisão sobre a construção do hotel.

Ela olhou para a minha mão e, depois, para o meu rosto. Foi difícil retribuir o olhar. Então me abraçou, com uma força surpreendente para braços envelhecidos.

— Trate de me ligar. Você não pode sumir de repente. E não precisa ser só para dar notícias do bendito hotel. Ligue mesmo.

Saí da sala, do hotel, e entrei no carro antes que a mágoa na voz dela me fizesse mudar de ideia.

* * *

Tive que dirigir devagar pela estrada litorânea, não porque a superfície fosse esburacada e irregular, mas porque estava com a impressão de que havia alguma coisa nos meus olhos, e eu não conseguia enxergar direito. Quando cheguei ao Cais das Baleias, parei para enxugá-los e me flagrei torcendo, contra todas as probabilidades, para ver o *Ishmael* contornar o pontal e entrar na baía, para que eu pudesse, pela última vez, ver aquela mulher esbelta, com cabelo esvoaçante sob o boné, na companhia de sua cadela, manobrando para atracar. Só uma última olhadela, antes que minha vida seguisse seu rumo do outro lado do mundo.

Mas havia apenas a água cintilante, as boias enfileiradas demarcando as rotas de navegação e, lá do outro lado, as encostas cobertas de pinheiros que se estendiam em direção ao céu azul.

Eu não conseguia imaginar o que ela diria ao voltar e descobrir que eu já tinha ido. Eu sequer tivera a chance de escrever uma carta, pois dizer o que estava sentindo significaria contar a verdade, e eu não podia fazer isso. Você fez o que era certo, falei a mim mesmo, voltando pela estrada litorânea. Pelo menos uma vez na vida, fez uma coisa boa.

Eu tinha feito a coisa certa tão raras vezes que não sabia se minha terrível sensação de pavor era a emoção adequada para essa conduta.

* * *

Fazia quase vinte minutos que eu seguia pela estrada quando meu celular tocou. Parei no acostamento e remexi no bolso da jaqueta.

— Mike? Paul Reilly. Essa é uma ligação do bem, juro. Achei que você devia ser o primeiro a saber que a obra não vai prosseguir.

Ela tinha conseguido. Suspirei fundo, sem saber se de alívio por Vanessa ter feito o que prometera ou de resignação por eu ter que cumprir

minha parte do trato.

— Bem — respondi, enquanto um caminhão passava com um estrondo, fazendo meu carro estremecer —, sei que não concordamos sobre isso, mas fico contente. Bundaberg é mesmo a melhor opção.

— Não acho. Na minha opinião, essa obra traria um grande benefício para esta área.

— Vocês têm uma coisa rara aqui, Sr. Reilly. Em algum momento, o senhor e a outra metade da população de Silver Bay vão perceber.

— É muito difícil cancelarem um projeto já muito avançado. Quer dizer, eles pretendiam começar as fundações esta semana! — Sua voz saiu fina, resignada. — Mas não podemos discutir com os homens do dinheiro.

— A Beaker deve ter feito uma pesquisa. Se acharam que a margem de lucro seria maior em Bundaberg, então…

— Beaker? Não foi a Beaker.

— Desculpe… O que disse?

Os carros e caminhões continuavam passando com um estrondo, abafando algumas palavras de Reilly.

— Foram os capitalistas de risco. Os financiadores. Eles deram para trás, a menos que o local fosse alterado.

— Não estou entendendo.

— Parece que ficaram nervosos com o tubarão. Acabaram sabendo de todas as matérias dos jornais e da recomendação de não entrar na água, e se assustaram. — Reilly suspirou. — Acho que, do ponto de vista deles, seria muito difícil vender férias num lugar com esportes aquáticos se as pessoas achassem que havia tubarões, mas a meu ver, na verdade, a reação deles foi muito desproporcional.

Reilly parecia bastante decepcionado.

— Parece que os ingleses ouvem a palavra “tubarão” e perdem todo o bom senso — acrescentou.

Por que Vanessa procuraria primeiro a Vallance?, eu me perguntei.

— O senhor me surpreendeu, Sr. Reilly — comentei, com os pensamentos a mil. — Obrigado pela ligação, mas, se me der licença, preciso falar com outra pessoa.

Continuei apenas sentado ali por mais um tempo, mal notando o tráfego que passava a toda velocidade. Então peguei o laptop na minha maleta e me dei conta, tarde demais, de que não estava comigo. Fiquei observando minhas malas, depois arranquei com o carro, voltando à rodovia, e pisei fundo para a próxima saída.

* * *

— Dennis?

— Michael? Eu estava imaginando quanto tempo você demoraria para ligar, seu safado. Está querendo se vangloriar, não é?

Ele parecia levemente embriagado. Deviam ser quase onze da noite por lá e, conhecendo Dennis, ele já devia ter bebido algumas. Ou um pouco mais que algumas.

— Você sabe que não sou de fazer isso.

Eu estava dirigindo enquanto falava, por isso precisei encaixar o celular entre a orelha e o ombro ao pegar a rotatória de volta para Silver Bay. No caminho para o hotel, o carro foi quicando nos buracos e me perguntei, distraído, quanto teria que pagar à locadora de automóveis pelo estrago na suspensão.

— Não… Eu tinha esquecido que você virou uma Madre Teresa, porra. Então o que quer? Ligou para implorar seu antigo emprego de volta?

Ignorei a pergunta.

— E como vão as coisas?

— Uma cidadezinha nas imediações de Bundaberg. — Eu o ouvi tomar um gole de alguma bebida. — Vai ser ainda melhor. Os investidores estão satisfeitos, e o Conselho Municipal está nos dando cem por cento de apoio. Vamos usar a mesma maquete. De quebra, as isenções tributárias são maiores. Para ser sincero, você nos fez um favor.

Não havia ninguém do lado de fora do hotel. Entrei pela porta da frente, atravessei o corredor, entrei no saguão deserto, com o celular no ouvido, e fui até o laptop, que continuava onde eu o havia deixado. No andar de cima, Hannah continuava ouvindo música no último volume. Duvidei que ela tivesse percebido que saí.

— *Eu* fiz um favor para vocês?

— Você assustou os investidores, arranjando aquele lobista que bombardeou os caras com histórias de tubarão.

— Meu *lobista*?

Tinha alguma coisa estranha.

— Dennis… eu…

— O que você fez? Contratou um profissional casca-grossa do Greenpeace? — Ele baixou a voz e continuou: — Cá entre nós, tenho que admitir que você fez um bom trabalho, mandando todas aquelas reportagens sobre tubarão. No começo, fiquei puto: tivemos que trabalhar quatro dias e quatro noites, sem interrupção, só para segurar o contrato e manter o apoio da Vallance. Mas agora, pensando bem, sei que não íamos faturar nada em águas infestadas de tubarão. Por isso vai ser muito melhor numa área mais ao norte no litoral. E aí, quem foram os lobistas? Mais importante, quanto você pagou a eles? Sei que esses agitadores profissionais não cobram pouco.

Não mencionou Vanessa. Enquanto ele falava, abri o computador. Dei uma olhada nos e-mails enviados, tentando entender o que havia acontecido.

— E aí, qual é sua próxima jogada, Mike? — prosseguiu Dennis. — Vai fazer isso profissionalmente? Sabe, cumpri minha promessa: ninguém vai querer saber de você aqui no centro de Londres.

Analisei minha caixa de saída pelos destinatários e encontrei os e-mails que tinha mandado para a Vallance. Abri um e notei que havia em anexo as matérias escaneadas dos jornais. Comecei a ler.

— Então, meu chapa, se estiver desesperado atrás de um emprego, talvez eu consiga arranjar uma coisinha parsa você. Como um favor. Nada parecido com o antigo salário, sabe como é.

"Prezado Senhor", começava o e-mail. "Escrevo para informá-lo do risco de ataques de tubarões na construção do novo hotel em Silver Bay…" Reli essa parte, notando o erro de ortografia, e depois continuei. Até que caí na gargalhada.

— Mike?

Ela tinha feito o que eu não conseguira. Tinha feito o que eu considerara impossível.

— Mike?

Aumentaram o volume da música. Ouvi a cantoria e, de brincadeira, ergui o telefone na direção do som.

— Mike? — repetiu ele, quando voltei com o celular para o ouvido. — Que raio de barulho é esse?

— Dennis — comecei —, este é seu agitador profissional, seu lobista de preço extorsivo, seu autor da suspensão de obras de centenas de milhões de libras. Está dando para ouvir?

— O quê? — dizia ele. — Do que você está falando?

— Isto — expliquei, rindo de novo — é uma menina de onze anos.

* * *

Eu tinha que dar mais um telefonema, então saí, pois queria ter certeza de que conseguiria privacidade. Fiz uma pausa antes de ligar, sentindo os aromas imperturbáveis que tinham estado ali por meio século e que, com sorte, permaneceriam por mais cem anos. Só que eu não estava me sentindo em paz. Ainda não.

— Você conseguiu — comentei.

Ela prendeu a respiração, como se esperasse que fosse outra pessoa.

— Mike — disse. — Pois é. Você já soube. Falei que ia conseguir.

— E realmente conseguiu.

— Ah, você sabe que sempre consigo o que quero. — Ela riu e começou a falar sobre o apartamento, sobre ter reservado para a noite da minha chegada uma mesa num restaurante em que era quase impossível a entrada de simples mortais. Ela falava depressa. Sempre falava depressa quando estava animada. — Mexi alguns pauzinhos e jantaremos às oito e meia. Assim você terá bastante tempo para tirar um cochilo e tomar um banho.

— Como?

— Como consegui a mesa? Ah, basta conhecer a pessoa cer…

— Como convenceu seu pai a reverter todo o processo?

— Ah, você conhece meu pai. Consigo enrolá-lo com o dedo mindinho. Sempre consegui. E então, você vem mesmo no voo da Qantas? Pedi uma folga no trabalho para buscar você. Acho que anotei o número.

— Mas deve ter sido difícil, depois de ele ter convencido a Vallance a ir tão longe com o projeto.

— Bem, eu só… — Vanessa pareceu um pouco irritada. — Examinei com meu pai as razões que você e eu havíamos discutido e, no fim, ele acabou entendendo. Ele me escuta, Mike, e nós já tínhamos alternativas prontas, você sabe.

— Como foi que a Vallance recebeu a ideia?

— Muito bem… Escute, será que podemos falar sobre o seu voo?

— Não tem por quê.

— Não quer que eu vá buscar você? Eu ia fazer uma surpresa, mas não consigo me conter e acabo contando. É o novo Mazda de dois lugares. O que você encomendou… Consegui pegá-lo na concessionária pelo preço original. Você vai adorar.

— Eu não vou, Vanessa.

Eu a ouvi respirar fundo.

— O quê?

— Há quanto tempo você sabia, quando me ligou? Acabei de checar os e-mails que enviamos à Vallance e imagino que você já soubesse, digamos, há uns dois ou três dias, no mínimo, que o local da construção ia mudar.

Vanessa não disse nada.

— Então, você pensou: vou aproveitar essa pequena oportunidade e despontar como a grande salvadora. E merecer a eterna gratidão de Mike.

— Não foi assim.

— Você pensou que eu não fosse descobrir que a decisão não cabia a você? Acha que sou idiota?

Fez-se um longo silêncio.

— Eu achei que… quando você descobrisse, estaríamos felizes e isso já não teria importância.

— Todo o nosso relacionamento estaria baseado numa mentira.

— Ah, e quem é você para falar de mentiras? Você e Tina. Você e esse maldito projeto.

— Você me deixaria fazer toda essa viagem de volta, destruir minha vida, por causa de um…

— Um o quê? *Destruir toda a sua vida?* Ah, não venha se fazer de vítima, Mike Dormer. Foi *você* quem vacilou comigo, lembra?

— E é por isso que não vou voltar.

— Sabe o que mais? Eu nem sabia se queria mesmo que você voltasse. Ia deixá-lo voltar só para depois expulsar você da minha vida. Você não vale nada, Mike, é um zero à esquerda mentiroso, imprestável. — Vanessa estava transtornada, porque a revelação da sua falsidade a deixara desconcertada. — Fico feliz por você saber, feliz por ter descoberto. Você me poupou de uma maldita ida ao aeroporto. E, para ser sincera, eu não voltaria a encostar um dedo em você nem…

— Boa sorte, Vanessa — interrompi com frieza, enquanto sua voz subia mais uma oitava. — Tudo de bom no futuro.

Meus ouvidos zuniam quando desliguei.

Estava tudo acabado.

Fiquei encarando o aparelho na minha mão, depois o joguei no mar com toda a força que consegui reunir. O celular parou, depois de espirrar um pouco de água, a cerca de dez metros da praia. Observei-o ser engolido pelas ondas, e senti uma emoção tão grande que por pouco não dei um grito.

— Meu Deus! — exclamei, com vontade de socar alguma coisa. E de sair dando cambalhotas. — *Meu Deus!*

— Não sei se Ele vai escutá-lo.

Uma voz masculina surgiu atrás de mim. Eu me virei e vi Kathleen e o Sr. Gaines sentados à cabeceira da mesa dos baleeiros. Ele usava um casaco azul de lã e seu chapéu de feltro, e os dois me observavam com muita tranquilidade.

— Aquele era um ótimo celular, sabe — disse Kathleen. — Essa geração é muito desperdiçadora. São todos iguais.

— E emotiva também. No meu tempo, não tinha essa gritaria toda — acrescentou o Sr. Gaines.

— Eu culpo os hormônios — disse Kathleen. — Acho que esses hormônios acabam com eles.

Dei um passo em direção aos dois.

— Meu quarto — perguntei, tentando regularizar minha respiração. — Há alguma chance… alguma chance de poder ficar mais um pouco?

— Acho que você vai ter que verificar suas reservas, Kate — disse o Sr. Gaines, inclinando-se para ela.

— Vou ver se ainda está livre. Teremos um movimento maior… agora que somos o único hotel da baía. Normalmente, não sou bisbilhoteira — acrescentou ela —, mas você *estava* gritando muito.

Fiquei ali, sentindo meus batimentos cardíacos se acalmarem, grato pela gozação amável do casal de idosos à minha frente, e também pelo sol, pelo cintilar azul e benéfico da baía, pela perspectiva de animais nadando alegremente no mar, longe da vista das pessoas. Fico feliz ao pensar numa jovem tranquila, de boné velho e surrado, em algum lugar lá fora em busca de baleias.

Kathleen fez sinal para eu me sentar e me empurrou uma cerveja.

Tomei o primeiro e delicioso gole. Eu adorava aquela cerveja, pensei, ao afastar a garrafa gelada dos lábios. Eu adorava aquele hotel, aquela pequena baía. Adorava a perspectiva de ter um futuro se desenrolando diante de mim, com a renda reduzida, adolescentes resmungonas, uma cadela mal-humorada e uma casa cheia de mulheres complicadas. Eu ainda não conseguia ter muita noção da magnitude do que havia acontecido. Diferente de Kathleen.

— Sabe — disse ela, depois de alguns minutos, levando a mão enrugada à testa —, hoje em dia, há todo o tipo de gente a favor dos tubarões. Dizem que esses animais são incompreendidos. Que fazem parte do meio ambiente. — Ela estalou a língua. — Pois eu digo que tubarão é tubarão. Nunca encontrei algum que quisesse ser meu amigo.

— Tem toda razão — concordou o Sr. Gaines, concordando com a cabeça.

Eu me recostei na cadeira, e nós três ficamos em silêncio por algum tempo. Mais adiante, na orla, vi o canteiro de obras com tapumes brilhantes, que logo se tornariam supérfluos. Ouvi a música no quarto de

Hannah no andar de cima, o ronco distante do motor de uma lancha, o farfalhar manso e conspiratório dos pinheiros. Eu ficaria ali pelo tempo que me aceitassem. Essa ideia me encheu com o sentimento mais próximo de felicidade que eu já experimentara.

— Greg não pegou aquele tubarão, não é? — perguntei.

Kathleen Whittier Mostyn, a lendária Dama dos Tubarões, riu — uma risada que mais parecia um latido feroz e breve — e, quando se virou de frente para mim, tinha um brilho severo no olhar.

— Aprendi uma coisa nos meus setenta e tantos anos, Mike. Se um tubarão quer nos morder, pelo que eu sei, a gente faz o que for preciso para ficar vivo.

VINTE E OITO

Hannah

Foram três horas e vinte e oito minutos para ir de carro de Silver Bay até ao aeroporto de Sydney, outros vinte para encontrar uma vaga decente para estacionar e, ainda por cima, no nosso caso, mais quatro paradas de quinze minutos para eu vomitar de nervosismo pela porta de trás. Minha barriga vive me pregando peças. Era sempre assim, toda vez que eu saía em excursão para observar as baleias, e nunca consegui convencer Yoshi de que não era mareação. Tia K sabia. Toda vez ela me dizia que não tinha importância — enquanto eu baixava a cabeça na sarjeta, eu a ouvi dizer aos outros que ela havia levado oito sacos plásticos e quatro rolos de papel toalha, já contando com isso —, e Mike decidira sair uma hora antes, graças aos avisos dela.

Éramos cinco no carro: Mike, mamãe, o Sr. Gaines, a tia K e eu. Não era o nosso carro, e sim a van de sete lugares do Sr. Gaines, que pedimos emprestada depois que Mike disse que o carro da minha mãe não poderia acomodar a pessoa que estava voltando para casa. Éramos seguidos por um comboio de caminhonetes, que arrastava pedaços de rede e linhas de pesca, que ignorávamos, mas certamente espalhava um cheiro de peixe. Toda vez que a gente parava, eles também paravam, mas ninguém descia dos veículos. Continuavam lá sentados, olhando pela janela, como se estivessem interessados em qualquer coisa, menos na menina vomitando na sarjeta. Se isso tivesse acontecido em qualquer outra ocasião, eu teria morrido de vergonha.

Ninguém queria chegar muito perto, sabendo como minha mãe era chata com a intimidade dela, mas todos queriam estar presentes. Ela não se incomodou. Para ser sincera, acho que ela nem notaria se a rainha da Inglaterra aparecesse para presenciar o momento. Durante as últimas vinte

e quatro horas, mal havia falado. Só consultava o relógio, fazendo cálculos e, de vez em quando, estendia a mão para segurar a minha. Se Mike não a tivesse impedido, acho que ela teria se mudado para a área de desembarque do aeroporto dois dias antes e ficado esperando lá.

Mike acertou os cálculos bem na mosca. Mesmo fazendo paradas extras, chegamos quinze minutos antes do voo.

— Quinze dos mais longos minutos de nossa vida — murmurou o Sr. Gaines.

Pelo menos mais vinte, calculou Mike, para pegar a bagagem e passar pelo controle de passaportes. E durante todos esses minutos, minha mãe ficou lá, mais imóvel que uma estátua, com as mãos agarradas à grade, enquanto tentávamos conversar perto dela, de olho no portão de desembarque. A certa altura, ela apertou tanto a minha mão que meus dedos ficaram roxos, e Mike teve que pedir para ela me soltar. Ele foi duas vezes ao balcão da Qantas e voltou para confirmar que, definitivamente, o avião não tinha caído.

Por fim, quando achei que estava quase vomitando de novo, a primeira leva de passageiros do voo QA2032 começou a sair. Ficamos observando em silêncio, cada um se esforçando para distinguir as pessoas ao longe do outro lado das portas automáticas, tentando combinar as imagens que víamos com a que tínhamos num papel amassado. E se ela não tiver vindo? Essa possibilidade surgiu na minha cabeça, e meu coração foi tomado pelo pânico. E se Letty tivesse decidido que queria ficar com Steven? E se a gente passasse horas ali e ninguém aparecesse? Ou pior: e se ela chegasse e a gente não a reconhecesse?

De repente, lá estava ela. Minha irmã, quase da minha altura, com o mesmo cabelo louro da mamãe e um nariz torto como o meu, apertando com força a mão da irmã de Mike. Usava calça jeans azul e moletom cor-de-rosa com capuz, e andava mancando, puxando devagar uma perna, como se parte dela ainda tivesse medo do que poderia encontrar. A irmã de Mike nos viu e acenou e, mesmo daquela distância, dava para ver que estava com um sorriso de um quilômetro de largura. Parou um instante e disse alguma coisa à Letty, que assentiu com o rosto voltado para nós, e as duas passaram a andar mais depressa.

Todo mundo já tinha começado a chorar, antes mesmo que elas chegassem à grade. Minha mãe, em silêncio ao meu lado, começou a tremer. Tia Kathleen só dizia "Graças a Deus, ah, graças a Deus!", com um lenço apoiado na boca, e, quando olhei para trás, Yoshi também chorava apoiada no peito de Greg, e até Mike, com o braço nos meus ombros, engolia em seco. Mas eu sorria e chorava ao mesmo tempo, porque sabia que às vezes tem mais bondade no mundo do que dá para imaginar, e que tudo ia acabar bem.

Quando Letty se aproximou, minha mãe passou por baixo da barreira e saiu correndo até a filha, emitindo um som que eu nunca tinha escutado. Não deu a mínima para o que os outros iam achar. Ela e minha irmã se entreolharam e pareceu que eram ímãs, como se nada no mundo pudesse impedir que corressem uma para a outra. Mamãe a agarrou e a puxou para perto, e Letty soluçou e agarrou o cabelo dela. Só consigo descrever a cena dizendo que foi como se cada uma tivesse recebido de volta um pedaço de si mesma. Então abri caminho e também agarrei as duas, e tia Kathleen e Mike também se aproximaram, e tive vaga consciência de que todo mundo estava olhando e devia pensar que era só mais uma criança voltando para casa. A não ser pelo barulho. O barulho que minha mãe fez, quando elas caíram no chão, rodeadas por todos nós, se abraçando, beijando e chorando.

É que o barulho que minha mãe fez ao embalar minha irmã nos braços foi longo, doloroso e estranho, e expressava todo o amor e toda a dor do mundo. O som ecoou pela enorme área de desembarque, ressoou no piso reluzente e nas paredes, fazendo as pessoas pararem e olharem em volta, para observar o que estava acontecendo. Foi assustador e maravilhoso ao mesmo tempo. Exatamente, como tia Kathleen disse depois, como o canto de uma baleia jubarte.

EPÍLOGO

Kathleen

Meu nome é Kathleen Whittier Gaines e sou uma recém-casada de setenta e seis anos. Só de dizer essas palavras fico arrepiada diante da tolice que foi tudo isso. Sim, no fim ele acabou me fisgando. Nino disse que, se ia bater as botas, gostaria de fazer isso sabendo que eu estava por perto, e achei que não era pedir muito a uma mulher, não quando ela sabia que foi amada a vida inteira por um homem.

Não moro mais no hotel. Não o tempo todo, pelo menos. Nino e eu não conseguimos propriamente chegar a um acordo sobre onde morar: ele disse que precisava ficar perto das vinhas, e eu retruquei que não passaria o resto dos meus dias longe do mar. Portanto, dividimos a semana entre as duas casas e, embora o resto de Silver Bay nos considere um casal de velhos malucos, este acordo nos convém muito bem.

Mike e Liza moram no hotel, que provavelmente é um pouco mais chique e mais acolhedor do que quando eu o administrava sozinha. Mike também está envolvido em outras atividades, interesses que o mantêm ocupado e rendem algum dinheiro, como o marketing dos vinhos de Nino, mas não presto muita atenção, desde que a gente tenha algumas garrafas de uma boa safra na mesa à noite. De vez em quando Mike tem ideias para ganhar mais dinheiro, para aumentar o rendimento, ou seja lá de que diabo ele está falando, e eu discordo. O resto do pessoal apenas assente, sorri e espera calmamente que ele sossegue o facho.

Haverá outros projetos de construção, outras ameaças, e continuaremos lutando. Mas agora faremos isso sem medo. Nino Gaines — ou será que devo dizer meu marido? — comprou a antiga propriedade dos Bullen. Um presente de casamento para mim, foi o que ele disse. Um pouco de segurança para as meninas. Não gosto de pensar muito sobre quanto ele

pagou por isso. Nino e Mike têm algumas ideias para aquele espaço. De vez em quando, vão juntos até os tapumes desbotados e percorrem a propriedade, mas, no fim das contas, nenhum dos dois parece querer realmente fazer coisa alguma. Continuo cuidando do que sempre fiz, administrando um hotel um pouco decrépito na extremidade da baía, e ficando nervosa quando recebemos muitos hóspedes.

Lá para os lados da estrada litorânea, a migração para o sul parece que vai muito bem. Há relatos diários de grupos de baleais, mães e filhotes, e na superfície o número de passageiros é praticamente o que era nesta mesma época no ano passado. Os baleeiros vêm e vão, um ou outro rosto novo substituindo os antigos, e toda noite eles surgem com as mesmas histórias do mar, as mesmas piadas e reclamações. Yoshi voltou a Townsville para estudar a preservação das baleias, mas prometeu retornar, e Lance sempre fala em visitá-la, mas duvido que vá. Greg está namorando — embora talvez este seja um termo delicado demais — uma garçonete de vinte e quatro anos que trabalha numa unidade da RSL, a associação australiana de militares da ativa e reserva, e que parece tratá-lo da mesma forma que é tratada por ele. Seja como for, Greg tem passado menos tempo em torno do hotel, e percebo que isso convém perfeitamente ao Mike.

Letty está crescendo. Hannah e ela estão sempre juntas, como se tivessem ficado separadas por apenas cinco dias, não cinco anos. Já vi várias vezes as duas dividindo a mesma cama e pensei em separá-las, mas Liza diz que não devo me incomodar. “Deixe as duas dormirem”, é o que ela fala, ao encontrá-las entrelaçadas. “Daqui a pouco vão querer um espaço próprio.” Quando ela fala assim, há uma leveza tão marcante em sua voz que nem acredito que é a mesma mulher.

As primeiras semanas foram esquisitas. Éramos cuidadosos demais com a menina, receosos de que estes estranhos acontecimentos e a mudança repentina da situação dela a abalassem. Ela ficou bastante tempo grudada na mãe, como se tivesse medo de que a arrancassem dela mais uma vez, e no fim, eu a levei ao museu, mostrei meu arpão e disse que qualquer um que pensasse em chegar perto de uma das minhas meninas teria que se ver com o Velho Harry. Ela ficou um pouco surpresa, mas acho

que se sentiu mais segura. Nino me diz secamente que é provável que tenha havido uma razão para eu nunca ter tido filhos.

Letty melhorou assim que o pai ligou, dizendo que estava feliz com a presença dela em Silver Bay e que aceitava que todas as decisões partissem dela. Desse momento em diante, a menina dormiu bem, embora na cama da irmã. Cumprindo o prometido, a irmã de Mike nunca publicou a matéria. Mike diz que, na verdade, tudo se resume a uma história de amor, não sobre ele e Liza, ainda que baste observá-los rindo juntos para saber que é isso mesmo, mas sobre Liza e as filhas. Às vezes, quando implica comigo, ele diz que na verdade é sobre mim e Nino.

Respondo que não vejo assim. Observe o mar por tempo suficiente, seus humores e suas exaltações, suas belezas e seus terrores, e você terá todas as histórias de que precisa, de amor e perigo e daquilo que a vida nos traz em suas redes. E do fato de que às vezes não somos nós que estamos no leme, e não podemos fazer mais do que confiar em que tudo vai dar certo.

Agora, quase todo dia, se Liza não tem muitas excursões agendadas, eles saem juntos no *Ishmael* para ver as baleias, que continuam fazendo o trajeto de volta aos lugares em que se alimentam no verão. A princípio, achei que esse era o jeito que Liza tinha de criar uma família, de uni-los, mas logo percebi que todos se sentiam tão atraídos por isso quanto ela. Não se trata apenas dos animais que eles veem, disseram. E sim daqueles que não veem. As meninas gostam de observar as jubartes desaparecer, divertem-se com a ideia de que, depois de um salto espetacular para fora d'água, há toda uma vida lá embaixo que elas não são capazes de acompanhar. Cantos são entoados num abismo e se perdem para sempre, relacionamentos são formados, filhotes são nutridos e amados. Um mundo no qual nós e as coisas estúpidas que fazemos uns aos outros não têm importância.

No começo, Mike ria delas por terem tantas fantasias, mas passou a dar de ombros e admitir que ele não sabe nada, no fim das contas. O que qualquer um de nós sabe, aliás? Coisas estranhas aconteceram, ainda mais no nosso cantinho do mundo.

Estou vendo os quatro correndo pelo Cais das Baleias, à luz do sol, e penso em minha irmã, talvez em meu pai também, que teria gostado de uma história como esta. (“Achávamos que vocês tinham a companhia dela aí”, digo, onde quer que estejam. “Mas, caramba, estávamos enganados!”) Eles teriam entendido que esta história é sobre um equilíbrio elusivo, sobre uma verdade com a qual todos lutamos, sempre que somos suficientemente abençoados para ser visitados por essas criaturas, ou, a rigor, sempre que abrimos nosso coração. A verdade de que, às vezes, podemos prejudicar algo tão maravilhoso por nossa simples proximidade.

E de que, às vezes, acrescenta Mike em tom firme, não temos alternativa. Não se realmente quisermos viver.

Nunca vou deixá-lo saber, é claro. Não posso permitir que ache que está com essa bola toda. Mas preciso admitir que, neste caso, e apenas neste caso, concordo com ele.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, sem qualquer ordem específica, a Meghan Richardson, Matt Dempsey e ao capitão Mike, do *Moonshadow V*, à comunidade de observação de baleias da Baía de Nelson e a todos os membros da tripulação que abriram mão de seu tempo para conversar comigo, em agosto de 2005, sobre o comportamento das baleias e a vida que levam sobre as ondas. Obrigada também à polícia de Nova Gales do Sul, por me explicar com quais delitos marítimos específicos os policiais costumavam "ser exigentes".

Obrigada à Hachette Livre (antiga Hodder) da Austrália e Nova Zelândia, cujos esforços ajudaram, para início de conversa, a inspirar este livro. Em especial, obrigada a Raewyn Davies, a Debs McInnes, da Debbie McInnes PR, a Malcolm Edwards, Mary Drum, Louise Sherwin-Stark, Kevin Chapman e Sue Murray, bem como a Mark Kanas, da Altour, nenhum dos quais pareceu se incomodar em ter que transportar uma família bastante caótica de cinco pessoas pelas Ilhas Antípodas, numa programação corrida.

Obrigada, como sempre, a Carolyn Mays, minha editora, que conseguiu não parecer em pânico quando decidi abandonar o livro que ela esperava de mim em favor deste, e a Sheila Crowley, minha agente, por seu entusiasmo habitual e sua habilidade nas vendas. Obrigada a Emma Knight, Lucy Hale, Auriol Bishop, Hazel Orme, Amanda O'Connell e a toda a equipe da Hodder UK pelo trabalho árduo e apoio contínuo, e também a Linda Shaughnessy, Rob Kraitt e a todos da A P Watt, pelo mesmo motivo.

Numa zona mais próxima de casa, obrigada a Clare Wilde, Dolly Denny, Barbara Ralph e Jenny Colgan por sua ajuda prática e sua amizade num ano difícil. Espero que saibam como me sinto grata por isso.

Obrigada também a Lizzie e Brian Sanders, Jim e Alison Moyes, Betty McKee, Cathy Runciman, Lucy Ward, Jackie Tearne, Monica Hayward,

Jenny Smith e a todos da Writersblock.

Acima de tudo, obrigada a Charles, Saskia e Harry, motores da minha locomotiva crepitante. E a Lockie, por nos mostrar que perfeição é um termo relativo.

Jojo Moyes, julho de 2006

Sobre a autora



© Stine Heilmann

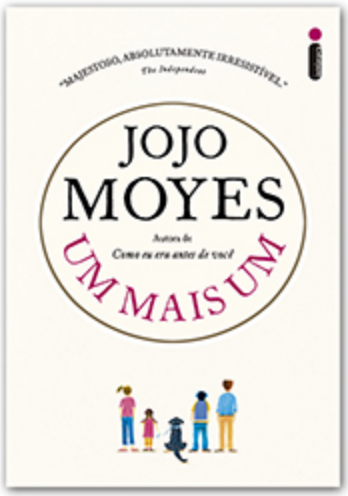
Jojo Moyes nasceu em 1969 e cresceu em Londres. Trabalhou como jornalista por dez anos, nove deles no jornal *The Independent*, de onde saiu em 2002 para se dedicar integralmente à carreira de escritora. É autora de mais de dez livros, entre eles *A última carta de amor*, *Como eu era antes de*

você, *A garota que você deixou para trás*, *Um mais um* e *Depois de você*, publicados pela Intrínseca. *Como eu era antes de você*, seu romance de maior sucesso, vendeu mais de cinco milhões de exemplares em todo o mundo, ocupou o topo da lista de mais vendidos em nove países e foi adaptado para o cinema com Sam Claflin (*Jogos vorazes*) e Emilia Clarke (*Game of Thrones*). Uma das poucas escritoras no mundo a ter emplacado três livros ao mesmo tempo na lista de mais vendidos do *The New York Times*, Jojo mora em Essex com o marido e os três filhos.

Conheça os outros títulos da autora



Depois de você



Um mais um



Como eu era antes de você

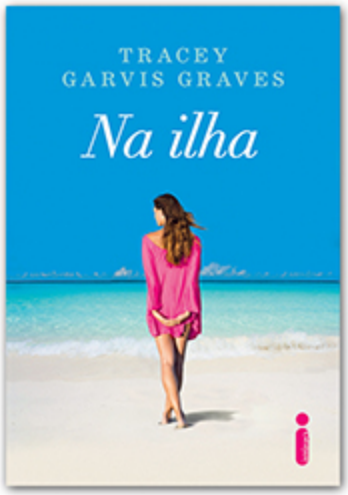


A garota que você deixou para trás



A última carta de amor

Leia também



Na ilha
Tracey Garvis Graves



Um presente da Tiffany
Melissa Hill



Para todos os garotos que já amei
Jenny Han



Pequenas grandes mentiras
Liane Moriarty